

A CIDADE CAMINHADA

A ambiência experienciada em
duas visitas guiadas no centro histórico de Lisboa

Maria João Monteiro Gomes

Tese de Doutoramento em Estudos Urbanos

Julho 2016

A CIDADE CAMINHADA

A ambiência experienciada em
duas visitas guiadas no centro histórico de Lisboa

Maria João Monteiro Gomes

Tese de Doutoramento em Estudos Urbanos

Julho 2016

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Estudos Urbanos, realizada sob a orientação científica de:

Professor Doutor Luís Vicente Baptista (orientador)

Professora Doutora Fátima Bernardo (co-orientadora)

A redacção do texto adopta a grafia pré-Acordo Ortográfico de 1990

MUITO OBRIGADA

Carlota Baptista **Fátima Bernardo** Francisca Costa **Francisco Ferreira** José Antunes
Leonor Carvalho Lisbon Walker **Luís Baptista** Madalena Corte-Real **Maria Ferreira**
Marianna Monte **Simão Ferreira** Ricardo Ferreira **Vera Ramos** Zélia e Zé Santos



PREFÁCIO

Como arquitecta paisagista, fascina-me a cidade e as suas gentes, que se cruzam e a usam e a constroem sem saber. Que, mais que atravessarem a paisagem urbana, fazem parte do espaço atravessado. Seduz-me a capacidade do projecto de criar, mais do que novos cenários materiais, potenciar novos ambientes, novas estórias, inseridas e construtoras de um todo.

A cidade das ruas e dos espaços exteriores, mais do que um conjunto de espaços públicos, é um espaço uno de zonas interligadas com diferentes significados e funções. O uso caminhado da cidade estimula e é estimulado pela cidade que se assume como una. O uso caminhado reflecte o uso e o direito a esta cidade.

A CIDADE CAMINHADA

A ambiência experienciada em duas visitas guiadas no centro histórico de Lisboa

MARIA JOÃO MONTEIRO GOMES

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE:

Ambiência urbana, Caminhar urbano, Experiência caminhada, Percepção urbana, Percorso urbano, Plexo social urbano, Produção social da cidade.

O presente estudo aborda a cidade enquanto processo dinâmico e contínuo de produção social do espaço, através do uso caminhado. São trabalhadas duas escalas interligadas, sobrepostas: a produção social da cidade pela prática caminhada, e a cidade experienciada no acto caminhado, sintetizada na ambiência urbana.

Consideram-se três tipos de aproximação ao problema. O primeiro, o entendimento do uso caminhado enquanto prática, individual, social, cultural, de produção do plexo sócio-espacial da cidade. O segundo, um entendimento da dimensão temporal e espacial do caminhar a cidade e a sua interpretação no contexto sócio-espacial actual. O terceiro, a compreensão da experiência caminhada sensorial indivíduo-ambiente e a instrumentalização do conceito de ambiência urbana.

Com base na exploração teórica e com o intuito de racionalizar e operacionalizar o conceito de ambiência urbana experienciada pelo uso caminhado, constrói-se uma metodologia de recolha de apreciações da ambiência urbana percebida.

Tendo como premissa a atitude perceptiva do caminhante visitante e o valor da prática lúdica e/ou turística na sociedade contemporânea, previamente abordado, considera-se como estudo de caso o estudo perceptivo da prática caminhada de visitantes. Como objecto empírico, analisou-se a ambiência percebida num contexto muito particular: dois percursos no centro histórico de Lisboa alvo de visitas guiadas temáticas.

A experiência caminhada é estudada no âmbito do significado do território acedido e do turismo cultural, em particular do produto turístico visita guiada caminhada no centro histórico de Lisboa. Os dados são analisados tendo em consideração o contexto físico e social da prática e um potencial factor de referência: informação turística de fácil acesso.

As especificidades da experiência, ou seja, o seu propósito, o modo específico de a concretizar e o significado da mesma, são factores determinantes na partilha de atributos percebidos e significados associados.

A aplicação da metodologia proposta permitiu uma análise comparativa, qualitativa e quantitativa, da apreciação da experiência caminhada de diferentes indivíduos, e uma descrição, embora de forma simplificada, da ambiência partilhada ao longo de experiências caminhadas semelhantes.

Conclui-se que esta investigação, pela agregação, clarificação e operacionalização de conceitos de diferentes origens disciplinares, contribuiu para a valorização do caminhar enquanto ferramenta de análise e produção da cidade.

THE WALKED CITY

The ambience experienced in two guided-walking tours through Lisbon's historical centre

MARIA JOÃO MONTEIRO GOMES

ABSTRACT

KEY WORDS:

Urban ambience, Urban walk, Walking experience, Urban perception, City path, Social-spatial plexus, Social space production, Visitors.

This study approaches the city as a dynamic and continuous social production of space through the walking practice. Two interconnected overlapping scales are analysed: the city produced by the social walking practice and the experienced city, the urban ambience accessed, perceived and built by walking a path.

Three approaches were considered: first the walking practice as a personal, social and cultural way of building the urban social plexus. Second the spatial and temporal dimension of walking and its meaning in the present social-spatial context. And third the comprehension of the sensorial walking experience.

Having as a premise the perceptive attitude of the walker visitor and the value of the ludic practice on contemporary society, it was studied the perceptive point of view of visitor's walking practice. As an empirical object the walking activity analysed were two guided walking tours through Lisbon's historical centre.

The method is supported by the theoretical approaches and aims to rationalize and operationalize the urban ambience concept experienced by the walking practice.

This practice is contextualized in terms of meaning given to the territory, Lisbon's historic centre, and the meaning of the cultural touristic activity, especially the tourist product: guided walking tours. The potential referential factors are taken into account, namely the easily accessed tourist information.

The particularities of the experience in terms of activity components or detail, the proper, the way of doing it and its meaning, are determinant in the sharing of the perceptive attributes and connotative meanings.

The methodology allowed a quantitative and qualitative comparative appraisal of different individuals walking experience, a description, although simplified, of a shared ambience throughout similar walking experiences.

In conclusion, this study, by agregating, clarifying and operacionalizing concepts from different backgrounds, enhanced the value of walking as an analysis and social space producer tool of the city.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	1
1.2 A OBJECTIVAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO ESTUDO DO CAMINHAR	2
1.3 OBJECTIVOS.....	6
1.4 MODO DE ABORDAGEM.....	7
1.5 ESTRUTURA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	9
 PARTE I – O CAMINHAR (N)A CIDADE	13
 2 A CIDADE SÓCIO-ESPACIAL PRODUZIDA PELO USO CAMINHADO	15
2.1 O CONCEITO SÓCIO-ESPACIAL DE CIDADE.....	15
2.2 A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO PELO USO CAMINHADO	17
2.3 DIALÉCTICAS DA CIDADE SOCIAL CAMINHADA	19
2.4 O PLEXO SÓCIO-ESPACIAL	23
 3 A EVOLUÇÃO DA CIDADE E A TRANSFORMAÇÃO DOS MODOS DE CAMINHAR	24
3.1 SÉCULOS XIX-XX.....	25
3.2 AS CIDADES CONTEMPORÂNEAS.....	32
3.3 A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	37
 4 O(S) CAMINHAR(ES)	43
4.1 A (IN)DEFINIÇÃO DE CAMINHAR.....	43
4.2 O CAMINHAANTE E OS OUTROS	47
4.3 DOIS TIPOS DE CAMINHAR – DOIS TIPOS DE ATITUDE PERCEPTIVA	51
4.3.1 O caminhar enquanto transporte (prática quotidiana)	51
4.3.2 O caminhar enquanto acesso à cidade <i>per se</i> ; prática de observar deambulando	53
 5 O CAMINHAR ENQUANTO PAISAGEM URBANA PRATICADA.....	58
5.1 A RUA, O PERCURSO E A ACTIVAÇÃO OU DESACTIVAÇÃO DA CIDADE	59
5.2 A RUA ENQUANTO ELEMENTO BASE.....	60
5.3 A CIDADE ACEDIDA E A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO.....	65
5.3.1 Factores sistémicos ou relações contextuais	66
5.3.2 As características da rua e a construção do percurso.....	67
5.3.3 As ruas principais.....	77
5.4 A CIDADE COSTURADA.....	78

6 O CAMINHAR E A CIDADE SENTIDA	80
6.1 DIFERENTES ABORDAGENS AO SENTIR A CIDADE	81
6.2 A EXPERIÊNCIA CAMINHADA E AMBIÊNCIA URBANA	86
7 O CAMINHANTE E A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA DO AMBIENTE URBANO	92
7.1 INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA E À PERCEPÇÃO AMBIENTAL	93
7.2 OS PROCESSOS COGNITIVOS NO AMBIENTE URBANO	95
7.2.1 Percepção e atenção de ambientes complexos	96
7.2.2 Cognição: aprendizagem, memória, <i>schema</i>	103
8 O CAMINHANTE E A APRECIACÃO DO AMBIENTE URBANO	107
8.1 CONCEITO DE APRECIACÃO DO AMBIENTE	107
8.2 APRECIACÃO AMBIENTAL: IMPRESSÃO PESSOAL DO AMBIENTE	108
8.2.1 Impressões descritivas	108
8.2.2 Impressões avaliativas e preferências espaciais	108
8.2.3 Impressões de julgamento estético e impressões de apreciações afectivas e emocionais	111
8.2.4 Significados e preferências	111
8.2.5 Apreciações conotativas e inferências	113
9 SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES - PARTE I	115
PARTE II – DUAS VISITAS CAMINHADAS GUIADAS NO CENTRO HISTÓRICO DE LISBOA – PROPOSTA METODOLÓGICA E ANÁLISE COMPARATIVA DA AMBIÊNCIA EXPERIENCIADA ..	119
10 OBJECTIVOS E ESTRATÉGIA	121
11 CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA E DEFINIÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO	124
11.1 O PROBLEMA METODOLÓGICO	124
11.2 FASEAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	125
11.2.1 Definição da actividade caminhada	126
11.2.2 Selecção dos participantes	126
11.2.3 Selecção e recolha de estímulos ambientais	127
11.2.4 As dimensões da ambiência urbana	130
11.3 DEFINIÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO – DUAS VISITAS GUIADAS NO CENTRO HISTÓRICO DE LISBOA	134
12 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO FÍSICO E SOCIAL	136
12.1 TERRITÓRIO FÍSICO ACEDIDO	137
12.1.1 Unidades urbanísticas	137
12.1.2 Ruas, largos e praças percorridos	142

12.2 TERRITÓRIO SOCIAL E ECONÓMICO	145
12.2.1 Parque habitacional e pessoas.....	146
12.2.2 Caracterização demográfica e familiar	148
12.2.3 Perfil escolar e económico da população residente	151
 13 A PRÁTICA CAMINHADA NO CONTEXTO DO SIGNIFICADO DO TERRITÓRIO PRATICADO – CENTRO HISTÓRICO DE LISBOA.....	 153
13.1 A CIDADE HISTÓRICA (RE)INVENTADA: NOVAS PRÁTICAS E NOVOS SIGNIFICADOS	154
13.2 A PRÁTICA CAMINHADA NO CONTEXTO DO SIGNIFICADO DO TURISMO URBANO	164
13.2.1 O(s) significado(s) do turismo e do uso lúdico cultural na cidade	164
13.2.2 Caracterização da oferta do produto visita guiada caminhada na cidade de Lisboa..	165
 14 FACTORES ORGANIZADORES DE REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS DO ESPAÇO ACEDIDO	173
14.1 O OLHAR, A FOTOGRAFIA E A PARTILHA DE IMAGENS E EXPERIÊNCIAS	173
14.2 A INFORMAÇÃO TURÍSTICA.....	175
14.2.1 Seleção de informação turística.....	177
14.2.2 Descrição da cidade	180
14.2.3 Zonas acedidas no estudo de caso e a informação turística.....	187
 15 ESTUDO DE CASO	199
15.1 CARACTERIZAÇÃO DOS OBJECTOS EMPÍRICOS.....	199
15.1.1 Percurso Lisboa Lendas e Mistérios.....	199
15.1.2 Percurso Lisboa Cidade de Espiões	201
15.2 OBSERVAÇÕES DE CAMPO	202
15.3 O QUESTIONÁRIO	204
15.4 PROCEDIMENTO NO CAMPO	207
15.5 CARACTERIZAÇÃO DAS VISITAS E DA AMOSTRA DE INQUIRIDOS	208
15.6 DESCRIÇÃO DA CIDADE DE LISBOA.....	211
15.7 ANÁLISE DESCRITIVA E COMPARATIVA DOS DADOS POR PERCURSO	217
15.7.1 Percurso Lisboa Lendas e Mistérios.....	218
15.7.2 Percurso Lisboa Cidade de Espiões	234
 16 SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES – PARTE II.....	249
 17 CONSIDERAÇÕES FINAIS	258
 BIBLIOGRAFIA.....	265
ÍNDICE DE FIGURAS.....	277
ÍNDICE DE QUADROS.....	278
ANEXOS.....	279

1 INTRODUÇÃO

O acto de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem, com efeito, uma tríplice função “enunciativa”:

- é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua);

- é uma realização espacial do lugar (assim como o acto da palavra é uma realização sonora da língua);

- enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, contratos pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é “alocução”).

Michel de Certeau, *A Invenção do Quotidiano* (1998:177)

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Caminhar é um conceito plural, composto por uma extraordinária variedade de actos e experiências, de modos de marcha, que se adaptam e geram o lugar atravessado. O acto de caminhar inclui o construir um percurso, o experienciar¹ um todo linear acedido, o participar no uso da cidade acedida.

Cada acto de caminhar consiste numa fusão corporal e temporal entre o indivíduo e o território, entre o indivíduo e o todo que é a cidade. Em cada experiência, a cidade é percebida enquanto combinação das características e dos objectivos de cada indivíduo, e o que o ambiente urbano proporciona.

Considera-se, assim, abordar o caminhar não como um deslocamento na cidade mas antes como uma acção composta pelo caminhante e o meio; uma experiência

¹ Experienciar – viver ou verificar determinada sensação ou sentimentos através da experiência (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*).

² Destaca-se: Donald Appleyard, Kevin Lynch e John R. Myer. 1964. *The View from the Road*. Cambridge, MA: MIT Press.

³ Destacam-se: 1960. *The Image of the City*. Cambridge, MA: MIT Press; 1981. *A Theory of Good City Form*. Cambridge, MA: MIT Press.

⁴ 1967. *Planning a Pluralistic City*. Cambridge, MA: MIT Press; 1979. *The Conservation of European*

holística continuada do meio, que se estende ao longo do espaço e do tempo, e através da qual cada pessoa conhece e constrói uma realidade.

Se, por um lado, existe uma experiência sempre individual, fenomenológica, de uma realidade subjectiva, por outro, existe uma ambiência urbana construída e partilhada. O acto de caminhar, mais do que uma experiência individual do ambiente físico e social urbano, é também uma experiência social colectiva, uma prática de acesso e de construção de ambiências urbanas. Neste sentido, é uma prática determinante na produção social da cidade.

Aborda-se o uso caminhado, enquanto prática habitual, socialmente aceite, de coexistência física e social dos pedestres na rua e síntese de comportamentos e ritmos corporais colectivos, remetendo para a movimentação física de transeuntes, individuais ou grupos, e a reciprocidade da sua coexistência espacial (Frehse 2009:153).

Aborda-se o acto caminhado, enquanto corpo que se move, que interage, que actua na rua.

No espaço urbano cada vez mais segregado de acordo com a sua função, o movimento, mais do que uma transladação no espaço, relaciona elementos, liga as zonas, os bairros entre eles (Orain 1997:99). Neste estudo, aborda-se o movimento caminhado enquanto essência da produção social da cidade, no sentido em que, mais do que agregar a cidade, relacionar elementos, induz a uma modificação qualitativa da concepção e da vivência do espaço acedido e do todo inferido.

A omnipresença, a complexidade e valência da prática caminhada na produção social da cidade, aliada à sua aparente falta de coesão e aparente invisibilidade do objecto a ser estudado, foi o ponto de partida e a motivação para esta investigação.

1.2 A OBJECTIVAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO ESTUDO DO CAMINHAR

O uso caminhado, embora universal, trivial, omnipresente, forma dominante do uso colectivo da cidade, tem sido abordado de um modo marginal e fragmentado. Como excepção, destaca-se o trabalho, entre as décadas de 60-80 do séc. XX, de três

arquitectos urbanistas norte-americanos, individualmente ou em co-autoria²: os estudos seminais de Kevin Lynch³ sobre a percepção da forma urbana, as abordagens de Donald Appleyard⁴, com destaque para a percepção urbana e o uso da rua, e por fim Michael Southworth e a sua abordagem tanto à percepção sonora como ao desenho do espaço e uso caminhado. Com a mesma raiz académica, estes autores foram pioneiros na abordagem à percepção do espaço urbano e ao estudo da interface espaço físico, rua e indivíduo.

No que se refere ao planeamento, tendencialmente o uso pedonal da cidade foi (e frequentemente ainda o é) discutido de modo marginal, assumido como algo espontâneo, recebendo alguma atenção quando associado à criação de ruas pedonais, ou antes espaços exteriores de comércio. Mais uma vez existem excepções, destacando-se Jan Gehl (2010), a transformação pioneira de Copenhaga e a influência desta cidade e do livro *Life between Buildings* (1971) noutras cidades europeias e mundiais.

Nas ciências sociais e humanas, ao longo do séc. XX a abordagem do território caminhado urbano funde-se com a abordagem à cidade, dentro do contexto do uso de espaço público urbano de modos opostos: ora como espaço de indiferença ou/e de insegurança (Milgram 1970), ora como espaço de colectivo, de interacção (Lofland 1998; Goffman 1966).

Nas ciências sociais e humanas, o caminhar urbano apenas foi estudado enquanto objecto central recentemente. A abordagem de Michel de Certeau ([1980] 1998) em *Walking in the City*, a renovação do interesse por Georg Simmel e Walter Benjamin, e pelas suas narrativas da modernidade emergente, despertaram a atenção teórica sobre esta temática. Também o planeamento moderno, ou antes a crítica ao planeamento moderno, associado à evolução tecnológica da mobilidade, contribuiu para o despertar da valorização do caminhar.

Actualmente, embora perante uma atitude cada vez mais multidisciplinar se reconheça a dificuldade de separação, de um modo sumário salientam-se seis perspectivas de abordagem à cidade onde o uso caminhado tem vindo a ganhar destaque:

² Destaca-se: Donald Appleyard, Kevin Lynch e John R. Myer. 1964. *The View from the Road*. Cambridge, MA: MIT Press.

³ Destacam-se: 1960. *The Image of the City*. Cambridge, MA: MIT Press; 1981. *A Theory of Good City Form*. Cambridge, MA: MIT Press.

⁴ 1967. *Planning a Pluralistic City*. Cambridge, MA: MIT Press; 1979. *The Conservation of European Cities*. Cambridge, MA: MIT Press; 1981. *Livable Streets*. Berkeley: University of California Press.

1. **Estudos de mobilidade e planeamento urbano.** Ou seja, uma visão utilitarista enquanto transporte. Estudos frequentemente encomendados por câmaras municipais, trabalhando o território e os fluxos com abordagens associadas à mobilidade sustentável, às questões intermodais urbanas, como exemplo, o *Wallington Pedestrian Flow Report 2010* e o *Cardiff Centre Pedestrian Flow Survey 2011*.

2. **Estudos de saúde pública e/ou segurança pedonal.** Destacam-se estudos referentes à saúde pública, à actividade física e à qualidade do espaço público, como por exemplo a fundação americana de Robert Wood Johnson, o programa iniciado em 2002 *Active Living by Design* e a investigação do Center for Active Design⁵ (NYC 2013), associado ao departamento de planeamento urbano de Nova Iorque, que considera como um dos objectivos essenciais instigar o caminhar (Frank 2015). Refiram-se igualmente estudos associados à resolução de problemas locais de comportamento e segurança do pedestre (Roseman e Yeoman 2015).

3. **Projectos de valorização e incentivo do uso pedestre.** Destaca-se, como exemplo, o projecto de 2005 *Pedestrian London: Enhancing the Beauty and Livability of London*, realizado pelo Center for Environmental Structure – Europe, e o Martin Centre, Cambridge University, coordenado por Christopher Alexander. Este projecto assenta no princípio de olhar e propor a cidade caminhada (neste caso concreto, o centro de Londres) como um todo, recuperando de modo consistente o uso pedonal urbano. Através de um novo entendimento do sistema urbano, este estudo aborda o sistema pedonal como base da vitalidade urbana.

É igualmente de referir o *Walk 21: Walking Forward in the 21st Century*, um projecto concebido no sentido de promover o desenvolvimento de comunidades sustentáveis e eficientes através da opção de caminhar.

Por fim, é de mencionar o *Pedestrian Quality Needs*⁶, um projecto europeu que envolve vinte e cinco países, incluindo Portugal, e diversas organizações, cujo objectivo é identificar o que as pessoas necessitam para se sentirem bem, agradadas e seguras na sua mobilidade pedonal no espaço público.

⁵ O Center for Active Design tem como principal objectivo transpor a actual investigação de saúde pública e doenças crónicas e comportamentais para a intervenção no ambiente construído (Frank 2015).

⁶ <www.walkeurope.org>.

Este projecto valoriza a abordagem sistémica, por oposição à sectorial, procurando relacionar as necessidades do peão com as intervenções estruturais e funcionais e a regulação de políticas públicas de apoio aos movimentos pedonais.

4. **Explorações artísticas com um carácter experimental e fenomenológico.** Frequentemente como olhar alternativo, atento e crítico à realidade sócio-espacial e/ou política existente. Destaca-se Francesco Carreri (2002) e o grupo Stalker/Osservatorio Nomade⁷. Por vezes, enquanto experiência sensorial (*e.g.* Radice 2015) e estética, estas abordagens surgem identificadas com a teoria situacionista e com os conceitos da psicogeografia. Em paralelo, neste tipo de abordagem surge recorrentemente a reinterpretação da figura do *flâneur*, enquanto caminhante deambulante, espectador-participante (*e.g.* López Rodríguez 2005).

Destaca-se actualmente, neste âmbito, o recurso a tecnologias informáticas para registo, comunicação ou transmissão de emoções (*e.g.*: Dérive app⁸).

5. **Propostas de metodologias etnográficas urbanas.** Por vezes com um carácter antropológico de acesso e registo de significados e memórias da prática caminhada (*e.g.* Pauknerová e Gibas 2014; Krase 2014; Carabelli 2014; Holgersson 2014; Ramsden 2014; Gatta e Palumbo 2014; Diaz 2015).

6. **Estudos associados à psicologia ambiental, às ciências cognitivas, à ambiência urbana.** Neste tipo de investigação, o uso caminhado é abordado enquanto modo de acesso sensorial e perceptivo à cidade. Neste âmbito, são de destacar os estudos de Jean-Paul Thibaud (2002, 2007, 2008) e de Rachel Thomas (2005, 2008, 2010) associados ao CRESSON-CNRS Grenoble, centro de investigação multidisciplinar, cuja pesquisa incide no estudo das diversas dimensões perceptivas no meio urbano, com destaque para o conceito de ambiência urbana. Sobressai também a abordagem de Jack Nasar (1998, 2008).

Este estudo pretende contribuir para a compreensão da prática caminhada por um ângulo não explorado directamente nas perspectivas mencionadas, abordando-se o caminhar enquanto prática construtiva e perceptiva da cidade, valorizando a cidade

⁷ <<http://www.spatialagency.net/>> e <www.stalkerlab.it>.

⁸ <<http://deriveapp.com/s/v2/about>>.

enquanto rede complexa social, realidade sócio-espacial dinâmica, essência da própria cidade.

Considera-se que este ângulo de análise, embora intersecte os diferentes campos que se debruçam sobre a mesma prática, contribuindo para a coesão do tema enquanto objecto de estudo, está radicado no terceiro e no sexto grupo expostos. No terceiro grupo, enquanto entendimento do uso pedonal urbano numa visão sistémica da cidade, apreendida como um todo. No sexto grupo, através da valorização do acto caminhado enquanto prática perceptiva determinante e determinada pela ambiência urbana experienciada pelo indivíduo caminhante. Estas perspectivas completam-se, interligam-se ao longo do estudo, contribuindo para a compreensão desta prática na produção social do espaço cidade.

1.3 OBJECTIVOS

Este estudo assenta na interpretação da prática caminhada enquanto factor activo e contínuo de produção sócio-espacial da cidade, enquanto rede intrincada de relações produzida e reproduzida continuamente.

Considera-se o uso caminhado enquanto acumulação de experiências do espaço caminhado (percebido, concebido e vivido), o palimpsesto de ambiências urbanas experienciadas, que em cada percurso repetido constitui dimensão fundamental da produção social da cidade.

Cada cidade é única e cada percurso construído num determinado período temporal é singular. Assim, além do entendimento e da análise de uma realidade específica, pretende-se identificar factores determinantes de leitura, interpretação e produção da cidade.

Neste sentido, o objecto central de análise deste estudo é o processo contínuo de produção da cidade por este uso, que acontece ao longo do tempo, entendido num sentido activo e cumulativo. Processo que começa no acto caminhado.

São propostos três objectivos parciais, contributivos para o entendimento da cidade caminhada:

- clarificação e valorização do caminhar enquanto prática de produção social da cidade;
- o entendimento da experiência perceptiva na cidade e o modo como as características da actividade associada ao acto influi na ambiência urbana caminhada;
- a operacionalização do conceito de ambiência urbana através da proposta de um método de racionalização da experiência perceptiva.

1.4 MODO DE ABORDAGEM

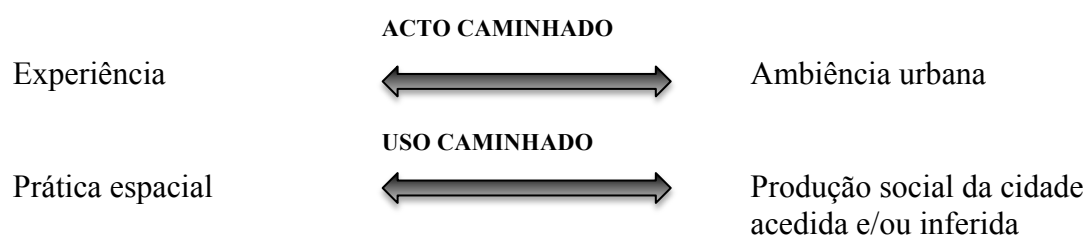
Antes de mais, é de referir que esta investigação tem por base a tipologia da cidade europeia, ou seja, considera-se um território de elevada densidade urbana e conectividade espacial.

Tendo em conta a diversidade de perspectivas, objectivos e escalas de abordagem associadas directa ou indirectamente ao caminhar, e perante uma confluência de diversas temáticas sociais, espaciais, culturais e psicológicas do caminhante e da cidade, considerou-se fundamental uma abordagem transversal a diferentes disciplinas e escalas.

Considera-se que a objectivação e a sistematização do tema é essencial, não só à sua compreensão e à sua delimitação enquanto temática, como à sua valência no estudo da cidade.

Ao longo do estudo, assumem-se duas linhas de análise do caminhar a cidade. Duas linhas que constantemente se interligam e se sobrepõem (Fig. 1.1).

Fig. 1.1 Duas linhas de análise do caminhar a cidade



Assim, a primeira parte deste estudo foca-se numa abordagem teórica multidisciplinar, com intuito de balizar conceitos que permitam esclarecer a compreensão desta prática enquanto produtora de espaço social, ao nível do acto e ao nível do uso continuado.

Procura-se fazer uma reorganização de ideias de origens dispersas, no sentido de uma sistematização das dimensões físicas, sociais, culturais e psicológicas da prática. É elaborada uma abordagem a diferentes escalas e diferentes perspectivas que se intersectam, oriundas de diferentes propostas disciplinares, e que contribuem para a ratificação do valor do caminhar urbano, tanto à escala da construção do que é a cidade como à escala do acto de caminhar e da relação do corpo com o espaço.

Pretende-se confirmar como o caminhar representa um dos ingredientes essenciais à urbanidade e a uma existência social com significado. Neste âmbito, é destacado o valor particular deste uso na cidade contemporânea. Neste sentido e no entendimento relacionado do uso e do acto caminhado, considera-se essencial o estudo das variáveis individuais, sociais, culturais, espaciais, que influenciam o caminhar, qualidades perceptivas que afectam o uso e que geram leituras, interpretações da cidade.

Na segunda parte, é focada a prática caminhada ao nível da experiência perceptiva do meio.

Se a realidade física, o propósito e o significado variam em função de cada momento em que se caminha, então, surgem as seguintes questões: Como comparar usos caminhados? Como comparar experiências caminhadas? Como diferentes experiências individuais podem contribuir para o entendimento da ambiência urbana partilhada?

Tendo-se destacado, ao longo do trabalho teórico, a relevância perceptiva no acto caminhado do visitante, considerou-se o estudo de uma experiência caminhada concreta efectuada por visitantes.

Com a premissa, deduzida ao longo da abordagem teórica, de que as características da actividade caminhada afectam o modo como o ambiente urbano é experienciado em movimento, considera-se agora importante, de modo a ter dados comparáveis, o estudo de experiências caminhadas com características semelhantes, num mesmo percurso, com uma mesma velocidade, com um mesmo propósito.

Escolheram-se como objecto empírico duas visitas guiadas no centro histórico de Lisboa.

Tendo em consideração a especificidade do centro histórico enquanto território e a sua relação com a prática caminhada estudada, abordaram-se diferentes camadas específicas influenciadoras da experiência perceptiva que se pretende estudar.

Igualmente, perante a especificidade da prática turística e da informação dirigida a esta prática, considerou-se essencial a avaliação desta e do modo como influi ou/e coincide com a apreciação do território acedido.

Com base no estudo teórico, propôs-se então a construção de uma metodologia que permitisse o registo e a comparação de apreciações do meio acedido pela prática caminhada, de modo a operacionalizar o conceito de ambiência urbana.

No âmbito da objectivação e operacionalização do conceito de ambiência urbana experienciada no uso caminhado, é ensaiada a metodologia no estudo da ambiência percebida ao longo de dois percursos alvo de visita guiada na cidade de Lisboa. Dois percursos muito específicos do centro histórico, seleccionados enquanto tubos de ensaio da experiência caminhada, enquanto momento simplificado de uma prática muito complexa. Dois percursos praticados de um modo quase igual ao longo do tempo, com a mesma atitude, com a mesma velocidade, com as mesmas pausas.

A partir de uma análise dos dados obtidos para cada percurso, procuram-se diferenças e semelhanças nas leituras obtidas, comparando-as entre si e relacionando-as com os factores materiais, sociais e culturais da realidade acedida.

Desta forma, pretende-se que uma situação específica de prática caminhada permita que a experiência subjectiva de cada indivíduo seja cristalizável numa descrição racional partilhável.

1.5 ESTRUTURA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Embora haja uma constante interligação de conteúdos, esta dissertação está dividida em duas partes:

1 O caminhar (n)a cidade

Primeiro, considera-se essencial efectuar uma reflexão teórica, abordando as diferentes dimensões que afectam o processo de caminhar (n)a cidade.

Este estudo inicia-se, no capítulo 2, pela delimitação do conceito sócio-espacial de cidade caminhada, cidade produzida pela prática do espaço. Posteriormente, no capítulo 3, após uma breve abordagem ao modo como esta actividade acompanha a evolução da cidade e o uso do espaço público, pretende-se contribuir para o entendimento do seu significado no contexto urbano europeu contemporâneo.

No capítulo 4, analisa-se a diversidade de práticas e experiências associadas ao caminhar, afectando o modo como a cidade física e social é percebida.

O capítulo 5 incide na cidade praticada, enquanto cidade física e social, acedida e activada, considerando a rua como elemento base do uso caminhado. Assim, explora-se agora o que caracteriza a rua e como esta influi na opção de construção de percurso.

Cada percurso, embora uma opção individual de cada caminhante, é uma opção que se prende não apenas com o ponto de vista funcional de ligação entre dois pontos, mas frequentemente com uma opção mais complexa, onde as características sentidas do ambiente urbano são determinantes.

O pensar a cidade, acedida através da linha percorrida no território, é indissociável do sentir a cidade de um modo holístico e contínuo, ou seja, do sentir a ambiência atravessada. No capítulo 6, percorrem-se diferentes abordagens, de diferentes origens disciplinares, ao sentir a cidade quando se caminha. Neste âmbito, é analisado o conceito de ambiência urbana, enquanto síntese do momento caminhado, que ao longo da sua repetição sedimenta-se enquanto realidade produzida pela prática caminhada. Mais do que uma experiência individual, existe uma ambiência urbana partilhada, surgida de comportamentos partilhados na relação com um espaço e com uma situação, constituindo assim processos sociais de uso e de compreensão do espaço.

O acto de caminhar e experienciar a cidade faz-se através de uma relação constantemente reavaliada do indivíduo com o meio.

Assim, nos capítulos 7 e 8 considera-se essencial abordar a psicologia ambiental, em particular, o entendimento dos processos cognitivos e da apreciação do ambiente urbano.

II Proposta metodológica e análise comparativa da ambiência experienciada no âmbito de duas visitas caminhadas guiadas no centro histórico de Lisboa

Com base na exploração teórica, tendo como premissa a atitude perceptiva do caminhante visitante e o valor da prática lúdica ou/e turística na sociedade contemporânea, elege-se como estudo de caso o estudo perceptivo da prática caminhada de visitantes. Como objecto empírico, analisou-se a ambiência percebida num contexto muito particular: dois percursos no centro histórico de Lisboa alvo de visitas guiadas temáticas. No capítulo 10, sintetizam-se as premissas, os objectivos e a estratégia desta fase do estudo.

Pretende-se, no capítulo 11, percorrer o processo de construção do método e as opções tomadas. Este estudo assentou nos aspectos teóricos e metodológicos desenvolvidos pela psicologia ambiental, e propõe, através da redefinição e ampliação da abrangência da metodologia desenvolvida por Jack Nasar (1998, 2008), construir um modo de abordar a ambiência percebida e partilhada ao longo de um percurso. Este processo assenta numa sistematização dos atributos do meio e dos níveis de significado, permitindo estruturar um conjunto de respostas avaliativas importantes à interpretação da ambiência. São focadas as especificidades da experiência enquanto actividade, ou seja, o propósito, o modo específico de a concretizar e o significado da mesma como factor determinante nos atributos percebidos e nos significados conotativos associados.

No capítulo 12, é feita uma recolha de características materiais e sociais do território acedido influenciadoras do ambiente urbano e da ambiência experienciada. Posteriormente, considerou-se essencial uma análise prévia do significado do território caminhado e do(s) significado(s) do turismo ou/e uso lúdico cultural na cidade, abordando particularmente as visitas guiadas pedonais de Lisboa (capítulo 13). Posteriormente, são abordados potenciais factores organizadores de representações prévias do espaço acedido (capítulo 14).

Por fim, no capítulo 15, após uma descrição das características do objecto empírico, dos procedimentos e das observações de campo, analisam-se os resultados da aplicação do questionário a visitantes dos dois percursos caminhados seleccionados.

PARTE I – O CAMINHAR (N)A CIDADE

2 A CIDADE SÓCIO-ESPACIAL PRODUZIDA PELO USO CAMINHADO

Este capítulo pretende, através da reapropriação do conceito de Lefebvre ([1974] 1991) de produção social do espaço, em relação à cidade caminhada, abordar o caminhar enquanto prática produtora da cidade sócio-espacial.

Considerando a cidade praticada enquanto processo contínuo e interactivo de uso e construção da realidade concebida, abordam-se diferentes interpretações de realidades urbanas, dialécticas da cidade caminhada.

De acordo com as palavras de Certeau (1985:129), a função motora pedestre cria um sistema, não delimitável, não localizável, mas cuja existência faz cidade. No mesmo sentido, é proposto o conceito de plexo sócio-espacial, enquanto síntese da cidade gerada pelo movimento pedonal.

Inicia-se este capítulo pela clarificação do conceito sócio-espacial de cidade, recorrendo-se a dois autores que, em diferentes épocas, focaram a cidade valorizando esta dimensão: Lewis Mumford e Lyn Lofland.

2.1 O CONCEITO SÓCIO-ESPACIAL DE CIDADE

Consideram-se duas abordagens à cidade, importantes para uma aproximação ao território sócio-espacial suporte da cidade caminhada: a primeira, de Lewis Mumford, em 1937, e a segunda, de Lyn Lofland, em 1998.

Lewis Mumford ([1937] 2011), no seu artigo “What is a City?”⁹, define: “A cidade, no seu conceito mais abrangente, é um plexo geográfico, uma organização económica, um processo institucional, um teatro de acção social, e um símbolo estético de unidade colectiva. A cidade fomenta arte e é arte; a cidade cria o teatro. É na cidade, cidade enquanto teatro, que as actividades humanas mais propositadas se focam e funcionam, através de indivíduos, acontecimentos ou grupos, em conflito ou cooperando, atingindo de um modo mais significativo os seus fins.”

Este autor valoriza a cidade enquanto espaço humano, individual e social. A cidade é abordada enquanto instituição e palco da acção social, definida enquanto conceito social, enquanto colecção de grupos primários (família e vizinhança) comum a todas as comunidades. Por outro lado, a cidade destaca-se pela dramaturgia social gerada pelas associações por propósitos, associações temporárias por motivos ou objectivos meramente funcionais, considerando estas como as características diferenciadoras do meio urbano. Ou seja, a cidade, nos seus aspectos sociais, consiste num contexto especialmente direccionado para a criação de oportunidades individuais diferenciadas e para uma significativa dramaturgia colectiva (Mumford [1937] 2011).

A cidade física, enquanto palco, pode promover ou frustrar a vida social pública. O carácter físico da cidade, a sua unidade em termos de edificado e de urbanismo, gera uma referência simbólica relacional entre os seus habitantes, facilitando a expressão das funções sociais colectivas (Mumford [1937] 2011).

Dependente da cidade física, que a estimula ou dissuade, a cidade caminhada é a cidade colectiva, da vida social pública.

Destaca-se agora Lyn Lofland (1998), que, 61 anos mais tarde, focando com outra linguagem esta dramaturgia colectiva, considera que a cidade fornece, numa base permanente, um ambiente composto por pessoas que não se conhecem – composto por estranhos, factor diferenciador decisivo das outras formas de ocupação humana (Lofland 1998:xi). Mundo de desconhecidos, gerado e gerador de uma geografia, de uma história e de uma cultura (definida enquanto normas de comportamento, valores estéticos e preferências) (Lofland 1998).

⁹ “The city in its complete sense, then, is a geographic plexos, an economic organization, an institutional process, a theater of social action, and an aesthetic symbol of collective unity. The city fosters art and is art; the city creates the theater. It is in the city, the city as theater that man’s more purposive activities are focused, and work out, through conflicting and cooperating personalities, events, groups, into more significant culminations” (publicado em *Architectural Record in City Reader*:93).

Esta autora sistematiza a cidade enquanto coexistência dinâmica e móvel dos domínios privados (*private realm*), dos domínios apropriados ou de comunidade (*parochial realm*), e do domínio público colectivo (*public realm*) (Lofland 1998:14).

A cidade caminhada, embora abranja os diferentes domínios, surge enquanto prática sócio-espacial partilhada produtora da cidade do domínio público colectivo: a cidade da diversidade, do confronto de diferenças, da multiculturalidade, tão defendida por Jane Jacobs em 1961 no *Death and Life of Great American Cities*.

2.2 A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO PELO USO CAMINHADO

Lefebvre desenvolveu o conceito de produção social do espaço, uma noção triádica dialéctica, uma figura tridimensional da realidade social caracterizada por espaço, tempo e sociedade. O espaço, mais que uma realidade material, é interpretado enquanto produto social, enquanto ordem sincrónica da realidade social. O tempo enquanto ordem diacrónica, ou seja, processo histórico da produção social. O social, ou a sociedade, enquanto indivíduos com relações multissensoriais e afectivas com o espaço (Schmid 2012; Lefebvre [1974] 1991).

A produção social do espaço, mais do que uma forma universal, é uma realidade produzida socialmente num contexto de uma sociedade específica. A sua produção, de acordo com Lefebvre, surge da interconexão de três processos, da articulação de momentos de produção: prática espacial, representações do espaço e espaços de representação (Schmid 2012:12; Lefebvre [1974] 1991:33,38).

Assim, propõe-se a reapropriação destes processos para o entendimento da cidade caminhada enquanto processo de produção social (Schmid 2012:12; Lefebvre [1974] 1991:33,38):

- **Prática espacial caminhada** (*spatial practice*) – dimensão material da actividade e interacções sociais. Compreende a produção e a reprodução do espaço e a localização particular e cenário espacial característico de cada formação. Garante, a partir de um nível de competência e *performance*, continuidade e algum grau de coesão; relação com o espaço e com a sociedade.

- **Representações do espaço acedido** (*representations of space*) – dimensão da concepção espacial, conectando a percepção e o espaço vivido, gerando espaço narrado, descrito, desenhado, mapeado, fotografado. Factor organizador ou quadro de referência com repercussões na prática espacial, associado a conhecimento, signos e códigos.

- **Espaço de representação** (*representational space*) – O significado e a relação que se estabelece com o espaço praticado. O espaço é vivido directamente através de imagens associadas por via da incorporação de significados e símbolos complexos, que se sobrepõem ao espaço físico.

No mesmo sentido, mas agora com um carácter fenomenológico, Lefebvre aborda três dimensões: o percebido, o concebido e o vivido – o espaço da experiência. Três dimensões da produção do espaço, simultaneamente individuais e sociais, autoprodutivas do indivíduo e da sociedade (Schmid 2012:14; Lefebvre [1974] 1991).

Através da reapropriação destas dimensões, consideram-se importantes para o entendimento da cidade caminhada (enquanto momento, processo ou experiência activa individual centrado no corpo) os seguintes conceitos (Schmid 2012:14; Lefebvre [1974] 1991):

- **Espaço caminhado percebido**, ou seja, apreendido multissensorialmente. Aspecto fortemente relacionado com a materialidade dos elementos do espaço, com a envolvimento espacial e a intersensorialidade.
- **Espaço caminhado concebido**, ou seja, o espaço racionalizado, concebido previamente pelo pensamento, condição associada ao antes e depois da experiência perceptiva.
- **Espaço caminhado vivido**, ou seja, o espaço relação do sujeito com o mundo. Aspecto que se relaciona com a dimensão da corporalidade e da afectividade.

Deste modo, a cidade caminhada não se cinge a uma materialidade concreta, mas a uma cidade pensada e sentida enquanto experiência.

Também na definição de cidade caminhada enquanto espaço social, tal como afirmado por Lefebvre em relação ao espaço social, há uma incorporação pelo espaço das acções sociais, há um conhecimento do sujeito individual ou colectivo do comportamento em cada espaço (Lefebvre [1974] 1991:33).

Assim, a cidade caminhada é considerada uma entidade dinâmica activa, que existe num tempo e num espaço, ao nível individual e social. É a cidade concreta, praticada e deduzida pelo movimento e, em particular, pelo uso caminhado. É a cidade cativada e cativante, no sentido de relação feita e refeita ao longo dos tempos; percebida, concebida, vivida. Cada sociedade produz um espaço seu, que se reproduz ao longo do tempo, de um determinado modo.

2.3 DIALÉCTICAS DA CIDADE SOCIAL CAMINHADA

Propõe-se agora focar diferentes formas de ver, interpretar e experienciar a mesma cidade. Modos distintos que, de acordo com a experiência individual, geram diversas realidades do que é a cidade.

A cidade caminhada, a cidade do movimento e da interacção, a cidade rua, é única, enquanto geradora de um meio social-psicológico muito particular. A cidade espaço público de uso colectivo é um lugar percepcionado, concebido e vivido por cada um numa relação individual e social com o espaço praticado. É a cidade praticada enquanto processo interactivo de uso e construção de meio.

O modo como é interpretado, vivido ou evitado varia em função dos modos de coabitação, estilos de vida dos grupos sociais e culturais, das identidades individuais e colectivas (Rouilleau-Berger 2004:67). Consideram-se, sumariamente, três dialécticas socioculturais centrais interligadas no entendimento da cidade social que se caminha:

a) Acessibilidade vs. restrição de acesso

A priori, a rua existe enquanto espaço aberto, espaço de circulação e comunicação, espaço de direito. Espaço sobreposto de modo explícito ou implícito, com domínios apropriados, territórios de alguém. Espaço de encontro de estranhos, de socialidade positiva ou negativa.

Cidade da rua, enquanto espaço público com valor social; espaço heterogéneo e espaço de diversidade. Cidade sistema complexo, por vezes com uma aparência caótica, mas extremamente coordenado, que permite a cada indivíduo o seu uso livre, cruzar-se

com o outro, apreender o outro, apreender as normas sociais partilhadas, onnipresentes em cada sociedade ou cultura.

Assim, idealmente, o domínio público colectivo é, segundo Carmona *et al.* (2005:123), fórum de expressão e representação política; espaço neutral de interacção social, comunicação; palco de aprendizagem, desenvolvimento pessoal e troca, partilha de informação.

Se idealmente o domínio público colectivo é de acesso livre, na realidade existem sectores da sociedade que não acedem a determinados locais de cada cidade; há espaços onde explicitamente (ou implicitamente) há um controlo no seu acesso. Mais do que um controlo do acesso físico e/ou visual, com um impedimento à transposição, existe um controlo simbólico, revelador do ‘tipo’ de indivíduos que são, ou não, bem-vindos (Carr *et al.* 1998 in Carmona *et al.* 2005).

Actualmente, perante a flexibilidade e precariedade de alguns modos de vida, perante a facilidade do movimento, surge uma valorização ímpar da segurança. Disseminam-se formas de controlo, mecanismos de cidadania vigiada, criando-se mecanismos de excepção, regulações securitárias e selectivas, que se vão transformando em algo normal, aceite e hegemónico (Lopes 2007:70).

Inventam-se limites, fronteiras. Citando Bauman (2006:72): *Cada fronteira cria as suas próprias diferenças, atribuindo-lhes consistência e sentido.*

b) Encontro, descoberta, aventura vs. insegurança e medo

Há uma poética da cidade que se prende com a imagem rica, diversa, heterogénea, divertida: a rua do imprevisto, da surpresa, do inesperado. A rua que encanta o turista, rua rica em atributos sensoriais, com gentes, sons, cheiros intensos. Há a imagem dos filmes e das fotografias, há as memórias vividas do visitante. Frequentemente, em termos de desejos e imaginários, o domínio social público funde-se com uma vitalidade imaginada do contexto urbano, que se prende por vezes com imagens idealizadas ou memórias que, na realidade contemporânea, e mesmo no passado, raramente existiram sem conflito, imposição ou mesmo violência.

Por outro lado, também é usual o oposto. Isto é, o conceito de rua, deste espaço público genérico e onnipresente, fundir-se com a violência e com o medo, enquanto campo aberto de desigualdades sociais, reflexo de vulnerabilidades e de resistências. Tensões e incertezas, espaços de gentes que se evitam (Rouilleau-Berger 2004).

É neste domínio social público, de todos e de ninguém, que deambula e vive a população marginal. É neste domínio que as diferentes realidades se tocam, numa cidade e numa sociedade cada vez mais fragmentada.

Um aspecto que afecta o domínio social público, enquanto realidade heterogénea de todos, é o medo. O alerta que pontua na experiência urbana a presença de conflito surge frequentemente perante a ruptura das normas partilhadas. Um exemplo são os *graffiti* e *tags*, inscrições nas paredes. A exposição de dispositivos de controlo e de segurança aumenta a percepção da ameaça.

Zygmunt Bauman (2006:9-65) observa que na Europa existe uma crescente disposição para o medo, uma obsessão da segurança. Aliado ao controlo da insegurança, tendem a surgir medidas que afectam o âmago do ser cidade – a espontaneidade, a surpresa, a descoberta, a versatilidade. Neste sentido, o autor afirma: *O que substitui a insegurança não é o êxtase da calma, mas a maldição do tédio.*

Consoante as suas características socioculturais, com as experiências individuais, fase da vida e género, cada indivíduo usa o domínio social público de acordo com a sensação de segurança percebida.

c) Anomia e indiferença vs. interacção e tolerância

Citando Stanley Milgram (1970:1462), “a vida na cidade, como a experimentamos, constitui um contínuo confronto com o excesso, com a sobrecarga de estímulos, resultando em adaptações. Este excesso deforma a vida quotidiana em diversos níveis, interferindo negativamente no desempenho comportamental, na evolução de normas sociais, na função cognitiva e no uso de recursos”¹⁰.

O conceito (e as consequências) da sobre exposição ou estimulação proposto por Milgram já surgira (embora com outro vocabulário) expresso em 1903 por Simmel, por Burgess em 1925 e por Wirth em 1938. De acordo com Milgram (1970:1464), perante um excesso de *inputs* acima da capacidade de serem processados, gera-se um envolvimento moral e social restrito. Este facto, de acordo com o autor, afecta não só a gentileza dos gestos sociais (evoluindo em simplificação e funcionalismo) como a confiança e a ajuda entre estranhos (pelas inúmeras situações de carência com que

¹⁰ “City life, as we experience it, constitutes a continuous set of encounters with overload, and of resultant adaptations. Overload characteristically deforms daily life on several levels, impinging on role performance, the evolution of social norms, cognitive functioning, and the use of facilities.”

se depara no quotidiano). Como exemplo extremo, este aborda uma situação em Nova Iorque, em 1964, onde um crime é visto, sem que ninguém actue.

Outro aspecto mencionado no que diz respeito a comportamento e relações, também abordado por Wirth (1938), é a segmentação dos papéis e das relações de cada indivíduo na sociedade, e a menor dependência entre uns e outros, destacando-se a atitude *blasé* de envolvimento reduzido, ou a competição por recursos urbanos, como por exemplo os transportes públicos.

A cidade dos estranhos nem sempre funciona. Frequentemente, perante um grupo alargado, existe uma tendência da diluição da responsabilidade numa situação de ajuda ou mesmo de socorro.

Frequentemente, a diferença e a indiferença coexistem e a coexistência territorial de indivíduos diferentes não significa que tenha de haver uma interacção direccionada entre os mesmos (Sennett 1994:357). Com o desenvolvimento do individualismo, o domínio social público é o espaço para olhar o outro mais do que para interagir ou comunicar – para muitos, espaços visuais de silêncio (Sennett 1994:357).

O domínio social público *per se* não é sinónimo de cosmopolitismo ou de civilidade, nem de tolerância. Mas é na cidade, enquanto realidade pública colectiva, que surgem as condições para a existência destes atributos. É no espaço público colectivo, e no uso partilhado do território entre indivíduos de diferentes características sociais, que valores como a tolerância tendem a ser uma norma cívica de coexistência e de uso colectivo (Lofland 1998:237).

Como Zygmunt Bauman (2006:47) afirmou, “A fusão exigida pelo entendimento mútuo só pode resultar da experiência partilhada, e partilhar a experiência é inconcebível se primeiro não se partilhar o espaço.”

É no uso partilhado da rua que chocam as diferentes realidades, que se formam opiniões, que a tensão social se demonstra, se revela, se partilha, e, porventura, se encontram soluções e compromissos. À medida que cada indivíduo caminha, conquista acessos, dilui receios, transpõe barreiras, sociais ou simbólicas, atenuam-se estigmas (Lopes 2007:79).

2.4 O PLEXO SÓCIO-ESPACIAL

A prática do caminhar é, pela sua complexidade enquanto interface indivíduo/meio, enquanto prática de pormenor e proximidade, geradora de diferentes interpretações da cidade percorrida e diferentes inferências sobre um todo. Cada cidade é constituída pelas diversas cidades individuais, ancoradas no espaço e na partilha em termos culturais, sociais, de memórias ou de significados. É a cidade soma das diversas realidades individuais.

Mumford (1937), na sua definição de cidade, utiliza a expressão de *plexo geográfico* enquanto realidade complexa de expressão física espacial. É agora proposto o conceito de *plexo*¹¹ *sócio-espacial* enquanto dimensão sócio-espacial da cidade gerada pelo uso e pelo movimento pedonal; rede complexa de produção contínua, promovida e promotora da vida pública colectiva.

Este conceito surge, por um lado, enquanto construção social da cidade praticada, e, por outro, enquanto construção individual da cidade produzida e produtora de rotinas, memórias e imaginários de cada indivíduo. Relacional e situacional, parte dos lugares atravessados e de cada caminhante, dos seus movimentos pelo território, da ambiência urbana experienciada e reavaliada na prática individual da cidade.

Ou seja, cada indivíduo tem uma construção individual da cidade. Isto é, a cidade de cada um é o resultado do conhecimento que se tem da cidade que se usa, que se vê ou que se infere. Cada cidade é usada de acordo com o modo como é percebida e interpretada. O estilo de vida adoptado ou os percursos quotidianos de ligação ao local de trabalho, como exemplo, influem na imagem gerada em cada um do que é a cidade.

O plexo sócio-espacial, ou a cidade gerada pelo movimento pedonal, constitui uma força dinâmica agregadora do que é a cidade, cujo equilíbrio existe por uma partilha sociocultural de linguagens, significados, memórias e normas. É uma produção sócio-espacial contínua e dinâmica, uma realidade simultaneamente definida enquanto abstracção teórica e prática quotidiana.

¹¹ Plexo – do latim *plexus*, entrelaçado. Na anatomia, significa rede formada por nervos, ou por vasos sanguíneos entrelaçados (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*).

3 A EVOLUÇÃO DA CIDADE E A TRANSFORMAÇÃO DOS MODOS DE CAMINHAR

O acto de caminhar a cidade funde-se no tempo com a génese de cada caminho, planeado ou não, que se solidificou em rua. O caminhar é a acção basilar do espaço público urbano, geradora e gerada pelos diferentes usos da cidade.

Cada cidade, ao longo do tempo, evolui enquanto realidade de usos caminhados entrelaçados – um plexo dinâmico produzido pela diversidade de modos de acesso e pela construção da sua complexidade, que faz dela uma entidade única.

A especificidade do caminhar, enquanto prática do atravessamento da cidade pública, é gerada pelo desenvolvimento sem precedentes de algumas cidades no final do séc. XIX. Considera-se, assim, importante abordar a evolução do caminhar e do pensar o caminhar a partir desta época histórica.

As transformações da cidade, com ênfase especial nas alterações espaciais e tecnológicas ao longo do século XX, infligem transformações no caminhar, induzindo-o a contrair-se ou a expandir-se, afectando a vivência e o uso dos territórios urbanos. Os modos de mobilidade constituíram (e constituem) factores fundamentais na organização da cultura e do espaço da cidade.

Apesar de se considerar que “As cidades são processos históricos singulares” (Lynch 1981:307), pretende-se neste estudo abordar sentidos globais de evolução do caminhar na cidade europeia, com destaque para a evolução do significado da prática caminhada.

3.1 SÉCULOS XIX-XX

O caminhar sinónimo de mobilidade

Na cidade anterior ao séc. XIX, com destaque para a cidade medieval, a estrutura do espaço produz a rua, definida pelo volume que a delimita. Ou seja, a cidade é uma entidade onde o edificado e a rua são inseparáveis e onde a rua funciona como a extensão exterior da casa.

Assim, até ao séc. XIX, na Europa, os núcleos urbanos eram espaços contidos, em que o caminhar era quase a única forma de mobilidade. Nesta cidade concentrada, a rua funcionava como lugar, como espaço de ligação; incorporava e misturava diversas funções sociais e operacionais, a rua funcionava como circuito, como espaço de ligação (Ellis [1986] 1991:117).

A revolução industrial em Inglaterra e a revolução política em França, cada uma de um modo diferente mas, em última análise, interdependentes, num curto espaço de tempo, forçaram novos modos de vida e de entendimento da sociedade europeia (Vidler 1991:29).

O séc. XIX: a técnica e a reinvenção da cidade

No séc. XIX, com o rápido crescimento urbano das grandes cidades europeias, a rua transforma-se, tornando-se um local de confluência de tráfego de carruagens puxadas por animais, pessoas, lixo e esgotos. Com a fase madura da revolução industrial, dá-se uma mudança tecnológica sem precedentes nas sociedades ocidentais, permitindo a melhor construção de edifícios, infra-estruturas viárias ou marítimas, sistemas de águas e esgotos e o uso da electricidade.

O conceito de rua ganha relevância em diversas disciplinas: na engenharia civil (como já referido nas campanhas de infra-estruturação), na arquitectura e na emergência do planeamento urbano (Gutman [1986] 1991:249).

A existência de uma zona reservada ao uso pedonal adjacente ao edificado, o denominado passeio, e outra, central, para os veículos rodados, foi estandardizada em meados do séc. XIX, tornando-se factor identificador do elemento rua (diferenciador entre rua e estrada) (Gutman [1986] 1991:250).

No final do séc. XIX, início do séc. XX, como reacção, ou solução para o caos ambiental e problemas sociais, surge a implementação de medidas de higienização das vias públicas, controlo de tráfego e controlo da segurança nas grandes cidades. Destaca-se o *Public Act* de 1875 e o estabelecimento da “*Bye-law*” *Street Ordinance*, em Inglaterra, impondo regras de uniformidade, acesso, largura, arejamento e pavimentação (Southworth e Ben-Joseph 2003:43-45).

É de destacar, em Londres, integrado no esforço de melhoria da qualidade da vida urbana, a construção de parques e arborização das ruas, numa reintrodução da natureza na cidade com intuítos higiénicos e estéticos (Madanipour 2005:12).

Em Paris, destaca-se a grande intervenção de meados do séc. XIX: a reconstrução da cidade pelo barão de Haussman, redefinindo o conceito de *boulevards*, gerando ruas amplas, arborizadas, que se vão impor, até à actualidade, enquanto espaço com uma vocação ímpar para o uso público caminhado.

O caminhar enquanto forma de uso da cidade pelo cidadão moderno

A sociedade ocidental das grandes urbes transforma-se em termos económicos, com consequências espaciais e sociais sem precedentes. Surge um novo ambiente humano, a grande cidade ou metrópole, e com ele emergem novos tipos de comportamentos e relações entre o Homem e o meio humano e físico envolvente.

A mobilidade desenvolve-se a par da modernidade, acompanhando o surgimento da figura do cidadão moderno. O caminhar adquire um novo significado, e, acompanhando a evolução da dimensão material, estabelecem-se novas relações com o espaço praticado.

A metamorfose do uso caminhado, a génese de novas formas de caminhantes surge pioneiramente em Londres e Paris do séc. XIX, expandindo-se a diferentes velocidades para as restantes cidades europeias (Amato 2004:153).

O desenvolvimento do pedestrianismo urbano surge associado a estas infra-estruturas e à separação e pavimentação de espaços para o transeunte e para o tráfego. Emerge, associado a ruas mais limpas e mais cómodas, o passear na rua; o ter prazer em caminhar a cidade, de ver e ser visto no espaço público rua. O comércio promove e é

promovido por essa nova prática, abrindo montras apelativas aos transeuntes (Amato 2004:181).

O espaço exterior urbano, associado ao desenvolvimento e à conquista de poder pela burguesia, ganha importância, tornando-se o espaço de convívio e demonstração pública de uma sociedade moderna. A intervenção na cidade destaca-se pela valorização estética do espaço exterior urbano, amplas ruas arborizadas, jardins públicos e arte pública. Há uma preocupação com o detalhe das fachadas e do mobiliário urbano. Nasce a cultura do *boulevard* e do seu uso caminhado, associada à cultura do comércio, da publicidade, a vivência das esplanadas e dos cafés (Gribaudi 2008:29).

O modo de estar e caminhar no espaço público ganha ênfase enquanto linguagem corporal, transmitindo uma grande variedade de sinais, seja através da postura, da passada, da velocidade, da roupa utilizada, gerando julgamentos, inferências quanto à identidade, à condição ou ao propósito do caminhante. Socialmente, e enquanto *status*, o modo de caminhar e o local onde se caminhava era uma actividade diferenciadora (Amato 2004:183). O caminhar, além de uma prática funcional quotidiana, passa a ter uma dimensão socialmente aceite: o uso caminhado por lazer.

A interpretação e descrição da cidade pública do início de séc. XX

Diferentes escritores em diferentes cidades, com o mesmo espírito de deambulação, construíram, a partir de imagens percebidas nas ruas, descrições e análises do meio social urbano. Representações do espaço acedido que, a par da pintura da época, do desenvolvimento da fotografia, e dos primeiros filmes, se tornaram factores de referência, paradigmas do uso caminhado.

A descrição da cidade pública surge, no final do séc. XIX, associada à literatura e às descrições das ruas urbanas pelos escritores. Destacam-se Georg Simmel e posteriormente Walter Benjamin em relação a Paris, Siegfried Kracauer em relação a Berlim, e por fim Stefan Zweig. Estes autores, de um modo muito próprio, partilham uma abordagem perceptiva e descritiva da experiência urbana na cidade moderna.

Assim, a par da expansão e evolução da cidade no espaço, surge uma nova cultura urbana, gerada e geradora de um novo tipo de indivíduo e de comportamento, reflexo das novas condições do meio, mais complexas e agressivas no aspecto perceptivo. Neste mundo emergente, de acordo com as descrições de Georg Simmel

([1902] 1986:248-252) do início do século, destaca-se o indivíduo urbano pela sua atitude anímica, desprendida em relação aos outros e em relação ao meio; defesa racional protectora perante a violência de estímulos do meio circundante.

Simmel é pioneiro na identificação dum modo de ser e de estar associado ao meio urbano complexo da cidade moderna. A figura do caminhante errante, o estrangeiro, e o modo de articulação entre proximidade e distância surgem como uma descrição paradigmática de um novo tipo e modo de estar do ser humano: o cidadão. Ou seja, o ser que usa a cidade, vivendo o prazer da liberdade (Simmel [1902] 1986:248-252).

O aumento da concentração de indivíduos e modos de mobilidade promove uma nova mentalidade urbana, expandindo relacionamentos humanos, acrescentando a heterogeneidade social; dão-se os primeiros passos de uma cosmopolitização da sociedade. Diminui a importância da estabilidade das raízes com o território e com a comunidade.

Posteriormente, é de referir Walter Benjamin e a sua obra sobre as galerias comerciais de Paris, reveladoras de uma época e de um modo de estar: o passeante ou o *flâneur*, enquanto caminhante que imerge na multidão, que observa sem se envolver. No mesmo sentido da obra de Simmel, ou seja, de uma descrição do novo mundo social e espacial, este autor aborda a implantação da cultura material, do consumo, e o nascimento de um novo estilo de vida (Amato 2004:174; Silvano 2001:21-26).

Siegfried Kracauer, entre os anos 20 e 30 do séc. XX, destaca-se pelo factor sensível na análise urbana, relatando a vida das ruas de Berlim, tanto nas galerias comerciais e em *lobbies* de hotel, como em passagens e estações de comboio, olhando, não só a cultura da burguesia, mas também a cultura popular, observando rotinas e vidas comuns (Allen 2007). A experiência da cidade é, para este autor, fenomenológica, imediata, disponível à medida que se acede a momentos vivos, dinâmicos, que constituem e fazem a metrópole moderna (Allen 2007).

Por fim, é de mencionar ainda a obra de Stefan Zweig e as suas descrições nostálgicas do ambiente de rua europeu, destacando-se o sentimento de segurança de Viena e o poder magnético e livre das ruas de Paris do início do séc. XX, e a desagregação desta realidade com a aproximação da primeira grande guerra. Na obra *O Mundo de Ontem*, com a edição original em 1942, o autor partilha a sua visão da

evolução social da sociedade europeia do final do séc. XIX até aos anos 40 (Zweig 2014).

Embora de diferentes modos, e a diferentes escalas, a cidade europeia até aos anos 40 tende a desenvolver-se a par da evolução tecnológica, ideológica ou higienista. Embora a cidade ganhe vias amplas, rectas, a altura dos edifícios e a sua decoração, as zonas de passeio surgem destinadas ao uso pedonal da cidade (Relph 1987). As características de desenvolvimento contínuo, associado, ou não, à configuração em quarteirão, mantêm-se enquanto características fundamentais do crescimento urbano, gerando uma estrutura repetida, previsível, com acessos transversais numerosos (Ellis [1986] 1991:117).

O uso caminhado, ao longo do séc. XX, altera-se de um modo sem precedente. À medida que surgem e se democratizam os diversos meios de transporte, o ser humano passa, no seu quotidiano, sempre que lhe seja possível, a sentar-se e a conduzir ou a ser conduzido, em vez de caminhar.

O modernismo e o planeamento institucionalizado e a desvalorização do caminhar; desconecção corpo e espaço

A seguir à Segunda Guerra Mundial, acompanhando evoluções técnicas construtivas, dá-se uma nova fase do desenvolvimento da cidade: o modernismo e o planeamento institucionalizado.

Neste contexto, no âmbito do urbanismo, a cidade tradicional é posta em causa, considerada densa, pouco salubre, distanciada da natureza, pouco apta para as novas formas de mobilidade, sem capacidade de resposta rápida e justa às necessidades habitacionais, nomeadamente ventilação, luz e vistas. Impõe-se uma nova forma de abordar a cidade, a cidade moderna.

Com o novo modo de pensar a cidade pelos arquitectos e urbanistas, radicados na visão de Le Corbusier, a cidade surge focada, por um lado, no edifício enquanto entidade individual, e, por outro, no funcionamento da estrutura global enquanto região urbana (Gutman [1986] 1991:251).

William C. Ellis ([1986] 1991:115-117) sumariza esta alteração na concepção da cidade com base na geração da mesma a partir de sólidos ou de vazios; olhando a cidade

tradicional como uma estrutura de espaços e olhando a cidade modernista como a estrutura de sólidos. Isto é, há uma alteração da característica espacial base da cidade tradicional: a tridimensionalidade.

A rua e os edifícios são planeados de modo separado; os edifícios não definem a rua. A unidade do edificado, equilíbrio entre espaço e edifícios, a existência de frente e traseiras estão ausentes no modelo da cidade moderna (Ellis [1986] 1991:120).

As cidades crescem, planeadas a grande escala, estruturam-se em função da física dos fluidos, primeiro a partir de grandes eixos assegurando altos débitos, em seguida em ramos secundários e terciários para distribuição eficiente de pessoas e bens. O mesmo modelo repetido para as outras estruturas lineares: a rede de águas, esgotos e electricidade (Ascher 2010).

O uso caminhado enquanto prática sócio-espacial da cidade, dinamizada pela interconexão, diversidade e versatilidade de oportunidades de uso, rede flexível de ligações físicas e sociais, transforma-se deixando de ser onnipresente.

De acordo com Edward Relph (1987), com o início da paisagem urbana moderna, gera-se um descolamento da leitura directa do meio envolvente. Ou seja, o Homem passa a atravessar o espaço, ignorando-o. Assim, dá-se a ruptura entre espaço de uso comum, colectivo, e espaço de circulação – é a progressiva passagem do espaço público para espaços semipúblicos e/ou espaços interiores (Ellis [1986] 1991:117).

Quanto mais adaptado está o meio à função da condução, mais direccionada e limitada necessita de ser a atenção em relação ao meio. Gera-se sensorialmente uma desconexão entre o corpo e o espaço (Sennett 1994:18).

A democratização do automóvel e o caminhar segmentado

Desde o início do séc. XX, mas em particular a partir dos anos 60, a circulação no espaço público foi sendo dominada por novos modos, novas velocidades de circulação, uma contracção do tempo e do espaço, contribuindo para o definhamento da vivência pública em algumas cidades.

A par da alteração da concepção espacial, também o modo de viver e as ambições da população se alteram. Frequentemente, a qualidade do espaço de habitação

ganha valor em detrimento da localização e das relações de proximidade, promovido e promotor do uso do automóvel e dos transportes em detrimento do uso pedonal.

Com o aumento da qualidade do automóvel e das vias de trânsito, com o aumento da velocidade, a cidade é sensorialmente acedida cada vez mais superficialmente. O espaço urbano tende a transformar-se funcionalmente em espaço de movimento, tornando o próprio espaço menos estimulante sensorialmente: o condutor necessita de atravessar de um modo expedito – não quer, nem deve ser, distraído ou despertado sensorialmente para a envolvente.

Mesmo a cidade tradicional, como exemplo Lisboa nos anos 60-80, reagindo contra o abandono e a degradação, adapta-se: os passeios tornaram-se um acesso, a sua dimensão, conforto e continuidade tornam-se características secundárias perante a sua função. Gerando-se assim um círculo vicioso, onde a relação do espaço e a sua função, sucessivamente, contribuíram para a inviabilidade da mobilidade pedonal plena na cidade.

Fruto do modernismo e de novas formas de vida, a rua, enquanto espaço/conceito primordial do uso caminhado, desagrega-se conceptualmente. O acto de caminhar, omnipresente, transforma-se, tornando-se por vezes numa acção que se restringe a uma necessidade de aceder entre uma porta e um meio de transporte. Ou seja, o caminhar quotidiano, funcional, passou a ser segmentado, circunscrito, limitado no tempo e no espaço (Amato 2004:2).

A reacção ao modernismo e a valorização da diversidade urbana e do uso caminhado

A reacção ao modernismo emerge no seio da arquitectura e, paralelamente, na sociologia europeia e norte-americana. Surge assim a introdução da complexidade do multiuso da rua, da sua tridimensionalidade na discussão teórica da cidade (Gutman [1986] 1991:252).

Em 1954, o denominado Team 10, um grupo de jovens arquitectos, dos quais se destaca o casal Alison e Peter Smithson, com o intuito preparatório e programático para o CIAM X, produz um documento denominado *Declaração do Habitat* (revisto e publicado como o manifesto de Doorn), que se insurge contra os processos modernos de planeamento, entre outros aspectos, em defesa do ambiente humano, da comunidade

social, cultural, ecológica, enquanto associação humana vital. Esta declaração é o último manifesto do movimento moderno (Ramos 2013:162).

Como reacção à desagregação da cidade no plano territorial e funcional, surge, nos anos 60, uma nova visão da cidade enquanto espaço de vitalidade, palco de coexistência e de interações entre desconhecidos, espaço ímpar de co-presença e de reconhecimento da existência do outro.

É de destacar, neste âmbito, e mais precisamente da valência e riqueza da rua, o alerta de Jane Jacobs, em *The Death and Life of Great American Cities* (1961), para a morte da vida pública e da vitalidade urbana nas cidades norte-americanas, apanágio da cidade tradicional. Incidindo a sua obra na realidade norte-americana, esta autora considera a destruição do urbanismo tradicional e a sua substituição pelo urbanismo modernista como responsáveis pela alteração profunda do uso público da cidade. A autora considera determinante o papel do urbanismo na vida da cidade, entendendo que a vitalidade surge da densidade do edificado de baixa altura, associada à diversidade de uso num mesmo espaço; actividade residencial, comércio, escritórios e indústria, associada à heterogeneidade social. Os passeios largos e ruas estreitas, inibitórias de velocidade, promovem o uso intenso e heterogéneo, sendo este um reflexo da vitalidade urbana.

Embora a realidade americana seja diferente – mais radicalizada – da realidade europeia, neste sentido é interessante a crítica de Herbert Gans, em 1968, a Jane Jacobs e ao seu estudo do declínio da vida pública nas grandes cidades americanas. Herbert Gans (1968:34-35) questiona a validade das premissas de Jacobs, ou seja, de que as pessoas desejam a diversidade, heterogeneidade, e que o urbanismo molda a vida e o comportamento do ser humano. Ou seja, este autor alerta que, a par da alteração física do território, há uma alteração de desejos e oportunidades individuais, que alteraram a relação do indivíduo com o espaço público urbano.

3.2 AS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

Os espaços são estranhos. Homogéneos, racionalizados, e como tal constroem, limitam; no entanto, ao mesmo tempo totalmente deslocados.

*Os limites formais desaparecem entre a cidade e o campo, entre o centro e a periferia, entre subúrbios e cidade central, entre o domínio dos automóveis e o domínio das pessoas.*¹²

Henri Lefebvre, *The Production of Space* ([1974] 1991:97-98)

O território urbano ou as megacidades

O processo de expansão do território, planeado ou não, consolidado pela democratização do uso automóvel e pelas novas ambições e expectativas sociais de qualidade de vida, constitui a génese da urbe contemporânea: a cidade enquanto território urbano.

Já em 1968 Lefebvre (2012:24) explora a nova realidade do conceito de tecido urbano, como – mais do que uma morfologia – suporte de uma forma de vida da sociedade urbana. Como uma malha irregular, o tecido urbano da cidade europeia foi-se estendendo pelos campos, mantendo espaços intersticiais de ruralidade, absorvendo os pequenos núcleos urbanos, erodidos, esvaziados ou transformados. Este tecido invade e absorve, movido pela dinâmica do capital, pela regra do espaço mercadoria, no qual o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso. Assim, a cidade estende-se, hegemonizando e expandindo a condição urbana.

Este processo de desenvolvimento dos principais centros metropolitanos europeus, sobretudo a partir dos anos 80 do séc. XX, deu-se a diferentes velocidades, apresentando alguma variação na estrutura urbana, dependendo do seu papel diferencial na rede europeia de cidades (Castells 2011:525).

As aglomerações urbanas são o resultado desta revolução urbana que afectou, em escala e forma, a cidade contemporânea, associada à crescente dinamização e expansão das mobilidades e dos sistemas de informação. Denominado por Ascher ([2004] 2010) metapolização, este processo resulta numa dilatação dos territórios urbanos, constituindo-se assim as metápoles, ou seja, vastas conurbações extensas e descontínuas, heterogêneas e multipolarizadas, que integram no mesmo conjunto a cidade densa, pequena cidade, vila e subúrbio (Ascher [2004] 2010:62 e 105).

¹² “Spaces are strange. Homogeneous, rationalized, and as such constraining; yet at the same time utterly dislocated. Formal boundaries are gone between town and country, between center and periphery, between suburbs and city centres, between the domain of automobiles and the domain of people.”

A dilatação dos territórios urbanos praticada usualmente pelos cidadãos, associada às novas técnicas de informação e à transformação dos sistemas de mobilidades urbanas, possibilitou a eliminação parcial da necessidade de encontro físico, enfraquecendo a importância da proximidade da vida contemporânea (Ascher [2004] 2010:62).

O modo do uso dos espaços e do tempo transformou-se, no sentido de uma funcionalização e especialização, resultando numa fragmentação do território de acordo com os objetivos.

Especialização e fragmentação; cidade escolhida

*O espaço não reflecte a sociedade, expressa-a, é uma dimensão fundamental da sociedade, inseparável do processo global de organização e de mudança social.*¹³

Manuel Castells, “Space of Flows, Space of Places: Materials for a Theory of Urbanism in the Information Age” ([2002] 2011:574)

Actualmente, verifica-se que, perante uma maior capacidade de mobilidade da população, cada indivíduo, de acordo com o seu poder económico, pode escolher onde quer viver, perto de quem. Embora (talvez) sempre tenha havido esta tendência e este desejo no ser humano, actualmente a possibilidade de o concretizar, por vezes mesmo à escala global, está mais acessível à maioria da população europeia. Diversos factores, sociais, económicos e culturais, influenciam cada indivíduo na escolha do local onde vive ou trabalha e no modo como usa a cidade.

De acordo com Madanipour (2005:12), a combinação da dispersão espacial e a liberalização económica conduz inevitavelmente à segregação; a acessibilidade económica ao imobiliário reflecte a condição socioeconómica dos seus habitantes. O distanciamento físico surge como um factor de maior distanciamento económico, social e cultural. A cidade da coexistência social e espacial com o outro é posta em causa. A polarização e segregação espacial aumentam a percepção de insegurança em relação ao outro, induzindo a procura e oferta de espaços controlados, como os condomínios privados.

¹³ “Space does not reflect society, it expresses it, it is a fundamental dimension of society, inseparable of the overall process of social organization and social change.”

O uso do espaço público e as novas formas de espaços privados de uso público readaptam-se à cidade dispersa, especializada e fragmentada. Como exemplo, existem os parques verdes ou grandes parques infantis dos subúrbios, os centros comerciais ou jardins de fundações ou museus. O espaço de uso público, seja ele público ou privado, tende a tornar-se monofuncional numa oferta de lazer, físico ou cultural, associado frequentemente ao consumo.

A consciência urbana contemporânea está dividida, por um lado, entre o desejo ou a saudade de relações sociais de proximidade, e, por outro, a vivência livre e individualizada, menos densa, mais privada, onde o contacto e a troca directa se fazem opcionalmente. Ou seja, entre o local e o global, entre a comunidade e o cosmopolitismo.

De diversas origens surgem propostas alternativas para a cidade, destacando-se os arquitectos Richard Rogers e Oriol Bohigas. Richard Rogers, focando a rotura na dimensão social e cultural do desenvolvimento urbano contemporâneo, defende a cidade compacta e os espaços polifuncionais enquanto promotores de identidade, sentimentos de tolerância e de respeito mútuo, estimulando uma cultura urbana geradora de cidadania. No mesmo sentido, Oriol Bohigas foca a relação essencial e privilegiada da cidade enquanto coincidência da dimensão física e social, enquanto criadora de múltiplas possibilidades de comunicação, oportunidades e de condições de relações humanas. Para este arquitecto, alguns factores se destacam como basilares à cidade: *compacidade* enquanto densidade humana, a *sobreposição* enquanto garante de complexidade, por redundância de funções e de percursos, e a *legibilidade* do espaço público enquanto ordem e leitura da sua forma (Proença 2014:9-10).

A cidade central e a revitalização do uso caminhado

A cidade tradicional europeia, a cidade maioritariamente anterior aos anos 40, persiste enquanto uma zona central de cada território urbano que integra. Cidade que, embora se reajuste, por vezes brutalmente, às crescentes exigências da vida urbana, mantém a escala e a riqueza do espaço que nasceu quando o meio de mobilidade dominante era o caminhar.

A cidade tradicional europeia, com o seu carácter denso e coeso, de acordo com os acessos, tipo de ocupação, valor histórico e infra-estruturas, readapta-se, mantendo-se diversa, enquanto cidade habitacional, cidade de serviços, cidade de comércio.

A cidade tradicional, em particular a cidade histórica, ganha um papel de destaque na metrópole, tornando-se um centro de sinergias, adaptando-se e competindo como uma unidade. Valorizada pela escolha, pelo contraste com a envolvente urbanizada, a cidade herdada surge enquanto espaço vocacionado para uso caminhado, enquanto paisagem praticada.

Se, em termos teóricos, a reacção ao modernismo foi clara a partir dos anos 60, é essencialmente a partir dos anos 70/80 que, nos principais centros urbanos europeus e norte-americanos, existe um interesse renovado pela rua por parte dos decisores. Este interesse incide essencialmente na valorização da rua de acordo com a dinâmica de vida pública gerada, associada ao investimento, com a convicção de que o desenho urbano pode contribuir positivamente para a dinamização da vida pública (Gutman [1986] 1991:254).

A rua e a sua vitalidade tornam-se numa metáfora da cidade: símbolo da evolução sociocultural no sentido do uso lúdico do espaço público. Surge assim o revivalismo da imagem idealizada, nostálgica, da rua de outrora. A qualidade de vida urbana ambicionada por muitos é o reflexo do regresso a um imaginário urbano no qual a urbanidade concentra a diversidade cultural e o acesso participado à rua enquanto experiência, espaço de comércio, de passeio e lugar de encontro. A transformação social em termos educativos, de literacia e conhecimento – através da comunicação social de outras realidades – promove expectativas e exigências em relação à cidade, nomeadamente equipamentos, infra-estruturas e acessos públicos (Gutman [1986] 1991:254). Ao longo dos últimos 50 anos foi-se criando e sedimentando uma cultura do uso do espaço público (Gehl 2015).

Neste sentido, na segunda metade do século XX, diversas cidades europeias são alvo de projectos de melhoramento do uso pedonal e da qualidade do espaço público, frequentemente associados à promoção da sustentabilidade na cidade. Copenhaga e, posteriormente, Barcelona são dois exemplos emblemáticos de implementação de políticas de dinamização do espaço público e do uso caminhado.

Jan Gehl (2010) destaca duas cidades, Copenhaga (desde o início dos anos 60), na Dinamarca, e Melbourne (desde os anos 80), na Austrália, como exemplos de cidades que, não só, foram alvo de intervenções sistemáticas ao longo de vários anos com o intuito de melhorar o uso pedonal, como ainda houve um registo sistemático de documentação da evolução destas e do processo positivo do uso do espaço público.

De acordo com Jan Gehl (2015), abordando as tendências da intervenção urbana, entre os anos 60 e os anos 80 as intervenções incidiram em criar zonas pedonais, nos anos 80-2000, as intervenções incidiram nas praças e nas zonas de estadia e esplanadas. No início do séc. XXI, o interesse incidiu nas zonas de lazer activo, e desde 2010 incide na valorização da rua e do espaço público urbano enquanto promotor de relações sociais e de uma sociedade melhor.

O caminhar ganha relevância enquanto prática opcional, frequentemente associado à valorização do lazer e às práticas do uso lúdico do espaço público.

Destas práticas, destaca-se o caminhar visitando, prática que incide sobretudo nos centros históricos, ou locais patrimoniais, locais de referência identitária para os habitantes e particularmente diferenciadores da cidade para quem a visita. Zonas da cidade que, no âmbito da especialização do território urbano, se tornam centros de lazer, de cultura e de uso caminhado.

Enquanto fragmento da metrópole, a cidade tradicional e, em particular, os seus núcleos históricos reorganizam-se perante a nova realidade. Os núcleos históricos especializam-se enquanto territórios turísticos, atraindo novos utilizadores dos espaços, novas actividades. A intervenção no espaço, com intuito de dinamização turística, induz uma transformação da cidade, iniciando – propositadamente ou inevitavelmente – processos de gentrificação.

3.3 A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A mudança e a evolução, ou seja, a modernidade, é um dos princípios essenciais da sociedade urbana ocidental. De acordo com Ascher ([2004] 2010), o processo de modernização assenta na confluência de três dinâmicas sócio-antropológicas:

individualização, racionalização e diferenciação social. Ao longo do tempo, este processo tornou-se cada vez mais rápido e mais global.

Embora não totalmente sobreponíveis, surgem várias denominações e conceitos que tentam abarcar os processos de transformação em curso na sociedade actual. Ascher (2010) denomina a fase actual de evolução da sociedade como a terceira modernidade, enquanto sequência de uma primeira modernidade iniciada com o Renascimento e de uma segunda modernidade iniciada com a revolução industrial. Outras das denominações, que se interseccionam, são a de sobremodernidade e a de pós-modernismo, como oposição, para alguns (ou evolução, para outros), do modernismo.

Marc Augé ([1992] 2005) define sobremodernidade recorrendo a três figuras: a superabundância de acontecimentos (o excesso de tempo), a superabundância espacial (o excesso de espaço), e a individualização de referências (o excesso de ego).

A sobremodernidade e atomização da sociedade

A sociedade actual tende a caracterizar-se por ser mais racional, mais individualista, mais diferenciada do que nunca. Mais racional pela indução a uma constante revisão e análise das práticas sociais, pela inadequação de modelos estabelecidos (tradições, costumes ou rotinas) perante um número vasto e mutável de situações individuais e colectivas. Assim, existe uma constante reflexividade (Ascher [2004] 2010:33).

Vive-se uma valorização do domínio individual do tempo e do espaço, que é reflectida na evolução e no acesso a tecnologias que aumentam a autonomia individual, nomeadamente através da liberdade de deslocamento, de comunicação e de acesso a informação. A par da flexibilidade aumenta a incerteza.

Assim, a sociedade é mais individualista e mais diferenciada pelo poder e dever de escolha constante. Mais ou menos determinadas socialmente, as escolhas individuais abrangem uma sociedade e uma panóplia de opções muito mais complexa. Geram-se, deste modo, perfis de vida e consumo cada vez mais fragmentados e uma diferenciação social cada vez mais complexa. A mobilidade física das pessoas e da informação participa de forma activa enquanto instrumento e resultante da diferenciação social (Ascher [2004] 2010).

A sociedade urbana contemporânea, a par do território que ocupa, é profundamente heterogénea e complexa, composta por indivíduos com aspirações e práticas múltiplas (Ascher [2004] 2010:106). Constata-se uma atomização da sociedade, a par da recriação das estruturas socioculturais que a sustentam.

A atomização da sociedade e o paradigma do automóvel

É inegável que a evolução da sociedade é acompanhada por um acesso gradual e crescente ao conforto, a uma necessidade e capacidade crescente de controlo sobre as suas condições envolventes. Neste âmbito, o acto de caminhar, enquanto prática diária obrigatória, tende a reduzir-se ao indispensável. O uso caminhado, de um modo contínuo e duradouro, enquanto modo de mobilidade, funcional, foi perdendo, ao longo do séc. XX, a sua importância.

A especificidade da mobilidade gerada pelo automóvel foi um vector de alteração sem precedentes do tempo, do espaço e do modo de ser e de estar dos indivíduos da sociedade contemporânea.

O automóvel adapta-se e promove de um modo ímpar a individualização, através da diferenciação e do poder individual de escolha. A flexibilidade da mobilidade, ou a capacidade individual de ser móvel, modelou a vida laboral e a sociabilidade dos indivíduos, nomeadamente ao nível familiar, comunitário e de lazer (Sheller e Urry [2000] 2004:207).

A utilidade, definida como o valor a diferentes níveis, do automóvel para cada indivíduo torna-se dominante. O automóvel permite a cada indivíduo deslocar-se de porta a porta rapidamente, permitindo uma deslocação protegida. Permite o atravessamento com o mínimo contacto com a envolvente: viagens contínuas casa-trabalho-casa, sem gastos de tempo em estações ou paragens, sem sensação de perigo (extremamente importante para a terceira idade e para o género feminino) (Sheller e Urry [2000] 2004: 209).

O automóvel tornou-se o espaço privado que transporta e é transportado até ao local desejado, funcionando como uma extensão da casa, em conforto, segurança e espaço individual. Como publicitado no anúncio da *Ford* em 1949: *Um Ford 49 é uma sala sobre rodas* (in Sheller e Urry [2000] 2004:211). Para cada proprietário, o automóvel assemelha-se frequentemente a uma sala móvel da casa, com uma diferença:

sensorialmente, o condutor deve estar direccionado para a sua função, bloqueando informação e distrações externas.

Se a difusão do automóvel e a liberdade que a sua adopção permite, por um lado, democratizou acessos, por outro, tornou-se um factor de imposição de modo de vida, um vector de segregação para quem não o detém, ou seja, um *deficit* de mobilidade, gerador de desigualdades e de exclusão social (Sheller e Urry [2000] 2004:212).

A dominância do automóvel frequentemente compete e afecta negativamente as outras formas de mobilidade. É usual os não condutores serem obrigados a adaptarem a sua mobilidade às infra-estruturas e à presença constante do automóvel (Sheller e Urry [2000] 2004:208-209).

Ao contrário da mobilidade associada à segunda modernidade e ao transporte ferroviário sincronizado, o automóvel permite individualmente uma dessincronização temporal. A liberdade de mobilidade e de interacção entre pedestres dá lugar a movimentos espacialmente associados à estrutura rodoviária.

O automóvel passa a dominar a organização espacial e temporal da sociedade. Embora se gerem novas normas e regras partilhadas entre estranhos, excluem a interacção cara a cara e as normas de convivência associadas ao uso pedonal.

A mobilidade com velocidade elimina a capacidade de apreciação do detalhe, de interacção com o outro, de experimentação percepcionada e de participação com o meio envolvente.

O tempo e o espaço – a produção do espaço abstracto

O tempo e o espaço são categorias básicas da existência humana. A alteração do domínio do espaço em relação ao tempo é um factor determinante na alteração da prática social do espaço e, por conseguinte, da produção do mesmo (Harvey [1990] 1995:202).

A ambição de eficiência no uso do tempo dinamizou-se e foi dinamizada pelas diferentes formas de mobilidade, ou seja, a tecnologia evoluiu no sentido de diminuição de tempo de viagem, de contracção espacial. A ocupação territorial foi sendo simultaneamente transformada e transformadora da sociedade.

A eficiência dos meios de transporte e de comunicação, a sua acessibilidade a grande parte da população, permite, física ou virtualmente, através dos meios de comunicação social, aceder e participar num mundo global, em detrimento do mundo local.

Lefebvre ([1974] 1991:56-57), em 1974, na sua abordagem ao espaço, considera que a produção do espaço social tende, assim, para uma valorização do espaço imagem, em detrimento do espaço concretizado pela prática, apropriado. O tempo é visto enquanto constrangimento, enquanto distância, sendo a apreensão dos significados realizada passivamente, sem tempo de afecto, ou de relação de apropriação. Sem tempo e sem prática, o espaço não se concretiza, tendendo a ser um espaço abstracto, neutro e dominado pela eficiência funcional.

Na vida contemporânea, há um domínio da produção do espaço abstracto, em detrimento da concretização espacial. A velocidade, a passagem rápida de um local para o outro, ou seja, a eliminação da distância, tende a contrair a produção social do espaço, pela especialização da prática social e depuramento dos espaços vividos. No espaço abstracto, há uma valorização de uma economia espacial em prol da funcionalidade, definida como um espaço de regras simples e claras. É o planeado, projectado, enquanto espaço consensual sem conflito, o espaço dos serviços e das trocas.

Actualmente, a especialização do espaço de uso público, em particular nos espaços lúdicos associados ao consumo, reflecte claramente este fenómeno do domínio do espaço pela função. Os espaços de lazer são uma extensão do espaço dominado, sendo organizados funcionalmente e hierarquicamente. O espaço controlado e gerido constrange de um modo muito particular, impondo rituais, gestos e formas discursivas (Lefebvre [1974] 1991:384).

O caminhar enquanto prática de concretização espacial

Na sociedade contemporânea europeia, o caminhar tem vindo a adquirir uma nova dimensão; restaura a dimensão física da relação com a envolvente e chama o indivíduo ao sentimento da sua existência. Como uma forma activa de meditação, solicita uma plenitude sensorial (Le Breton 2012).

O caminhar torna-se uma prática de reacção ao abstraccionismo espacial da vida moderna, que permite a concretização espacial e temporal da cidade e da sociedade

acedida. É um deslocamento individual que proporciona o estar presente, o atravessar, o participar.

João Teixeira Lopes (2007:72) defende a existência da especificidade de um tempo urbano, de alta densidade, especialmente associado ao caminhar na cidade e à apropriação dos espaços públicos, encarados como articuladores, força reactiva contrária à cidade segregada, social e culturalmente hiperespecializada.

Assim, a par da eliminação da utilidade do encontro, renova-se o interesse pelo contacto físico e pelas experiências tácteis, pela experiência directa da vida urbana, associadas agora ao lazer, ao comércio e ao uso cultural da cidade tradicional.

A sociedade actual, devido às novas formas de comunicação e produção, evolui no sentido de uma revitalização da cidade tradicional. As novas tecnologias, associadas a novos contactos socioeconómicos e laborais, permitem – ou induzem – uma nova atitude perante o uso do território, geram novas estratégias individuais e familiares, com forças centrífugas, mas também centrípetas, em relação à cidade central.

A dimensão cultural na sociedade contemporânea do uso caminhado tem-se vindo a alterar. De acordo com Amos Rapoport (1987:82,83), o uso pedonal é essencialmente cultural. Ou seja, embora o ambiente físico possa incentivar ou inibir o uso da rua (ou, numa situação extrema, bloquear), a actividade caminhada em qualquer cenário comportamental baseia-se em costumes, hábitos e modos de vida partilhados.

Assim, o regresso à rua multifuncional e multissocial tende a tornar-se útil e funcional e também uma opção cada vez mais valorizada em contextos laborais e habitacionais. Por opção, o caminhar volta a ter, para muitos, um papel importante no quotidiano. Ou seja, o estatuto do caminhar altera-se, ganhando relevância enquanto escolha de modo de vida urbana.

4 O(S) CAMINHAR(ES)

É o humor de quem a olha que dá à cidade de Zemrude a sua forma. Se passarmos por ela a assobiar, de nariz no ar atrás do assobio, conhecê-la-emos de baixo para cima: sacadas, tendas a ondular, repuxos. Se caminharmos através dela de queixo contra o peito, com unhas espetadas nas palmas da mão, os nossos olhares prender-se-ão ao chão, aos regos de água, aos esgotos, às tripas de peixe, ao papel velho.

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis* ([1990] 1999:68)

A relação do sujeito caminhante com o mundo acedido, a diversidade de relações e significados, determina e é determinada pelo modo de caminhar. Considera-se assim essencial abordar o espaço caminhado vivido, enquanto relação entre o sujeito e o espaço físico e social.

4.1 A (IN)DEFINIÇÃO DE CAMINHAR

Caminhar é o primeiro e fundamental passo no sentido de ter o corpo sensorialmente activo em contacto com o espaço, é a fusão da abordagem sensível com a abordagem reflexiva, pensada (Nuvolati 2014:23). O caminhar implica uma entrega física, uma exposição, o caminhar é essencialmente um modo de relação activa com o presente (Masschelein 2010:279).

O caminhar na cidade é um fórum para actividades sociais que se desenrolam ao longo das ruas, fazendo parte integral da própria prática caminhada. O caminhar, mais do que um modo de transporte, é um potencial início ou uma ocasião para muitas outras actividades (Gehl 2010:120).

O carácter desigual, em aspectos sociais e económicos, de acesso a diferentes tipos e escalas de mobilidade, quer seja internacional quer seja no bairro, na rua, é determinante no uso e nas relações com o espaço e com o outro.

A visão da rua, enquanto espaço de contacto com o outro, muda em função de modos de coabitação, de estilos de vida dos grupos sociais e culturais, das identidades individuais e colectivas (Rouilleau-Berger 2004:97). Cada indivíduo cria relações individuais ou colectivas com a cidade, sedimentando memórias. Cada indivíduo vai moldando e sendo moldado pela cidade que usa e partilha.

Por fim, embora não se aprofunde, vale a pena referir que o acto de caminhar adquire diferentes interpretações de acordo com as diferentes sociedades, de acordo com o género, de acordo com o local caminhado ou a hora do dia. Culturalmente, pode ser um factor estigmatizante, visto como sinal de falta de recursos ou de actividade dúbia, ou, pelo contrário, como um estilo de vida associado aos que têm tempo ou que têm o privilégio de viver no centro da cidade.

O caminhar necessário, opcional e social

A diversidade do caminhar enquanto actividade é clara quando nos dedicamos a observar alguém que caminha. Em cada percurso caminhado, diferentes modos de caminhar se interpõem, combinando-se; cada indivíduo adquire diferentes modos de caminhar, alterando a sua atitude como caminhante de acordo com as circunstâncias do momento. Como exemplos, o caminhar próximo da zona de residência, atento ao outro devido à probabilidade de encontro com conhecidos, um caminhar funcional numa utilização atenta da rua e do acesso directo ao comércio, o caminhar carregando algo, especialmente atento a barreiras físicas e a constrangimentos espaciais ao transporte (Monnet *et al.* 2015).

O modo como se caminha, ou a variedade de actos que o constituem, e a sua atitude ou requisitos perante o meio tendem a ser bastante distintos de acordo com o objectivo. Reutilizando a categorização proposta por Jan Gehl ([1971] 2006) para as actividades públicas no exterior, aborda-se o uso caminhado tendo em consideração se a prática espacial é predominantemente necessária, opcional ou social.

Enquanto no caminhar opcional as características climáticas e a qualidade ambiental do meio, com ênfase para as qualidades físicas, são factores determinantes

para a prática caminhada, o uso caminhado por necessidade é feito sobretudo de acordo com segurança e eficiência.

No estudo *The Act of Walking: Exemplifying Danish Pedestrian Culture* (Vestergaard *et al.* 2014), os autores confirmam esta clara distinção, ou seja, no caminhar para um transporte, os aspectos que os entrevistados destacam é segurança, liberdade, tempo, acessibilidade, em suma, autonomia. Quando se referem a um caminhar por lazer, destacam aspectos como experiência, relaxamento, bem-estar, memórias, meditação e exercício, ou seja, implica uma atitude de disponibilização voluntária de tempo e energia, com um valor de prática social frequentemente associado (Vestergaard *et al.* 2014).

O caminhar enquanto prática social está associado e depende da presença de outros indivíduos no espaço, incluindo diferentes tipos de interacção.

O caminhar, enquanto prática social, emerge com especial importância nos espaços públicos de proximidade, palco de interacções mais intensas; na rua de bairro, no atravessamento quotidiano dos diferentes espaços públicos, ou de uso público; jardins ou praças. O caminhar existe enquanto prática social de um modo muito particular na cidade, mais extensivo, enquanto imersão na vida pública urbana, espaço de dimensão pública colectiva com relações mais superficiais e eventualmente mais passivas (Gehl [1971] 2006).

O caminhar por lazer e as suas dimensões opcional, social e necessária

De acordo com John Urry (2007), o caminhar por lazer através de realidades físicas e sociais é uma prática curiosa e distintiva da sociedade moderna. Associado ao turismo urbano, o caminhar por lazer, mais do que apenas opcional, é necessário e social.

Os centros históricos urbanos concentram frequentemente os diversos factores que induzem ao uso caminhado lúdico.

A prática turística individualizada, característica do turismo contemporâneo, associada aos territórios adaptados, facilitadores da actividade, tem vindo a ser simultaneamente dinamizada e dinamizadora do uso caminhado. O caminhar por opção, por lazer, é representativo da concordância da prática e do território praticado, no

sentido em que o turista, mais do que aceder a pontos turísticos, opta, e sente-se confortável, pela imersão na cidade.

O visitante, na sua prática caminhada, tem uma experiência social, isto é, quando deambula relaxadamente na cidade que não é sua, acede ao comércio, imerge sem compromisso no quotidiano dos outros.

Embora a visita, e o modo como esta é vivida, se faça normalmente por uma escolha, emergem algumas necessidades associadas ao caminhar do visitante. Assim, tal como Michael Argyle (1992) enumera em relação ao lazer em geral, destacam-se quatro objectivos (combinados ou não) associados ao caminhar visitante: uso e desenvolvimento de competências físicas e/ou intelectuais, identidade, motivação social e relaxamento.

O uso e desenvolvimento de competências intelectuais surge particularmente enquanto associação do turismo urbano ao turismo cultural, do lazer à aquisição de conhecimento. Assim, o turista urbano tem objectivos e impõe-se a si próprio algumas obrigatoriedades, caminhando por necessidade, para acesso a determinados pontos turísticos, ou/e com o intuito de aquisição de conhecimentos relativos ao território atravessado..

Neste âmbito, destaca-se o uso de livros guia ou informação digital e o recurso a visitas guiadas caminhadas, que permitem um acesso mais informado à cidade acedida, descoberta de particularidades da cidade actual ou da cidade histórica. Como exemplo paradigmático, quanto a concentração de oferta e diversidade, destacam-se as visitas guiadas à cidade medieval de Toledo¹⁴.

No mesmo sentido, o turismo urbano caminhado, como uma escolha de consumo cultural, assume-se como uma forma de lazer que influencia o modo como o indivíduo se identifica e como os outros o identificam.

Neste âmbito destaca-se, pela especificidade do produto, o livro-guia *Paris: Quinze Promenades Sociologiques* (2001) de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, quinze itinerários explicativos dos processos e das formas sociais, arquitectónicas e humanas incorporadas na cidade acedida.

¹⁴ <<http://www.rutasdetoledo.es/index.php/rutas/>> – só deste operador, 11 visitas temáticas distintas: Toledo Mágico, Leyendas y Mitos, Templários em Toledo, Telodotht (la llave de Serfarad), El Greco, Inquisicion Toledana, Toledo Siniestro, Toledo Monumental, Três Culturas, Toledo Subterrâneo, Toledo Erótico. Acedido em Outubro 2015.

4.2 O CAMINHANTE E OS OUTROS

Ao caminhar encontro, encontro os outros, semelhantes ou radicalmente diferentes. Faço parte de uma espécie de comunidade efêmera que mobiliza competências e recursos de negociação e ajustamentos identitários.

João Teixeira Lopes, “Andante, Andante: Tempo para Andar e Descobrir o Espaço Público” (2007:71)

Caminhar numa cidade significa caminhar entre estranhos. O acto caminhado implica, de um modo mais ou menos consciente, uma constante reavaliação do meio físico e social acedido, de modo a garantir uma harmonização da interacção com a envolvente. Este aspecto é muito evidente perante uma grande densidade de caminhantes em que, espontaneamente, há um entendimento da obrigatoriedade funcional de sincronização do caminhar. Os ritmos, a cedência de passagem ou o desvio quase imperceptível são inerentes ao caminhar colectivo urbano.

Ao contrário da estadia, de um modo geral numa prática diurna, caminhar, por se associar à vertente funcional do uso quotidiano, é uma prática socialmente aceite. Ou seja, na rua, o acto de ter destino implica um objectivo exterior, um envolvimento dominante fora da situação. Em oposição, o estar sentado, o estar sem destino aparente é estranho e pode ser interpretado como tendo objectivos dúbios. Frequentemente, há um desconforto em estar só, parado na rua, levando os indivíduos a recorrer a auto-envolvimentos (Goffman 1966), como por exemplo, actualmente tão comum, o mexer no telemóvel.

Os caminhantes, através do direccionamento do olhar, da velocidade do passo, gerem a sua interacção com os outros de acordo com a percepção de oportunidade e risco, de acordo com o que incomoda ou agrada. É neste confronto com o outro, que coexiste momentaneamente no mesmo espaço, que se interpreta a diferença.

A partilha de normas e a interacção com o outro no uso caminhado

O desconhecido

Simmel ([1908] 1997:161 in Shortell e Brown 2014:2) considera que o facto de as pessoas se moverem na cidade dá um significado único à mesma; existe uma relação profundamente enraizada entre o movimento no espaço e a diferenciação entre elementos sociais e pessoais da existência de cada um. O olhar o outro cara a cara é considerado a mais importante e mais pura interacção que existe.

Segundo Goffman (1966), quando as pessoas estão presentes com outras, elas conseguem funcionar não meramente como instrumentos físicos mas também como instrumentos comunicativos. Esta possibilidade existente para toda a gente, e em todas as sociedades, rege-se por normas, originando um tipo de conduta de comunicação. O autor denomina este tipo de regras propriedades situacionais, ou seja, as regras sociais que determinam concepções e modos de partilha de cada indivíduo, para uma determinada envolvimento.

O caminhante da cidade caminha, em simultâneo, com um universo de desconhecidos. Olham-se, mesmo que subtilmente, de modo mais ou menos consciente percebem-se, avaliam-se. Interpretam-se, categorizam-se. Goffman (1966) denomina interacção não dirigida¹⁵ o tipo de comunicação que ocorre quando o outro passa e se tira informação com o olhar (*glance*).

Existe um certo grau de comportamento cooperante entre desconhecidos no uso da cidade (Wolf 1973 in Lofland 1998:25). O cosmopolita, enquanto ser urbano, frequentemente aparenta uma facilidade ímpar no deslocamento nesta categoria de território que é a cidade, domina as normas e as regras de comportamento.

Como princípios, ou base de um contexto normativo entre desconhecidos na cidade, Lofland (1998), reinterpretando parcialmente o trabalho de Goffman, enuncia cinco princípios, interligados, fundamentais, de interacção entre estranhos:

1 - Motilidade cooperante¹⁶ – Ou seja, os desconhecidos coordenam-se para usar o espaço sem incidentes. Esta ausência de incidentes só se verifica porque existe uma cooperação na mobilidade, no uso físico do espaço, entre estranhos.

Muito visível perante uma grande densidade de caminhanes, formam-se padrões, princípios de comportamento, uma coreografia de movimentos que surge

¹⁵ *Unfocused interaction*.

¹⁶ *Cooperative motility*.

de uma subtil interacção entre caminhanes, que se movem, com uma intuitiva coordenação, gerada pela interpretação e expectativa de comportamento do outro (Wolf 1973 in Lofland 1998:32; Seamon 1979). Existe uma cooperação tácita essencial ao fim comum, existem princípios, normas para coexistência e interacção entre desconhecidos.

2 - Alheamento cívico¹⁷ – Forma de expressão de rituais interpessoais entre desconhecidos que, constantemente, regula a interacção social de pessoas em sociedade; regra mútua de convivência que, perante a co-presença pacífica entre estranhos, permite estar sem ter de interagir activamente. O alheamento cívico pode ser considerado a cortesia mínima entre pessoas, no sentido em que corresponde a tratar os restantes como participantes. As suas formas de expressão diferem entre culturas e subculturas, grupos sociais e idades.

3 - Proeminência do papel de espectador¹⁸ – Coexistente com o alheamento cívico, e também observado por Goffman (1966), o indivíduo em primeira instância é um observador, um espectador da sua envolvente.

Tal como o fotógrafo americano Garry Winogrand ([1980] 2015) afirmou – “Por vezes sinto que... o mundo é um local onde eu comprei um bilhete para aceder. É um grande espectáculo feito para mim, e que não existiria se eu aí não estivesse com a câmara fotográfica”¹⁹ –, todo o utilizador da cidade é um espectador do momento que se revela perante si. A interacção com o outro e com o cenário é, mesmo e até frequentemente em situações mais tensas, caracterizada por um sentimento misto de espectador mais ou menos participante.

Esta postura de *voyeur* existe de um modo variável de acordo com o caminhanes e a sua relação com o espaço. A cidade, para o visitante, é frequentemente vivida como um espectáculo, que ele vê, aprecia de fora da vida real do dia-a-dia. Esta qualidade de espectador é rentabilizada pelas diversas pequenas *performances* que pululam as zonas comerciais e/ou turísticas das cidades (Lofland 1998:32).

¹⁷ *Civic inattention.*

¹⁸ *Audience role prominence.*

¹⁹ “Sometimes I feel like... the world is a place I bought a ticket to. It’s a big show for me, as if it wouldn’t happen if I wasn’t there with a camera.”

4 - Ajuda pontual (*restrained helpfulness*) – Como exemplo, perguntar uma direcção, uma interacção entre desconhecidos que é comum na cidade.

5 - Civilidade em relação à diversidade (*civility toward diversity*) – Fundindo-se com o conceito de cidade, a civilidade perante o encontro cara a cara de uma população heterogénea, a coexistência de indivíduos muito diferentes e a noção partilhada do direito à diferença (Lofland 1998:33).

O reconhecido

Perante o uso recorrente do mesmo espaço, tal como com o espaço em si, os estranhos, os desconhecidos passam a reconhecidos.

Na qualidade de estranho, a noção de estrangeiro de Simmel ([1908] 1971) sintetiza de um modo muito claro este estado simultâneo de relação e ausência dela, gerando uma forma específica de interacção com o outro. De acordo com Simmel ([1908] 1971:148): “O estrangeiro está distante e perto ao mesmo tempo, como em qualquer relação baseada meramente nas semelhanças universais humanas.”

O estrangeiro existe na união da posição de estar perto e estar longe, consubstanciando uma forma de co-presença e interacção, mesmo que se prolongue no tempo, não enraizada, caracterizada pela potencialidade latente de ser efémera.

A deslocação pela cidade, o movimento pedonal quotidiano no espaço, são determinantes nestas relações entre os indivíduos e de acordo com a fase de vida determinadas pelas mesmas.

Pela reapropriação do termo de Michel Agier (2011:91), a forma de *cidadinidade* do caminhante surge de cada implicação, ou engajamento situacional; as suas acções, interacções e as suas representações são definidas a partir de uma dupla relação: relação do indivíduo com a cidade sócio-espacial e relação com os outros, ou dos cidadãos entre si.

4.3 DOIS TIPOS DE CAMINHAR – DOIS TIPOS DE ATITUDE PERCEPTIVA

O motivo por que se caminha, ou a lógica associada ao caminhar, afecta os aspectos que se destacam ou valorizam no espaço. Vamos abordar dois tipos de caminhares, de atitudes tendencialmente opostas na sua relação com o meio. O uso caminhado enquanto transporte e o uso caminhado *per si*.

4.3.1 O caminhar enquanto transporte (prática quotidiana)

O uso do caminhar na cidade, para a maioria da população, é uma forma de transporte. É um uso que se repete regularmente, ganhando um carácter próprio na relação do indivíduo com o meio sócio-espacial acedido. É o caminhar ancorado no espaço, repetido no tempo incorporado no caminhante.

Rachel Thomas (2008:1), baseada na sua pesquisa de uso caminhado quotidiano em quatro bairros, dois em Génova, dois em Grenoble, considera que é essencial uma reapreciação do poder da ambiência urbana local no acto de caminhar.

Neste sentido, existe uma codeterminação entre a prática do caminhar quotidiano e as ambiências urbanas, construindo de uma maneira continuada o modo como o espaço é percebido na prática espacial, racionalizado enquanto quadro de referência e vivido numa relação corporal do indivíduo com o mundo.

No uso quotidiano da cidade, o estilo de vida associado a diferentes fases da vida gera diferentes mapas individuais de ruas, percursos com apetência para serem caminhados. O acto de caminhar pode assim ser entendido como o resultado de uma negociação interna do indivíduo e das suas estratégias diárias de mobilidade (Lassen 2005 in Vestergaard *et al.* 2014). As memórias associadas aos espaços, o conhecimento ou inferências sociais e espaciais do espaço geram opções de percursos que por vezes se afastam da ligação funcional, real, mais curta entre dois pontos.

Neste âmbito, destaca-se um factor determinante e individualmente evolutivo, tanto na escolha do percurso como na combinação de modos de caminhar, em particular no uso quotidiano – a capacidade física para a prática caminhada. Embora seja bastante subjectivo, para um adulto saudável, em situações quotidianas normais, é aceitável

caminhar 400-500m. Embora este valor seja o resultado da distância física real, ele é em grande parte dependente das qualidades do meio, ou seja, da qualidade da experiência, promotora ou não do uso (Gehl [1971] 2006; Gehl 2010:121). Outro aspecto importante é o uso de rodas: seja em cadeira de rodas, seja o caminhar com um carrinho de bebé, gera percursos caminhados adaptados ao uso das mesmas. Nos dois aspectos focados, as características do percurso, como por exemplo a qualidade do pavimento, podem ser promotoras ou dissuasoras do uso (Gehl 2010:122).

Por fim, é de referir o estudo de Miguel Diaz (2015) e a exploração do significado que os habitantes conferem à sua prática diária caminhada. Neste estudo, o investigador acompanha e entrevista o caminhante. De acordo com o mesmo, os dados indicam que não existe um significado único associado à prática, mas antes, aquilo que é transmitido do que é experienciado é uma activação de memórias, sensações e reflexões pertencentes a uma paisagem pessoal activada no movimento pelas ruas.

O caminhar quotidiano e a atitude perceptiva

A repetição física de uso do espaço é absorvida; o caminhar, pela repetição, gera memória, relações que se aprofundam por sobreposição, entre o caminhante e o espaço.

Assim, no caminhar quotidiano, a atitude perceptiva dominante é a abstracção do meio e a ‘memória do corpo’. Isto é, se por um lado existe uma atitude perceptiva com um cariz funcional, de ligação entre partida e destino, e contorno ou eliminação de obstáculos a esse intuito, por outro existe uma abstracção de uma consciência cognitiva do caminhar permitida pela repetição, pela rotina.

David Seamon (1979:38), debruçando-se sobre os hábitos e comportamentos não conscientes que influenciam a escolha automatizada de um percurso, considera que a natureza do movimento habitual surge do corpo que alberga uma sensibilidade propositada. O autor, reutilizando o termo proposto por Merleau-Ponty, adopta a expressão *body-subject* para descrever a capacidade inerente do corpo de direccionar comportamentos da inteligibilidade do indivíduo, uma pré-consciência usualmente descrita como automática, involuntária ou mecânica.

De acordo com David Seamon (1979:48), o *body-subject* aprende através da acção; o movimento torna-se familiar quando o corpo realiza o percurso diversas vezes e incorpora a acção no seu pré-reflexivo entendimento do ambiente percorrido. O

indivíduo liberta-se do meio estável, previsível, activando a consciência cognitiva apenas perante a diferença e a perturbação do previsto.

O autor propõe o conceito de *place ballet* enquanto realidade assente nas rotinas, neste caso, caminhadas, na relação repetida pré-reflexiva da corporalidade. Enquanto organização de expectativas, familiaridade contínua e estável.

4.3.2 O caminhar enquanto acesso à cidade *per se*; prática de observar deambulando

O consumo de tempo sem horários fixos estimula a atitude de observar e decodificar. Grande parte dos seres humanos que caminha deambulando e observa uma cidade, mais ou menos consciente do processo, pensa, critica, compara, recria novos conceitos, novas categorias.

A prática do deambular, caminhar *per se*, é um modo de caminhar, explorar e interpretar a cidade. Prática baseada em quatro principais actividades humanas: caminhar, observar, pensar e eventualmente criar. O caminhar *per se* requer tempo; não se encaixa na distribuição rígida metódica do uso contemporâneo do tempo. O caminhante é livre para caminhar a cidade, aberto a serendipidade (*serendipity*) da cidade (Nuvolati 2014:23-24).

O presente é o que é experimentado quando se está atento, ‘presente no momento presente’. É importante a educação do olhar, da observação crítica, da necessidade de olhar a realidade directa (Masschelein 2010:275). A prática de longos percursos na cidade é um modo importante de gerar e educar no sentido de ‘olhar diferente’ (Kohler 2014:152).

A distância, como já abordado, enquanto modo de como nos relacionamos com o mundo, afecta o modo como este é olhado. Assim, este caminhar é uma escolha activa, um deslocamento do olhar que procura a experiência. É o caminhar atento, requerendo um estado de espírito aberto à realidade envolvente e ao modo como esta se apresenta (Masschelein 2010:275-277).

Neste sentido, abordam-se três tipologias, aparentemente antagónicas, de caminhar *per se*.

O caminhante habitante da rua

Existe uma especificidade do modo de olhar a rua daquele que vive nela, aquele que não tem abrigo, como já mencionado por Walter Benjamin em 1928 (1979:316), no seu texto *A Berlin Chronicle*.

Os centros das cidades, pelas oportunidades que propiciam, pela diversidade de pessoas que atraem, tendem a atrair também a população marginal. Marginal no sentido de não integrada no sistema convencional da sociedade, ou seja, por vezes sem abrigo, normalmente sem ocupação, sem acesso a recursos básicos.

Embora sem recorrer a dados, aparentemente parte desta população caminha a cidade intensamente com um intuito funcional, seja na procura de local para dormir, seja para pedir, seja para respigar os seus desperdícios.

De acordo com Ali Madanipour (1998:191), a organização física do espaço (natural ou construída), a percepção mental e o controlo social são factores que influenciam a diversidade de opções de prática do espaço, a liberdade do uso, e a mobilidade.

Geralmente sem horários fixos, este grupo da população deambula pela cidade, vê, usa e interpreta a cidade de um modo não convencional (Nuvolati 2014:246).

O flâneur contemporâneo; o etnógrafo, o artista, o construtor de narrativas da cidade caminhada

*O flâneur é o artista da cidade, uma espécie de detective amoroso que observa quem passa do mesmo modo que observa as fachadas ou o ambiente das ruas.*²⁰

David Le Breton, *Marcher: Éloge des Chémins et la Lenteur* (2012:119)

A figura do *flâneur* surge enquanto conceito aceite de explorador urbano, como um caminhante especial, originalmente associada ao caminhante *blasé* da Paris moderna

²⁰ “Le flâneur est l’artiste de la ville, une sorte de détective amoureux qui observe les passants comme le détail des façades ou l’ambiance des rues.”

do início do séc. XX. Nesta abordagem, o caminhante *flâneur* é aqui encarado enquanto um tipo particular de caminhante: o que usa a cidade com o intuito de observar, interpretar e eventualmente produzir narrativas. É um modo de caminhar aliado a um modo de olhar; um olhar de fora, de descoberta.

A noção de *flâneur* tem vindo a ser usada recorrentemente por diversas disciplinas para designar escritores, poetas, artistas, intelectuais que caminhando fazem uma observação, distanciada e crítica, do meio urbano. A prática intelectual ou artística da *flânerie*, enquanto modo de narrar a cidade, surge frequentemente associada a um revivalismo do situacionismo e das práticas de deambulação.

A *flânerie* passou a fundir-se com uma metodologia do andar, uma ferramenta de análise do meio urbano. O conceito de *flâneur*, neste contexto, ganhou um carácter intencional: “O *flâneur* é um caçador de sinais do quotidiano que não conseguem ser decodificados pela análise convencional da racionalidade, requerendo um gesto, uma atitude artística” (Nuvolati 2014:29).

Embora cada cidade tenha os seus próprios *flâneurs*, indivíduos que ao longo do tempo fixaram por palavras o *gennius loci* de partes da cidade, ambiências urbanas vividas e narradas, na sociedade pós-moderna há uma valorização das narrativas enquanto instrumentos, metodologias de interpretação da sociedade e do ambiente urbano (Nuvolati 2014:24).

Neste sentido, destacam-se os trabalhos com uma metodologia de errância urbana, enquanto prática de experiências erráticas na cidade, forma de imersão no meio urbano, de valorização da experiência e insurgência crítica contra o empobrecimento e a simplificação do meio (Jacques 2012).

O etnógrafo caminhante é frequentemente um *flâneur* no sentido em que procura interpretar e revelar a cidade observada (Nuvolati 2014:24). O método caminhar revela a distribuição espacial, a permeabilidade e espessura das suas fronteiras. No acto de caminhar um território, os limites da acessibilidade são testados, o percurso, a presença é negociada. Há o reconhecimento de microterritórios de diferentes ambiências, com diferentes extensões e persistências (Gatta e Palumbo 2014:246).

Frederica Gatta e Maria Palumbo (2014:246) comparam diferentes modos e atitudes de caminhar com um intuito de observar e narrar, modos que fazem do caminhar um instrumento etnográfico: a atitude mais boémia e complacente da *flânerie*

de Walter Benjamin; a atitude mais intencional e com um rigor mais sistemático da *dérive* situacionista; a estratégia paciente e aberta do *floater*; e o método de ‘observação flutuante’ proposto por Colette Pétonnet, de manutenção de uma percepção receptiva.

Por fim, neste universo, considera-se relevante mencionar o artista caminhante, ou o caminhar como prática artística, enquanto forma de inscrição e intervenção na cidade. As poéticas do artista caminhante, ou o enraizamento das suas construções metafóricas, surgem da imersão, no relacionamento com a cidade concreta, numa tentativa de tirar o véu de opacidade que a rotina cria no olhar habituado da prática caminhada no quotidiano. Nesta prática artística caminhada no espaço urbano, destaca-se a obra de Francis Alys, belga residente na cidade do México (Carvalho 2007:35).

O caminhante visitante

O peão, o caminhante no uso quotidiano, é atento aos perigos, olha o chão e desvia-se dos obstáculos que aparecem. O caminhante visitante olha para cima, desconstrói os princípios funcionais que regem a cidade, faz da rua um espaço de deambulação. A rua, de meio, transforma-se num fim, num lugar de vida (Le Breton 2012:119).

O visitante olha a cidade enquanto espectáculo participado, enquanto espaço sensível. Fá-lo com uma atitude e com um uso do tempo impraticável no seu quotidiano. O olhar de fora, perante a diferença, o fascínio perante a descoberta de figuras e comportamento, por vezes perante o exotismo do que foge da sua experiência quotidiana.

Com uma visão de ‘fora’ do meio envolvente, o visitante julga pela aparência, constrói, interpreta a cidade acedida a partir da sua experiência, predominantemente visual, avaliando de acordo com os seus cânones estéticos (Tuan [1974] 1990:64). O visitante, ao ter uma visão sensorial, superficial, da realidade, tem uma visão ‘fresca’, não habituada, adaptada ao meio, sendo capaz de detectar méritos e defeitos que não são visíveis ao residente (Tuan [1974] 1990:64).

Embora se tenha presente que a prática do turismo urbano é extremamente diversa e por vezes extremamente obsessiva com a rentabilidade do tempo, com horários, considera-se que cada vez mais, no âmbito do turismo urbano europeu, a cidade tende a ser praticada, caminhada. Neste sentido, cada vez mais a prática do

visitante, enquanto caminhante atento que explora e interpreta a cidade, aproxima-se do conceito de *flâneur*.

Com uma visão mais estética do que ética, entre o estar envolvido e o ser espectador, o visitante pratica uma *flânerie* contemporânea que usa a cidade no limite do seguro, do terreno confortável (Nuvolati 2014:24). A *flânerie* é encarada aqui enquanto prática de caminhar e observar, de um modo activo, a cidade.

Krase (2012 in Krase 2014), explanando sobre as semelhanças entre o etnógrafo visual e o turista, observa que, no atravessamento de espaços nas cidades, ambos decifram sinais, pistas de ambiente a que estão expostos: É seguro? Sou bem-vindo? Que tipo de bairro é este? Os residentes são pobres ou ricos? Que etnia, religião? O que surge da interpretação influencia a experiência e o modo como o caminhante reage e responde aos espaços e às pessoas.

Tal como o etnógrafo ou o artista mencionados anteriormente, o visitante, também ele, cria narrativas, mais ou menos privadas; partilhando fotografias e filmes, por vezes de um modo imediato, partilha o momento que está a viver.

5 O CAMINHAR ENQUANTO PAISAGEM URBANA PRATICADA

Walter Benjamin (1979:50), comparando uma estrada rural, caminhada e sobrevoada, faz o paralelismo com um texto lido e a sua reprodução manuscrita. Apenas quem caminha a estrada, tal como quem escreve, tem presente o poder e o modo como o percurso é construído e acedido, apenas quem escreve as palavras é submetido por elas.

Também Certeau ([1980] 1998:177) analisa a riqueza de caminhar o sistema urbano, o praticar a cidade, fazendo um paralelismo com o acto da fala. Certeau (1985:124) também considera a cidade panorama visto de cima, como a cidade teórica em oposição a cidade olhada por troços que se acede quando se caminha, a cidade praticada. O material bruto da cidade praticada são os caminhantes, cujos corpos, sem ler, seguem as linhas e os traços de um ‘texto’ urbano.

Assim, quando pensamos em paisagem urbana, surgem duas imagens, que se assemelham: a cidade lida e a cidade escrita.

A cidade lida é a cidade ficcionada geradora de leitores, transformadora, congelando a mobilidade opaca em texto cristalino, a complexidade em matéria legível (Certeau 1985:124). É a cidade vista de cima de um prédio ou imaginada do topo, que se aproxima da cidade do papel, da cidade do urbanista, do geógrafo, ou seja, aproxima-se do simulacro teórico do desenho, “um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (Certeau [1980] 1998:171).

De modo análogo, pelo distanciamento é planeada a cidade-conceito racional, de espaço objectivo, cidade de não-tempo ou do tempo futuro, com estratégias niveladoras dirigidas ao sujeito anónimo, universal (Certeau [1980] 1998 e 1985:124).

Em oposição, temos a paisagem urbana praticada, a paisagem escrita, a cidade do chão. A paisagem praticada é a rua, os edifícios que a compõem, as árvores, os sinais,

automóveis, movimento, pessoas, ou seja, um todo complexo e interligado. É a cidade enquanto rede de movimento, fragmentos de trajectórias, de história de escritos intercruzados, sem um criador único, sem um espectador único (Certeau 1985:124).

Os praticantes da cidade caminham-na, percorrem espaços mais abertos, mais vazios, sem nunca ver o todo. As linhas escritas por cada percurso percorrido geram uma malha entrecruzada, múltiplas histórias que se sobrepõem, compondo a cidade praticada (Certeau [1980] 1998).

Na cidade, em particular na cidade compacta enquanto território coeso de espaços caminháveis, existe uma oferta ilimitada de possibilidades de constituição de um percurso, de deslocação pedonal contínua. Cada passo tem uma unidade qualitativa; um modo de apreensão táctil e apropriação quinestésica. O movimento do andar é uma criação espacial que liga locais (Certeau 1985:129).

O movimento faz-se por diferentes espaços que se interligam constituindo um corpo orgânico de fluxos e confluências, formado por espaços variados, em dimensão, forma e uso. O caminhar faz-se através de diferentes configurações da cidade, nomeadamente praças, praças, jardins, miradouros, arcadas ou mesmos edifícios ou/e espaços privados de uso público. À medida que cada percurso é feito e refeito, aparentemente encurta, e a cidade praticada agrega-se.

Por um lado, o percurso apoia-se no espaço público vivo, por outro, é fluxo de vida e movimento que alimenta estes espaços. Há uma relação metabólica, semelhante ao fluxo sanguíneo, que alimenta cada espaço da cidade, sendo que cada espaço promove e dinamiza o fluxo.

Pretende-se agora focar a vertente material, sócio-espacial, da prática caminhada, tanto ao nível da experiência do indivíduo como ao nível da produção social do espaço caminhado.

5.1 A RUA, O PERCURSO E A ACTIVACÃO OU DESACTIVAÇÃO DA CIDADE

A cidade caminhada é os múltiplos cenários dinâmicos de interacção, dinâmicos em variáveis espaciais e temporais. Assim, quando se usa a cidade caminhando, percorre-se, atravessa-se o espaço público, que nunca é um espaço vazio, neutro. A ordem espacial é organizadora de possibilidades, o caminhante é gerador de variações, improvisações. Activa e desactiva fragmentos da cidade que pratica.

A rua é o primeiro bem público ao qual cada cidadão acede. O caminhar uma rua faz com que a rua se imponha, que comande o nosso olhar e nos apresente de forma marcante as suas diferenças. Reflexo da sociedade, é espaço de expressão social das discrepâncias, das desigualdades, da incerteza, do reconhecimento ou do não reconhecimento do outro (Roulleau-Berger 2004:13).

Há percursos, rotas que cada indivíduo se habitua a fazer, escolhas de ruas particulares que se fixam, não só por motivos funcionais e lógicos mas também por desbloquear memórias ou oferecer expectativas positivas, ou não negativas. Há selecções que, quase como uma máquina, se fazem automaticamente, como se os nossos passos soubessem o caminho e seguissem sempre o conhecido.

A paisagem é praticada em cada deslocação, em cada passo, em cada paragem. Se a rua, pela sua morfologia, constitui um suporte por excelência às movimentações e deslocações, a praça ou o jardim são elementos marcantes na diversidade da configuração espacial social urbana.

O modo como se constrói o percurso, como se dispõe da cidade, como se activa e desactiva cada troço percorrido, tem uma sintaxe própria.

5.2 A RUA ENQUANTO ELEMENTO BASE

Falar da rua é falar da cidade.

Graça Cordeiro e Frederic Vidal, *A Rua: Espaço, Tempo, Sociabilidade* (2008:9)

Ao abordar a rua, é essencial, antes de mais, evidenciar a diversidade física e social deste elemento urbano. Reflectindo sobre a origem de cada rua, isto é, o modo como surgiu na paisagem, quem a promoveu e a edificou e com que objectivo, para ou

por que habitantes, surgem de imediato factores diferenciadores e determinantes de características físicas e socioeconómicas das mesmas (Nunes e Baptista 2008:109).

As ruas não são todas iguais: ruas do centro urbano ou ruas de subúrbios, ruas de bairros ricos ou de bairros populares. Em termos materiais, físicos, a rua revela hierarquias sociais e distinções culturais (Roulleau-Berger 2004:67). Mas sobretudo não se circula do mesmo modo, não se olha o outro do mesmo modo, não se tolera o mesmo em todos os lados (Roulleau-Berger 2004:67). Cada rua é dotada de qualidades particulares, frequentada por determinados públicos que mudam ao longo do dia, ao longo da semana e, por vezes, como exemplo o turista, ao longo do ano.

Assim, considerou-se essencial sublinhar algumas premissas base, alguns elementos e funções comuns, interdependentes, para o entendimento da essência da rua enquanto espaço primordial do uso caminhado da cidade.

Rua enquanto construção espacial tridimensional

Antes de mais, a rua é tridimensional na sua relação com o território. A rua existe enquanto realidade gerada num território com uma topografia que é génese com ou sem planeamento do carácter da própria rua. Sérgio Proença (2014:325-331) utiliza a seguinte tipologia: rua de cumeada, rua de vale, rua de costa ou marginal, rua de meia encosta e rua trepadora, confirmando com exemplos de Lisboa a importância da localização fisiográfica da rua nas funcionalidades que esta estabelece.

Outro aspecto essencial na tridimensionalidade da rua é que a rua é muito mais que a via e os respectivos passeios, a rua é sobretudo os edifícios que a delimitam, o seu volume, as suas fachadas, arcadas, reentrâncias ou transparências dos envidraçados (Gutman [1986] 1991:249). O espaço público, as zonas entre o público e o privado coexistem nesta tridimensionalidade (Rykwert [1986] 1991:26). Estes aspectos basilares da rua, como já referido, são postos em causa com o modernismo.

Outro aspecto relevante desta forma material é que a rua, embora funcione como parte de uma rede de ruas, garante da continuidade, é uma entidade física delimitada, definida (Gutman [1986] 1991:250).

Rua enquanto construção sociocultural

A rua é uma construção sociocultural na sua estrutura, porque é o produto de intervenções que, ao longo do tempo, a determinam, a constroem. A rua é uma construção sociocultural, de organização de memórias individuais ou/e colectivas, memórias que definem identidades. A intensidade social de cada espaço prende-se com os diferentes contextos sociais, usos atribuídos e carácter contextual e morfológico da própria rua.

Tendo-se desenvolvido frequentemente enquanto *forum*, vida pública urbana, com a evolução da sociedade não só perdeu a sua exclusividade, como passou por vezes a existir simplificada à função de acesso. Este abandono, ou degradação de significado, veio, no final do séc. XX, a ser a base para a reconsideração da rua enquanto peça mestra da recuperação da urbanidade.

Paradoxalmente, com frequência as intervenções na cidade eliminam as relações pré-existentes com o espaço, impondo o esforço de recriar relações, balizadas pelo novo meio imposto.

Rua enquanto função social expressiva

Veja-se agora a rua enquanto função social expressiva, no sentido em que a rua constitui uma ligação entre pessoas, permitindo a comunicação, a interacção, recreio e lazer, logo servindo para ligar a ordem social das comunidades (Gutman [1986] 1991:250). Ou seja, integrada na dimensão social, a rua tem uma dimensão cultural, isto é, regras interiorizadas, de saberes e de práticas partilhadas. A rua é palco gerado e gerador de cultura apreendida socialmente; modelos interiorizados pelos indivíduos, oferecendo aos indivíduos escolhas e opções dentro dos valores dominantes, moldando personalidades, comportamentos e coerência de condutas (Fischer 1994:55,56).

Se a rua é espaço de expressão colectiva, partilhada, de aceitação, de urbanidade, a rua também é espaço de expressão de rupturas culturais, económicas e sociais, espaço de imposição, de apropriação, como por exemplo pela demonstração, através da pintura das paredes, do não respeito das regras implícitas de reconhecimento mútuo. Outro exemplo são os condomínios enquanto ruas vedadas: extremo de imposição, revelando claramente que quanto maior a categoria social maior a imposição espacial nos outros, materializada neste caso nos muros e nas vedações que os separam.

A rua reflecte a sociedade que a usa. Se é espaço de reconhecimento do outro, também pode ser espaço de desprezo pelo outro (Roulleau-Berger 2004:14). Ou seja, cada espaço social é, à sua maneira, vector de mecanismos de integração e exclusão, onde mais ou menos explícitas dominam regras, fronteiras, sejam elas barreiras físicas ou simbólicas, que transmitem ao indivíduo a sua condição no espaço, reflexo da configuração social (Fischer 1994:67).

O espaço social é assim vivido por cada categoria segundo ‘o seu’ lugar em parcelas de espaço; cada grupo tem a sua geografia social e desenha os seus mapas no território em função das características da sua relação com um determinado território. (Fischer 1994:68).

Rua enquanto espaço intermédio físico, social e psicológico

A valência da rua enquanto espaço intermédio, espaço entre o edifício e o resto da cidade, é uma característica importante no conceito do espaço público rua (Gutman [1986] 1991:250).

A rua frequentemente ganha significado, em particular para o morador, enquanto espaço de transição entre o espaço público de proximidade e o espaço público da cidade. Espaço intermédio de encontros, contactos triviais, não impostos, resultante de uma compreensão partilhada da identidade pública dos indivíduos, e da génese de redes de respeito, confiança e apoio eventual (Jacobs [1961] 2007:60). A valorização da rua enquanto lugar prende-se com as funções, com as actividades, densidade e muito com a relação de proximidade com os contextos envolventes.

A sociedade evoluiu no sentido de uma valorização dos espaços individuais em detrimento de espaços intermédios (espaços entre o domínio público e o domínio privado). Ou seja, tende a existir o espaço familiar privado e o espaço público, simultaneamente de todos e de ninguém. Outro aspecto marcante é a cada vez mais efémera relação dos indivíduos em termos habitacionais e laborais com o território, a facilidade e diversidade de meios de mobilidade.

Este aspecto relacional da rua, não objectivo ou mensurável, sem uma clara visibilidade, é um dos aspectos mais marcantes na transformação da rua na sociedade contemporânea.

A rua enquanto movimento humano institucionalizado²¹

A rua é um elemento base da continuidade contextual, instituído pela sociedade como espaço de passagem. A função instrumental de acesso, ligação entre indivíduos e de passagem organiza e é organizada pelo espaço (Gutman [1986] 1991:250).

A rua, além de ser uma ligação entre as diversas funções das actividades existentes na cidade, é sobretudo um elemento base de uma continuidade entre ruas; espaço de movimento, de um modo que pode ser mais ou menos activo, associado a uma continuidade contextual (Schumacher [1986] 1991:144). Ou seja, tem uma função social colectiva única, que lhe é atribuída enquanto instituição do movimento linear contínuo através da cidade. O movimento linear dinamiza o uso colectivo do espaço, ligando diferentes zonas da cidade, permitindo o acesso à cidade por espaços públicos lineares.

Seja pedonalmente, seja via automóvel ou transporte, a cidade é lida a diferentes velocidades com diferente detalhe. A partir do uso pedonal, a cidade não só é acedida visualmente como é participada, transformada.

Desde sempre, cada rua, pertencente a um todo, rege-se por uma ordem, uma hierarquia própria. Por vezes, a racionalização inerente ao planeamento resulta numa organização hierárquica, funcional e simplificadora do espaço urbano, projectando-se estruturas ramificadas limitadoras da continuidade e da diversidade de escolhas do sistema pedonal (Alexander 1965).

A continuidade contextual é essencial a um uso fluido pedonal abrangente da cidade e ao entendimento do ambiente urbano público. Ou seja, o entendimento do meio urbano enquanto equilíbrio de composição de sólidos e vazios, num jogo de continuidades e complementaridades, é essencial a uma coesão física e funcional da extensão urbana (Schumacher [1986] 1991:145,148).

²¹ Rykwert ([1986] 1991:15): “For the street is human movement institutionalized.”

5.3 A CIDADE ACEDIDA E A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO

O caminhar, de acordo com o ambiente urbano, assenta numa constante reavaliação de opções de construção de percurso.

A actividade de caminhar é exigente fisicamente e consome tempo, logo, naturalmente, a construção do percurso tende a ser feita pelo modo mais curto e directo para o fim em vista. Na construção do percurso usam-se atalhos, fazem-se desvios quando necessário evitar barreiras, sejam estas físicas ou situações de menor segurança. A construção do percurso é adaptativa, reflexiva, isto é, usa a cidade do uso público, não só a rua no sentido formal, como também a praça ou o jardim, ou até mesmo o mercado e o centro comercial. Quem caminha infiltra-se pelos espaços da cidade, acedendo, atravessando, usando e escolhendo a cidade de acordo com os seus objectivos.

A construção do percurso, embora tenha aspectos sociais partilháveis, prende-se frequentemente a escolhas individuais, mais ou menos estáveis.

Cada caminhante da cidade tem os seus espaços, os seus percursos predilectos, de acordo com as suas actividades. Percursos que adopta de forma unívoca ou então que altera em função da sua disposição, do seu nível de cansaço ou de disponibilidade, do tempo, da sua vontade de se apressar ou passear, das compras a fazer pelo caminho, das memórias a visitar, dos encontros a promover ou evitar (Le Breton 2012:115).

Outro aspecto relevante, já abordado, prende-se com a rotina: quanto mais familiarizados estivermos com um percurso, mais curto ele aparenta ser, mais o caminhante se abstrai do meio, se liberta do que é estável e pré-estabelecido no percurso acedido, activando a sua atenção e cognição perante o não expectável (Seamon 1979:48).

A hora do dia, o dia da semana, o mês do ano afectam a construção do percurso. A cidade tem cronologias próprias, como sejam as cores das árvores de arruamento ou as luzes das ruas na época do Natal, assim como as festas antigas ou os novos eventos que dinamizam e alteram a ambiência urbana (Le Breton 2012:119).

No âmbito da sua influência na construção do percurso, destaca-se agora, por um lado, a relação do espaço caminhado com o todo, e, por outro, as características do ambiente rua sentido e, ou inferido.

5.3.1 Factores sistémicos ou relações contextuais

A complexidade da paisagem, a configuração do tecido urbano, a coesão e continuidade espacial são factores interrelacionados basilares à construção do percurso.

A complexidade e a escala da paisagem urbana é determinante na prática caminhada. James Hillman (1980:4), comentando a paisagem urbana de Dallas, simples e funcional, dominada e planeada para o uso automóvel, afirma²²: “O pé é forçado a viajar por cima do que o olhar já percorreu, assim o caminhar é apenas um esforço (...). O caminhar nesta forma urbana torna-se apenas um modo lento e pouco eficiente de movimento através do que o olhar já viu.”

Quando se consegue manter a tensão certa entre o caminhar e o que é acessível pelo olhar, obtém-se uma abordagem ao meio de descoberta alternada; o andar direcciona o olhar e o olhar direcciona o andar (Hillman 1980:4).

Se Jane Jacobs ([1961] 2007) já abordara a importância da existência de quarteirões curtos que permitam oportunidades de selecção do percurso, vai ser Christopher Alexander (1965), no artigo “The City Is Not a Tree”, a trabalhar de um modo explícito o conceito da importância da configuração do espaço da cidade, enquanto factor determinante no seu uso pedonal. Assim, considera o paradigma da estrutura das cidades de desenvolvimento espontâneo, por serem cidades complexas, constituídas por múltiplas combinações de espaços físicos, onde as hierarquias dos espaços existem, mas não de uma forma rígida. Cidades que, devido às intersecções, sobreposições e uniões dos diferentes elementos do espaço urbano, conseguem ser espaços organizados complexos.

Não preconizando o voltar à cidade espontânea, o autor considera que a configuração em semi-retícula, ou seja, hierarquias entre elementos da cidade não rígidas, permite intersecções entre elementos de diferentes dimensões, promovendo uma maior diversidade de relações espaciais.

Por fim, menciona-se a teoria do *space syntax*, proposta originalmente por Bill Hillier e Julienne Hanson (1984), e actualmente muito desenvolvida e apoiada em meios

²² “The foot is forced to travel over what the eye has done before, so that walking becomes indeed a pain. (...) Walking in our layouts is merely a slow and inefficient way of moving to what the eye has already seen.”

informáticos, que é utilizada em estudos de acessibilidade. Esta teoria incide nos conceitos de linhas axiais, integração, movimento natural, conectividade e integração local. No artigo “Natural Movement or Configuration and Attraction in Urban Pedestrian Area”, Bill Hillier *et al.* (1993) consideram comprovar que o padrão da grelha urbanística é o principal gerador de padrões de movimento.

A configuração da rua e a sua relação com o contexto, a sua capacidade de ligação e da conexão entre espaços constituem factores capitais à construção do percurso.

5.3.2 A construção do percurso e as características, sentidas ou inferidas, do ambiente

Embora haja um factor funcional importante de eficiência temporal, gerando a opção do caminho mais curto entre origem e destino, considera-se que existem ruas ou troços mais convidativos, mais activados pelo uso caminhado, do que outros.

Há percursos que parecem mais curtos que outros e que o não são. Quanto mais diversificado, em elementos físicos e comerciais, mais curto aparenta ser o percurso.

Allan Jacobs inicia o livro *Great Streets* (1995) afirmando: “Algumas ruas são melhores do que outras: para se estar, ou para fazer o que quer que se tenha como objectivo fazer”²³. Assim, embora a riqueza da diversidade possível de deslocamentos pedonais seja uma das características principais do movimento de quem anda, é essencial assumir que existem percursos que, pela confluência de determinadas características, são mais atraentes do que outros.

Por ordem cronológica, referem-se diversas características da rua (listagens de adjectivos de diversos autores) afectas à temática de atractividade e agradabilidade da mesma.

Kevin Lynch, no artigo “Note on City Satisfaction” (1953), editado na compilação *City Sense and City Design*, considera o entendimento dos efeitos psicológicos e sensitivos da forma física da cidade. São sugeridas características no uso

²³ “Some streets are better than others: to be on, to do what you came to do.”

da cidade que se sobrepõem ao uso da rua, nomeadamente: orientação, aconchego, estímulo, deleite sensorial e interesse²⁴.

Também Schumacher (1986), partindo da premissa de que uma utilização intensa e diversificada corresponde a uma melhor qualidade de ambiência urbana, enunciou alguns aspectos de intervenção no planeamento que considerava influenciarem o uso da rua, nomeadamente: densidade de uso, diversidade de uso, coexistência de tráfego automóvel e pedestre, a configuração da rua e o seu contexto.

Mark Francis (1987:28-33) afirma que uma boa rua é uma rua democrática e que reflecte a história e a diversidade social e económica do bairro e da cidade que integra. Neste âmbito identifica “ingredientes específicos” característicos de uma rua democrática: uso e diversidade de uso, acessibilidade, participação, controlo real e simbólico, controlo de tráfego, segurança, relação ao nível térreo com o edificado, conforto, qualidade do ambiente, qualidade económica, apreensão de competências de vivência de/no espaço público, amor, conflito²⁵.

Amos Rapoport (1987: 81), numa perspectiva de investigação de comportamento ambiental, ou seja, numa perspectiva de que a relação pessoas-ambiente é o resultado da interacção complexa entre variáveis perceptivas culturais e ambientais, enumera as que considera principais variáveis envolvidas no uso pedonal da rua: tecnologia, segurança, variáveis ambientais (ex.: ruído, poluição, congestionamentos, qualidade do pavimento), clima (zona, local, microclima), topografia, distância (ao objectivo), disponibilidade e presença de serviços (ex.: lojas, cafés, WC, locais para sentar), cultura (definição do cenário comportamental e regras de apropriação), características físicas perceptivas (ex.: níveis adequados de complexidade e interesse em relação a determinada actividade). O autor destaca a cultura e as características físicas perceptivas como as variáveis com maior influência no caminhar urbano²⁶.

Grégoire Chelkoff e Jean-Paul Thibaud (1992) olham a cidade através das características sensíveis, alertando para factores como: a porosidade do público e do

²⁴ *Orientation, warmth, stimulus, sensual delight, interest.*

²⁵ *Use and user diversity, accessibility, participation/modification, real and symbolic control, traffic management, safety/security, ground floor street relationship, comfort, ecological quality, economic health, environmental learning competence, love, conflict.*

²⁶ *Technology, safety, environmental variables, climate and weather, topography, distance, availability and presence of services, culture, physical, perceptual characteristics.*

privado, as condições de visibilidade, as configurações luminosas, as sobreposições e o enquadramento.

Allan Jacobs (1995), tendo presente que a relação entre as actividades humanas e o espaço físico é essencial a uma rua boa, atraente (*great street*), foca no seu estudo a rua enquanto entidade física de características sujeitas à intervenção estética urbana. Este autor aborda algumas características que considera necessárias à atractividade da rua, como sejam a definição espacial, o caminhar em segurança e com facilidade, o conforto físico, a riqueza de estímulos visuais, os elementos marcantes e/ou de paragem e a manutenção.

No âmbito do *Active Living Research Program* da Fundação Robert Wood Johnson é elaborado um estudo denominado *Identifying and Measuring Urban Design Qualities Related to Walkability* (2005). Os autores (nos quais se incluem Reid Ewing e Susan Handy) consideram três grupos de características determinantes para a qualidade global para o uso caminhado e para o comportamento do caminhante: físicas (largura do passeio, largura da rua, volume de tráfego, copas de árvores, altura do edificado, número de pessoas, clima, entre outras), perceptivas (imageabilidade, amplitude espacial, a escala humana, transparência, complexidade, considerando existir mais) e reacção individual (sensação de segurança, conforto e nível de interesse).

Reid Ewing e Susan Handy (2009:66), a partir da revisão de literatura de desenho urbano, arquitectura, arquitectura paisagista, psicologia ambiental e literatura associada às preferências e apreciações visuais, sugerem uma lista de 51 qualidades perceptivas do espaço²⁷: adaptabilidade, ambiguidade, centralidade, clareza, coerência, compatibilidade, conforto, complementaridade, complexidade, continuidade, contraste, deflexão, profundidade, distinção, diversidade, dominância, delimitação espacial, expectativa, focalidade, formalidade, escala humana, identificabilidade, imageabilidade, inteligibilidade, interesse, intimidade, intricacidade, legibilidade, ligação, significado, mistério, naturalidade, novidade, abertura, a ornamentação, potencialidade, refúgio, regularidade, o ritmo, a riqueza, a sensualidade, a singularidade, espacialidade, a

²⁷ *Adaptability, ambiguity, centrality, clarity, coherence, compatibility, comfort, complementary, complexity, continuity, contrast, deflection, depth, distinctiveness, diversity, dominance, enclosure, expectancy, focality, formality, human scale, identifiability, imageability, intelligibility, interest, intimacy, intricacy, legibility, linkage, meaning, mystery, naturalness, novelty, openness, ornateness, prospect, refuge, regularity, rhythm, richness, sensuousness, singularity, spaciousness, territoriality, texture, transparency, unity, upkeep, variety, visibility, vividness.*

territorialidade, textura, transparência, unidade, manutenção, variedade, visibilidade, vivacidade.

Por fim, são de destacar Anastasia Loukaitou-Sideris e Renia Ehrenfeucht (2010:28), que, referindo-se ao passeio (*sidewalk*), o consideram mais atractivo se conciliar cinco objectivos: movimento, encontro, confronto, sobrevivência e beleza²⁸. Ou seja, movimento no sentido em que deve, pelas características materiais (desenho e manutenção), garantir a qualidade necessária à prática caminhada; encontro no sentido de serem espaço de encontro e convívio entre conhecidos e desconhecidos; confronto enquanto espaço de expressão pública, de manifestação; sobrevivência no sentido de ser o abrigo do sem abrigo, do vendedor de rua, ou daquele que vive a rua em detrimento de outros espaços, como por exemplo alguns grupos de jovens; e beleza no sentido do prazer de estar num local belo, como por exemplo uma rua arborizada.

O não entendimento da riqueza do espaço caminhado e limitação do passeio (*sidewalk*) ao movimento linear, isto é, à função singular de transporte pelas características espaciais ou por imposição e proibição de outros usos, contribui para um declínio da vida pública da rua, incluindo o declínio do uso caminhado (Loukaitou-Sideris e Ehrenfeucht 2010:27).

Síntese dos factores influenciadores da construção do percurso

Relacionados com estudos de mobilidade e intervenção no espaço público é utilizado por vezes o conceito de aptidão funcional para uso caminhado do espaço, ou *walkability*, geralmente associado às características físicas do mesmo. De acordo com Michael Southworth (2006), o conceito de *walkability*²⁹ é “definido pela capacidade de o ambiente construído suportar ou estimular o caminhar, providenciando conforto e segurança, conectando as pessoas com diversos destinos num tempo e esforço razoável e oferecendo estímulo visual interessante ao longo da rede de caminhos.”

²⁸ *Movement, encounter, confrontation, survival, beauty.*

²⁹ “Walkability might be defined as the extent to which the built environment supports and encourages walking by providing for pedestrian comfort and safety, connecting people with varied destinations within a reasonable amount of time and effort, and offering visual interest in journeys throughout the network.”

Rachel Thomas (2008:1) considera que há frequentemente uma sobrevalorização do determinismo das características espaciais, propondo a necessidade de uma reapreciação do poder exercido no acto de caminhar pela ambiência urbana. A ambiência, ao influenciar ambos os registos relativos ao andar (o acto e a experiência), é determinante para a aptidão da paisagem urbana para a prática caminhada.

Neste estudo, com base no exposto, é proposta uma sistematização em quatro grandes grupos, interligados, de factores influenciadores na construção do percurso e do comportamento caminhado:

a) Factores formais e imageabilidade

Para o uso continuado do espaço é importante o seu entendimento, a leitura dos aspectos formais do tecido urbano, a topografia, a relação com a paisagem natural cénica. A orientação, enquanto relacionamento do espaço com o todo, é essencial, assentando no conhecimento e na experiência do indivíduo e nas características espaciais, a imageabilidade.

A imageabilidade consiste na capacidade física do espaço de evocar uma imagem forte (distinção, reconhecimento e memória) sobre o seu utilizador, permitindo, via cor, forma ou organização, a identificação de estruturas e padrões marcantes em termos visuais. Os elementos marcantes da paisagem são um componente chave na criação de uma imagem forte (Lynch [1960] 1989; Ewing e Handy 2009:73).

A imageabilidade surge frequentemente do efeito interligado de qualidades como a legibilidade, a delimitação do espaço, a escala humana, a transparência, ligação, complexidade e coerência (Lynch [1960] 1989; Ewing e Handy 2009:71).

Antes de mais, é importante a delimitação da rua enquanto espaço linear tridimensional. Ou seja, o conjunto de características físicas e volumétricas da rua, as suas proporções, a densidade e continuidade do edificado, é essencial à sua interpretação enquanto espaço caminhável.

Refira-se, para a orientação local, a particularidade de determinadas fachadas que se destacam, espaços recuados, elementos de referência e locais de paragem, locais que marcam inícios e fins de rua. Por vezes planeado como uma

praça, um jardim, um edifício marcante, por vezes com uma origem natural, como uma alteração topográfica ou o acesso a uma vista.

As paredes da rua, a delimitação do espaço exterior pela definição visual do edificado, muros, árvores ou outros elementos verticais e a sua proporção com o espaço contribuem para a sua identidade espacial (Ewing e Handy 2009:75).

A imagem positiva marcante surge da confluência e do equilíbrio de elementos que geram bem-estar físico e psicológico associado à realidade espacial (Ewing e Handy 2009:66).

A existência de locais de paragem, condições para a estadia, como esplanadas, com zonas com bancos e mesas, com espaços públicos, como jardins e parques infantis contíguos, tende a tornar mais atraentes os espaços (Schumacher [1986] 1991; Jacobs 1995). Ou seja, locais de referência para quem caminha, definidores de etapas espaciais e temporais.

No mesmo sentido, a escala humana dos espaços favorece o uso público da cidade, em particular o caminhar (Gehl 2010). O uso caminhado é afectado pela leitura e pelo conforto físico e psicológico associado à escala das vias e do edificado, ou seja, é promovido pela articulação com outros elementos físicos com proporções humanas.

De acordo com Ewing e Handy (2009:77), ângulos visuais curtos, mobiliário urbano (ou outros objectos de rua), detalhes dos edifícios, em particular janelas e portas ao nível térreo, a baixa altura do edificado, canteiros e árvores, são elementos físicos que contribuem para a escala humana. O detalhe construtivo, típico da cidade do século XIX, e a diversidade de formas decorativas são exemplo de uma arquitectura feita para ser observada pelo caminhante.

Assim, a imageabilidade é um factor determinante no modo como a cidade é percorrida, ancorando o uso caminhado nas suas características físicas. A imageabilidade positiva constitui substrato para a construção de ligações afectivas aos espaços, sendo por vezes os próprios utilizadores ou as actividades de rua a constituir igualmente aspectos únicos e de referência na imagem de um local.

b) Factores sensitivos

As ruas têm diferentes potencialidades sensoriais. O ambiente estimulante é uma das características da cidade que geram maior prazer; o ver e participar, a diversidade de encontro, serviços, oportunidades possíveis. A apreensão do sensível holística do espaço, a sua apreciação positiva é determinante à opção de construção do percurso caminhado.

O pedestre normalmente experiencia o passeio, enquanto espaço físico tridimensional, por se mover ao longo do mesmo num determinado período de tempo e por o perceber com todos os sentidos, incluindo proprioceptivo (posição corporal e força) e vestibular (movimento no espaço contra a gravidade) (NYC 2013:30).

A publicação da Câmara Municipal de Nova Iorque (2013) *Active Design: Shaping the Sidewalk Experience*³⁰ aborda as características físicas do passeio e a sua relação com a experiência. É de destacar a sua abordagem à infra-estrutura passeio como uma sala (*the sidewalk room*), ou seja, segmentando o espaço em quatro planos: o chão, o ‘tecto’ de copas, o lado rua e o lado edifício³¹, considerando que estas quatro superfícies são essenciais à qualidade do espaço e à experiência.

A riqueza de complexidade ou de estímulos visuais influencia a opção de uso de uma rua. O percorrer a cidade gera uma sequência de campos visuais, vivos, em constante movimento, com alternâncias de formas e de usos, de luz e de sombra, de presença e ausência de gentes.

A arquitectura é um dispositivo espaço-visual, gerador de configurações luminosas que influenciam o modo como o espaço é vivido, alterando e estruturando o espaço visível e observável (Chelkoff e Thibaud 1992).

A presença de árvores é um factor importante de riqueza visual e de diversidade cromática e de contrastes de luz. A luz filtrada pelas árvores, ou por toldos, dispositivos que se interpõem entre dois meios, gera micro ambiências de particular conforto.

³⁰ “Walkability might be defined as the extent to which the built environment supports and encourages walking by providing for pedestrian comfort and safety, connectin

g people with varied destinations within a reasonable amount of t

Lyn Lofland (1998:80-87) infere da sua pesquisa como geradores de prazer visual no meio construído urbano: insinuação perceptiva, imprevisibilidade, fantasia/magia, coexistência de camadas históricas, e diversidade de estímulos³².

Como insinuação perceptiva, entende-se o prazer de espreitar, de ver uma parte de um todo que se deduz ou se imagina. Como imprevisibilidade, refere-se a presença de elementos e de situações não familiares ou inesperadas. Por vezes, a imprevisibilidade destaca-se pela excentricidade, nomeadamente por ser invulgar ou mesmo por ser *kitsch*. Outro aspecto destacado, associado também à imprevisibilidade, é a sobreposição e coexistência de diferentes épocas construtivas. Por fim, é destacado o prazer visual do excesso de estímulo, da sobrelotação de gentes, cores e actividades que caracterizam alguns centros urbanos.

A porosidade do público e do privado, ou seja, a transparência das montras, das entradas dos prédios, a penetração visual nos ambientes privados ou semipúblicos, gera diversidade. As actividades comerciais e de restauração contribuem frequentemente para a diluição da fronteira entre interior e exterior (Chelkoff e Thibaud 1992; Jacobs 1995).

A transparência pode ser encarada também como o que se imagina, ou se sabe que existe em cada ruela, ou nas entradas que dão para a rua. Mesmo um muro encimado com vegetação induz à existência de espaços habitados (Jacobs 1995; Ewing e Handy 2009:79).

Rachel Thomas (2005), num estudo com invisuais, considera que as características perceptivas sensoriais do meio urbano influenciam o modo como se usa a cidade caminhada. De um modo menos consciente, cada indivíduo utiliza o caminhar como uma actividade sinestésica. Ou seja, o caminhar assenta num processo de co-determinação entre a acção do pedestre e as ‘pistas’ do meio sensível.

ime and effort, and offering visual interest in journeys throughout the network.”

historical layering, stimulus diversity.

As ruas mais atraentes são geralmente ricas em diversidade de estímulos perceptivos, convidando a ver mais. O caminhar é estimulado pelo prazer de sentir a cidade, de sentir a rua, não só visualmente, mas também os seus sons e cheiros, pela relação táctil de quem a pisa.

c) Factor conforto

Considera-se conforto a capacidade do ambiente urbano de conferir ao utilizador bem-estar físico e psicológico em relação à envolvente. Neste sentido, além do conforto físico (associado predominantemente a características topográficas, climáticas), um aspecto importante é o sentimento de relação com o espaço, de projecção e entendimento de informação do meio, de compreensão dos sinais, gerando conforto, ajustamento ao espaço, promovendo assim a sensação de conforto psicológico.

O conforto físico climático é um aspecto associado às características formais do tecido urbano. Há ruas muito mais confortáveis pelo microclima do que outras, há ruas que são pouco convidativas, por serem ventosas, excessivamente ensombradas ou excessivamente expostas ao sol. O uso de arborização e o uso de arcadas tendem a atenuar as adversidades climáticas.

Outro factor que afecta a prática do caminhar é o conforto físico e psicológico associado à densidade de uso. A percepção da densidade de uso relaciona-se, por um lado, com o factor segurança (abordado adiante), e, por outro, com a configuração do passeio. O caminhar deve ser confortável, nomeadamente através de uma boa relação entre o número de utilizadores e a dimensão do passeio. Quando a densidade de uso é muito elevada, um factor relevante pode ser o nível pessoal de tolerância à proximidade do outro enquanto se caminha (Gehl [1971] 2006).

O conflito físico e psicológico com o uso automóvel afecta o uso pedonal, nomeadamente no aspecto do conforto acústico e pela necessidade de alerta perante o perigo de acidente.

Frequentemente, a arborização densa na borda de passeios, em ruas largas onde exista um uso intenso automóvel, produz uma forma de separação física e psicológica dos dois fluxos, promovendo o uso caminhado (Jacobs 1995).

Por fim, como desenvolvido no próximo item, os factores sociais, culturais, e a percepção de segurança são essenciais ao bem-estar psicológico.

d) Factores sociais, culturais e a percepção de segurança

Os factores sociais e culturais afectam a experiência do espaço, determinam avaliações e inferências decisivas do modo como o indivíduo se relaciona com o espaço acedido.

A relação e identificação do caminhante com o espaço caminhado e com o direito a percorrê-lo é essencial à construção do percurso. O atravessamento de espaços pouco claros quanto ao uso ou à apropriação por determinados grupos é gerador de desconforto ou mesmo de sensação de insegurança.

Diversos factores podem ser geradores de desconforto, como por exemplo a falta de manutenção do mobiliário urbano e de limpeza das ruas, associado por vezes à má conservação do edificado. Estes aspectos influenciam o uso do espaço, não só pela sensação de feio, mas sobretudo pela associação à falta de segurança (Jacobs 1995).

No sentido oposto, alguns factores podem ser geradores de conforto em relação à envolvente social, como por exemplo o controlo visual e activo dos habitantes ou utilizadores do espaço edificado envolvente e do comércio local e/ou a vigilância civil, originada pelo uso contínuo e ininterrupto. Ou seja, o movimento, a densidade de uso, é gerador de segurança (Jacobs [1961] 2007:37).

De acordo com diferentes autores, o uso misto, ou seja, o uso residencial e os equipamentos e infra-estruturas de proximidade, é importante para uma maior densidade de uso com uma maior abrangência temporal (Jacobs [1961] 2007; Schumacher 1986; Jacobs 1995).

Por fim, é de referir Jan Gehl (1987), que observa que a percepção de segurança entre estranhos é frequentemente associada a um uso social diverso, a um uso social colectivo, que permite o estar com os outros num modo relaxado, sem grandes requisitos. O estar com outros permite ver, ouvir, receber impulsos, gerando uma sensação de segurança e de conforto, aliada a uma sensação de participação.

Com efeito, de um modo geral, gente atrai gente. Assim, a vitalidade do uso do espaço público e a dinâmica do comércio são factores que promovem e são promovidos pelo uso caminhado.

5.3.3 As ruas principais

Tal como um sistema de fluidos, a topografia do território e a existência de continuidades em termos físicos e de dinâmicas sociais promove o uso caminhado. Os edifícios, nomeadamente as suas fachadas, são mais do que as ‘paredes’ da rua, permitem uma contextualização do espaço, enriquecendo-o enquanto orlas de usos mistos, zonas de interligação entre o público e o privado, sendo por vezes geradores de forças (à semelhança da capilaridade) que fazem fluir contra forças contrárias.

Frequentemente geram-se zonas de influência, infiltrações nas zonas contíguas das dinâmicas da rua.

Tal como num sistema hidrológico, há uma hierarquia de ruas, ou seja, existem ruas especiais, linhas de confluência que se distinguem do todo. Diferenciando-se das ruas envolventes, estas destacam-se na organização da cidade, ganhando uma função importante na estrutura urbana, ganhando valor de identidade e de lugar colectivo (Ellis [1986] 1991:123). Ruas que se destacam pelas relações que estabelecem, por vezes mais do que pelas propriedades autónomas.

Frequentemente, as denominadas *main streets* no contexto anglo-saxónico, ou ruas principais ou comerciais, pela confluência de factores enunciados, tendem a ser as mais atraentes, e por consequência a constituir parte da opção de percurso.

Estas ruas caracterizam-se por um uso predominantemente colectivo, denominadas por Peter Wolf ([1986] 1991:189) como a rua urbana (*urban street*). Rua em que existe a oportunidade para uma variedade ampla de comunicação e trocas (*exchange and interchange*) de grande intensidade.

A existência e a diversidade de modos de transporte é essencial à rua urbana, geradores de sinergias de desenvolvimento económico, social, de serviços e de mercadorias impostas no uso da rua.

Ou seja, estas ruas destacam-se enquanto corredores permeáveis que suportam a dinâmica envolvente. A rua, e a sua dinâmica, estabelece uma área de influência

(*influence zone*), estruturas adjacentes (*abutting structures*) e áreas envolventes beneficiadoras da dinâmica de transportes (Wolf [1986] 1991:189).

Em suma, os percursos constroem-se por uma escolha mais ou menos racional de troços, sendo que frequentemente há uma opção de ligação entre zonas em que a expectativa de conforto, de diversidade, de segurança, de interacção social e de intersecção espacial domina.

À semelhança de Kevin Lynch ([1981] 1999:137), em relação a um lugar bom, sugere-se que um bom percurso é “aquele que, de algum modo adequado à pessoa e à sua cultura, consegue tornar essa pessoa consciente da sua comunidade, do seu passado, da teia da vida e do universo do tempo e do espaço em que estes se integram.”

5.4 A CIDADE COSTURADA

Para cada indivíduo, cada percurso caminhado gera uma linha no território, gera um espaço linear já percorrido. Se, na primeira passagem, a cidade acedida é lida e avaliada em pormenor, procurando-se padrões, consistências, ao longo do tempo, à medida que o espaço é repetidamente usado, passa a fazer parte do caminhante, sendo, sobretudo, as alterações e os elementos estranhos que são registados.

Cada vez que o indivíduo o repete, o percurso simplifica-se, passando a ser um conjunto de etapas associadas ao tempo – a cidade repetidamente acedida entranha-se na existência dele.

A própria cidade, ao balizar e modelar o movimento pedonal, modela a percepção. A sua leitura não é passiva, à semelhança de um mapa. Pelo contrário, a cidade interfere activamente no modo como é lida (Kohler 2014).

Cada caminhante vai gerando uma cidade individual, uma cidade sua, praticada quotidianamente ou enquanto visitante ou utilizador de fim-de-semana. Uma cidade que conhece e reconhece a cada passagem, que estranha e absorve a cada passagem. Visualmente, os outros e o espaço dos outros aproximam-se, perdendo estranheza.

Cada cidade individual possui uma forma que nada tem a ver com os mapas, sendo uma forma dinâmica que emana do uso e das escolhas. Cada cidade individual expande-se ou contrai-se de acordo com as opções, com os medos de cada um.

O uso caminhado permite tecer uma cidade contínua, onde a dimensão social faz parte da experiência da cidade de cada um.

6 O CAMINHAR E A CIDADE SENTIDA

Pelo acto consciente de entendimento da paisagem, quando se constrói pela primeira vez o percurso, ou pela cidade que faz parte do indivíduo que a usa, considera-se essencial abordar o sentir a cidade através do percurso caminhado.

No acto caminhado existe uma experiência sensorial completa, construída não apenas pelo momento, mas pela comparação multissensorial entre o antes e o depois. Existe uma leitura pessoal centrada no corpo sensorial de cada indivíduo. Embora a envolvente seja acedida através dos sentidos, o modo como cada indivíduo a sente é influenciado, não só pelo seu contexto social e cultural, mas também por experiências e memórias pessoais.

De acordo com Aníbal Frias (2001:19,20), esquematicamente a cidade sensível tem vindo a ser estudada de diferentes modos, ângulos particulares sobreponíveis. Destacando o autor:

- *As imagens ou o cenário urbano.* Incide nos aspectos visuais ou/e sonoros, olfactivos, analisados enquanto reflexo de uma cultura urbana apreendida, marca identitária ou estratégia de valorização de um espaço local.

- *As elaborações discursivas ou as percepções imaginadas.* As tonalidades sensíveis (cor, sabor, sonoridades, etc.) tidas em conta enquanto referências urbanas.

- *As manifestações artísticas ou gráficas.* A matéria sensível integra a criatividade e as formas expressivas (arte urbana, teatro de rua, *graffiti*...).

- *As variações históricas das sensibilidades colectivas.* As sensibilidades colectivas ou “modos sensoriais” são abordados do ponto de vista sócio-histórico e são objecto de uma racionalização.

- *O uso social dos sentidos e das sociabilidades ou socialidades que os favorecem.* Os sentidos participam numa lógica de socialização e aprendizagem. A sua

combinação no seio de uma cultura, assente na informação de relatos sociais, de valores e representações.

- *Desafios políticos e sociais do sensorial*. Como suporte de afirmações identitárias ou de exclusão.

Neste estudo, o eixo condutor de aproximação à cidade sensível é a prática caminhada, pretendendo-se agora abordar diversos autores, de diferentes origens geográficas e disciplinares, com objectivos muito distintos, que destacaram o acto caminhado enquanto acesso sensorial perceptivo ao meio urbano, valorizando a potencialidade deste no entendimento de diferentes dimensões da cidade.

6.1 DIFERENTES ABORDAGENS AO SENTIR A CIDADE

A análise baseada numa estética sensorial, o pensar a cidade que se vê quando se caminha, a paisagem urbana complexa que se pratica e que se sente, foi pioneiramente abordada no final do séc. XIX por Camillo Sitte (1843-1903). Este historiador da arte e arquitecto analisou cidades europeias, identificando aspectos de bem-estar e conforto, valorizando a cidade tradicional, nomeadamente as suas praças. Para Camillo Sitte, mais importante do que a forma arquitectónica de cada edifício, era a qualidade do espaço urbano como um todo (Sitte 1889).

Gordon Cullen (1914-1994), arquitecto e urbanista inglês, como Camillo Sitte, estuda a cidade à escala local. A sua abordagem incidia especialmente na leitura da cidade dos centros históricos, referindo que o ambiente suscita reacções emocionais e que para o seu entendimento é essencial considerar três aspectos (Cullen [1971] 1983):

- Óptica/movimento – incidindo no acto de percorrer a paisagem urbana, que surge como uma sucessão de revelações, de imagem existente/ponto de vista e de imagem emergente, ou seja, visão serial.

- Local – a posição no espaço, ou seja, uma vez que o nosso corpo tem o hábito de se relacionar instintiva e continuamente com o meio-ambiente, o sentido de

localização perante a posição que se ocupa numa rua entrepõe o aqui e o além. A cidade enquanto percurso através de zonas de compressão e de vazio, de contraste entre espaços amplos e espaços delimitados, de alternância de situações de tensão e de tranquilidade.

- Conteúdo – enquanto constituição da cidade: a sua cor, textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza.

Para Cullen, a leitura da cidade faz-se praticando-a, revelando-se a cidade pelo modo como esta é acedida. Como arquitecto, a sua técnica consistia no desenho esquemático da cidade de um modo sequencial. A sua metodologia propunha um modo para o arquitecto ou o técnico abordar, analisar a cidade.

Contemporâneo de Cullen e do seu estudo de paisagens inglesas, Kevin Lynch aborda a cidade americana, focando a coerência perceptiva da paisagem urbana, valorizando a união entre a forma do ambiente e os processos humanos de percepção e de cognição, denominando esta dimensão de execução por *sentido*.

Kevin Lynch, em 1960, no seu livro *A Imagem da Cidade* ([1960] 1989), propõe um método de recolha de imagens de diferentes utilizadores da cidade, de como o espaço era apreendido, pesquisas empíricas assentes na percepção, cognição e organização da imagem da cidade. Introduce e desenvolve os mapas mentais ou mapas cognitivos, enquanto modo de análise de como a cidade é percebida pelos seus utilizadores.

Posteriormente, no livro *A Boa Forma da Cidade* ([1981] 1999), este autor considera a forma sensível de um aglomerado populacional, ou o seu *sentido*, consistindo este, citando o autor, “na clareza com que este é apreendido e identificado, e a facilidade com que os seus elementos podem ser ligados a outros acontecimentos locais numa representação mental coerente do tempo e do espaço, e o modo como essa representação pode ser ligada a conceitos e valores não espaciais” (p. 127).

De acordo com o autor, o sentido é uma dimensão formada por aspectos como identidade, estrutura, enquanto componentes formais do sentido, e a congruência, transparência, legibilidade, enquanto componentes específicos que ligam o ambiente a outros aspectos da vida. O sentido tem subjacente uma preocupação funcional: a leitura de informação, requisito de acesso e acção eficaz (Lynch [1981] 1999).

Esta qualidade do sentido não pode ser analisada senão como uma interacção entre cada indivíduo e o local, considerando o autor que a percepção é um acto criativo e não uma recepção passiva. Ou seja, o que é sentido depende não só da forma e das qualidades espaciais, como também do temperamento, do estatuto, da experiência e do objectivo actual do observador (Lynch [1981] 1999).

Embora consoante os observadores e sua capacidade de percepção cada local adquira um sentido, como notado por Kevin Lynch ([1981] 1999), existem características constantes, significativas e fundamentais na experiência de um mesmo local por pessoas diferentes. Além de existir uma base comum biológica da nossa percepção e cognição, existem normas sociais e culturais partilhadas por pessoas que utilizam o mesmo espaço.

Kevin Lynch procura, nas suas diversas abordagens objectivas, entender o modo como o ambiente urbano, e em particular a rua, afecta o indivíduo em aspectos cognitivos e comportamentais. Discípulo e co-autor com Kevin Lynch de diversos estudos, Donald Appleyard, arquitecto e urbanista, explorou a percepção do meio urbano e o modo como este era sentido e percebido, entendido pelos indivíduos. Focando o modo como os indivíduos estruturam as percepções e a natureza das representações mentais, influenciadas não só pelas características físicas do meio mas também pelo contexto: espacial, temporal, familiaridade, significado social e tipo de mobilidade (Cuff 1984:75). Este autor defende a importância da psicologia cognitiva no conhecimento e posterior intervenção no espaço (Cuff 1984:75).

Em Paris, também na segunda metade do séc. XX, com uma abordagem subjectiva, artística, com Guy Debord é proposta a denominada psicogeografia situacionista. Teoria que usa a prática caminhada enquanto acto crítico e revolucionário, enquanto oposição, resistência à ordem, imposta na sociedade capitalista e no urbanismo racionalista modernista (Shortell e Aderer 2014:112-113).

A teoria situacionista, desenvolvida entre 1950-1970, baseia-se na premissa de uma eminente transformação do uso do tempo na sociedade, resultante do aumento da mecanização, e na necessidade de proteger o tempo não produtivo de ser sugado pelo sistema capitalista de consumo, através da criação de necessidades induzidas (Carreri 2002:106). Se o tempo destinado ao lazer se transformava cada vez mais em tempo de consumo passivo, era considerado importante a preservação de tempo livre lúdico, não

utilitário. Era essencial despertar os desejos individuais latentes e substituir os desejos da cultura dominante, e deste modo libertar o uso do tempo e do espaço (Carreri 2002:110).

Embora com efeito estrito ao meio intelectual, ou seja, sem fins pragmáticos ou repercussões ao nível social, a teoria situacionista nasce como reacção à acelerada mudança, física e temporal, do território, contrapondo-se aos efeitos da mesma.

Com Guy Debord (1931-1994) surge o termo *deriva* (*dérive*), como uma forma de investigação espacial e conceptual da cidade através do deambular caminhando, centrada nos efeitos do meio urbano sobre as emoções individuais. Debord sintetiza o primeiro mapa psicogeográfico, o guia psicogeográfico de Paris. Concebido como um mapa desdobrável para ser entregue ao visitante, este mapa, com uma cidade de ilhas, convida o caminhante a perder-se. Para o autor, a cidade deve passar pelo exame da experiência subjectiva; o visitante deve ‘medir’ por ele próprio e confrontar com os outros os afectos e as paixões que surgem quando se frequentam certos lugares, prestando atenção ao seu pulsar (Carreri 2002:104).

Para os situacionistas, a deriva psicogeográfica, além de permitir *despir* a cidade, era também um modo lúdico de reapropriação de território: a cidade era um jogo utilizável por prazer, rico em experiências (Carreri 2002:111).

É de referir o âmbito de uma interpretação sensível da cidade de Henri Lefebvre ([1992] 2004) e a sua proposta de uma reinterpretação da cidade através do pulsar da vida urbana, dos ritmos da vida quotidiana. Citando o autor: “Em qualquer lado em que haja interacção entre um lugar, um tempo e um gasto de energia existe ritmo. Logo: a) repetição (de movimentos, gestos, acção, situações, diferenças); b) interferências entre processos lineares e cíclicos; c) nascimento, crescimento, atingir o máximo, entra em declínio e acaba”³³ (p. 15).

A proposta de *ritmanálise* surge como um método de percepção e análise da cidade precursor de novas abordagens à cidade, mobilizador de instrumentos de análise do sensível. A cidade é escutada, conferindo-se sentido à variedade de sons, cores e odores e ritmos. Ritmos de formas, espessura, cadências, sobrepostos ou não, contínuos

³³ “Everywhere where there is interaction between a place, a time and a expenditure of energy, there is rythm. Therefore: a) repetition (of movements, gestures, action, situations, differences); b) interferences of linear processes and cyclical processes; c) birth grow, peak, then decline and the end”.

ou com interrupções (Fortuna 2009:87,89). Nesta metodologia, o *ritmanalista*, ou o pesquisador de campo, tem uma presença corporal integral, mobilizando todos os seus sentidos (Mendonça 2009:148).

Destacam-se, frequentemente associadas ao conceito de *ritmanálise*, as abordagens à sonoridade da cidade enquanto recurso caracterizador do ambiente urbano e possível indicador de sociabilidades, de uma ‘audição da vida social’ (Fortuna 1998, 2009).

Neste sentido, merecem ser sublinhadas as explorações das sonoridades em ambientes sociais urbanos de Carlos Fortuna (1998) e a sua proposta sobre as imagens sonoras da cidade, destacando o valor das sonoridades enquanto campo de conhecimento: reveladoras de evoluções, modos de organização dos ambientes vividos, comportamentos e ambientes sociais urbanos (Fortuna 1998:21-22).

A análise do ritmo tem como referência constante o corpo e os seus ritmos. Sendo que a teoria dos ritmos é fundada na experiência e na aquisição de conhecimento pelo corpo; o conceito assenta nesta consciência e neste conhecimento, simultaneamente banal, surpreendente e desconhecido, não compreendido (Lefebvre [1992] 2004:67).

Considera-se também importante introduzir uma referência à fenomenologia, enquanto corrente de estudos interpretativos da experiência humana, de perspectivas e métodos no estudo da experiência sensível indivíduo/meio e na valorização do papel do corpo. De acordo com David Seamon (2000), a fenomenologia incide na exploração e descrição de um fenómeno, sendo o fenómeno a experiência vivida pelo indivíduo, de objectos, situações ou acontecimentos.

Na actualidade, existem diversos exemplos de reinterpretação da metodologia situacionista aplicada ao conhecimento do espaço urbano. Destaquem-se as abordagens de Ian Sinclair, Francesco Carreri e Le Breton, abordagens estas centradas no corpo e no caminhar.

Ian Sinclair, escritor e realizador britânico, proeminente psicogéografo contemporâneo, do mesmo modo que os situacionistas, usa o caminhar enquanto modo de conhecimento e de crítica de espaços urbanos. Narrativas que descrevem e reinterpretam a observação pelo uso caminhado frequentemente de espaços marginais, desabitados, de espaços esquecidos (Shortell e Brown 2014:9).

O grupo italiano Stalker e o arquitecto italiano Francesco Carreri, no seu livro *Walkscape: El Andar como Prática Estética* (2002), exploram a prática de andar como forma de apropriação e de transformação do território, incidindo particularmente nos ‘vazios urbanos’ da cidade pós-industrial. A sua abordagem é essencialmente experimental, performativa, centrada no conceito do corpo-andante, imerso num mundo em transformação.

David Le Breton, antropólogo, especialista do corpo, nos seus livros *Éloge de la Marche* (2000) e *Marcher: Éloge des Chemins et de la Lenteur* (2012), faz um elogio à lentidão e ao prazer tranquilo do caminhar, sem a preocupação do tempo que passa ou do ponto de chegada. A marcha urbana é um confronto com o anonimato, onde a cidade, para lá do uso pedonal funcional, é um objecto de uso composto por espaços, gentes: um teatro onde o caminhante é um espectador na primeira fila.

As mudanças profundas na vivência do espaço urbano, nomeadamente ao nível físico, social e cultural, têm vindo a despertar a procura de novas abordagens e de novas leituras do espaço. Cada vez mais surgem estudos nas diferentes áreas a tentar entender a vertente estética, perceptiva e sensorial do espaço urbano. Cada vez mais o pensamento urbano contemporâneo tende a desenvolver o sentido de uma ecologia sensível do quotidiano, ou uma ecologia urbana dos sentidos (Thibaud 2010).

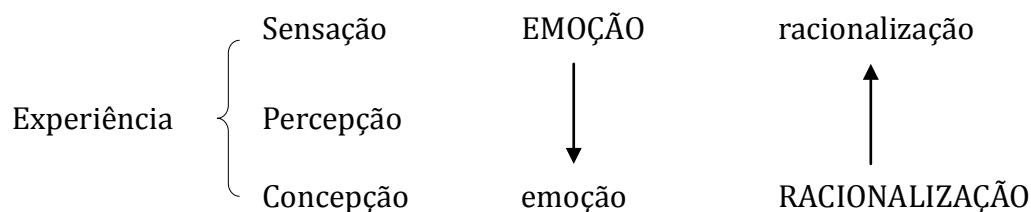
De acordo com Thibaud (2010), as materialidades da cidade passam pelo crivo da percepção sensorial, revelando as qualidades do que é vivido no ambiente construído, com o intuito de captar, aceder, restituir o contexto estético (*aesthesis*), enquanto percepção, pelos sentidos, da experiência urbana comum.

6.2 A EXPERIÊNCIA CAMINHADA E AMBIÊNCIA URBANA

Arnold Berleant, seminalmente, ao desenvolver as noções conjuntas de continuidade e engajamento (ou envolvimento), questiona a abordagem dualista mente/corpo, natural/cultural, considerando que pessoas e meio são homólogos. O meio não é um recipiente, ou uma entidade externa à experiência, pelo contrário, o indivíduo é um participante activo, imerso sensorialmente na situação (Thibaud 2010).

Yi-Fu Tuan ([1977] 2007), no livro *Space and Place*, aborda o modo como o ser humano sente e pensa o espaço e como estes sentimentos são afectados pela sensação de tempo. De acordo com este autor, a experiência (Figura 6.1) é um termo que cobre vários modos, através da qual cada pessoa conhece e constrói a realidade. Estes modos abrangem, desde os sentidos mais directos e passivos, como o olfacto, o paladar e o tacto, até à percepção visual e ao modo indirecto de simbolização.

Fig. 6.1 A experiência e a construção da realidade



Traduzido e adaptado de Tuan ([1977] 2007:8)

Assim, a experiência é central enquanto articulação da sensorialidade da expressividades e da vivência, enquanto saber acumulado. A experiência existe sempre enquadrada numa realidade social e espacial, e existe no âmbito de uma captação selectiva de informações incorporadas nas memórias, nas rotinas, na corporalidade do uso repetido (Frias 2001:26, 27).

Como exposto no Capítulo 2, a experiência do espaço caminhado, o momento de realização do espaço material e social, incide em três dimensões que se sobrepõem: o percebido, o concebido e o vivido (Lefebvre [1974] 1991). Ou seja, o caminhar enquanto prática individual permite a cada indivíduo uma experiência urbana continuada do meio, uma experiência cinética multissensorial, uma apreciação continuada e reflexiva do meio. Permite a construção de uma imagem da cidade de proximidade, uma imagem de uma ou de muitas camadas, de acordo com o repisar do percurso. Espaço realizado pelo acto caminhado enquanto espaço investido por uma experiência sensorial-motora, táctil, visual, afectiva e social, que produz, através das

relações estabelecidas com ele, um conjunto de significações carregadas de valores culturais próprios (Fischer 1994:38).

Assim, a experiência urbana caminhada assenta na ligação entre as interações, as situações e o território. A cidade, com os seus locais, seus objectos, suas diversidades, não é um dado mas uma construção multissensorial de estímulos, de sensibilidades e experiências. Os elementos sensíveis do ambiente urbano funcionam como referências no espaço e no tempo, referências de identidade e de alteridade (Frias 2001:25,26).

A ambiência urbana enquanto tonalidade afectiva do espaço

No mesmo sentido, o conceito de ambiência pretende explicar a experiência do ser humano inserido numa forma espacial específica. A experiência vivida num espaço convocará, não só a história social na qual aquele indivíduo se inscreve, mas também a história do próprio indivíduo. São estas duas histórias que vão gerar uma história de vivência específica, a partir da experiência do meio, por aquele indivíduo (Okamura 2007:117).

Considera-se, assim, que a ambiência, enquanto ambiente percebido, consiste num processo contínuo de reavaliação do carácter praticado e sensorial da percepção. Ou seja, é o espaço-tempo comprovado em termos sensíveis que assenta na experiência holística continuada do meio, experiência esta que cobre vários modos, através da qual cada pessoa conhece e constrói a realidade (Tuan 2007:8; Thibaud 2007:14-15).

De acordo com Jean Thibaud (2010), destacando Gernot Bohme e François Augoyard, como fundadores deste tipo de abordagem, o estudo da estética, enquanto percepção sensível imediata da ambiência, desenvolve-se focando nas tonalidades afectivas dos espaços urbanos e arquitectónicos. Desenvolve-se, enquanto modo qualitativo e aberto, como espaço-tempo experimentado pelos sentidos, negando a existência do objecto e do sujeito.

Consistindo numa proposta alternativa a outras abordagens do ambiente urbano, pretende ser um eixo de pesquisa de conexão entre as formas sensoriais, espaciais e sociais. Menos normativa, enfatiza a actividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível da ambiência, incidindo assim nas diversas tonalidades afectivas da vida urbana (Thibaud 2010).

Desconstrução do conceito de ambiência urbana

Embora ambiência seja um conceito não preciso, imaterial, de difícil delimitação, a ambiência existe enquanto fenómeno sensível que se espalha e impregna no ambiente. Jean-Paul Thibaud, tendo presente o carácter difuso e imediato da ambiência, distingue diferentes ângulos de abordagem à noção de ambiência urbana, seis dimensões do mesmo objecto (2007:14-15):

- Ambiência (invólucro) que envolve, ou seja, definida enquanto campo difuso, privilegiando a imersão, o contacto com a globalidade. Coloca o indivíduo no centro do mundo percebido. Deste modo, a percepção é indissociável das condições concretas onde ela se dá; insere-se num mundo construído (material), nas qualidades do meio (fenómenos sensíveis) e nas acções em curso (actividade prática) que a tornam possível. Assim, a ambiência é abordada através da temática da *espacialidade*.

- Ambiência que integra: Definida enquanto unidade sensível, mobilizando em conjunto os diferentes sentidos (sinestesia) e diferentes tipos de percepção (som, luz, odor, calor). Mais do que uma soma de objectos, sinais e sensações pontuais, a ambiência une num todo coerente os diferentes componentes. Assim, a ambiência é abordada através da temática da *intersensorialidade*.

- Ambiência que se comprova (*s'éprouve*): Definida enquanto tonalidade afectiva. Cada situação ganha uma fisionomia particular, um valor emocional, não se reduzindo a um puro acto de compreensão. A ambiência é sentida antes de ser pensada. Breve na ordem do sentimento imediato e da sensação corporal, ela permite valorizar a versão estética da experiência ordinária. Assim, a ambiência é abordada através da temática da *afectividade*.

- Ambiência que se instala: Definida enquanto dinâmica temporal. Funda-se enquanto interacção com os recursos do meio das actividades que aí se geram. Mais do que um estado estável e invariável, deve ser tomado em conta o modo como emerge, se desenvolve e modula ao longo do tempo. A ambiência surge de um movimento conjunto a partir do qual diferentes fases se encadeiam e se articulam. Assim, a ambiência é abordada através da temática da *temporalidade*.

- Ambiência que liga: Definida enquanto experiência partilhada. Exprime não só o modo de estar numa dada envolvente, mas sobretudo um modo de estar em conjunto.

A ambiência permite tematizar a dimensão colectiva da experiência *in situ*. Assim, a ambiência é abordada através da temática da *sociabilidade*.

- Ambiência que estimula: Definida pela solicitação da motricidade. Mobiliza a capacidade de agir e de influência, afectando o modo como o corpo se movimenta. Convoca a dimensão pré-reflexiva e antepredicativa da experiência e a sua linguagem. Assim, a ambiência é abordada através da temática da *corporalidade*.

A ambiência urbana partilhada

No contexto psicossocial, o ambiente, e particularmente cada espaço, transmite informação que diz ao grupo e do grupo o modo de viver, habitar, trabalhar e viver socialmente, gerando situações específicas – uma espécie de base topológica de natureza sociocultural –, no interior das quais se desenvolvem condutas marcadas por interacções entre as características físicas e os dados culturais do próprio lugar (Fischer 1994:39).

Ou seja, a cidade sentida, embora seja uma realidade dinâmica, viva, fluida, está assente na dimensão social do espaço. Como Aníbal Frias (2001:16) afirmou, o mundo sensível está longe de ser uma realidade empírica caótica, ele existe dentro de uma configuração física, social, própria.

A apreensão da cidade faz-se ao nível da matriz macropsicossocial, enquanto espaço de uma sociedade global, em que o tempo e o espaço são ferramentas de produção de relações. As relações que se estabelecem expõem-se enquanto matriz informativa dos factores culturais, sociais e institucionais.

Cada espaço organizado cria situações específicas, fixando-lhes um quadro funcional. A cidade sentida é ancorada nas normas e nos valores culturais partilhados, percebida e vivida de acordo com o tipo de sociedade e de acordo com a expressão codificada dos sentidos. Ou seja, o ambiente urbano consiste essencialmente no espaço socialmente organizado onde se fundem as dimensões físicas e sociais de cada local (Fischer 1994:10; Frias 2001).

A dimensão espacial é fundamental. A sensorialidade, por sua vez, espacializa-se, ou seja, os fenómenos visuais, sonoros, olfactivos e tácteis são estimulados, modelados pela forma territorial, física, da realidade material (Frias 2001:18).

A dimensão social é central: todo o espaço sociabilizado é uma condição ambiental que enquadra e orienta comportamentos, sendo um suporte de actividades e de produção de relações (Fischer 1994:10).

Assim, se se pode afirmar que cada ambiente é sentido de um modo particular por cada indivíduo, também é inegável o desenvolvimento de sentimentos similares em relação ao espaço (Gifford 2007:91). Cada indivíduo cria a sua própria imagem, havendo tendencialmente uma concórdia substancial entre membros do mesmo grupo social, gerando imagens de grupo, ‘imagens públicas’ (Lynch [1960] 1989:17).

Embora cada ser humano seja único, com experiências únicas, e não partilhe as mesmas imagens avaliativas, existem factores comuns e sobreposições de avaliações de imagens da cidade. A partilha de determinadas realidades físicas, fisiológicas e culturais produz áreas de consenso (Nasar 1998:4). No mesmo sentido, o conceito de qualidade do meio como um todo, que advém do significado associado, é um aspecto extensamente partilhado (Rapoport [1982] 1990:14).

Se, por um lado, associado à unicidade da experiência enquanto intersecção em determinado momento indivíduo/espço, a ambiência urbana é essencialmente um constructo mental, definido e avaliado individualmente, por outro lado, tendo em consideração que os processos cognitivos não são só biológicos, mas são apreendidos social e culturalmente, a ambiência urbana tem uma forte dimensão social.

Assim, embora a ambiência urbana seja uma realidade de difícil objectivação, ela existe de um modo real, sendo mais do que algo volátil, subjectivo e momentâneo. Embora se radique na experiência, no modo como o espaço físico é abordado e sentido, na relação indivíduo/meio, a ambiência urbana assenta numa dimensão social e cultural que abrange cada indivíduo, cada experiência, enquanto factor comum agregador.

7 O CAMINHANTE E A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA DO AMBIENTE URBANO

A percepção é um acto criativo e não uma recepção passiva.

Kevin Lynch, *A Boa Forma da Cidade* ([1981] 1999:127)

Este capítulo incide na acção de caminhar enquanto experiência perceptiva/cognitiva em movimento. Tendo em consideração o conceito de ambiência urbana, assente na unicidade da experiência individual do ambiente (físico, social e cultural), considera-se importante o entendimento dos processos cognitivos associados ao uso caminhado na cidade.

Na segunda metade do séc. XX, como resultado dos problemas emergentes nas grandes cidades ao nível físico, social e psicológico, surgem e intensificam-se, em diversas partes do mundo, estudos sobre a interacção do ser humano com o meio. Destaca-se, assim, a génese da psicologia ambiental, a par da ecologia humana (raiz da actual sociologia urbana) e da geografia humana, que começam a emergir como ciências primordiais do estudo da interacção homem-ambiente urbano. Embora a primeira incida sobretudo no indivíduo e a segunda no grupo social, os seus campos de estudo frequentemente se sobrepõem, sobretudo no estudo de processos de grupo e de comportamentos colectivos. A investigação da arquitectura, da arquitectura paisagista e do planeamento urbano promove e é promovida pelo desenvolvimento destas disciplinas. O estudo da relação homem-meio, pela sua complexidade, acaba por recorrer a abordagens multidisciplinares.

Dentro do campo abrangente da psicologia ambiental, têm-se vindo a estruturar metodologias com objectivos teóricos holísticos, valorizando perspectivas ecológicas para o estudo da relação do indivíduo com o meio. O termo ecológico surge enquanto denominador comum de teorias da psicologia ambiental, associado à percepção e à psicologia social.

7.1 INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA E À PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A psicologia ambiental, embora seja nos anos 60 que surge formalmente, tem as suas raízes, no final do séc. XIX, início do séc. XX, enquanto abordagem holística e molar ao meio na psicologia da forma, ou *Gestalt*. Esta teoria consistia na valorização do todo como algo diferente da soma dos seus componentes, quer pelas teorias das formas estruturais indecomponíveis e dos mecanismos isomórficos da percepção, quer pela reabilitação da experiência vivida e do papel do sujeito na psicologia, pondo em causa as teorias associacionistas, analíticas, objectivistas (Soczka 2005:44). Deste modo, as experiências perceptivas surgem como configurações holísticas, totalidades significativas associadas a um campo de significação, representação subjectiva do real, ou campo psicológico, por oposição ao campo físico, objecto concreto analisado na psicologia do início do século (Soczka 2005:44).

A transposição destes métodos holísticos, fenomenológicos, para o campo dos comportamentos sociais deveu-se a Kurt Lewin (1890-1947). Aprofundando estudos de psicologia social, em particular pelo interesse na influência do meio (social-não social) nos comportamentos colectivos, Kurt Lewin propõe o conceito de campo psicológico e o desenvolvimento de uma psicologia ecológica centrada no ambiente social (Soczka 2005:45).

Egon Brunswik (1903-1955) propõe a aplicação da psicologia ao ambiente real, social e físico, caótico, irregular, imprevisível, defendendo o desenvolvimento da, pela primeira vez designada, psicologia ambiental. As teorias de Brunswik consideram a experiência não exclusivamente dependente da fenomenologia imediata e dos princípios da dinâmica da forma. Pelo contrário, o autor considera que a experiência perceptual surge de um processo de ‘aprendizagem probabilística’, baseada na interpretação de pistas ambientais. Deste modo, a teoria *Lens Model* ou teoria probabilística surge como uma contraproposta à teoria isomórfica de *Gestalt* (Bonnes e Secchiaroli 1995:24-26; Soczka 2005:44).

A influência de campos de conhecimento adjacentes, como a antropologia, com destaque para a obra de Edward Hall, e a sociologia (como exemplo Erwin Goffman), impulsiona o desenvolvimento da psicologia na direcção do estudo físico-espacial do comportamento humano (Bonnes e Secchiaroli 1995:20). Neste sentido, é de destacar R. G. Barker (discípulo de Kurt Lewin) e H. F. Wright, como pioneiros da psicologia ecológica e do estudo dos padrões comportamentais feito no meio natural, em cenários físicos denominados cenários comportamentais (*behaviour settings*) (Soczka 2005:60).

Por fim, considera-se importante referir Irwin Altman (1973:110-111) e o seu *ecological social system approach*, enquanto método capaz de permitir um entendimento rico das relações homem-ambiente. A relação homem-ambiente é concebida como algo que envolve diversos níveis de comportamento que funcionam como um sistema de comportamentos inter-relacionados, complementares, substituíveis, onde existe uma relação mútua entre o ambiente e o comportamento, cada um influenciando e moldando o outro num sentido dinâmico temporalmente ligado.

Percepção ambiental: quatro teorias base

De acordo com Gifford (2007:29-33), no âmbito da percepção ambiental, existem quatro tipos de teorias, abordagens que se destacam: *probabilistic functionalism* de Brunswik, as *affordances* de Gibson, *collative properties* de Berlyne, e a fenomenologia.

A teoria de Egon Brunswik (*probabilistic functionalism*) assenta na importância tanto do indivíduo como do meio, vistos como sistemas com características próprias. O ambiente oferece uma multiplicidade de pistas (*cues*); o indivíduo que percebe encontra sentido, selecciona e utiliza as que são importantes para o seu funcionamento, naquele cenário. Logo, o meio oferece muitas pistas às quais o indivíduo dá pouca atenção, sendo seleccionado um pequeno grupo ao qual o indivíduo dá muita atenção (Gifford 2007:30).

Com a abordagem de Gibson, o meio oferece oportunidades, pistas directas, *affordances*, pistas que, pela sua combinação, fornecem uma informação imediata da sua função, ou utilidade. Ou seja, não requer uma interpretação prévia e/ou decisão do seu valor. Deste modo, este autor dá relevância ao todo como sendo diferente da soma das diversas características. Assim, por exemplo, a forma e a cor são percebidas em

simultâneo na apreensão de um objecto ou de um espaço. Esta teoria enfatiza a visão intuitiva da avaliação (Gifford 2007:31).

A teoria de Berlyne, *collative properties*, consiste numa visão do ambiente, incidindo no ambiente estético, como sendo composto por propriedades que atraem de diferentes modos a atenção do observador, levando-o a investigar e a comparar. Estas propriedades incluem³⁴ novidade, incongruência, ou seja, algo que não faz sentido, complexidade, ou seja, uma grande variedade de elementos expostos, e surpresa, ou seja, elementos inesperados. Berlyne considerou que estas propriedades influenciam o julgamento estético de quem percebe, através de duas dimensões psicológicas: o tom hedonista (*hedonic tone*), ou seja, a quantidade de beleza e prazer experienciados, e excitação/estimulação da incerteza (Gifford 2007:32).

A fenomenologia, com raízes na filosofia, surge na psicologia como uma forma de auto-reportagem com ênfase na percepção pessoal do indivíduo. O indivíduo que percebe e o meio constituem uma unidade. A fenomenologia procura entender o significado único e holístico do espaço de modo qualitativo, baseado na descrição da experiência individual (Gifford 2007:32). Destaca-se, no contexto da percepção do corpo em movimento, David Seamon.

7.2 OS PROCESSOS COGNITIVOS NO AMBIENTE URBANO

Os processos cognitivos agrupam-se em dois grandes tópicos: 1 - percepção e atenção; 2 - cognição (enquanto armazenamento, aprendizagem, memória e *schema*) (Gifford 2007).

A percepção consiste na recolha de informação imediata, exposta, do meio. Embora aparentemente automático, este é um processo extremamente complexo que inclui os modos e os meios pelos quais a informação é recolhida através dos sentidos. A atenção é o processo pelo qual fazemos a selecção, a partir duma imensa quantidade de estímulos, do que nos interessa ou do que estamos aptos a utilizar (Gifford 2007:23).

³⁴ *Novelty, incongruity, complexity, surprisingness.*

A cognição consiste no modo como processamos, armazenamos, reutilizamos a informação percebida (Gifford 2007:23). Embora estes processos sejam frequentemente de difícil distinção, é útil ter presente a sua diferença: o primeiro relaciona-se com o processo sensorial de recolha de informação, e o segundo com o entendimento e a manipulação da mesma (Arthur e Passini 1992:33).

7.2.1 Percepção e atenção de ambientes complexos

O estímulo e a sua percepção consistem numa unidade de relações múltiplas, em que a relação estímulo-resposta depende, por um lado, de padrões, complexidade, novidade e movimento existentes no meio, e, por outro, do observador, ou seja, da experiência passada deste em relação àquele ambiente, da sua capacidade de organizar e comparar o que percebe, das suas capacidades sensoriais e das características de personalidade, motivação e emoção (Bell *et al.* 2001:6).

Abordagem aos quatro sentidos

Em 1912, Georg Simmel (1981), no seu *Ensaio sobre a Sociologia dos Sentidos*, reflecte sobre a constituição sensorial do Homem, abordando os modos perceptivos, a intersensorialidade, e a influência recíproca destes e do seu significado para a vida colectiva. A visão é considerada o mais importante dos sentidos na relação com o outro, dada a sua reciprocidade no estabelecimento do contacto social (Simmel 1981:225-226). Comparando este sentido com a audição, o autor considera que existe um grande contraste do ponto de vista sociológico entre estes dois sentidos. Com a audição, sentido apenas receptivo, o som surge passivamente limitado pelo tempo, interpretação momentânea do outro e da sociedade. Com a visão, o olhar perdura de um modo activo e cumulativo na recolha de informação, e eventualmente recíproco quando existe contacto com o outro. Por outro lado, confirmando um valor social importante à sonoridade, refere que, ao contrário da visão, a percepção sonora é algo que é partilhável por um grande grupo, não estando dependente de uma perspectiva específica (Simmel 1981:229-233).

A visão, particularmente na sociedade contemporânea, é o sentido dominante. Os olhos, ao movimentarem-se através de uma situação complexa, scanerizam um campo visual. A scanerização visual é rápida, eficiente e segura. A visão é igualmente

versátil. Funciona em simultâneo para a distância e para vistas em *close-up*. Esta percepção é pré-atenta, servindo para identificar objectos ou mensagens com interesse (Neisser 1967 in Arthur e Passini 1992:33).

Mas a cidade também é marcadamente sonora; os sons de pessoas, de transportes, de animadores de rua ou de uma ambulância que passa, mesmo que distante, marcam as ambiências urbanas. Como o anúncio da sociedade, os sons da cidade produzem urbanidade (Attali 1977 in Roulleau-Berger 2004:91).

Após a visão, a audição é, provavelmente, para a maioria dos indivíduos, o segundo sentido mais importante na percepção ambiental e na orientação na cidade, surgindo interligados: os sons percebidos em cada momento de experiência da rua são modulados em função do espaço e da interpretação visual perceptiva do mesmo.

O som e a sua percepção podem ser pensados enquanto ambiente sonoro, meio sonoro e paisagem sonora. Ou seja, ambiente sonoro quando o som revela o conhecido, relaciona-se com um contexto (conjunto de feitos sonoros mensuráveis e manejáveis); o meio sonoro ou vivido, ou seja, a imersão sonora global, e a paisagem sonora, sobretudo o sentido, o som relacionado com a actividade e a paisagem física e sensorial (Amphoux 1994 in Roulleau-Berger 2004:91).

A paisagem sonora existe no encontro entre o apelo sonoro e as disposições afectivas. Ela retorna à experiência sensível do cidadão, ou seja, perante a perturbação de disposições afectivas, cada indivíduo valoriza, ou tende a accionar, a tornar mais activa a capacidade de recolha e interpretação do som (Roulleau-Berger 2004:92).

A decifração da paisagem sonora traduz sempre um acto de atribuição de sentido; o significado de um som é algo relativo, relacionado com a fonte de emissão e com o modo como se combina com os restantes sons. Um relativismo também de acordo com a experiência social e biográfica na interpretação do som (Fortuna 1998:29).

Cada indivíduo, em função da sua experiência e da sua cultura, escuta a cidade à sua maneira. Escuta e sente, pois o som está fortemente ligado a memórias e a emoções. Associada a estas especificidades, a audição destaca-se enquanto sentido de alerta, de aviso de sinais de insegurança, captando os denominados *warning cues* (Arthur e Passini 1992:35).

Uma das particularidades do som é que o indivíduo caminhante está imerso, funcionando a 360°, sem que a cabeça se mova. Ao contrário da visualidade, não é

possível fechar os ouvidos, mesmo quando o som é excessivo ou incómodo. Outro dos aspectos relevantes é que a paisagem sonora é difusa, difícil de isolar e de distinguir os diversos sons; as paisagens sonoras estão em constante mutação, frequentemente não dando tempo a uma clara racionalização do que é percebido (Moch e Sibony 1988 in Fischer 1994:102).

Sendo algo pessoal, a predisposição ou receptividade perante o excesso de som da cidade, a percepção e valorização da ambiência sonora e em particular do ruído, tem um carácter bastante subjectivo e é mais ou menos tolerado de acordo com o contexto e com o modo como este está a ser vivido. É possível, contudo, encontrar várias constantes psicossociais em relação ao ruído (Moch e Sibony 1988 in Fischer 1994:102). Quanto mais intenso e agudo, maior incómodo provoca; é considerado um incómodo importante se se repete, e uma perturbação se for isolado; induz efeitos emotivos, por vezes não pelo ruído *per se*, mas pela origem da sua emissão; e a sua tolerância varia de acordo com o lugar onde se produzem e a actividade e atitude do indivíduo em determinado momento.

Nem sempre o ambiente sonoro é o desejado por todos, frequentemente é um *continuum* de sons que se misturam, afectando o conforto de quem percorre a cidade. Ao cidadão fatigado, por norma não agrada a invasão dos sons, não suportando o barulho. Frequentemente, a cidade e os seus sons são evitados, com as janelas dos carros fechadas, ou com o caminhar com *head-phones*, recriando uma nova banda sonora para a cidade percorrida.

O olfacto, embora não muito desenvolvido no ser humano, e cada vez menos presente conscientemente, tem muitas vezes uma presença importante na memória emocional e no inconsciente.

Em contextos sociais, o odor é um factor que se destaca no contacto entre indivíduos de origens culturais muito diferentes. O uso de uma higiene corporal mais intensa e de produtos com cheiro, por um lado, atenua estas diferenças, e simultaneamente faz do cheiro pessoal, para muitos, algo que se assemelha a um adorno, valorizando e focando o sentido do outro para a sua atmosfera pessoal (Simmel 1981:235-238).

Por vezes, o mau cheiro surge associado a um uso marginal do espaço, ao dormir ou urinar no espaço público em locais mais isolados. Neste sentido, poder-se-á associar a uma percepção de falta de segurança.

Por fim, é de referir a experiência tátil, pouco explorada pela psicologia ambiental e que surge predominantemente associada ao conforto e à experiência cenestésica³⁵. Como exemplo, o calor e o frio, a textura do pavimento, o movimento e a consciência do corpo no esforço duma subida. A experiência tátil do território caminhado é extremamente relevante na valorização do corpo na concretização espacial da paisagem urbana.

A acção (selecção e direcção) da percepção e da atenção

As imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador - com grande adaptação à luz dos seus objectivos próprios - selecciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê. A imagem, agora assim desenvolvida, limita e dá ênfase ao que é visto, enquanto a própria imagem é posta à prova contra a capacidade de registo perceptual, num processo de constante interacção. Assim, a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores.

Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade* ([1960] 1989:16)

Os ambientes complexos são percebidos através das diferentes modalidades sensoriais interconectadas num todo, numa relação sinestésica³⁶. Os ambientes não têm limites e são envolventes, solicitando a exploração, mais do que uma atitude de exposição passiva. Deste modo, perante ambientes complexos, estes são percebidos de um modo selectivo e direccionado: com uma escolha activa de modalidades sensoriais, percebidos à luz das actividades aí executadas (Arthur e Passini 1992:33).

A percepção em ambientes complexos utilizados diariamente é frequentemente moldada pela habituação e pela necessidade de selecção funcional do uso do espaço (Ittleson 1973 in Arthur e Passini 1992:33).

³⁵ Que é relativo à sensibilidade orgânica interna e que se reflecte num estado geral de bem-estar ou mau-estar (*Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*).

³⁶ Percepção simultânea (*Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*).

No mesmo sentido, Donald Appleyard (1973:109) considera, a partir dos seus estudos, que surgem três tipos de percepção urbana:

- Percepção operacional (*operational*), associada a um propósito funcional externo, como exemplo no percurso quotidiano entre a casa e o trabalho. O que é retido, ou valorizado, são as barreiras ou os facilitadores do objectivo final.

- Percepção receptiva (*responsive*), associada ao lazer, ou a pausas, sensorialmente mais aberta a diferentes estímulos. A percepção focaliza na retenção de imagens.

- Percepção inferencial (*inferential*), ou seja, comparativa com o modelo e as categorias que cada indivíduo constrói do meio, com uma expectativa pré-definida. Neste sentido, a percepção funde-se com o processo cognitivo. A percepção incide no significado sócio-funcional.

A percepção ambiental é, grande parte do tempo, uma percepção direccionada com um propósito. Tendo em consideração a sua complexidade, os ambientes têm de ser percebidos de modo selectivo, e a relevância da informação obtida necessita de ser igualmente avaliada (Arthur e Passini 1992:33).

A percepção contínua em movimento e a corporalidade

A experiência do ambiente urbano é dominada por qualidades dinâmicas. Não só porque o mundo visual está em constante movimento, mas também porque o observador, enquanto caminha ou utiliza um meio de transporte, está em movimento (Heft e Nasar 2000:303). Gibson (1979 in Heft e Nasar 2000:302) considerou que a acção é parte integrante do processo de percepção.

A imagem estática e a imagem dinâmica diferem. Quando o observador em movimento interage com o ambiente, como por exemplo caminhando, o campo visual está em constante mutação. Algumas destas mudanças incluem o seguinte (Gibson 1979 in Heft e Nasar 2000:303): fluidez óptica (*optical flow*), ou seja, existe um contínuo de imagens a partir de um centro de expansão no campo de visão e que acompanham o movimento; paralaxe do movimento (*motion parallax*), ou seja, de acordo com a distância entre objecto e observador a taxa de movimento varia; oclusão e desocclusão

óptica (*optical occlusion and disocclusion*), ou seja, o constante aparecimento e desaparecimento de imagens.

A experiência do caminhante faz-se por vistas sequenciais, isto é, diferentes níveis de complexidade tornam-se evidentes com a alteração da velocidade. Quando a experiência é feita mais devagar, como o caminhar do visitante, a proximidade dá relevância a pormenores, como as texturas das superfícies. A velocidade do caminhar valoriza a experiência intersensorial, a experiência dos atributos não fixos, como as actividades, ou a frequência e interacção dos indivíduos no espaço (Rapoport 1987:86; Nasar 1998:94).

Amos Rapoport (1987:86), na sua análise da relação entre a velocidade do movimento, complexidade do meio e percepção, compara o movimento caminhado com o motorizado. Expressando a complexidade pela quantidade de diferenças reparadas ao longo do percurso, considera que a velocidade tem um papel extremamente importante na percepção da complexidade. O pormenor, as diferenças subtis ao longo de um percurso são identificadas pela baixa velocidade do caminhar e pela abrangência perceptiva associada, em contraste com o uso motorizado e a atenção necessariamente focada do condutor.

Embora alguns investigadores se tenham debruçado sobre a importância do estudo da percepção dinâmica, sabe-se muito pouco acerca do modo como as pessoas percebem enquanto se movem e estão activas no espaço, e como é que lidam com uma afluência contínua de informação decorrente de situações complexas (Arthur e Passini 1992:33; Heft e Nasar 2000:303).

Contacto básico ou dispositivo de percepção pré-consciente e a variabilidade da intensidade perceptiva do corpo em movimento

Considera-se essencial o contributo da fenomenologia para o entendimento desta temática, em particular através da corporalidade da experiência perceptiva associada ao movimento. Merleau-Ponty e posteriormente David Seamon, ambos no campo da fenomenologia da percepção, exploram a fusão corpo-movimento no contacto perceptivo, abordando a percepção em movimento como um processo complexo.

Através da fenomenologia, David Seamon aborda, de um modo holístico, a experiência do movimento, considerando que os indivíduos constroem uma ligação

corporal e emocional com o seu mundo geográfico, e que o nexa, ou a coerência, desse envolvimento é a familiarização e existência de padrões de continuidade expectáveis e ordenados, assumidos como estáveis. O estar e o movimentar-se (conceitos de natureza dialéctica) no mundo espaço-temporal implicam uma interface entre o indivíduo e o meio que varia de intensidade de acordo com as flutuações da consciência do espaço exterior (Seamon 1979:131).

David Seamon (1979:115) aborda o contacto básico, definindo-o como o dispositivo de percepção pré-consciente do *body-object*. Ou seja, uma consciência base pré-reflexiva da atenção. O contacto básico e o movimento enquanto processo de experiência não são separáveis, existindo uma reciprocidade percepção-movimento; o contacto básico assiste o movimento, que por sua vez permite aceder a um novo campo perceptual. A reciprocidade percepção-movimento estende-se à reciprocidade indivíduo-mundo. O corpo é poder de movimento e contacto básico.

O contacto básico assenta na percepção dialéctica contínua do corpo em movimento aliada a uma memória corporal do *body-subject*, permitindo a base para mais ou menos intensidade ou consciência da interface perceptiva.

A intensidade perceptiva ao longo do tempo e do espaço, ou seja, a interface activa indivíduo-meio, a sua atenção ao estímulo, não é constante, flutuando, por vezes repentinamente, entre uma consciência mais interna ou mais externa do seu eu e do mundo. David Seamon (1979:103-105), no âmbito da variedade e variabilidade, nomeia cinco modos de interface presentes no *continuum* flutuante da consciência da envolvente³⁷: alheamento, reparar, ver, contacto superior e contacto básico.

Assim, o alheamento, embora não implique uma cessação de toda a atenção externa, refere-se às situações em que a atenção consciente não está em contacto com o mundo externo, está direccionada para o interior – pensamento, sentimentos. O alheamento surge frequentemente associado à rotina. Em oposição, o ver, definido como o assistir activamente, está associado a uma atenção externa activa. Surge, normalmente, não de um modo planeado ou consciente, mas sim do carácter da envolvente, requerendo actividade e movimento. A observação gera uma ligação do indivíduo ao lugar.

³⁷ *Obliviousness, noticing, watching, heightened contact, basic contact.*

Outro aspecto relevante na interface indivíduo, meio e uso caminhado é o reparar: algo que transita de uma não existência consciente para uma atenção central. Incongruência, surpresa, contraste, atracção ou repulsa. O reparar, embora mais pontual do que o ver, tende a provocar uma imersão sensorial consciente mais profunda.

O denominado contacto superior surge em momentos em que há a percepção de uma sintonia numa forte presença da consciência interna e externa. A harmonia com o mundo concreto, um sentimento de estar.

7.2.2 Cognição: aprendizagem, memória, *schema*

Considera-se agora abordar a cognição ambiental enquanto modo como processamos, armazenamos, reutilizamos a informação percebida, como entendimento e manipulação da mesma (Gifford 2007:23; Arthur e Passini 1992:33).

A cognição ambiental é agora abordada, por um lado, no âmbito da leitura espacial e da construção dos mapas cognitivos, e, por outro lado, ao nível da compreensão da categorização dos ambientes sócio-físicos.

Cognição urbana espacial

A qualidade percebida do ambiente reflecte-se na mente humana em muitos sentidos. As pessoas reconhecem o ambiente (espaço) pela reflexão das formas, luz e profundidade. As pessoas orientam-se no meio por identificação do ambiente pelos seus elementos e padrões.

Dois pioneiros na investigação da cognição urbana foram os urbanistas Donald Appleyard e Kevin Lynch, cujos trabalhos precursores constituíram a base de muitos estudos de investigação comportamental na cidade (Garling 1995:1).

Kevin Lynch (1918-1984) (já abordado no cap. 5), no livro *A Imagem da Cidade*, analisa a qualidade visual da cidade americana, estudando a imagem mental que os habitantes têm dela. Concentra-se especialmente numa qualidade visual particular: a aparente clareza ou legibilidade da paisagem citadina (Lynch [1960] 1989:12). Este autor teve uma abordagem inovadora e sistematizada à imagem da cidade. Os seus estudos e metodologias de análise apoiaram-se em inquéritos e recolha de mapeamentos sintéticos.

Para Kevin Lynch, cada indivíduo cria a sua própria imagem, havendo tendencialmente uma concórdia substancial entre membros do mesmo grupo social, gerando imagens de grupo, ‘imagens públicas’ (Lynch [1960] 1989:17).

Mapas mentais

Kevin Lynch surge como um precursor dos ‘mapas mentais’, desenhados pelas pessoas com o intuito de, a partir da sua análise, entender como é que as pessoas percebem a sua envolvente. Neste estudo, o autor conclui, por observação de padrões recorrentes, que existem cinco elementos básicos no desenho da cidade que formam a percepção. O autor refere que praticamente todos os inquiridos desenharam ruas ou espaços de movimento, o que Lynch categorizou como vias (*paths*). Os outros quatro elementos foram: limites (*edges*), bairros (*districts*), cruzamentos (*nodes*) e elementos marcantes na paisagem (*landmarks*).

De acordo com o mesmo autor, uma imagem pode ser analisada em três componentes: identidade, estrutura e significado. Este estudo coloca ênfase no meio físico como variável independente, procurando qualidades físicas que estão relacionadas com os atributos da identidade e estrutura da imagem mental, ou seja, limita-se ao efeito de objectos físicos perceptíveis, optando por não abordar o significado (Lynch [1960] 1989:18).

Destaca-se ainda o conceito de imageabilidade: a qualidade de um objecto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. É essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais e vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente. Também pode ser chamada legibilidade (Lynch [1960] 1989:20).

Donald Appleyard (1970), ao estudar uma cidade na Venezuela, detectou que os mapas construídos se dividiam nos que tinham um carácter sequencial (*sequential maps*) e nos mapas que enfatizam a organização espacial (*spatial maps*) (Bell *et al.* 2001:72).

Os métodos de análise de mapas cognitivos são muito diversos, reflexo da heterogeneidade de situações que podem estudar. Esta diversidade dificulta a comparação entre estudos.

Schema e categorização

Considera-se agora o conceito de *schema*, que incide na apreensão não só espacial mas também social, enquanto factores determinados e determinantes da experiência do meio acedido.

Os processos de aprendizagem e memória, de acordo com Baroni (2003:67), são actualmente considerados muito interconectados, com destaque para a teoria Atkinson and Shiffrin's (1971), que unifica, num modelo sensorial, a memória de curta e de longa duração. A relação entre atenção, aprendizagem e memória semântica é a base da teoria do *schema*. Considera-se importante abordar o conceito de *schema* e a sua categorização.

Schema foi definido por Neisser (1976) enquanto constructo mental que intermedeia a percepção e a cognição através da activação do conhecimento e de experiências individuais. O *schema*, de acordo com este autor, é a porção do ciclo perceptual que é interna a quem percebe, modificável pela experiência e, de algum modo, específica do que é percebido (Baroni 2003:68).

Quem percebe constrói uma realidade sua, *schema*. Esta é basicamente uma estrutura de conhecimento, construída por aceitação (*accomodation*) e assimilação de configuração de estímulos, ou seja, dados sensoriais brutos. É o principal modo, não só de processamento e armazenamento de informação relevante para o indivíduo, mas também enquanto estrutura de conhecimento, que permite providenciar planos ou modelos para futuras acções (Lee 2003:28).

O meio construído, de acordo com Terence Lee (2003:33-34), é, em maior ou menor grau, isomórfico com o sistema social que aí se desenrola. O ambiente humano nunca é percebido apenas enquanto objecto físico, isolado das suas implicações sociais e padrões comportamentais de actividade. O modo subjacente de processamento de informação é a esquematização (*schematisation*). A esquematização consiste numa relação de expectativas relativas a *o quê, onde e quando*³⁸.

A categorização das configurações de estímulos, ao organizar e estruturar o mundo observado, de acordo com Lee (2003:50), é provavelmente o processo mais fundamental de todos os processos cognitivos. Esta categorização surge da construção a partir de material sensorial bruto e da sua ligação por constelações hierárquicas. É esta meta-estrutura que permite o encaixe de novos *inputs* nas categorias apropriadas.

³⁸ *Whatness, whereness e whenness.*

É de referir que os *inputs* são frequentemente pré-seleccionados por agentes externos, ou seja, processos sociais, incluindo os *media*, que influem extensamente nas categorias criadas (Lee 2003:50).

A partilha do mesmo *schema* por diferentes indivíduos gera um processo de ratificação, ou seja, assume a forma material de ‘representação social ou *schemata*’, tornando-se pertença ou norma para um grupo, ou subgrupo, social. Ao ser difundido, delimitado pelos meios de informação, é aferido enquanto estímulo partilhado, consolidando-se enquanto representação social. Gera-se um processo circular (Lee 2003:50-52).

De acordo com Mandler (1984 in Baroni 2003:69), a informação contida num *schema* referente ao meio (*environmental schema*) é de três tipos: informação de inventário (que objectos têm de ser reconhecidos para um determinado ambiente corresponder a um determinado *schema*), relação informação espacial (qual a posição típica; relação típica dos objectos entre eles para um determinado ambiente) e informação descritiva.

Por fim, é de referir a influência de factores como a motivação e a emoção, ou seja, os componentes afecto-emocional e comportamental do *schemata* ambiental.

8 O CAMINHANTE E A APRECIACÃO DO AMBIENTE URBANO

8.1 CONCEITO DE APRECIACÃO DO AMBIENTE

Considera-se agora importante a definição de apreciação do ambiente enquanto avaliação centrada no indivíduo e no modo como este sente e avalia o espaço caminhado, ou seja, como este aprecia a cidade acedida.

É importante compreender e distinguir os termos apreciação³⁹ e estimativa de qualidade⁴⁰, delimitar as suas diferenças (Quadro 8.1) (Gifford 2007:76).

Quadro 8.1 Diferença entre apreciação do ambiente e estimativa do ambiente

APRECIACÃO DO AMBIENTE	ESTIMATIVA DE QUALIDADES DO AMBIENTE
Centrada no indivíduo	Centrada no espaço/ambiente
Como o indivíduo sente o ambiente	Que qualidades são atribuídas pelo avaliador ao ambiente
Dependente de constructos psicológicos (emoção, significados...), experiências individuais	Dependente das capacidades técnicas e dos objectivos de leitura e uso do espaço
O observador surge de acordo com um balizamento feito pelo investigador segundo o intuito da investigação	O observador/avaliador é normalmente um profissional
Estudos de investigação antropológica, etnográfica, psicológica	Utilizados em políticas de intervenção pública
Julgamento de preferência	Julgamento de qualidade

Traduzido e adaptado de Gifford 2007:76

³⁹ *Appraisal.*

⁴⁰ *Assessment.*

8.2 APRECIACÃO AMBIENTAL: IMPRESSÃO PESSOAL DO AMBIENTE

De um modo geral, na psicologia ambiental, a apreciação do ambiente refere-se às seguintes categorias de impressões da envolvente, que frequentemente se sobrepõem: impressões descritivas, impressões avaliativas e de preferência, impressões de julgamento estético, impressões afectivas e emocionais, impressões de significado e preferências, apreciações conotativas e inferências.

8.2.1 Impressões descritivas

As impressões descritivas consistem em descrições ambientais livres. Perante a dificuldade em conseguir dados comparáveis, diversos estudos optam por desenvolver conjuntos de descritores ambientais (ex.: fotografias, filmes), compreensíveis, aptos para serem avaliados de um modo controlado, mais fácil para a investigação e para a maioria dos inquiridos. Estes surgem de acordo com a definição do objecto de estudo, tanto em termos espaciais, como na relação dos observadores seleccionados com o meio (residentes, turistas, determinada faixa etária...).

8.2.2 Impressões avaliativas e preferências espaciais

A preferência é um conceito que surge de preocupações básicas do ser humano. Ou seja, longe de ser um conceito frívolo, a preferência associa-se a espaços onde as necessidades humanas básicas estão garantidas, onde o ser humano sente que consegue funcionar bem (Kaplan e Kaplan 1995:10). Esta posição não afirma que as pessoas estão conscientes das suas necessidades, ou que as preferências são universais; na realidade, a preferência é directa, imediata e holística, não havendo uma consciência do processo que a despoleta (Kaplan e Kaplan 1995:10).

No campo das abordagens conjuntas, observador-ambiente, destaca-se o casal Kaplan e Kaplan (1989) e os seus critérios de avaliação estética sob o ponto de vista cognitivo. Estes autores constroem uma importante teoria, que relaciona as capacidades cognitivas humanas do meio e as preferências do público, relativamente a aspectos visuais do meio. Assim, com base no processamento cognitivo da informação visual,

estabelecem dois tipos de relações no sistema de preferências (Quadro 8.2): o fazer sentido/compreensão e envolvimento/exploração.

Quadro 8.2 Tabela de preferências de cenários visuais

Disponibilidade/ características da informação	Necessidades	
	Fazer sentido/ Compreensão 2D	Envolvimento/ Exploração 3D
Presente ou imediata	Coerência	Complexidade
Futura ou prometida/ prevista/ inferida	Legibilidade	Mistério

Traduzido e adaptado de Kaplan e Kaplan 1989:81; Kaplan e Kaplan 1995:53

A preferência por um cenário é considerada como sendo função da necessidade de este fazer sentido e da necessidade de envolvimento, ou seja, em função da necessidade básica imediata (fazer sentido/compreensão) e da necessidade básica de longo termo (envolvimento/exploração) (Kaplan e Kaplan 1989:81). De acordo com o casal Kaplan, a necessidade de fazer sentido pode ser abordada como bidimensional, por ter uma disponibilidade imediata, e a necessidade de envolvimento/exploração como tridimensional, por requerer uma inferência e uma maior interpretação (Kaplan e Kaplan 1995:52).

A informação pode estar imediatamente acessível ou ser induzida. Cenários coerentes permitem ao observador estruturar e organizar imediatamente os elementos do cenário. A integração dos elementos, interpretada como a redundância que permite ler um cenário como um todo, é uma componente importante (Kaplan e Kaplan 1989:82). Cenários complexos oferecem muita informação ao observador, permitindo ao observador ficar ‘ocupado’, requerendo tempo de observação. A complexidade pode significar riqueza e diversidade se aliada à coerência (Kaplan e Kaplan 1989:82; Gifford 2007:83).

Um ambiente legível transmite a noção de que o indivíduo não se perde nele, que a lógica do espaço se mantém para lá do visível. Evidenciam-se espaços com abertura e elementos que se destaquem do todo, definidos como *landmarks* (Kaplan e Kaplan 1989:86).

Por outro lado, um ambiente misterioso significa que o ambiente, para além do espaço visível ou do momento, aparenta ser não previsível, promete interações ricas, promete surpreender (Gifford 2007:83).

Numa extensão da teoria de Gibson, e na sua ênfase na relação entre padrões de ambiente e requisitos adaptativos do indivíduo à potencial utilidade do meio, também o casal Kaplan considera que o meio providencia oportunidades, através de pistas (*affordances*), que permitem um conhecimento sobre possibilidades de orientação, de segurança e de mobilidade, entre outras. Estas oportunidades funcionais denominam-se *cognitive affordances* (Kaplan e Kaplan 1989:89; Gifford 2007:82).

Estas pistas/oportunidades cognitivas (*cognitive affordances*) estão inter-relacionadas, com particular ênfase para a legibilidade e coerência. A relação entre estes quatro itens varia sobretudo com o tipo de ambiente em que incide o estudo (Gifford 2007:84).

A organização cognitiva do espaço é um modo de avaliação do ambiente. A tabela de preferências significa, de um modo genérico, que as preferências devem ser induzidas pela maior presença dos itens que a compõem (Gifford 2007:84).

A preferência e a familiaridade

Tanto a necessidade básica de fazer sentido como a de envolvimento e exploração são afectadas pelas experiências prévias do indivíduo em relação ao cenário. A familiaridade é outro item que os autores destacam como afectando a avaliação do espaço e determinantes da preferência (Gifford 2007:83; Kaplan e Kaplan 1989:92).

A familiaridade, ao descrever o relacionamento entre o indivíduo e o elemento com o qual o indivíduo teve uma considerável experiência, assume que a experiência foi suficiente para levar ao desenvolvimento de um modelo interno desse mesmo elemento. Considerando o modelo interno uma simplificação da realidade, um modo económico de codificar a informação, é expectável que a familiaridade influencie a necessidade de fazer sentido, básica e imediata, permitindo a concentração no essencial e ignorar o irrelevante. Por outro lado, um cenário familiar, por um mecanismo adaptativo, requer uma menor capacidade cognitiva, não envolvendo nem convidando a ser explorado (Kaplan e Kaplan 1989:92).

Por fim, é interessante um outro tipo, muito diferente, de familiaridade: a familiaridade por antecipação. Ou seja, o indivíduo familiariza-se com o espaço via descrições e imagens prévias. A antecipação, embora nem sempre, frequentemente assenta na previsão de uma avaliação futura positiva (Kaplan e Kaplan 1989:93).

8.2.3 Impressões de julgamento estético e impressões de apreciações afectivas e emocionais

De um modo geral, considera-se que a apreciação dos valores estéticos se relaciona com a experiência de cada indivíduo e a sua inserção sociocultural (Gifford 2007:84).

Na investigação da apreciação afectiva e emocional de um ambiente, destacam-se James Russel e Albert Mehrabian e a sua visão da emoção enquanto mediador entre o ambiente, a personalidade (influências pré-existentes) e o comportamento (como o resultado) (Gifford 2007:85).

A teoria das apreciações afectivas do meio consiste num modelo/esquema circular de emoções que forma um infinito número de combinações. Os seus eixos são definidos por Russel por quatro dimensões: agradável (*pleasant*) (vs. desagradável), estimulante (*arousing*) (vs. aborrecido), animado (*exciting*) (vs. deprimente) e relaxante (*peaceful*) (vs. stressante, *frightening*) (Russel e Ward 1981 in Nasar 1998:27 e Gifford 2007:85).

As qualidades do ambiente e as variáveis pessoais podem induzir qualquer uma destas emoções, num determinado cenário. Diversos estudos afirmam que o impacte emocional de um determinado ambiente está sistematicamente relacionado com o comportamento (Gifford 2007:85).

8.2.4 Significados e preferências

O significado, seja de um objecto, de um edifício, ou de um ambiente, é definido e interpretado de acordo com a sociedade, a cultura e a ideologia.

O termo *significado* é utilizado em diferentes processos de cognição, descrição ou avaliação ambiental. Sumariamente, distinguem-se aqui três tipos de relações, identificadas com termos semelhantes por diferentes autores:

- Comunicação funcional ou propósito (Gifford 2007:86) / Nível inferior (Rapoport 1990) / Nível denotativo (Nasar 1998), a função primária, ou de primeira ordem do objecto (Eco 1968). Ou seja, que se relaciona com o dia-a-dia e com o uso instrumental, com a identificação da função, ou da razão de ser, a partir das características físicas identificadas, seja de um elemento, de um edifício ou de um espaço.

- Comunicação / interpretação pessoal (Gifford 2007:86) / Nível médio (Rapoport 1990) / Nível conotativo (Nasar 1998). Ou seja, o que comunica o aspecto latente e não o instrumental. Por exemplo, o que um espaço exterior urbano comunica ou reflecte dos seus utilizadores, ou o que é que um edifício comunica dos seus habitantes.

- Comunicação ideológica (Gifford 2007:86) / Nível superior (Rapoport 1990) / Nível abstracto (Nasar 1998). Ou seja, relacionado com sistemas culturais específicos, filosóficos ou sagrados. Gifford (2007:87) refere-se, por exemplo, à comunicação, ou à falha desta, entre a base teórica conceptual dos edifícios e o público que não provém da área da arquitectura.

O conceito de significado influi no interesse que o ambiente urbano desperta, no valor que lhe é atribuído e no modo como é percepcionado e interpretado. O significado de cada espaço pode ter um carácter individual ou social, ancorado espacialmente em experiências partilhadas. Neste âmbito, surge o conceito de lugar e apropriação espacial.

O conceito de significado influi no modo como a paisagem é percepcionada e avaliada. Jack Nasar, autor de *The Evaluative Image of the City* (1998), a partir do trabalho de Kevin Lynch, investiga a percepção e avaliação da imagem nas cidades, valorizando o *significado* – a terceira categoria, que Lynch optou por não desenvolver.

O conceito de imagem avaliativa surge com o objectivo de explorar o conceito de significado enquanto valor emocional relativo aos elementos e à sua relação. A sistematização do meio nos atributos espaciais e significados propostos por Rapoport, e tendo presente a avaliação de preferências espaciais propostas por Kaplan, permitiu ao autor uma sistematização de preferências.

Com base num estudo empírico realizado em Knoxville e Chattanooga, duas cidades americanas, utilizando como método de recolha de dados entrevistas telefónicas, este autor conclui que, recorrentemente associados a preferências positivas ou negativas,

destacam-se os seguintes cinco factores/atributos físicos do meio (*likable features*) (Nasar 1998:6; Nasar 2008:360):

- Natureza/presença de elementos naturais (*naturalness*) – É referente à percepção do indivíduo da presença ou dominância de elementos naturais, como vegetação, água ou montanhas, comparativamente com os elementos construídos.

- Evidência de boa manutenção (*upkeep civilities*) – É referente à percepção do indivíduo de sinais de boa manutenção, ou ausência de sinais de degradação.

- Abertura/amplitude visual (*openness*) – É referente à vista, densidade do edificado e amplitude visual percebida.

- Riqueza visual (*complexity*) – É referente à quantidade de informação que estrutura uma cena, o número de elementos diferenciáveis e o modo como se distinguem. Neste contexto, surgem dois componentes: ordem (como é que o meio é visto quanto a coerência, congruência ou clareza) e complexidade.

- Significado histórico (*historic significance*) – Consiste na percepção do genuíno, da autenticidade histórica do local e da unicidade ou raridade do mesmo.

8.2.5 Apreciações conotativas e inferências

Os ambientes comunicam, revelando pistas através das quais as pessoas fazem inferências acerca de prestígio, posição social, classe ou *status*, hostilidade, territorialidade, crime, entre outros. Por exemplo, frequentemente a qualidade do ambiente é julgada através da manutenção e conservação do edificado (Rapoport [1982] 1990:139; Nasar 1998:27).

Estudos revelam que inferências instantâneas a estranhos, baseadas em informação muito limitada, assentam maioritariamente em atributos não fixos, utilizando frequentemente estereótipos na avaliação das características percebidas (Rapoport [1982] 1990:139).

Os elementos físicos tornam visíveis e estáveis algumas categorias. Quanto mais complexo o significado inferido, maior necessidade de redundância de pistas e sinais concordantes nos atributos fixos, semifixos e não fixos (Rapoport [1982] 1990:149,15).

A apreciação ambiental é dependente da inferência de risco ou falta de segurança, seja referente a crime ou a acidentes naturais ou de tráfego. Esta inferência varia com o indivíduo, o ambiente e o modo de interação de ambos. Género, idade, formação ou origem cultural são variáveis que afectam a inferência de existência, ou não, de risco. As características do meio, como baixa iluminação e presença de sinais de vandalismo, influenciam a percepção de segurança (Gifford 2007:88).

9 SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES - PARTE I

*À medida que se examina o espaço, apreciando-o não com os olhos, não com o intelecto, mas de um modo holístico, com todos os sentidos, com todo o corpo, mais claramente se ganha consciência dos conflitos existentes dentro deste. Conflitos que acolhem a explosão do espaço abstracto e a produção de um espaço que não é o mesmo.*⁴¹

Henri Lefebvre, *The Production of Space* ([1974] 1991:391)

A primeira parte deste estudo, a abordagem teórica, consistiu na clarificação da complexidade e do valor do uso caminhado enquanto prática central ao conceito de cidade.

No capítulo 2, destacaram-se abordagens à especificidade sociocultural da aglomeração cidade e à importância do território de domínio público colectivo para uso caminhado da cidade. Contrapõem-se posições e interpretações desta dimensão da cidade, destacando-se assim a diversidade da realidade e interpretações da mesma realidade.

Explorando o conceito de produção social do espaço no entendimento da cidade caminhada, reafirma-se o objectivo deste estudo e a sua incidência na interpretação da prática caminhada enquanto factor activo e contínuo de produção sócio-espacial da cidade. É proposto o conceito de plexo sócio-espacial, enquanto síntese da dimensão da cidade produzida pelo uso caminhado.

Pela abordagem à evolução caminhada no último século, no capítulo 3, pretendeu-se explicar o valor intrínseco desta prática na produção social da cidade e a

⁴¹ “The more carefully one examines space, considering it not with the eyes, not only with the intellect, but also with all the senses, with the total body, the more clearly one becomes aware of the conflicts at work within it, conflicts which foster the explosion of abstract places and the production of a space that is ‘other’.”

evolução do seu significado, destacando a reinterpretação da mesma na prática contemporânea da cidade europeia.

No capítulo 4, analisou-se o caminhar enquanto acto complexo de relação com o meio físico e social. É proposta uma aproximação à diversidade da experiência caminhada e ao modo como esta altera a relação entre o indivíduo e o meio, e em particular a predisposição perceptiva. Exploram-se duas tipologias: o caminhar enquanto transporte e o caminhar *per se*. Pretendeu-se assim reafirmar o caminhar enquanto prática relacional e situacional, ou seja, que parte da relação, funcional e afectiva, de cada indivíduo com o meio percorrido.

Posteriormente, no capítulo 5, este estudo focou-se no entendimento do caminhar enquanto paisagem caminhada, nomeadamente, a dimensão material da actividade e a relação da prática com o ambiente urbano, ou seja, o modo como a realidade social e material é geradora e gerada pela prática caminhada.

Neste intuito, o estudo incidiu na rua enquanto elemento base, embora não exclusivo, da prática caminhada. Assim, analisou-se o território sócio-espacial potencial do uso caminhado e posteriormente o modo como a prática caminhada, por um lado individual-subjectiva, por outro colectiva, tende a surgir em linhas preferenciais, como sejam os percursos.

A opção de caminhar a cidade, opção individual e social, constrói, costurando a cidade, vincando com os passos que se repetem e se sobrepõem ao longo do tempo, a produção sócio-espacial da cidade caminhada.

A segunda parte da abordagem teórica incide no acto caminhado enquanto experiência holística do meio, enquanto cidade sentida.

A diversidade e riqueza de perspectivas do sentir a cidade, em particular sentida pelo uso caminhado, gerou a necessidade de fazer uma breve exposição de diferentes abordagens (capítulo 6); informação caleidoscópica que revela olhares com objectivos distintos, que valorizam e se identificam com as valências sensoriais do caminhar a cidade. Por fim, através do conceito holístico de ambiência urbana, considera-se sintetizar a experiência caminhada enquanto unidade, enquanto momento da prática caminhada.

No final, capítulo 7 e capítulo 8, através da abordagem aos processos cognitivos e à sistematização da apreciação no ambiente urbano, desenvolvidos pela psicologia

ambiental, sistematizou-se a informação basilar à racionalização e operacionalização do espaço caminhado percebido pela prática espacial.

Considera-se, assim, ter analisado as principais dimensões determinantes e determinadas pela prática caminhada, tanto ao nível da produção social da cidade como ao nível da experiência caminhada do indivíduo.

**PARTE II – DUAS VISITAS CAMINHADAS GUIADAS NO CENTRO
HISTÓRICO DE LISBOA – PROPOSTA METODOLÓGICA E ANÁLISE
COMPARATIVA DA AMBIÊNCIA EXPERIENCIADA**

10 OBJECTIVOS E ESTRATÉGIA

A segunda parte deste trabalho consiste na proposta de uma metodologia e o seu ensaio, pretendendo-se, de um modo sistematizado, a partir das várias componentes influenciadoras da experiência caminhada, construir uma análise compreensiva da ambiência percebida em dois percursos.

Com base no estudo teórico, propõe-se a construção de uma metodologia que permita o registo e comparação de apreciações do meio acedido pela prática caminhada, de modo a operacionalizar o conceito de ambiência urbana.

Como premissas assentes na exploração teórica, destaca-se que:

- O uso caminhado associado ao lazer e em particular à opção de um uso caminhado de visitante induz a um tipo de atitude consciente e activa de percepção.
- A experiência do visitante turista sem uma relação sedimentada, enraizada com o espaço, tende a ter uma apreciação do meio mais fresca, mais exterior, menos moldada pelas memórias, pelas rotinas. Sendo mais exterior, é mais atenta ao ambiente social e espacial acedido.
- O visitante e a expressão da dimensão pré-concebida do espaço surge mais de agentes externos do que de experiências individuais.
- A expressão da dimensão vivida do espaço caminhado que é determinante na leitura do espaço caminhado para o residente, e de difícil partilha e objectivação, tende a ter um menor peso na prática caminhada do visitante.
- A experiência caminhada é determinada não apenas pela dimensão sócio-espacial e pelas características individuais do caminhante, mas também pelas especificidades da experiência, modo de execução e significado da actividade caminhada.

Assim, considera-se agora abordar a experiência espacial caminhada, associada a um percurso concreto, a um cenário sócio-espacial, enquanto experiência(s) concreta(s)

activa(s) multissensorial(is) de cada indivíduo no espaço. Isto é, considera-se agora focar o espaço caminhado percebido, a imersão, percepção e apreciação da ambiência acedida, agregadora e agregada à experiência de uma situação (Lefebvre [1974] 1991:33,38).

Como Joachim Wohlwill afirmou, no artigo com o mesmo nome, *The environment is not in the head*, defendendo que o ambiente e o comportamento, enquanto sistema de interacção mútua, não se deve cingir a uma análise fenomenológica, explorando o seu carácter subjectivo, mas antes deve ser abordado de um modo objectivo, pois só assim é possível obter respostas para problemas reais. A compreensão deste sistema só é possível com uma definição e conceptualização das entidades em termos objectivos e independentes (Wohlwill 1973:167-168).

A abordagem objectiva à percepção na prática espacial caminhada é complexa, não só pela diversidade de opções de acesso, mas também pela diversidade de formas e de atitudes que a actividade contém.

Tendo presente a volatilidade, a inexistência de limites claros físicos, temporais e mesmo conceptuais da noção de ambiência urbana, tendo presente que a ambiência é uma indução recíproca e co-determinante, não mensurável, onde a percepção se faz de um modo complexo e intersensorial, considera-se importante a construção de um modo de objectivação deste conceito, operacionalizando-o enquanto modo de entendimento do espaço.

O propósito da segunda parte deste estudo é desenvolver uma análise da ambiência urbana acedida ao longo de um percurso caminhado a partir da experiência de diferentes indivíduos.

Pretende-se captar, associada à experiência caminhada, a imagem sequencial holística, multissensorial, apreciativa da cidade acedida, e não uma apreensão construída pela sedimentação de experiência vivida, repetida, com uma relação afectiva produtora do espaço social.

Ou seja, pretende-se a recolha e análise da apreciação do território percorrido, com o intuito de obter uma leitura da ambiência urbana partilhada no âmbito de experiências caminhadas similares. O balizamento da actividade escolhida, à prática caminhada por visitantes, indica uma leitura avaliativa do espaço acedido, uma

construção, ainda que pouco espessa, sem a cor de vivências repetidas do espaço, de uma ambiência urbana experienciada.

Para tal, como detalhado no capítulo 11, faz-se a selecção de percursos, duas visitas guiadas no centro histórico de Lisboa, e é proposto um questionário aplicável aos mesmos, pretendendo-se não só comparar experiências caminhadas, como utilizar experiências caminhadas individuais no entendimento da ambiência urbana colectiva, partilhada numa actividade sócio-espacial.

O percurso não se cinge a uma materialidade concreta, mas a uma prática pensada e sentida. No sentido de entender e interpretar as experiências seleccionadas, abordam-se três dimensões, determinantes da ambiência urbana apreciada:

- A análise da dimensão do *espaço caminhado praticado* enquanto dimensão material e social. Considerou-se uma caracterização do território físico e social (ver capítulo 12). Cada percurso atravessa um território físico e social concreto. Considera-se importante fazer uma breve recolha de elementos caracterizadores do espaço materiais e socioculturais influenciadores da apreciação da ambiência experienciada.

- A análise do *espaço de representação*, enquanto significado da experiência. Com a premissa de que os visitantes não tinham uma relação profunda com a zona acedida, abordou-se o significado do ser turista urbano no centro histórico de Lisboa. Abordou-se o caso particular da oferta do produto visita guiada pedonal (ver capítulo 13).

- A análise das *representações do espaço acedido*, enquanto modo como o espaço acedido é pré-concebido, isto é, previamente racionalizado. Considera-se assim importante o entendimento da dimensão da concepção espacial, de formas de representações prévias de espaço acedido, quadros de referência, e a sua repercussão ou relação com a prática espacial. No caso de uma actividade inserida na prática turística, considera-se essencial a análise das narrativas produzidas e disponíveis para o turista (ver capítulo 14).

De acordo com a metodologia proposta, é construído e aplicado um questionário aos caminhantes de cada percurso seleccionado. Por fim (capítulo 15), analisam-se os dados recolhidos e interpretam-se à luz das dimensões inter-relacionadas determinantes da apreciação e leitura da ambiência acedida nas experiências estudadas.

11 CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA E DEFINIÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

Considera-se agora, enquanto procedimento científico de modo a lidar com a complexidade da prática caminhada, reduzir o estudo a uma situação concreta e específica; assumidamente um tubo de ensaio de uma parte da realidade urbana.

Apenas com uma simplificação, como se verá, é possível abordar, analisar e comparar diferentes aspectos multidimensionais da prática caminhada, com ênfase para o estudo da ambiência urbana acedida. É inerente ao esforço de operacionalização do conceito a escolha de uma situação específica, controlada. Neste caso, a prática caminhada de visitantes do centro histórico no âmbito de visitas guiadas.

É de sublinhar que os resultados pretendidos não são uma descrição material ou social do espaço caminhado, nem uma estimativa de qualidades (ver cap. 8), mas sim a apreciação da ambiência urbana num mesmo contexto de experiência caminhada.

11.1 O PROBLEMA METODOLÓGICO

Estabelece-se agora como objectivo a construção de um modelo de sistematização, registo e comparação de apreciações do meio acedido pela prática caminhada, de modo a obter uma descrição partilhada da ambiência urbana experienciada.

Como pode ser estudada e avaliada a percepção ambiental? Ou seja, de que modo é que o ambiente se apresenta ao indivíduo que o percebe? Como entender esta percepção?

O facto de ser uma experiência individual, subjectiva, dificulta a sua descrição precisa e a sua racionalização e partilha.

De que modo, como é que as diferentes experiências contribuem para a percepção da ambiência como um todo? Como medir? Por outro lado, se a ambiência é percebida e sentida como uma experiência individual, subjectiva, é difícil fazer uma descrição precisa, é difícil de racionalizar e partilhar (Wieczorek, Stefanska e Duda 2007:31).

De acordo com Jean-Paul Thibaud (2002), existem dois pólos de posições em relação à noção de ambiência. Por um lado, a atitude ‘implícita’ que envolve olhar esta noção por um modo estritamente operacional. Ou seja, desta perspectiva, a ambiência não é definida como tal, é simplesmente um modo de identificação de um *corpus* de trabalho no espaço urbano perceptível. Esta abordagem foca a parte mensurável da ambiência; a análise do ambiente material, construído usando os diversos componentes perceptíveis do ambiente construído. Por outro lado, existe a atitude explícita de assumir uma abordagem à percepção ecológica, assumindo o contexto particular de cada situação, gerando uma concepção específica metodológica para cada experiência. As dimensões contextuais do indivíduo são parte integral da actividade perceptiva.

Neste estudo, pretende-se propor e aplicar uma metodologia que permita entender a ambiência de um modo holístico para um contexto de experiência específico. Pretendeu-se fazer um estudo comparativo entre diferentes indivíduos, ou grupos de indivíduos, analisando as suas preferências, apreciações e inferências do meio em condições bastante semelhantes.

11.2 FASEAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

Como já foi referido, os ambientes são percebidos à luz das actividades aí executadas. A percepção ambiental é, grande parte do tempo, uma percepção direccionada (com um propósito), ou seja, os ambientes são percebidos de modo selectivo, de acordo com a avaliação da relevância da informação (Arthur e Passini 1992:33).

Considera-se essencial ao estudo da ambiência urbana percebida individualmente e colectivamente: a definição da actividade caminhada, a selecção de participantes, a selecção e recolha de estímulos, e, por fim, a selecção das dimensões adequadas à descrição da ambiência.

Assume-se a construção de um método direccionado para um contexto particular – visitas turísticas guiadas –, ou seja, uma metodologia específica adaptada a esta situação concreta.

11.2.1 Definição da actividade caminhada

Considerou-se como actividade caminhada, neste caso, o percorrer a cidade a partir de uma visita guiada. Pensando esta prática caminhada de acordo com o modo de análise de uma actividade sugerido por Rapoport ([1982] 1990:15), esta actividade pode ser analisada por:

- propósito, neste caso a visita informada a uma parte da cidade;
- o modo específico de o fazer, ou seja, caminhando a uma determinada velocidade por um determinado percurso, em grupo;
- as actividades adicionais ou associadas, por exemplo, o acto de fotografar ou filmar;
- e o significado da actividade, ou o ser visitante, o ser turista numa cidade europeia.

Por fim, em relação ao modo específico de o fazer, considera-se relevante voltar a destacar que a imagem estática e a imagem dinâmica diferem, sendo importante entender a especificidade de experiência em movimento. A experiência caminhada faz-se por vistas sequenciais. A velocidade do uso caminhado, em particular do caminhante visitante, permite uma leitura de proximidade com relevância a pormenores, a texturas das superfícies, à experiência intersensorial e à valorização do contexto social (Nasar 1998:94).

11.2.2 Selecção dos participantes

Tal como Donald Appleyard (1973:109) referiu, a percepção é essencialmente receptiva (*responsive*) quando associada ao lazer ou a pausas. Sensorialmente mais

aberta a diferentes estímulos, foca-se na retenção de imagens, em contraste com uma percepção operacional, que se focaliza nas barreiras ou impedimentos a um determinado objectivo.

Perante uma nova cidade, cada experiência é comparada com uma expectativa pré-definida, neste sentido, a percepção funde-se com o processo cognitivo. A percepção é inferencial (*inferential*), ou seja, é comparativa com o modelo e as categorias que cada indivíduo constrói do meio urbano. Incide no significado sócio-funcional (Appleyard 1973:109).

Deste modo, considerou-se o visitante um observador motivado e aberto sensorialmente à cidade. A percepção inferencial está muito presente, pelo constante confronto entre o expectável, a imagem que é prevista e a realidade encontrada. O visitante, perante a variabilidade da intensidade perceptiva inerente ao corpo em movimento, como referido na parte teórica deste estudo, tende a ter uma postura activa no ver e no reparar, por vezes combatendo activamente o alheamento.

Outro aspecto relevante é o facto de o visitante, frequentemente, não ter memória de vivências concretas no território visitado, o que permite uma captação da ambiência com uma impressão mais genérica, superficial, mais intuitiva e menos informada, ou seja, menos dependente da relação do passado do indivíduo com o meio.

Os indivíduos mais familiarizados com um ambiente tendem, por terem relações pessoais com o meio, a julgar as suas características e a avaliá-lo de um modo muito pessoal, misturando desejos e memórias associados à vivência do espaço. A utilização de um estudo de caso com menos relações de familiaridade mitiga este potencial desvio (Nasar 2008:360).

11.2.3 Selecção e recolha de estímulos ambientais

Coloca-se o dilema da escolha, na investigação deste tema, entre validade externa ou interna e a maior ou menor abrangência em elementos sensoriais (Quadro 11.1).

Quadro 11.1 Dilema da recolha de estímulos ambientais

Recolha de estímulos ambientais	Proximidade com a realidade (validade interna)	Controlo da experiência (validade externa)	Facilidade de recolha	Tipo de recolha em termos sensoriais	Utilização comparativa dos resultados
Directamente na cidade (<i>on-site</i>)	Muito alta	Muito baixa	Baixa	Holística	Muito difícil
Vídeo	Alta	Média	Alta	Visual rica	Média
Fotografias dos locais	Baixa	Muito alta	Alta	Visual limitada	Fácil

Traduzido e adaptado de Jack Nasar 2008:360

Embora seja relevante o facto de que, quando o cenário é real, e se o estudo é feito em diferentes momentos, as condições ambientais, de luz, de vegetação, entre outras, variam, resultando em ambientes distintos, considera-se essencial não limitar o estudo a estímulos visuais, e, muito menos, limitá-lo a um olhar direccionado pelo vídeo ou pela fotografia.

Com intuito de estudar a ambiência percebida através do acto de caminhar, considerou-se essencial um cenário comportamental real, ou seja, directamente na cidade, optando por não recorrer a filmes ou sequências fotográficas.

Formato de recolha dos estímulos

Podemos considerar que o estudo do processo de percepção tem sido feito recorrendo a diferentes métodos. Cada método tem limitações específicas e origina resultados específicos. Assim, é de referir o método de inferências comportamentais *behavior-inference method*, que consiste no que o investigador infere por observação do comportamento dos indivíduos, enquanto eles actuam e observam o meio. Outro método é o denominado método fenomenológico, no qual o investigador é o observador. Por fim, destaca-se o método resposta directa (*self-report method*) (Gifford 2007:25).

***Self-report method* ou método resposta directa**

O modo mais óbvio de obter informação do que as pessoas sentem e pensam é perguntando-lhes. Assim, este método inclui questionários, entrevistas, *check-list* e *free-*

descriptions. O formato da recolha dos estímulos condiciona o tipo de resultados, ou seja, se se optar por entrevista oral, recolha escrita, perguntas direccionadas, *check-list*, pontuações e mapas cognitivos. A validade interna e externa varia, assim, com a facilidade de aplicação e a utilização comparativa dos dados (Gifford 2007:25).

Este tipo de metodologia está sujeito a diversos problemas ou limitações: antes de mais, o participante tem de ter consciência do que transmite. Depois, existem diversas influências na interpretação e no modo de transmissão da informação. Outro problema, no caso de perguntas, é a variação na interpretação das mesmas (Bell *et al.* 2001:15).

A definição de um conjunto de questões ou descritores tende a permitir respostas mais direccionadas, de maior facilidade de recolha e de comparação. A utilização de questionários orientados tem vantagens pela facilidade de administração, baixo custo e a facilidade de ter diferentes indivíduos a preencher em simultâneo (Bell *et al.* 2001:15).

Campo experimental e a selecção de participantes

A multidimensionalidade do conceito de ambiência e a interdependência de factores de um contexto social, sensorial, afectivo, temporal, corporal, espacial e estético gerou a necessidade de se encontrar uma situação que permita uma experiência controlada a nível de percurso, velocidade e objectivo do acto de caminhar. Isto significa balizar a experiência enquanto actividade, ou seja, o propósito, o modo específico de a concretizar e o significado da mesma.

Nos estudos da cidade contemporânea, as teorias de Baker são extremamente actuais, em particular a dimensão da abordagem aos cenários de comportamento e a sua visão abrangente e molar da interacção dos humanos com o seu ambiente. Cada vez mais a cidade é estudada como um local, ou um conjunto de locais, que são o cerne, o nexó do cenário e da experiência, uma amálgama de efeitos directos e indirectos como sentimentos ou memórias (Bell *et al.* 2001:338).

Como já referido, de acordo com Baker, num dado cenário o comportamento varia menos entre pessoas, do que entre cenários da mesma categoria, deduzindo que o estudo de um determinado cenário permite prever o tipo de comportamento que uma pessoa aí vai ter (Duarte 1998). O significado do comportamento resulta da sua contextualização espacial e temporal específica. O contexto ganha significado por meio

dos actores e das acções que aí se desenrolam (Altman e Rogoff 1987; Cassidy 1997 in Duarte 1998).

No estudo de caso, considerou-se como campo experimental a actividade de percorrer a cidade a partir de uma visita guiada, com um propósito, um modo específico de o fazer e significado genericamente partilhado pelos indivíduos participantes.

11.2.4 As dimensões da ambiência urbana

Que dimensões é necessário recolher para obter uma descrição eficiente, partilhável do ambiente urbano?

Com o intuito de construção de um método que operacionalize o conceito de ambiência, sugere-se uma redefinição e ampliação da abrangência da metodologia desenvolvida por Jack Nasar.

Considera-se como cernes do método proposto:

- categorizar/sistematizar os elementos de atributos do espaço urbano e níveis de significados;
- estruturar um conjunto de respostas avaliativas importantes à interpretação da ambiência.

Elementos de atributos⁴² do espaço urbano e o significado

Esta abordagem baseia-se na categorização dos elementos de atributos do espaço urbano e na sua relação com os significados.

A categorização dos elementos de atributos do espaço urbano inicialmente proposta por Hall (1966) e desenvolvida por Rapoport ([1982] 1990:87 e 89) define três categorias: elementos de atributos fixos ou de transformação lenta, tais como as ruas, os edifícios; elementos de atributos semifixos, tais como mobiliário urbano e outras infra-estruturas, canteiros, publicidade ou as montras; e elementos de atributos não fixos, destacando-se os utilizadores e modos visíveis de actividade, interacção e os diferentes meios de transporte.

⁴² *Feature elements (fixed, semifixed or non-fixed).*

A abordagem da imagem avaliativa de Jack Nasar foca-se essencialmente nos elementos de atributos semifixos.

No estudo da ambiência, as três categorias de elementos são essenciais. Os elementos de atributos fixos e elementos de atributos semifixos são centrais à dimensão da ambiência que envolve, definida enquanto campo difuso, de contacto com a globalidade abordada através da espacialidade. Elementos de atributos não fixos são geradores da dimensão de ambiência que se instala, abordada através da temática da temporalidade. São elementos de génese da ambiência que liga, definida enquanto experiência partilhada abordada através da temática da sociabilidade (Thibaud 2007:14-15).

Deste modo, a cidade, ancorada nos elementos de atributos, consiste numa paisagem mental invisível de significados individuais ou socioculturais, que molda comportamentos. Pistas ambientais, por vezes não consciencializadas, afectam a experiência urbana e o prazer que temos dela (Nasar 1998:6).

No estudo da ambiência experienciada na prática caminhada, embora incida nos três níveis de significados (denotativo, conotativo e abstracto), considera-se de destacar os significados conotativos, ou seja, significados gerados quando os indivíduos fazem associações, têm sentimentos em relação à sua envolvente, sentimentos e inferências que moldam a ambiência percebida. Denominado por Rapoport ([1982] 1990:221) como o nível médio, é o significado que comunica, como exemplo, identidade, *status*, riqueza, ou seja, o aspecto latente e não o instrumental das actividades, dos comportamentos ou dos cenários.

No caso específico do objecto deste estudo, análise da prática caminhada inserida na actividade turística, considera-se que os elementos de atributos fixos e o seu significado abstracto, a partir de descrições do valor histórico a estes associado, são a base da construção do produto turístico, caracterizações dominantes na informação turística.

Respostas avaliativas

Qualquer abordagem orientada no sentido da ambiência, mais ou menos explicitamente, envolve o entendimento da percepção, pois esta é central à teoria da ambiência (Thibaud 2002).

O processo cognitivo, como já referido, é influenciado por diferentes variáveis. Por um lado, é de referir as capacidades visuais, auditivas e olfactivas de cada indivíduo, por outro, variantes tais como género, formação profissional ou habituação a determinadas características do meio afectam a percepção ambiental. O contexto cultural onde os indivíduos crescem determina modos distintos de ver o meio envolvente. O próprio meio e a relação entre os seus elementos induzem a percepções particulares.

As respostas avaliativas a uma ambiência percebida, embora incidam nos significados conotativos, envolvem os diferentes níveis de significados. Também em relação aos atributos referidos baseiam-se nas três categorias.

Considerou-se essencial à operacionalização deste método a construção de um questionário, com três tipos de respostas avaliativas: factores de preferência, apreciações conotativas e inferências, e apreciações afectivas e emocionais.

Factores de preferência

Factores de preferência⁴³ visual

Estudos confirmam que o processo subjacente à avaliação do meio e os elementos da sua avaliação têm muito em comum, ou seja, apontam para diversas características visuais relacionadas com significados sociais e preferências (Nasar 1998:62).

Deste modo, ao recolher informação sobre o nível de presença destes factores, é possível obter uma identificação da ponderação de determinados atributos fixos e semifixos seleccionados na percepção/cognição do meio, associados a diferentes significados conotativos.

Assim, considera-se importante para o estudo da ambiência o conceito de factores de preferência, enquanto probabilidade de um ambiente evocar uma resposta avaliativa favorável. Deste modo, são considerados os cinco factores enunciados neste conceito, que fazem uma cidade atraente: natureza, espaços abertos, significado histórico, sentido da ordem, evidência de boa manutenção (Nasar 1998:3,6).

Factores de preferência auditiva e olfactiva

⁴³ *Likable features.*

Após a visão, a audição é o segundo sentido mais importante na orientação na cidade.

De um modo semelhante ao definido para os cinco factores visuais, considera-se relevante para o estudo da ambiência a informação de factores base auditivos do meio. Optou-se, não distinguindo os sons de fundo de acontecimentos sonoros concretos, por considerar três factores: sons mecânicos, sons naturais e os sons humanos.

Paralelamente ao definido anteriormente para os três factores auditivos, pretende-se reconhecer a importância da informação de factores olfactivos do meio. Optou-se por considerar dois factores olfactivos: bom e mau.

O olfacto, embora frequentemente muito localizado, é um sentido importante na avaliação da cidade quanto a limpeza e higiene.

Apreciações conotativas e inferências

Os ambientes comunicam, revelando pistas através das quais as pessoas fazem inferências .

É proposta a avaliação da percepção das seguintes apreciações e inferências: *status* (prestígio da zona/bem-estar económico), tolerância (diversidade social, cultural, económica e racial), segurança, felicidade e amigabilidade.

Considerou-se também a inferência de territorialidade, categoria que se revelou pouco adequada ao estudo de caso sendo eliminada na fase de análise dos dados.

Apreciações afectivas e emocionais

A ambiência é sentida e avaliada, ou seja, gera e é gerada por uma tonalidade afectiva específica. Assim, do mesmo modo, a percepção e o comportamento moldam e são moldados pela avaliação afectiva. A avaliação afectiva é imediata e associada à ambiência como um todo.

A teoria das apreciações afectivas do meio foca-se nas dimensões do significado emocional em relação ao meio, definindo quatro dimensões: agradável (vs. desagradável), estimulante (vs. aborrecido), animado (vs. deprimente) e relaxante (vs. stressante) (Russel e Ward 1981 in Nasar 1998:27).

A partir destas dimensões, Jack Nasar apresenta uma selecção de descritores (mais vasta do que a aqui apresentada), agrupados em três categorias, que considera

comprovadamente úteis na recolha de informação referente às apreciações emocionais e afectivas do meio (2008:362):

- Agradabilidade (*pleasantness*): atraente, belo, agradável, convidativo.
- Excitação (*excitement*): animado, estimulante, interessante.
- Relaxamento (*relaxation*): calmante, revigorante.

11.3 DEFINIÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO – DUAS VISITAS GUIADAS NO CENTRO HISTÓRICO DE LISBOA

Enquanto experiências controladas, considera-se que o uso caminhado associado a visitas guiadas turísticas permite a partilha de características da actividade e da experiência, possibilitando o estudo comparativo de uma prática caminhada efectuada por diferentes indivíduos.

Fez-se uma pesquisa de visitas guiadas pedonais na cidade de Lisboa (ver cap. 14) e dos diversos percursos e das diversas empresas a actuar em visitas guiadas, considerou-se que dois dos percursos organizados pela *Lisbon Walker* se adequavam ao pretendido. Esta empresa organiza regularmente passeios ou *walking tours* em Lisboa, sendo que dois deles congregam as seguintes características:

- São exclusivamente pedonais.
- São visitas guiadas regulares, em inglês e em português, com a mesma duração.
- O conteúdo centra-se em acontecimentos e histórias da cidade, e não em características físicas e/ou patrimoniais da mesma.
- Não requerem marcação prévia por parte do visitante. O visitante aparece no local de encontro anunciado, comprando o bilhete antes do início da visita.
- Estão anunciados em alguns guias, nos postos de turismo, em algumas unidades hoteleiras, via Internet, tendo sido frequentemente referidos em reportagens dos *media*. O preço não é limitativo para a maioria da população, sendo igual ou inferior a 15€, consoante é aplicável, ou não, algum tipo de desconto.

- Os dois percursos, embora semelhantes nos aspectos já referidos, acedem a zonas da cidade histórica com características físicas e sociais distintas.

Assim, considerou-se que os passeios (Fig. 11.1) *Lisboa Lendas e Mistérios* e *Lisboa Cidade de Espiões*, pela facilidade de acesso e pela rota percorrida, reúnem as condições adequadas para o objecto de estudo.

Fig. 11.1 Mapa dos dois percursos seleccionados⁴⁴



Em anexo apresenta-se a *Planta de Localização dos Percursos* (esc.: 1:20 000). Ao longo do estudo, opta-se pela utilização de imagens extractos de mapas turísticos. Estes mapas, usados também nos questionários, permitem uma identificação clara de pontos de referência para o visitante e constituem um factor influenciador da leitura do espaço percorrido.

⁴⁴ Extracto de Mapa Turístico (Edições Forways).

12 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO FÍSICO E SOCIAL

O caminhar numa cidade, como desenvolvido no capítulo 4, implica uma constante reavaliação, mais ou menos consciente, do meio físico e social envolvente. O caminhar a cidade pelo visitante normalmente implica uma atitude activa mista de leitura e participação no meio acedido. As qualidades do ambiente acedido são um factor basilar influenciador da apreciação do ambiente pelo caminhante.

Pretende-se agora identificar as características do território físico e social acedido passíveis de influenciar directamente ou indirectamente a ambiência urbana. Embora a construção do percurso esteja pré-definida nos objectos de estudo seleccionados, considera-se importante a identificação de factores físicos e sociais influenciadores da apetência e qualidade do percurso para a prática.

O território acedido nos percursos estudados tem um carácter histórico e emblemático na identidade da cidade de Lisboa.

A morfogénese da rua, natural, orgânica, de Alfama, contrastante com a origem planeada das ruas da Baixa, e as respectivas relações com a paisagem natural, em particular com o rio, gera leituras distintas, ou mesmo opostas. Estes dois tecidos urbanos evoluíram em termos sociais, económicos, culturais, com usos, potencialidades muito diferentes.

Considera-se assim focar este estudo em duas principais unidades de análise físicas e sociais: Alfama e Baixa. Nas características sociais, pela proximidade, são referidos dados da zona do Castelo. Na *Planta de Localização dos Percursos*, em anexo, estão identificados os percursos e a sua relação com o território físico e social destacado neste estudo.

12.1 TERRITÓRIO FÍSICO ACEDIDO

Considera-se importante o entendimento da realidade espacial caminhada, em particular a partir da sua capacidade de evocar imagens legíveis, identificáveis, no caminhante, ou seja, abordar o espaço não pela caracterização pormenorizada mas através de dados influenciadores da imageabilidade evocada no utilizador pela cidade acedida.

Neste sentido, aborda-se a realidade material acedida, por um lado, caracterizando-a a partir do todo construído, do seu traçado e modo de organização espacial, por outro, a partir dos elementos rua, largos e praças.

12.1.1 Unidades urbanísticas

Com o intuito da compreensão do tecido urbano do território percorrido, considerou-se, antes de mais, descrever as duas unidades urbanísticas que são atravessadas e cuja coerência é marcante nos percursos acedidos: Alfama e Baixa.

Alfama

Tecido urbano e origem do processo de urbanização

Remontando ao séc. X, Alfama foi-se formando espontânea e empiricamente, enquanto arrabalde exterior à Cerca Velha, implantado na colina do castelo. Projectando-se até ao rio, as suas ruas solidificaram-se a partir dos caminhos preexistentes, formando com o edificado uma malha orgânica característica da cidade medieval mediterrânica (Salgado *et al.* 2006:44).

Tipologia dominante no edificado e carácter do espaço aberto

Como exposto na *Planta de Localização dos Percursos*, em anexo, há um domínio de lotes pequenos com edifícios de habitação colectiva caracterizados por uma estrutura medieval e fogos de dimensão reduzida (Salgado *et al.* 2006:44).

Conjunto denso de becos e pequenas ruas (Figura 12.1), onde os edifícios religiosos abrem espaços e pontuam o tecido urbano. Nos anos 60, no sentido da sua valorização, o espaço público de Alfama foi intervencionado (Salgado *et al.* 2006:44).

Embora a sua morfogénese não rígida, típica das cidades espontâneas, permita diversas intersecções, uniões, a estrutura labiríntica pouco hierarquizada (com excepção da rua de meia encosta, Rua João da Praça), associada ao seu declive íngreme, afecta o modo como os espaços se relacionam e são atravessados.

Não só por razões físicas mas também por facilidade de leitura do espaço e relação com a paisagem natural, para o utilizador não habitual, esta zona é mais convidativa à descida do que à subida.

A topografia e a relação visual com a paisagem natural, os seus aspectos formais e históricos, a sua escala humana, a sua complexidade e coerência como um todo auferem-lhe uma imagem forte em termos de distinção, reconhecimento e memória a esta zona.

Fig. 12.1 Secções transversais características de Alfama



in Proença 2014:521

Esta unicidade confere-lhe um valor simbólico, enquanto bairro popular, reduto da pequena Lisboa de outrora. Valor comprovado na sua forma material, no modo como é habitado e consequentemente no modo como é sentido. O valor emblemático associado a uma zona permite uma integração das diferentes experiências, a interpretação enquanto unidade, fundindo ambiências nos cheiros, sons, nas sensações ou imagens, reforça o todo a partir de percepções fragmentadas (Cordeiro 2001). O excesso de visibilidade social, no sentido de uma concepção e partilha de uma imagem

construída ao longo do tempo e actualmente sintetizada, simplificada nos agentes de propaganda turística, confirma e reafirma a sua singularidade (Costa 2008:19).

Alfama destaca-se citando Firmino da Costa (2008:302): “Visto de fora – seja de cima, dos miradouros, seja de baixo, do lado do Tejo – o bairro aparece como um aglomerado de casario impenetrável, onde os telhados encostados não deixam discernir o traçado das ruas. De dentro, subindo e descendo escadarias de pedra, dobrando esquinas abruptas, hesitando entre percursos cruzados, está-se sempre entre paredes estreitas que negam visão de conjunto. Quando se chega – e muitas vezes acontece – a um local onde se intercala uma abertura, avista-se o rio, mas o desenho das ruas permanece oculto. Tudo isto não pode deixar de suscitar fortemente, a quem percorre o bairro, a ideia de labirinto.” De acordo com o mesmo autor (Costa 2008:302-303), a estrutura espacial, pouco decifrável, tende a propiciar uma leitura que interpela o imaginário dos visitantes, havendo uma tendência marcada para uma assimetria, comparando morador e visitante, na capacidade de apropriação cognitiva, lúdica e instrumental.

A denominada Costa do Castelo constitui uma unidade que, embora não percorrida, dada a proximidade e a visualidade da zona acedida, se considerou relevante pelo seu carácter. Berço da cidade, o tecido urbano organiza-se em torno de um esquema viário com base em três arruamentos principais, dois concêntricos à volta da colina e um perpendicular de secção. Posteriormente, com a reconquista cristã, contíguo à muralha, de forma espontânea e adaptada à topografia local, o tecido urbano vai-se desenvolvendo, sendo de destacar, além dos edifícios de habitação colectiva, antigos conventos e casas nobres, parte actualmente albergando equipamentos. Carácter do espaço aberto, surge muito marcado pelas características topográficas e por uma organização territorial não planificada. Surgem frequentemente escadas para vencer os desníveis (Salgado *et al.* 2006:90).

Baixa

Tecido urbano e origem do processo de urbanização

Processo de reconstrução após terramoto de 1755, em malha ortogonal. Plano, urbanização, divisão de lotes e construção de edifícios de promoção pública (Salgado *et al.* 2006:90).

Tipologias dominantes no edificado

Os edifícios têm quatro pisos e cumprem a regra dos 45°. Os elementos construtivos são normalizados, nomeadamente as janelas, revestimentos em azulejo, sistema anti-sísmico (Salgado *et al.* 2006:90).

Carácter do espaço aberto

Como exposto na *Planta de Localização dos Percursos*, em anexo, a Baixa é uma zona com uma estrutura urbanística clara: entre dois elementos urbanos abertos, a Praça do Comércio e o Rossio, dispõem-se três arruamentos principais, ligando as mesmas. Paralelamente e perpendicularmente, mais estreitas, dispõem-se as ruas secundárias (Salgado *et al.* 2006:90).

Como definido no plano de reconstrução da Baixa, destacam-se, na Figura 12.2, as secções transversais-tipo.

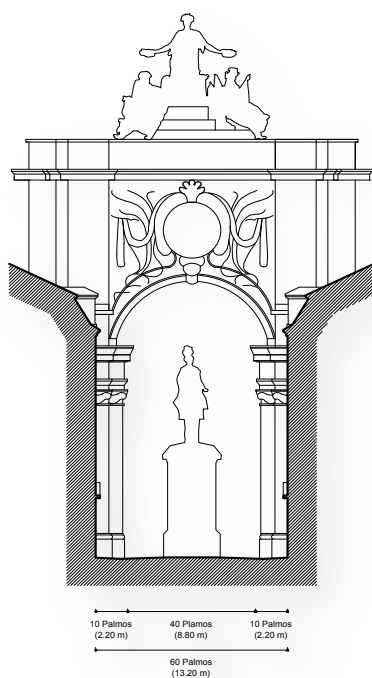
De configuração reticulada, estruturada num padrão de grelha hierarquizado, numa área com um declive pouco acentuado, a Baixa tem uma leitura clara que promove atravessamentos e ligações. A sua capacidade de ligação, em particular, conexão clara e ampla com a zona norte da cidade, faz que este centro histórico seja promotor de padrões de movimento.

No aspecto de orientação local, a topografia, a posição das ruas em relação às praças, aufere-lhe uma unidade e imageabilidade forte.

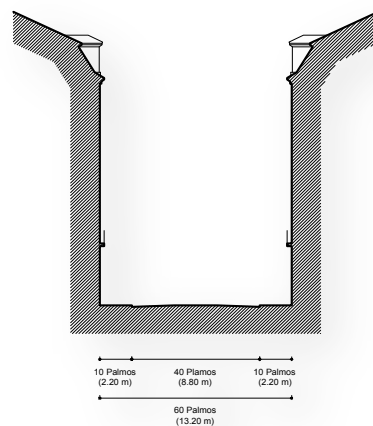
A sua unidade urbanística é fortemente acentuada com a unidade arquitectónica, promovendo uma identidade clara do conjunto. Com excepção da Rua Augusta, pela presença do arco e enquanto rua comercial pedonal, e da Rua do Ouro, as restantes ruas não se destacam, promovendo a sensação de coerência deste conjunto.

A Rua do Ouro e a Rua Augusta sobressaem, não só pelas características formais mas também pelo comércio e restauração, com ruas principais, linhas de confluência de percurso.

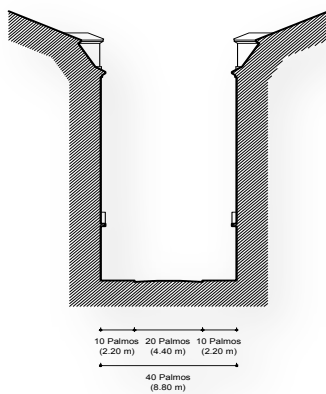
Esta zona concentra características que afectam o conforto do uso caminhado, nomeadamente o uso automóvel intenso, os passeios estreitos em relação à densidade de uso (sobretudo nas ruas perpendiculares) e o ruído constante.

Fig. 12.2 Secções transversais-tipo propostas no Plano Pombalino

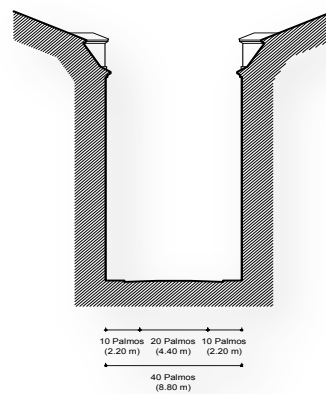
a) Rua Augusta



b) Rua principal



c) Travessa



d) Rua secundária

in Proença 2014:126

12.1.2 Ruas, largos e praças percorridos

Considera-se agora destacar factores físicos dominantes nos elementos urbanos percorridos que afectam a prática caminhada, influenciando a apreciação do percurso (Quadro 12.1).

Quadro 12.1 Caracterização física dos percursos⁴⁵

Ruas/Largos	Percorrido ⁴⁶	Cota altimétrica Decl. médio ⁴⁷	Largura dominante do passeio ⁴⁸	Arvore p-pontual
<i>PERCURSO 1</i>				
Praça do Comércio	-	Cota 4	-	n/e
Rua Augusta	135m	<4%	-	n/e
Rua da Conceição	195m	<4%	Aprx. 1m	n/e
Largo Igreja da Madalena	-	Cota 15	-	n/e
Rua de Santo António da Sé	135m	7,5%	Aprx. 1m	A
Largo da Sé	-	Cota 25	-	A
Rua Augusto Rosa	185m	8%	<2m	A p.
Largo de São Martinho, Rua do Limoeiro, Largo Santa Luzia, Largo das Portas do Sol	210m	7%	<1,5m	A p.
Miradouro das Portas do Sol	-	Cota 55	-	n/e
Rua Norberto Araújo e Rua da Adiça	221m	19%	-	n/e
Rua de São João da Praça	165m	<4%	<1,5m	n/e
Rua Arco de Jesus	52m	19%	-	n/e
Rua dos Bacalhoeiros	240m	<4%	-	A
Rua da Alfândega	200m	<4%	Aprx. 2m	n/e
<i>PERCURSO 2</i>				
Praça do Comércio	-	Cota 4	-	n/e
Rua do Arsenal	120m	<4%	Aprx. 2m	n/e
Praça do Município	-	Cota 8	-	n/e
Largo de São Julião/Rua de São Julião	72m	<4%	Aprx. 3m	n/e
Rua Nova do Almada	120m	6%	<3m	n/e
Largo da Boa Hora	-	Cota 15	-	A
Rua de São Nicolau	35m	9%	< 2m	n/e
Rua do Crucifixo	78m	<4%	Aprx. 1,20	n/e
Rua da Vitória	34m	8%	< 2m	n/e
Rua do Ouro	245	<4%	< 4m	n/e
Rossio	-	Cota 15	aprox. 12m	A
Largo de São Domingos/Rua das Portas de Santo Antão	288m	<4%	-	A p.
Rua dos Condes	70m	4%	< 2m	n/e
Praça dos Restauradores		Cota 17	12-10m	A lado este
Rua 1.º de Dezembro	61m	<4%	Aprx. 6 m	-

⁴⁵ Dados estimados por medição na *Planta Digital da Cidade de Lisboa*, desenhada a partir do levantamento aerofotogramétrico 1997/1998, esc. 1:1000, DPU/ Câmara Municipal de Lisboa.

⁴⁶ Pela diversidade de modos de atravessamento nas praças, não se indicou a distância percorrida.

⁴⁷ Cota altimétrica média aproximada e declive médio aproximado por diferença de cota.

⁴⁸ Ao longo de cada rua há diversidade de dimensões.

São de destacar, como elementos marcantes, o pavimento, a calçada portuguesa, de inegável importância na caracterização da rua portuguesa, e outros elementos de composição de destaque, como a presença de infra-estruturas (carris, cabos) para o funcionamento de eléctricos.

Em termos tipológicos, é de referir a Baixa e as suas ruas (como a Rua Augusta e a Rua do Ouro), numa zona de vale bifurcando para jusante. A Rua das Portas de Santo Antão destaca-se enquanto rua de vale, confirmando-se a tendência destas ruas para serem linhas de confluência de uso, ruas principais de circulação e de intensa vida urbana (Proença 2014).

O eixo Rua da Alfândega – Rua dos Bacalhoiros destaca-se como uma tipologia clara de rua marginal, cuja génese foi o antigo limite costeiro e cuja secção transversal não é simétrica (Proença 2014).

É de salientar o eixo Rua de Santo António às Portas do Sol. Iniciando-se como rua de tipologia rua trepadora oblíqua à pendente, vencendo o declive de modo gradual, estruturante na articulação da zona baixa e alta, rua suporte das funções comerciais dos tecidos urbanos de encosta envolventes. Ao longo da subida, este eixo vai-se transformando, ganhando uma tipologia de rua de meia encosta na zona mais alta. São de destacar os espaços de largo e de miradouro que vão surgindo e o acesso a uma vista aberta sobre a paisagem.

Em Alfama, a Rua Norberto Araújo e a Rua da Adiça distinguem-se enquanto paradigmáticas da rua de tipologia trepadora, rua perpendicular à pendente, com escadas (Proença 2014).

Pretende-se agora fazer uma breve descrição morfológica e funcional das praças acedidas.

Praça do Comércio

Construída após 1755, aquando da reconstrução de Lisboa pós-terramoto, tendo como génese o Terreiro do Paço da Ribeira. Com uma área aproximada de 31600 m² ⁴⁹, tem um desenho poligonal regular, com uma das faces aberta sobre o rio. Nas outras faces tem uma arquitectura homogénea, criada na época para este espaço; um

⁴⁹ Dado estimado por medição na *Planta Digital da Cidade de Lisboa*, desenhada a partir do levantamento aerofotogramétrico 1997/1998, esc. 1:1000, DPU/Câmara Municipal de Lisboa.

pombalino de arcadas, nivelado à mesma altura e acabando em torreões únicos sem continuação nos edifícios. Destaca-se o arco oitocentista no topo norte e a estátua de D. José ao centro (Coelho *et al.* 2008:473).

As construções em pombalino nobre e as suas arcadas, actualmente, são dominadas pelo comércio e restauração. Presentemente, é um espaço amplo muito utilizado para eventos públicos. Não é arborizada.

Praça do Rossio

Com origem numa pré-existência romana, esta zona, desde o começo da nacionalidade, é um largo central na cidade. Distingue-se enquanto praça interior no centro histórico, com uma área de 1800 m², desenvolve-se numa estrutura rectangular longitudinal, composta por três frentes com edifícios de fachada pombalina e dominada a norte pela construção neoclássica do Teatro Nacional (Coelho *et al.* 2008:477). Há uma grande densidade e diversidade de lojas e cafés com esplanadas, ocupando os largos passeios arborizados contíguos ao edificado.

Na placa central, destacam-se a estátua de D. Pedro IV (origem da actual toponímia) e dois elementos de água. Existe algum mobiliário urbano recente, árvores alinhadas com os limites longitudinais e quiosques de apoio a venda de flores.

Praça do Município

Esta praça, originalmente denominada Praça do Pelourinho, é construída no âmbito da reconstrução pós-terramoto de 1755 da Baixa, sendo delimitada a este pelo edifício dos Paços do Concelho (destruído por incêndio em 1863), sendo construído, no mesmo local, em 1880, o edifício actual que alberga a sede da Câmara Municipal de Lisboa. O edifício, para além do seu valor arquitectónico e artístico, está associado em particular ao momento da proclamação da República em 5 de Outubro de 1910.

De forma quadrangular regular e área de aproximadamente 4500m², a actual Praça do Município é um espaço essencialmente visual associado ao edifício, sem serviços comerciais ou restauração associados.

Praça dos Restauradores

Praça rectangular longitudinal com uma área aproximada de 14200 m², caracteriza-se por uma placa central pavimentada extensa com uma estátua central. O trânsito intenso que a envolve, o contraste da ausência de sombra em comparação com a

Avenida da Liberdade que aqui se inicia, faz da placa central desta praça um espaço predominantemente visual. Os passeios contíguos ao edificado são espaços com comércio e restauração diversa, espaços movimentados de passagem e acesso a transportes, apenas arborizados no lado este. Por fim, é de destacar o lado oeste desta praça, onde se localiza a partida do elevador, e a extensa fachada do séc. XVIII do Palácio Foz.

12.2 TERRITÓRIO SOCIAL E ECONÓMICO

Considera-se agora fazer uma recolha de dados representativos da realidade social e espacial acedida, capaz de afectar a experiência do caminhante, determinando avaliações e inferências, sensações de desconforto ou insegurança.

Os percursos acedidos na experiência caminhada do objecto de estudo, como representado na *Planta de Localização dos Percursos* em anexo, atravessam a actual freguesia de Santa Maria Maior⁵⁰, mais especificamente as antigas freguesias de São Nicolau, Santa Justa, Madalena e Sé, e nos limites das antigas freguesias de São Miguel e Santiago e Mártires.

Optou-se por abordar a freguesia, analisando com destaque os bairros atravessados ou/e influenciadores da ambiência do centro histórico acedido, ou seja, os bairros Alfama (abrange as antigas freguesias Santo Estêvão, São Miguel e Sé), Baixa (abrange as antigas freguesias Madalena, Santa Justa e São Nicolau) e o bairro do Castelo (antigas freguesias Castelo e Santiago).

A freguesia de Santa Maria Maior, com uma área de 1,49km², é uma das mais pequenas do concelho. Com 12961 residentes, caracteriza-se por uma elevada densidade populacional, cerca de 8699 hab/km² (dados censo 2011 in CESSS 2015:11,12).

Pretende-se agora, fundamentalmente a partir do estudo Diagnóstico Social Santa Maria Maior, elaborado pelo Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia da

⁵⁰ Reorganização administrativa de 2012 com redefinição (extinção/criação) de freguesias. A freguesia de Santa Maria Maior resulta da junção de 12 antigas freguesias: Castelo, Madalena, Mártires, Sacramento, Santa Justa, Santiago, Santo Estêvão, São Cristóvão e São Lourenço, São Miguel, São Nicolau, Sé e Socorro (in CESSS 2015 *Diagnóstico Social Santa Maria Maior*).

Universidade Católica (CESSS 2015), sintetizar um retrato geral da freguesia, com um destaque particular para os bairros históricos Alfama, Baixa, Castelo.

12.2.1 Parque habitacional e pessoas

A relação das características específicas do edificado e o modo como este é habitado, ou não, são indicadores da densidade de uso desta parte da cidade.

Quadro 12.2 Número de edifícios e população residente

Zona geográfica	Edifícios clássicos ⁵¹		População residente	
	N	%	N	%
Alfama	817	33,7%	3952	30,49%
Baixa	506	20,9%	2515	19,40%
Castelo	215	8,9%	974	7,51%
Santa Maria Maior	2426	100%	12961	100%
Santa Maria Maior	2426	4,6%	12961	2,4%
Lisboa	52496	100%	547733	100

De acordo com INE (censos 2011) in CESSS 2015:12

Alfama destaca-se pela maior concentração de edificado, correspondendo igualmente a um bairro com mais residentes. O tecido habitacional, embora verticalizado, caracteriza-se pela baixa estatura (Quadro 12.2).

Os edifícios que compõem o parque habitacional desta freguesia são maioritariamente de uso residencial exclusivo – 63%. É de referir 8,1% de edifícios não residenciais. Tendo presente que estamos perante dados de 2011, destaca-se a existência de 10796 alojamentos familiares e 93 unidades hoteleiras ou similares (CESSS 2015).

Como expresso no gráfico referente à forma de ocupação dos alojamentos familiares clássicos (Fig. 12.3), é muito relevante a percentagem de alojamentos vagos nos bairros Baixa (46,9%), Alfama (32,3%), muito elevada em particular comparando com Lisboa (15,5%).

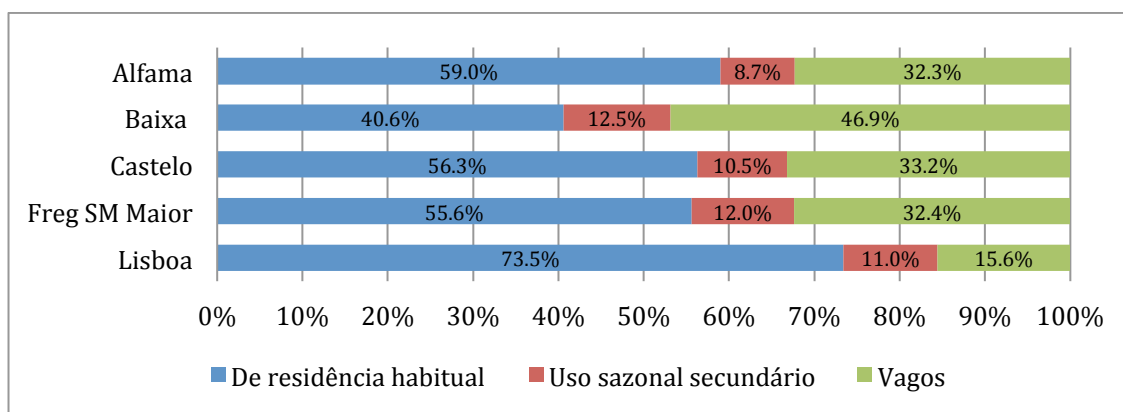
⁵¹ Edifício clássico – edifício cuja estrutura e materiais empregues tem um carácter não precário e duração esperada de 10 anos pelo menos (INE).

É relevante, à data dos dados (2011), a existência de 5,9% de edifícios a aguardar demolição. Acentuando este retrato da Baixa, 1/5 dos seus edifícios foram classificados como muito degradados, sendo a maioria de construção anterior a 1919 (Fig. 12.4) (CESSS 2015).

É de referir, neste contexto, o baixo investimento na construção nestes bairros registado nos censos 2011. Este cenário, nos últimos anos, alterou-se positivamente, sendo de referir que já em 2012 cerca de 10% das licenças de obras emitidas e realizadas em Lisboa dizem respeito à freguesia de Santa Maria Maior (CESSS 2015).

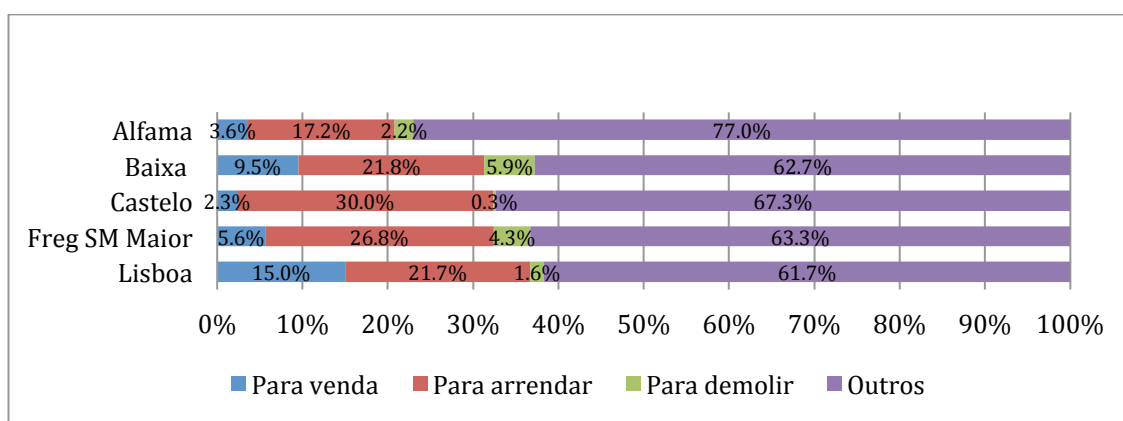
O estado de conservação do edificado influi na percepção do ambiente físico acedido por um visitante, não só nos factores de preferência mas também na inferência de *status* e segurança.

Fig. 12.3 Forma de ocupação de alojamentos familiares clássicos (%)



De acordo com INE (censos 2011) in CESSS 2015:14

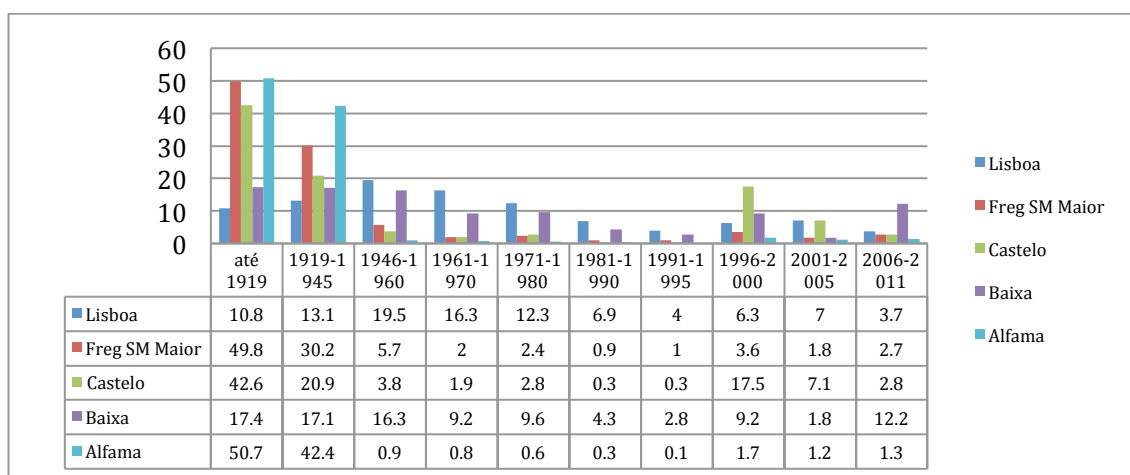
Fig. 12.4 Forma de ocupação dos alojamentos familiares clássicos vagos (%)



De acordo com INE (censos 2011) in CESSS 2015:14

De acordo com a Figura 12.5, a freguesia Santa Maria Maior, que abrange grande parte do centro histórico de Lisboa, caracteriza-se por ter cerca de metade dos denominados alojamentos familiares clássicos anteriores a 1919, componente essencial ao seu valor histórico e potencial turístico. No caso de Alfama, é de destacar a percentagem de 93,1% de alojamentos anteriores a 1945.

Fig. 12.5 Alojamentos familiares clássicos (%) por localização geográfica e época de construção



De acordo com INE (censos 2011) in CESSS 2015:16

12.2.2 Caracterização demográfica e familiar

A relação das características demográficas e a sua distribuição territorial são factores indicadores da população que potencialmente o caminhante observa, a partir das quais baseia as suas apreciações e inferências em termos sociais, económicos e de segurança.

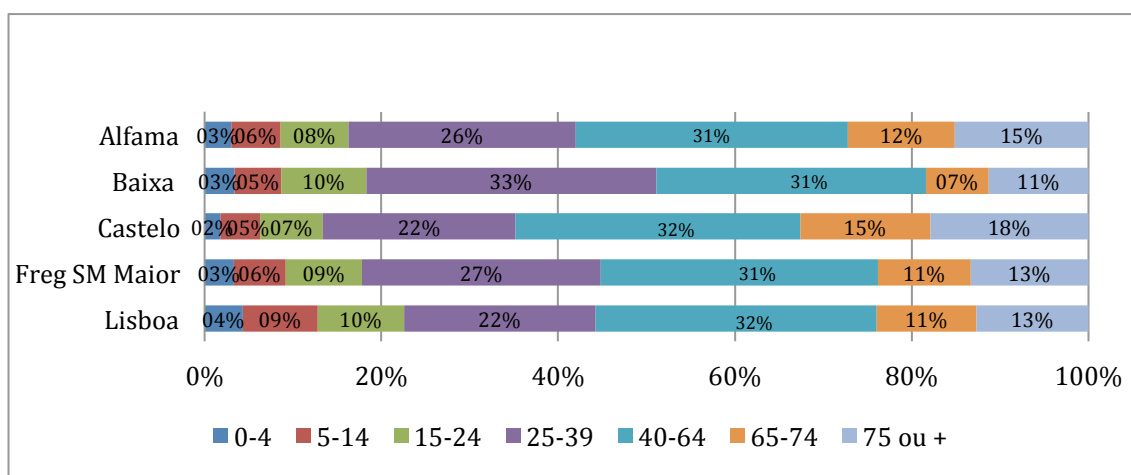
Numa análise do gráfico da distribuição etária por zona territorial (Fig. 12.6), constata-se uma forte semelhança de distribuição etária entre a freguesia e o concelho. No conjunto dos bairros, Castelo e Alfama destacam-se com uma população mais envelhecida, nomeadamente com população acima dos 65 anos: Castelo com 1/3 e Alfama pouco mais que 1/4 (CESSS 2015).

A população mais idosa, pela baixa mobilidade associada, tende a usar o espaço de proximidade, sendo uma presença constante, no período diurno, nos bairros históricos. A sua presença tende a influir positivamente na inferência de segurança e de

amigabilidade de quem o caminha, conferindo igualmente uma validação de cidade histórica habitada para quem a visita.

Outro aspecto relevante nos três bairros analisados é a baixa proporção de crianças com idades inferiores a 14 anos: Castelo 6,3%, Alfama 8,6% e Baixa 8,7%. Factor confirmado igualmente com o elevado número de casais sem filhos nos bairros do Castelo 46,8%, e Alfama 49,7% (CESSS 2015).

Fig. 12.6 Distribuição etária por zona territorial

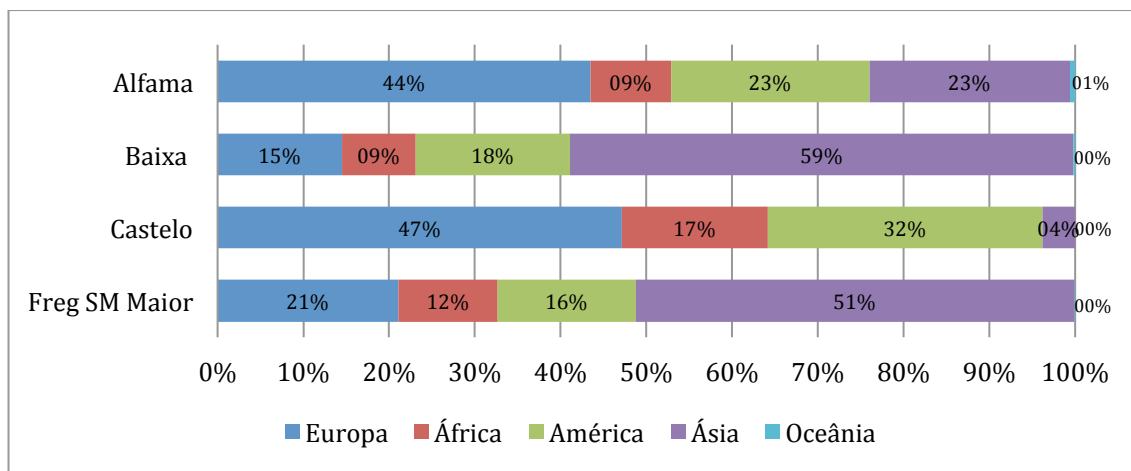


De acordo com INE (censos 2011) in CESSS 2015:26

Esta freguesia destaca-se por uma dinâmica crescente de reconfiguração populacional (Figura 12.7), resultante da diminuição da população residente original e uma crescente presença de população estrangeira, sendo este um factor de grande relevância na Baixa (22,7%). De acordo com o gráfico exposto, é relevante a forte dominância da presença asiática, em particular na Baixa (CESSS 2015).

Este facto tende a influir na imagem de bairro, em particular na inferência de tolerância.

Fig. 12.7 População residente de nacionalidade estrangeira por local de residência e por nacionalidade (%)



De acordo com INE (censos 2011) in CESSS 2015:12

Também é importante abordar os denominados residentes ‘não censitários’: pessoas sem abrigo e sem tecto. Foram contabilizados, nos censos 2011, 40 indivíduos (dos 143 identificados no concelho de Lisboa), sendo 25 destes ‘residentes’ em Alfama e 15 na Baixa. Em 2013, foi efectuado pela Santa Casa da Misericórdia (projecto interSituações) um diagnóstico dos sem abrigo a viver no concelho, sendo contabilizadas 649 pessoas, sendo destes 90 ‘residentes’ na freguesia de Santa Maria Maior. Maioritariamente homens de nacionalidade portuguesa (CESSS 2015).

É importante destacar que o facto de serem ‘residentes’ nestes bairros não implica que aí passem o seu dia, ou seja, que estejam presentes nestes bairros no período diurno.

Por fim, considera-se importante evidenciar a presença de vulnerabilidades associadas à forte incidência de comportamentos aditivos registados nesta freguesia, entre outros problemas físicos e psíquicos existentes. A sua incidência é predominantemente masculina, desempregada, de baixa escolaridade, com uma presença relevante de população estrangeira. Estes comportamentos surgem fortemente interdependentes com diversos factores, como doenças crónicas e infecto-contagiosas, patologias psíquicas, situação de sem abrigo, desemprego, exclusão social, imigrantes, mais vulneráveis. Embora principalmente associada ao bairro da Mouraria, esta problemática afecta todos os bairros em estudo (CESSS 2015).

A identificação por parte do visitante de indivíduos com comportamentos aditivos tende, sobretudo em situações de uso pouco intenso do espaço público, a gerar desconforto associado à percepção de insegurança.

12.2.3 Perfil escolar e económico da população residente

Considera-se agora abordar o perfil económico e social da população residente, factor interrogado em termos de inferência de *status* no questionário do estudo.

Constata-se que 48,5% possui o ensino básico completo, e 18,1% o ensino superior. No entanto, esta freguesia apresenta alguma fragilidade educacional, sendo que 16,5% não possui qualquer nível de ensino (Alfama com elevada taxa de analfabetismo – 5,35%), justificável com uma população envelhecida. É relevante a existência de 2,5% de jovens sem escolaridade (CESSS 2015).

Esta freguesia apresenta uma taxa de actividade ligeiramente superior à de Lisboa, ou seja, 51,25%, comparativamente com 47,54%. Observando os dados por bairros, como é expectável, a Baixa, o bairro mais rejuvenescido, apresenta uma taxa superior (57,41%), e o Castelo, o bairro mais envelhecido, 45,40% (CESSS 2015).

Quanto ao principal meio de vida destes residentes, refere-se o trabalho (50,1%) e reforma/pensão (30,9%). Quanto aos indivíduos não empregados nem reformados, 33,9% dos desempregados estão a cargo da família, 25,7% vivem do subsídio, e 10% do RSI; 88,4% dos estudantes estão a cargo da família (CESSS 2015).

A taxa de desemprego (13,33%) é acima da registada para Lisboa (11,84%). Destacam-se, entre os bairros, e referente à taxa de desemprego da população masculina, o Castelo, com uma taxa de 18,1%, e Alfama, com uma taxa de 15,5%. É de referir que 20,2% de jovens entre os 18 e os 24 anos apenas concluíram o 3.º ciclo do ensino básico; 103, dos 114 jovens entre os 20 e 24 anos, estão desempregados (CESSS 2015).

Por fim, é de destacar uma fragilidade socioeconómica evidente. De acordo com dados fornecidos pela Santa Casa da Misericórdia (in CESSS 2015), em 2014 existiam nesta freguesia 656 (+56 que em 2013) processos activos para Rendimento Social de Inserção, que abrangiam 1128 pessoas (CESSS 2015).

O facto de potencialmente existir uma elevada população, em idade activa, sem ocupação regular a usar o espaço público urbano de proximidade durante o horário útil

poderá constituir um factor influenciador de inferências sociais menos positivas do espaço acedido.

13 A PRÁTICA CAMINHADA NO CONTEXTO DO SIGNIFICADO DO TERRITÓRIO PRATICADO – CENTRO HISTÓRICO DE LISBOA

Lisboa, como a maioria das cidades europeias, tem vindo a transformar-se nas últimas décadas, em particular na valorização do seu centro histórico. Lisboa teve uma afirmação tardia em relação a outras capitais europeias, estando actualmente em franca evolução⁵².

Num mundo global, paralelamente a interesses políticos ou económicos tantas vezes referidos pelo modo como dominam e transformam o espaço, vive-se uma realidade partilhada. Actualmente, em contextos semelhantes, a evolução é cada vez mais sincrónica, a informação, as imagens geradas nas diversas partes do mundo contribuem para a partilha de desejos, de imaginários e porventura de destinos comuns.

Considera-se relevante iniciar esta parte com uma abordagem às características territoriais e socioculturais particulares e comuns aos processos de transformação dos centros históricos e ao seu papel no mundo contemporâneo: cidade identitária, cidade lúdica e cidade mercadoria.

Com o mesmo intuito, considera-se importante a compreensão do conceito contemporâneo de cidade histórica e o modo como se funde com a prática turística, procurando-se sistematizar os fenómenos organizativos que se impuseram no final do séc. XX, e se impõem na construção destas cidades.

Fenómenos que geraram e continuam a gerar tensões entre o local e o global, entre a imposição de uma intervenção com objectivos de produção e consumo lúdico, cultural e turístico e as necessidades e os significados de quem sempre habitou aquela zona da cidade.

⁵² A região de Lisboa, de acordo com *Os Resultados do Turismo 2014* (Silva 2015:6), registou 4,9 milhões de hóspedes, na maioria estrangeiros (3,3 milhões, ou seja, 68%), sendo a evolução global da região 13,4%. Em relação a dormidas, de acordo com o mesmo relatório (p. 10), 11,5 milhões (25% do movimento do país), com um aumento homólogo de 15%.

Através do entendimento das dinâmicas presentes na cidade histórica contemporânea, pretende-se esclarecer o contexto físico, social e cultural da cidade praticada e sentida pelos diferentes tipos de caminhantes desta realidade.

Pretende-se, assim, abordar o significado da prática caminhada do turista do núcleo histórico de Lisboa, primeiro olhando o conjunto de valores que se destacam na intervenção nos núcleos históricos europeus actuais e o significado deste território, e posteriormente o significado de ser turista urbano.

Por fim, é caracterizada a oferta do produto visita guiada caminhada na cidade de Lisboa, produto paradigmático do turismo cultural urbano, contextualizando-se assim as visitas caminhadas seleccionadas como objecto empírico.

13.1 A CIDADE HISTÓRICA (RE)INVENTADA: NOVAS PRÁTICAS E NOVOS SIGNIFICADOS

Assim, uma vez mais as cidades demonstraram capacidade para sedimentar as diferentes camadas da sua história, isto é, a sua função de palimpsestos: pergaminhos que não mudam mas acolhem sucessivamente escritos diferentes.

Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo, Novos Compromissos Urbanos* (2010:30)

Os centros históricos das cidades europeias, com destaque para a segunda metade do séc. XX, alteraram-se, ora esvaziando-se e degradando-se, ora reinventando-se e adaptando-se às necessidades de quem a não pode, ou não quis, abandonar. A cidade histórica reestrutura-se, sendo o consumo via turismo e lazer uma das forças motrizes da requalificação do território. O uso caminhado é valorizado enquanto prática lúdica social, coexistência recíproca entre o visitante e o utilizador da cidade no uso quotidiano. Tornando-se central às práticas turísticas urbanas e à adaptação do território às mesmas.

Este processo, embora nas últimas décadas tenha ganho impacto sócio-espacial na maioria das cidades europeias, é descrito em relação a Paris dos anos 60 por Lefebvre ([1968] 2012:25): “O núcleo urbano transforma-se, então, num produto de consumo de alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas vindas da periferia e

suburbanos. O núcleo sobrevive devido a esse duplo papel: como lugar de consumo e mediante o consumo do lugar.”

Entre os anos 70-90 do séc. XX, este fenómeno estende-se por toda a Europa, e a cidade antiga, histórica, sofre transformações profundas, ganhando novas formas de ser e de funcionar, desempenhando um novo papel na sociedade contemporânea; torna-se espaço especializado para o lazer. Através da oferta de espaços para actividades específicas colectivas, em particular culturais e lúdicas, tornam-se centros de consumo, de lazer, espaços onde o uso colectivo caminhado se torna o factor estruturador e organizativo principal.

Deste modo, o espaço público urbano nos centros históricos europeus, sobretudo a partir dos anos 80, foi alvo de intervenções recorrentes com um intuito de as requalificar em termos patrimoniais e de valor turístico. Uma característica comum a este tipo de intervenção é a necessidade de colectivização do espaço, imposição de espaços com capacidade de uso colectivo.

A valorização e transformação de Lisboa enquanto cidade turística, ou cidade lúdica, é tardia, destacando-se as seguintes intervenções no espaço público das zonas históricas da cidade: Rua Augusta e a sua transformação em zona pedonal associada ao comércio (anos 80), zona do Chiado e posteriormente as intervenções na Praça do Comércio nos anos 90, e, já em 2014, zona do Cais das Colunas/Ribeira da Naus.

Esta parte da cidade vai sendo transformada para ser usada de um modo simples, convidativo para o uso caminhado, associado a transportes divertidos como os eléctricos, de uso pelo residente, ou outros específicos para o visitante. A cidade histórica transforma-se de modo a ser caminhada, usufruída como um jogo educativo, saudável e sem riscos.

A ambiência potencial altera-se, embora frequentemente empobreça e se simplifique, tornando-se mais disponível, mais fácil, mais divulgada, mais explorada; torna-se clara, em particular durante a experiência do visitante. Como reverso da simplificação e da eficiência surge uma menor resiliência, uma menor capacidade de surpresa, uma perda de encanto, um empobrecimento da capacidade de serendipidade.

A cidade histórica europeia contemporânea é a cidade reinventada pelo uso lúdico, em particular pelo turismo. O lazer, mais do que um fenómeno periférico, já se

impôs na sua essência, pela transformação não só do território, mas também do seu uso e das relações afectivas dos seus residentes e/ou utilizadores regulares.

Cidade identitária, cidade lúdica, cidade mercadoria

Num modo interligado, a cidade histórica tende a ser valorizada enquanto cidade identitária, cidade lúdica e cidade mercadoria.

O núcleo histórico é frequentemente a cidade identitária, no sentido em que o património urbano encontra-se no espaço onde estão inscritas as memórias colectivas dos grupos que o produziram (Halbwachs [1950] 1997 in Bourdin 2005:22).

Há uma produção de património. A construção de sentidos e a atribuição de valor diferenciado a estruturas edificadas ou a elementos naturais, âncora de visões do mundo, materializam crenças, são testemunhos de episódios da memória colectiva, alimentando sentimentos de pertença (Arantes 2009:11 e 15). De acordo com António A. Arantes (2009:21), associado à patrimonialização e conservação, existem males a evitar, como a neutralização do sentido de lugar, a construção de sucedâneos de espaços públicos e dispositivos de segurança ou controlo segregadores da população local, em benefício do visitante.

O universo dos signos constitui a relação emotiva dinâmica da sociedade com o seu território, com a natureza, com a história, com a sociedade. São por vezes estes signos que estão enraizados na história e identidade cultural da cidade, que frequentemente são enfatizados, reinterpretados de modo a gerar mais objectos de contemplação turística. O resultado da intervenção na produção patrimonial nos significados da cidade é muito variado. Se, por vezes, são promovidas identidades culturais, frequentemente são adulteradas, manufacturadas e simplificadas.

A imprensa, no seu papel mediador entre o cidadão e a cidade, realiza a espectacularização da cidade e molda as representações (Sánchez 2001:36). Surge a denominada tematização enquanto simplificação e promoção do valor ‘autêntico’, intervindo no seu valor simbólico por ênfase ou mesmo criação de características próprias. Esta mercantilização dilui fronteiras entre a realidade e a ficção, localização e imaginação, entre história e invenção, ao ponto de já não ser possível distingui-las (Relph 1987). Este fenómeno não só interfere no modo como o espaço é visto pelo visitante, como afecta o modo como o espaço é lido e vivido pelo residente. Perdem-se

locais estáveis de identidade, “cabides convenientes nos quais se podem pendurar as memórias, os sentimentos e os valores pessoais” (Lynch [1981] 1999:128).

Actualmente, e perante a voracidade do mundo global, há um interesse renovado na preservação patrimonial e na valorização de diferenças culturais e materiais ancoradoras de memórias e identidade da população residente. De acordo com Sánchez, assiste-se a uma dinâmica recorrente de imposição de uma hegemonia simbólica, a tentativa de fixar identidades territoriais homogéneas, consensuais, de leitura óbvia e expectável, apresentada como condição de resistência ao mundo globalizado. Há uma ênfase e valorização de características diferenciadoras (Sánchez 2001:38).

O turismo, e as dinâmicas associadas à promoção do mesmo, incide numa constante busca de qualidades que possam validar a autenticidade, a percepção de unicidade, enraizadas nas qualidades físicas ou/e sociais das comunidades locais (Bernardo *et al.* 2015). No centro histórico de Lisboa, a zona de Alfama e Castelo é um exemplo paradigmático da cidade identitária, por um lado em transformação, ganhando novas características, e, por outro, frequentemente ratificada nas suas características diferenciadoras, pelas intervenções e actividades produzidas para o visitante.

É de referir a existência de divergências e convergências de percepção da identidade, quando avaliada pelos próprios residentes ou pelos visitantes, empreendedores de actividade turística, ou decisores. De acordo com estudo efectuado no bairro histórico de Alfama, perspectivas com diferentes profundidades, baseadas em percepções internas e externas, distintas mas com interdependências, contribuem para a conceptualização da identidade urbana de Alfama (Bernardo *et al.* 2015).

A cidade histórica é a cidade lúdica enquanto património, articulado por ruas, que frequentemente são mais que itinerários, são palco de gestos, sons e odores, concentram uma vivência única que constitui o cerne da sua atracção. Assim, o núcleo histórico agrega-se enquanto objecto lúdico, enquanto concentração de actividades culturais, físicas e de lazer.

O lazer humaniza a cidade histórica, evitando que esta se torne obsoleta. A cidade tradicional, ou parte dela, ganha valor enquanto objecto percorrido, alvo da contemplação colectiva. As pessoas que o percorrem são parte essencial do percurso.

A prática espacial caminhada permite uma imersão na dimensão material e social da cidade que se acede, que por sua vez se adapta às práticas dominantes, economicamente atractivas, alterando-se, renovando-se.

De acordo com Luís V. Baptista (2005:47), a modernização lúdica dos territórios, ou *ludificação*, consiste numa nova dinâmica de uso e relação com o espaço associada ao entretenimento e consumo programado.

Embora seja em função do turismo, enquanto actividade económica, que a cidade investe e reestrutura a sua capacidade de oferta cultural e lúdica no usufruto lúdico do espaço físico, o visitante consome a mesma cidade do residente, coexistindo nos mesmos espaços, fundindo-se nos modos de usar a cidade, partilhando neste uso objectivos semelhantes. Cada vez mais, o uso lúdico da cidade do residente, do visitante e do turista não se distinguem. Ou seja, o caminhar ao longo do rio, tomar uma refeição numa esplanada ou ir a um concerto são actividades lúdicas da cidade disponíveis e utilizadas por residentes e turistas (Judd 2003:31; Baptista 2005:53).

A cidade, por vezes, torna-se um espaço encenado. Os eventos urbanos, como paradas, feiras e festivais, testemunham o pulso acelerado exigido (ou expectável) na cidade visitada, a valorização do momento memorável captado na vivência do espaço.

Um dos aspectos mais relevantes de conflito, sobretudo nas cidades históricas dominadas pela prática turística, é a densidade excessiva de uso, acentuada frequentemente por um ruído intenso das actividades associadas. O som da música, o som da festa de e para quem está de férias, colide com as práticas quotidianas. Destaca-se o ruído dos *tuk-tuk*, que invadem o centro de Lisboa como um transporte-brinquedo, colorido, divertido, com um barulho ensurdecedor, e os espectáculos de música que se impõem na cidade, invadindo-a. Por fim, a degradação do silêncio nocturno, pelo uso continuado de quem está de férias.

O turismo faz actualmente parte do que é a cidade histórica. Encarado enquanto ‘indústria’ limpa, que consegue gerar emprego e desenvolvimento económico, o turismo afecta de um modo transversal uma parte significativa da sociedade urbana. De acordo com *Os Resultados do Turismo 2014*, a região de Lisboa alcançou, em 2014, 678,2 milhões de euros de proveitos, representando um aumento de 15,5% face ao ano anterior, com uma quota de 31% em relação aos dados nacionais.

Assim, no mundo global, a cidade histórica enquanto geradora de desenvolvimento económico é parte essencial da cidade mercadoria; cidade dos agentes, das estratégias, das escalas de acção política. A objectivação de cada núcleo promove e é promovida pelas estratégias de mercado, pelas imagens de marca, que são criadas e transmitidas com o intuito de valorização da cidade nos mercados estratégicos do turismo. Neste sentido, destacam-se dois momentos do passado recente: Lisboa Capital Europeia da Cultura, em 1994, e a Expo 98 (Exposição Internacional de Lisboa de 1998).

Perante uma economia global, em que os recursos se movem à escala mundial, a competição entre cidades tornou-se um factor decisivo no modo como estas são governadas e na forma como o espaço público, enquanto ‘face’ da cidade, ganha valor (Madanipour 2005:13). O valor económico do turismo urbano torna-se vector de estratégias de valorização e de ‘venda’ das cidades. Surge, assim, a valorização da imagem, do *city-marketing*, e a invenção de novas formas de dominação do espaço e das práticas, de potencialização da eficiência do mesmo enquanto mercadoria. Há uma produção global do espaço, assente na imagem e na mercantilização da cidade, no mundo globalizado (Sánchez 2001:32-33). Barcelona é um exemplo incontornável de transformação da imagem da cidade no mercado internacional, através do investimento no espaço público e do *city-marketing* (Madanipour 2005; Sánchez 2001).

No mesmo sentido, é revelador o subtítulo do Plano Estratégico para o Turismo na Região de Lisboa 2015-2019: *Posicionar Lisboa num Novo Patamar de Excelência Turística* (Turismo de Lisboa 2014).

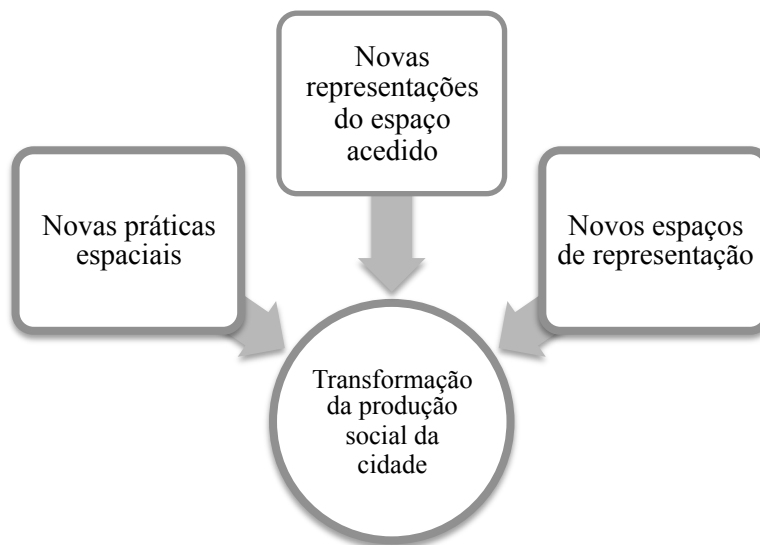
As políticas culturais e patrimoniais do espaço têm vindo a ser determinadas por dinâmicas económicas, considerando que tudo aquilo que não adere a essa dinâmica tende a ser encarado como uma perturbação à ordem (Sánchez 2001:37).

No âmbito desta estratégia, são produzidas por especialistas novas representações do espaço: novas narrativas, novas descrições, novos mapas. São construídos, fabricados, novos quadros de referência, frequentemente independentes do espaço real praticado e percebido pelo residente. O modo, sempre dinâmico, como o espaço é vivido redefine-se.

A cidade histórica, valorizada enquanto cidade identitária, cidade lúdica e cidade mercadoria, transforma-se, frequentemente simplificando-se perante a valorização da

prática lúdica. A cidade histórica, gerada e geradora de novas representações, de novas relações e significados, ou seja, de novos espaços de representação, afecta a produção social da cidade, contribui para uma alteração do modo como o espaço é concebido e vivido pelo residente, gerando novos significados, que se sobrepõem e reequacionam as relações destes com o espaço (Fig. 13.1). Diluindo significados incorporados e apropriações estáveis radicadas na vivência continuada do espaço.

Fig. 13.1 Dinâmica da produção do espaço na cidade histórica



Embora a cidade seja intensamente praticada, no sentido em que é percorrida, analisada e registada, a cidade dilui-se enquanto espaço social produzido no uso quotidiano. Considera-se agora importante repensar a produção sócio-espacial do espaço da cidade histórica e o modo como esta se transforma ou, por vezes, se extingue face às novas realidades impostas.

Frequentemente, gera-se o conflito entre duas concepções de espaço e uso, o local e o global/universal. Existe uma divergência de adequação, enquanto dimensão que se relaciona com o modo e com o padrão espacial e temporal correspondente ao comportamento habitual dos seus habitantes ou utilizadores (Lynch [1981] 1999). A correspondência entre a acção e a forma dos cenários é distinta quando se fala de residentes antigos, de novos residentes e de visitantes. A intervenção na cidade histórica, por vezes pouco habitada, surge tendencialmente imposta com intuito de uma maior adequação aos novos usos, favorecendo o visitante, o comércio, o uso colectivo.

A cidade histórica contemporânea, enquanto unidade caminhada, é paradigmática na forma como o mundo material, o mundo concebido e o mundo vivido se relacionam, num processo de mútua transformação, na produção espacial.

Fenómenos estruturantes na transformação do espaço sociocultural da cidade histórica e das novas ambiências urbanas geradas

Embora o centro histórico de Lisboa não seja um exemplo paradigmático de espaço reinventado para o turismo, a sua transformação está em curso. Destacam-se, agora, os três grupos interligados de fenómenos estruturantes determinantes na transformação do espaço sociocultural da cidade histórica e das novas ambiências urbanas geradas:

a) ***Preservação, estetização*** – As intervenções urbanas surgem com o intuito de aumentar a capacidade de sedução visual do espaço. É inegável que os locais visitados defendem a imagem da cidade, ou seja, são eles que geram a imagem transmitida e que os tornam, ou não, objecto de desejo comparativamente com outros (Sheller e Urry 2004).

Vítor Matias Ferreira, em 2004 (p. 83), observa que Lisboa, quanto à reabilitação urbana, constitui uma situação singular, apresentando um elevado grau de degradação, questionando a eficácia do sistema camarário, demasiado fragmentado, moroso e muito dependente dos apoios de natureza pública.

Actualmente, a intervenção de reabilitação urbana, com um carácter disperso, tem sido cada vez mais visível. Fenómenos de preservação e intervenção no espaço público, permitindo uma ratificação de valor patrimonial para o visitante e para o residente, têm vindo a ocorrer de um modo localizado. A Praça do Comércio e o seu edificado e a recente intervenção no Cais das Colunas são exemplos de intervenções de preservação e estetização do núcleo histórico de Lisboa.

b) ***Funcionalismo, segurança e mercantilização*** – O funcionalismo, ou seja, o comportamento programado pelo funcionamento, a par do desenho e da gestão do espaço, possibilita um uso colectivo, por vezes de grande densidade, de diversos grupos, permitindo o usufruto de experiências culturais e/ou lúdicas com uma diminuta probabilidade de conflito e confronto entre utentes.

A prioridade dada ao controlo e à gestão de grandes quantidades de pessoas que afluem a um determinado local dita, em larga medida, a disposição do espaço e o seu desenho. É essencial a imagem de um espaço público seguro, iluminado e vigiado. O espaço organiza-se e frequentemente simplifica-se.

A produção e vivência da cidade histórica para o uso colectivo assenta em duas premissas base: a necessidade de evitar confronto, ou seja, o medo de vivências negativas, e o crescente consumo de experiências culturais. A cidade não necessita só de ser segura, mas, sobretudo, é necessária a percepção de segurança, ou seja, o sentir que uma cidade é segura é um factor determinante para a dinamização do uso do espaço público (Roulleau-Berger 2004:36).

Assim, frequentemente associadas aos centros urbanos, e particularmente aos centros históricos, as políticas públicas tendem a ter uma atenção dirigida à ‘moralização’ do espaço público, ao controlo não só da segurança mas de sinais de insegurança. Estas intervenções têm como objectivo a transformação da rua num espaço pacificado. Se, por um lado, a segurança e a percepção da mesma é essencial ao uso do espaço público, por outro, há o risco da ‘deformação’ da rua em espaço seguro e controlado, onde a população errante marginal é convidada a não estar, não favorece a rua enquanto espaço de diversidade e de coexistência ecléctica (Roulleau-Berger 2004:36).

Mesmo sem um funcionalismo programado, no centro histórico de Lisboa destaca-se a rota da Praça do Comércio, Rua Augusta, subida para a Sé e acesso ao Castelo, como uma rota cujo espaço, e as respectivas actividades económicas, se tem vindo a especializar, cada vez mais, na actividade turística.

c) **Gentrificação** – Por fim, considera-se a gentrificação ou nobilitação, fenómeno resultante, por um lado, de políticas de revitalização urbana, e, por outro, de uma nova ideologia de espaço urbano, no sentido duma procura de um estilo de vida diferenciador, fugindo da massificação das periferias. A cidade, ao investir na sua qualidade estética e de conforto, valoriza-se não só em relação à capacidade de atracção de visitantes e investimento, como se valoriza para o residente, que a usa diariamente de um modo funcional ou de um modo lúdico, à semelhança do turista, nos seus tempos de lazer (Fainstein e Gladstone 1999:30).

Nas zonas históricas de Lisboa, com excepção da zona Chiado, cuja transformação pós-incêndio (25 Agosto 1988) alterou substancialmente as vivências da zona, sobretudo a partir dos finais dos anos 90, o fenómeno da gentrificação parece ter evoluído paulatinamente e de um modo disperso.

De acordo com Walter Rodrigues (2010:205), o município de Lisboa, desde meados da década de 80 (dados até 2001), tem revelado, de um modo não homogéneo, sinais de uma intensificação de recomposição social, no sentido de um maior peso dos estratos mais elevados no município de Lisboa. Com excepção da freguesia do Lumiar, este fenómeno teve uma grande evidência no centro histórico. Neste sentido, a freguesia de Sacramento, zona Bairro Alto-Chiado, foi a que apresentou valores mais elevados (embora sendo muito pequena e apresentando um decréscimo populacional), sendo igualmente de destacar uma assinalável variação positiva das freguesias de São Vicente de Fora, Mártires (na Baixa-Chiado até ao Bairro Alto), Mercês (do Bairro Alto a São Bento). Por fim, é de referir com sinal positivo algumas freguesias da zona histórica, como Santa Engrácia e Sé, São Paulo e Encarnação (Bairro Alto), Madalena e Santos (Rodrigues 2010:205).

Embora a zona do Chiado, assim como outras, tenha vindo a ser alvo de intervenções com alguma dimensão na área urbana, no centro histórico de Lisboa é dominante uma nobilitação pontual, materializada em intervenções isoladas de edifícios, valorizadas predominantemente por indivíduos pertencentes a profissões intelectuais, científicas e artísticas, seduzidos pela arquitectura e pela paisagem (Rodrigues 2010:230).

Actualmente, os bairros históricos e as suas particularidades físicas, sociais e culturais são especialmente apelativos enquanto produto de promoção internacional das cidades, sendo que os processos de regeneração neste sentido procuram evidenciar as suas especificidades materiais e imateriais (Corte-Real 2015).

Neste sentido, é paradigmática a intervenção multifacetada que desde 2011 tem dinamizado o bairro histórico da Mouraria, destacando-se pela preocupação social e/ou estratégica de manutenção das populações residentes originais, reforçando a imagem multicultural do bairro (Corte-Real 2015). Estratégia que, embora tenha objectivos sociais, permite igualmente manter a ‘genuinidade’, fugindo da uniformidade de oferta turística, com importância na cidade identitária, cidade lúdica e cidade mercadoria.

Por fim, é de referir que a cidade acedida no estudo empírico é o epicentro do turismo de Lisboa, sendo assim dominantemente um território adaptado e convidativo à prática lúdica caminhada.

13.2 A PRÁTICA CAMINHADA NO CONTEXTO DO SIGNIFICADO DO TURISMO URBANO

13.2.1 O(s) significado(s) do turismo e do uso lúdico cultural na cidade

A realidade de grande parte das cidades europeias, como já abordado, é indissociável da prática turística. O turista, enquanto consumidor, tornou-se um usuário precioso destes territórios, e o turismo urbano passou a ter um papel muito importante no desenvolvimento das cidades, em particular dos espaços lúdicos, que dominam alguns dos ambientes contemporâneos (Selby 2004:3).

O forte desenvolvimento do turismo surge, não só, associado à crescente mobilidade da população e à crescente ‘industrialização’ do uso dos tempos livres, mas também a uma consolidação da cultura do lazer (Henriques 1996). O seu valor enquanto actividade económica é central ao seu desenvolvimento (Bourdin 2005:16).

Embora seja um conceito difundido, aceite e partilhado de uma actividade sociocultural, ao longo do tempo, o significado e o modo de execução do turismo tem-se transformado constantemente, e com ele a experiência do visitante. O desenvolvimento do turismo urbano nas últimas décadas é um exemplo disso. Pela facilidade de acessos, de marcações, pagamentos, pela facilidade de comunicação, cada vez mais a cidade é seleccionada e experienciada de um modo mais personalizado.

Considera-se, assim, essencial ao desenvolvimento do estudo de caso o entendimento de duas dimensões inter-relacionadas caracterizadoras da experiência, importantes no significado da mesma: o turismo cultural e o uso caminhado lúdico da cidade.

O turismo cultural surge da relação privilegiada entre património e cidade; assente na grande diversidade de oferta, quer em atracções quer em acessibilidade,

capacidade de alojamento e acolhimento (restauração, serviços diversos) (Bourdin 2005:17).

Associado predominantemente ao meio urbano, o turismo cultural surge, de acordo com Brito Henriques (1996:53), como uma modalidade em franco crescimento, ligada ao aumento da escolaridade e à expansão de uma classe média, convergindo numa valorização do património e do interesse pela história e pelas artes. Não só com destaque dentro da União Europeia, mas com particular relevância como atracção nos mercados norte-americano e asiático (GEATTE_D.G. XXIII Comissão das Comunidades Europeias in Henriques 1996:52).

Paralelamente às transformações que se sucedem de forma estrutural e cultural na cidade contemporânea, a prática turística está-se a alterar rapidamente e significativamente. O modo como o turista escolhe a cidade e a quer percorrer e olhar está cada vez mais associado, e é praticamente indistinguível, das outras formas de práticas sociais e culturais. A identificação com determinado grupo social surge associada a diferentes tipos de consumo e, em particular, ao consumo cultural (Urry 2002:74).

As práticas do turismo contemporâneo, enquanto combinação do visual, estético e popular, associam-se e reflectem a sociedade pós-moderna (Urry 2002:78). O turismo é um produto da cultura global de consumo. Assim, surgem formas alternativas ao consumo massificado, adaptando-se a oferta aos desejos de cada grupo específico, criando uma maior individualização e exigência na escolha do destino pretendido (Judd 2003:32).

A integração da prática turística na sociedade actual, tal como os novos modos de individualização do consumo, reflectem e são reflectidos por novos tipos de turismo e de turista e por novos significados associados à prática. A visita guiada caminhada, e a diversidade de temas associados à mesma, surge como um produto paradigmático do turismo e do turista contemporâneo.

13.2.2 Caracterização da oferta do produto visita guiada caminhada na cidade de Lisboa

A visita guiada caminhada, enquanto percurso temático, insere-se na oferta patrimonial da cidade, gerando narrativas que ligam lugares e lhes conferem significado

(Bourdin 2005:15). Pela possibilidade de escolha da construção do percurso e da narrativa associada, cria-se um produto diferenciado.

Por ser uma prática caminhada, valoriza a dimensão corporal da experiência com as múltiplas sensações associadas. Por ser praticada num território turístico, o ambiente desdobra-se numa oferta de um ambiente seguro, por vezes de festa, de cor, limitador da incerteza (Bourdin 2005:20).

Considera-se agora importante uma abordagem particular ao universo, bastante diverso, das visitas guiadas pedonais no panorama turístico de Lisboa. Embora a primeira pesquisa e escolha do objecto empírico tenha ocorrido em 2013, a recolha de informação aqui exposta foi feita por acesso aos respectivos *websites* (Nov. 2015). Este facto tornou claro que este tipo de produto está em constante transformação, adaptando-se à cidade e ao tipo de visitante. Embora numa primeira abordagem a oferta seja grande, se se excluïrem os percursos que incluem andar de eléctrico, parar para experiências gastronómicas, ou que têm um carácter de marcação privada de grupo (ex.: *Tours by locals*⁵³ e o *Lisbon walking tours*⁵⁴), a oferta fica bastante reduzida. Um aspecto interessante é a frequência com que os preços estão apresentados em USD, sendo relevante a importância do mercado não europeu para este tipo de oferta, como exemplo *Lisbon walking and biking tours*⁵⁵ e *Alfama walking tour in Lisbon*.

Quanto ao produto, é relevante o aparecimento dos denominados *free-tour*. Como exemplo, em Lisboa, refere-se a *Sandemans new Europe Lisbon*⁵⁶ e a *Discover walks... see more*⁵⁷, que se anunciam como gratuitos, devendo o guia ser recompensado com uma gorjeta, por vezes aconselhada, de 12 euros.

É de referir a existência pontual de visitas organizadas pelas juntas de freguesia, associações ou pela Câmara de Lisboa, dirigidas ao público lisboeta com o intuito de revelar a cidade.

Embora dentro de diferentes operadores surjam frequentemente visitas pedonais ao centro histórico, consideram-se agora quatro operadores cuja principal actividade é a realização de visitas guiadas temáticas caminhadas na zona histórica:

⁵³ <http://www.toursbylocals.com>

⁵⁴ <http://www.selectionontours.com/lisbon-private-tours/lisbon-walking-tours/?search=restore>

⁵⁵ <http://www.viator.com/tours/Lisbon/Alfama-Walking-Tour-in-Lisbon/d538-6785LISALFA>

⁵⁶ <http://www.newlisbontours.com>

⁵⁷ <http://www.discoverwalks.com/lisbon-walking-tours/free-walking-tours/>

a) *Lisbon Spirit – Walking Tours*⁵⁸ – Percursos regulares, durante todo o ano, de acordo com horário (necessário marcação). Máx. 8-10 pessoas. Preço 12/15 euros, 3 horas/4,5km, guias formados em planeamento urbano e arquitectura. No núcleo histórico, e sendo que apenas o primeiro é exclusivamente pedonal, destaca-se a oferta de três percursos: percurso de introdução a Lisboa, abordando uma visão geral da história da cidade, com destaque para o Chiado e o seu carácter boémio, e Alfama, como um dos bairros mais antigos da cidade; percurso Chiado-Bairro Alto, visão da história do desenvolvimento recente pós-incêndio desta zona da cidade (inclui viagem no elevador da Bica); percurso Baixa, focando a reconstrução da Baixa e vida de comércio e restauração associada a diversas personalidades da cidade (inclui subida ao elevador de Santa Justa). Estes produtos direccionam-se exclusivamente ao turista.

b) *Lisboa Autêntica*⁵⁹ – Percursos regulares durante todo o ano, de acordo com horário (necessário marcação). 3h, 15 euros. Idioma dominante: inglês. Guias com formação em antropologia, gestão de destinos turísticos e línguas aplicadas. Destaque para três dos sete percursos propostos: percurso *old Lisbon*, a descoberta de Alfama e do Castelo, abordando a presença romana e o encontro de três religiões – cristã, muçulmana e judaica; e percurso *Lisbon essential tours*, associado ao destaque de elementos importantes na história e arquitectura da cidade, prometendo uma visão do modo como os lisboetas vivem e onde se divertem. Percorre Chiado, Bairro Alto, Baixa Pombalina e Alfama. Por fim, destaca-se *Lisbon with Fernando Pessoa*, produto que, embora exista com horário regular em inglês e italiano, é direccionado, com horário a combinar, também ao público nacional, sendo o único produto das visitas regulares com potencial interesse para o público residente.

Um percurso que, embora não regular, é interessante mencionar, enquanto produto e enquanto tipologia de contacto com a cidade, é o *Cruise walking tour*. Percurso destinado ao turista que chega nos paquetes de cruzeiro e usa a cidade apenas por algumas horas. Recolhido na doca dos cruzeiros, o turista é levado a caminhar por Alfama, Praça do Comércio, Baixa Pombalina, Praça da Figueira, Rossio.

Por fim, é de referir que, consultando o *website* em português, acede-se a outro tipo de produto, agora para o público residente. Embora com um carácter não regular,

⁵⁸ <http://www.lisbon-spirit.pt/toursp.htm>

⁵⁹ <http://lisboaautentica.com/en/>

são propostas inúmeras visitas temáticas, num intuito de dar a conhecer uma camada mais profunda, mais específica, da cidade ao caminhante nacional.

c) *Lisbon Your Way – Guided Tours*⁶⁰ – Oferta de oito visitas guiadas pedonais não regulares e com marcação prévia. Duração de 2h, 2h30 e 3h. Idiomas: português, inglês, francês e italiano. Guias formados em turismo. Com uma oferta variada, com um produto não diferenciado para o público nacional e estrangeiro.

Destaque para os percursos:

- Lisboa medieval – este percurso é divulgado como uma saída dos percursos turísticos e descobrir um bairro antigo da cidade. É interessante notar que o nome do bairro é omitido (Mouraria). Posteriormente, realiza-se uma visita ao castelo, cidade romana e Sé.
- Alfama – este percurso é destacado enquanto acesso ao primeiro bairro fora das primeiras muralhas da cidade, realçando o seu carácter labiríntico. É feita uma visita ao Panteão Nacional.
- A velha Lisboa – partindo da Baixa, percorre-se Alfama, Bairro da Graça, atravessando o (assim apresentado) “bairro multicultural da Mouraria habitado por dezenas de comunidades estrangeiras”.
- A sétima colina – percurso através do Bairro Alto, antigo e pitoresco, e do Chiado, bairro intelectual e aristocrático.
- Segunda guerra mundial – descrição do ambiente do centro da cidade durante a segunda guerra mundial, dos novos hábitos e dos refugiados ilustres e espões que viveram na cidade neste período (percurso 2h).

É relevante a atribuição de valor ao bairro da Mouraria, não só pela riqueza histórica, como pela diversidade social, reflectindo as intervenções recentes em termos espaciais, sociais e de divulgação da nova imagem do bairro.

d) Por fim, e com mais detalhe, aborda-se a *Lisbon Walker*⁶¹, operador das duas visitas seleccionadas como objecto empírico deste estudo.

A *Lisbon Walker* é constituída por 9 guias, de formação superior diversa, sendo José Antunes, formado em História Moderna Contemporânea e em Gestão Cultural de Cidades, o autor dos guiões. No quadro da oferta, existem sete visitas regulares, com






⁶⁰ <http://www.lisbonyourway.com/visitas-pe>

⁶¹ <http://www.lisbonwalker.com>










conteúdos predominantemente históricos e muito detalhados e, em algumas situações, semelhantes para o público nacional e estrangeiro, e cinco visitas regulares para o público estrangeiro (consulta em inglês). Quando consultado noutra idioma, o visitante é alertado de que as visitas são em inglês ou português. Para cada idioma, com marcação, podem ser feitas visitas em: espanhol – Cidade Velha, Lisboa Revelada e O Terramoto de 1755. Em italiano, alemão e francês surgem igualmente Cidade Velha e Cidade Revelada, sendo o terceiro tema Lisboa dos Descobrimentos.

De acordo com o *website*, e com a Figura 13.2, os passeios a pé realizam-se nos quatro primeiros domingos do mês e no primeiro sábado de cada mês, às 14h30, em português, e diariamente em inglês, de acordo com o horário exposto no *website*. As visitas realizadas com o mesmo tema em português e inglês são: a Cidade Velha (símbolo castelo), Lendas e Mistérios (símbolo corvo) e Lisboa Cidade de Espiões (símbolo figura humana).






Fig. 13.2 *Lisbon Walker* – horário de visitas guiadas






March to November

Time	Mon.	Tues.	Wed.	Thurs.	Fri.	Sat.	Sun.
10:00 am	 		 			 	 
2:30 pm							

December to February

Time	Mon.	Tues.	Wed.	Thurs.	Fri.	Sat.	Sun.
10:00 am	 					 	

Passeios em Português ao Fim de Semana - 14h30

1º Domingo		3º Domingo	
2º Domingo		4º Domingo	
1º Sábado	(um passeio diferente - consultar www.lisbonwalker.com)		
			

De acordo com o *website* e com a Figura 13.2, verifica-se que três destas visitas, com horários diferentes, têm o mesmo conteúdo e realizam-se do mesmo modo para os diferentes públicos nacional e estrangeiro.

- *A Cidade Velha / Lisbon Old Town*. Síntese do tema (semelhante mas não igual na descrição em inglês): Os Romanos e os Mouros, As perseguições aos Judeus e Cristãos-Novos, O bairro de Alfama e as suas gentes, Migração e estivadores, Os miradouros escondidos, O Fado – a banda sonora de Lisboa. É abordada a população actual do bairro de Alfama e o seu estilo de vida.

- *Lisboa Lendas e Mistérios*. Síntese do tema: Ulisses fundador de Lisboa, S. Vicente e os corvos, Os mártires de Lisboa, A passarola de Bartolomeu de Gusmão, O massacre da família Távora, Marquês de Pombal – anjo ou demónio?, Baixa Pombalina – uma fantasia maçónica.

- *Lisboa Cidade de Espiões*. Síntese do tema: Os hotéis de espiões mais famosos de Lisboa, Os refugiados e as novas modas da Europa, O combate solitário de Aristides de Sousa Mendes em Bordéus, O ouro judaico e o contrabando de volfrâmio, O mais importante espião, Garbo/Arabel, A história do verdadeiro James Bond.

Estas duas visitas guiadas – Lendas e Mistérios e Lisboa Cidade de Espiões – foram seleccionadas como objecto empírico, na medida em que foram as duas visitas que se destacaram pela semelhança de conteúdos em português e inglês, pela temática não centrada no edificado ou no ambiente físico e social existente, mas antes no contar de histórias, de lendas, de mitos, de acontecimentos passados. Outro aspecto prende-se com a diferença entre as duas rotas caminhadas quanto a topografia, edificado e ambiente social acedido.

Todavia, não regular e sujeita a marcação, destaca-se pela originalidade e imersão sensorial a visita Lisboa Sensorial (1h30). Citando a *Lisbon Walker*: “O carácter único deste passeio cumpre dois grandes objectivos: proporcionar uma experiência sensorial, que visa a construção de um novo conhecimento do espaço através do estímulo dos sentidos do olfacto, tacto, gosto e audição pela ausência da visão; sensibilizar para o universo invisual, não num sentido incapacitante, mas num sentido positivo e estimulante, em que o próprio invisual nos convida a entrar no seu mundo de códigos e referências.”

Fig. 13.3 *Lisbon Walker – flyer*

where and when

Meeting Point

All walks start from Praça do Comércio at Rua Arsenal corner (across from the Tourist Information Office - Ask Me Lisboa).

March to November

Time	Mon.	Tues.	Wed.	Thurs.	Fri.	Sat.	Sun.
10:00 am	W	W	W	W	W	W	W
2:30 pm							

December to February

Time	Mon.	Tues.	Wed.	Thurs.	Fri.	Sat.	Sun.
10:00 am	W	W	W	W	W	W	W

Passages on Portugal's air Ferries - 14h30

1st Domingo: W
2nd Domingo: W
1st Sábado: W (um passeio diferente - consultar www.lisbonwalker.com)

54 Discovery Cards

A deck of cards with 54 suggestions for walking and biking tours inside and around Lisbon.

You can purchase the Deck directly from our guides or in selected bookshops.

Check our website for more information.

info and tickets

Duration

Each walk takes between 2 and 3 hours (please check the timetable for starting times).

We walk in all weather, **EVERY DAY**, except December 25th and January 1st.

"a different way to discover Lisbon" - Guide du Routard

Regular Tours

You can buy the walking tour tickets from our guide who will show up a few minutes prior to departure.

Look for an orange backpack like the one on the right >>

There's no need to book - Just turn up

Ticket Prices

- Regular ticket: €15.00
- Under 26, over 65, holders of Lisboa Card or valid tickets from Sightseeing Tours as well as walks in Portuguese: €10.00
- Children under 12, travelling along, go free
- Special Offer: any different 2nd walk, when purchased together with the 1st one, has a 5€ discount

Private Tours

We organise private tours in Lisbon for small and large groups with a wide variety of themes. They are tailor-made to fit your particular interest and taste.

This service is available in English, Portuguese, French, Italian, German and Spanish. Please check our website for more details.

TV appearances:

- FR2, FR3, TV5 Monde (FR): National Geographic (US)
- RTP1, RTP2, RTPN (PT): Travel Channel (UK)
- NDR (DE): NTV (JP)
- SIC (PT): TVI (PT)

us and our partners

yellow bus OFFICIAL SIGHTSEEING TOURS

Tram tours

Hop-on Hop-off

Discount Voucher 25%*

*valid only for 24h tickets, valid between 9h and 18h

Enjoy Lisbon all the way

Join us at Praça do Comércio or Praça da Figueira

RESTAURANT & FADO

PORTUGUESE GOURMET CUISINE EXPERIENCE

OPEN FROM 9 AM TO 12 PM

CANNED FOOD GOES GOURMET

FADO BECOMES HABITUE

FAZDO: 100% LOCAL, 100% FADO

TERREIRO DO PAÇO - LISBOA

Lisbon Walks

"excellent Walking Tours guided by Lisbon loving locals" - Rick Steves

Recommended by:

- Rick Steves' Rough Guide
- Lonely Planet
- Chicago Tribune
- New York Times
- Michael Muller Verlag
- Guide du Routard
- De Volkskrant
- Marco Polo
- Iwanowski's Time Out

Lisbon Revelation Tour

Provides you with an all-in-one overview of the main city sites and some well kept secrets

Lisbon Old Town

The incredible maze of streets inside the little village that is hidden in the city - the Alfama district

Lisbon Downtown

The heart of Lisbon throughout the centuries - a city reborn after the 1755 earthquake

Lisbon Legends & Mysteries

25 centuries of myths hidden under the stones of Lisbon to be unveiled

Lisbon City of Spies

The most incredible spy stories during the 2nd World War in Lisbon, where they happened

the walking choice of Lisboners and this says it all

Lisbon Revelation Tour

Simply the 1st thing to do in Lisbon

Because it provides you with an all-in-one overview of the main city sites and some well kept secrets, exposing you instantly to its special atmosphere and authenticity, that make up the character of this vibrant Atlantic city.

Includes free rides on Tram#28 and the old Santa Justa Iron lift.

This tour will take you to the following key city sites:

- **Praça do Comércio** - the evolving centre of power
- **Downtown** - the new city built after the earthquake
- **Praça da Figueira** - Lisbon's traditional market square
- **Lisbon's "Broadway"** - the city's 1st night life street
- **Av. Liberdade** - the image of an European capital
- **Rosalia** - the heart of Downtown
- **Iron Lift viewpoint** - 360° view over the Downtown district
- **Largo do Carmo** - the setting for the democratic revolution
- **Carmo ruins** - the only Gothic monument of the city
- **S. Roque Church** - a Baroque extravaganza
- **Beiro Alto** - the lively bohemian district
- **Praça Camões** - a tribute to the Discoveries epic poet
- **Chiado** - the most elegant shopping area
- **Porta do Sol** - a breathtaking view over Alfama, the Old Town
- **Grass Viewpoint** - a stunning overview of the city and the bridge

Lisbon Old Town

During this walk the main topic will be the last 2,500 years of the history of Lisbon. Its settlers have included the Phoenicians, who named it "Calm Bay", the Romans, who were the 1st major settlers, and the Arabs, who shaped the old town alleys. Lisbon's climate and geography were tempting to all the peoples who landed here. And they still are, incidentally.

Until the present day the old quarter of Alfama, sitting on the hill facing the river, has had important links to maritime activities, from fishing to freight handling. Its population maintains a unique lifestyle and sense of community, conditioned by urban density and narrow streets.

In this walk you will become acquainted with:

- Maze-like streets
- The village inside the big city
- Hidden vantage points
- Migration and dockers
- Jewish quarter
- Forced converts persecutions

Lisbon Downtown

For centuries downtown Lisbon has been the heart of the social, commercial and spiritual life of the city, as much as the center of power of Portugal.

Despite this lasting prominence, a lot has changed since the Phoenician and the Roman occupation, when there was still an arm of the Tejo river flooding this area.

The earthquake of 1st November 1755 transformed it into ruins, but provided the prelude for an innovative reconstruction of the city's downtown area.

During this walk you get in contact with:

- The Roman salted fish factories
- Praça do Comércio - centre of power
- The 1755 earthquake and the day after
- Rebirth of Lisbon: the dream of a new city came true
- The hidden churches
- A simple architectural style built to last

Lisbon Legends & Mysteries

In addition to many facts, 25 centuries of the city's historical records contain many secrets, legends and myths. On this walk you will delve into some of the most curious of those myths and legends. Whilst helping to keep track of fantastic stories and events, some of these tales and legends gave rise to saints, heroes and villains. You will become acquainted with some of the most intriguing of these characters, including some of whom the city is not so proud.

In this walk you will learn about:

- Ulysses as the founder of Lisbon
- St. Vincent and the ravens
- The young monks of Lisbon
- Gusmão's flying device (the Passarola)
- The murder of the Teveira family
- The curse of Simão Sulim
- Downtown architecture - a Mosaic fantasy

Lisbon City of Spies

Portugal remained neutral in the 2nd World War and Lisbon became a rendez-vous spot for spies, taking advantage of the city's strategic Atlantic connections, quickly turning into a true "nest of spies" as mentioned in several period chronicles. The plane to Lisbon's escape route in the movie Casablanca, remains one of the best known examples.

In this walking tour you will visit some of the sites related with the spy stories of the 2nd World War and also learn about:

- The most famous spy Hotels in Lisbon
- Who were "Garbo" and "the Tricycle"
- The European aristocrats golden exile in Portugal
- The lonely light of the Portuguese consul in Bordeaux
- The "Zawal" gold and the tungsten traffic
- The secret navigation devices
- Christopher Columbus - a Portuguese spy?

Our Team

The guides that make the difference

"Well informed guides lead exciting themed walking tours through Lisbon" - Lonely Planet

"Jose" is the most knowledgeable tour guide I have encountered anywhere in the world. Trust me, I have been on many tours. He was heads and shoulders above the rest...

Judy Felt - USA

"We thoroughly enjoyed Rita Prata, who did a splendid job taking us around Lisbon. She was very pleasant, helpful and well-informed. She made our first day in Portugal a great pleasure..."

Joana Fialho - UK

"the wonderful tour this morning reminded me of the quality of experience you offer" - Rick Steves 2012

"I wish José Manuel was my History teacher..."

Carlos (12) - PT

"I would like to thank Claudia again for guiding us on the 'Das Lisbon der Entdeckungen'."

She is an excellent and knowledgeable guide. I can recommend her wholeheartedly..."

Ulrich Hager - DE

For further details, please contact us at:

Rua dos Remédios, 84, 1100-449 Lisboa

Telephones: (+351) 218 861 840 \ (+351) 963 575 635

info@lisbonwalker.com

Please email us with your comments which will be sincerely appreciated.

"Lisbon Walker provides something over and above the standard travel guide" - Unforgettable Lisboa magazine

GO

visar a cidade

mapa de Lisboa
passagem cultural
produção cultural
passagem cultural
passagem cultural
passagem cultural
passagem cultural

Outro aspecto interessante a destacar é que, ao longo dos últimos dois anos, a oferta diversificou-se. Como exemplo, pode-se referir a visita denominada *A Colina do Castelo* (novo/não existente quando aplicado o questionário), cujo conteúdo é: O

Castelo e arredores, O Teatro Romano de Olissipo e o seu decorador inovador, Personagens marcantes da história da cidade, A conquista do Castelo em 1147 e a segunda cruzada, O bairro da Mouraria, Maria Severa – a fadista, O Fado – a canção de Lisboa, Largo Martim Moniz – o grande caldeirão de culturas. Integra as rotas turísticas em zonas da cidade outrora não consideradas aptas para a prática do turismo.

Embora surjam aprovações de diferentes origens, é relevante a forte presença de recomendações de origem anglo-saxónica, em particular americana, nos que comentam a *Lisbon Walker: Lonely Planet* (guia e site), Rick Steves (guia e site), *Rough Guide* (guia e site) e os jornais *New York Times*, *Chicago Tribune*. Quanto a publicações em língua portuguesa, destaca-se a *Time Out*.

As visitas guiadas do estudo de caso e a amostra de visitantes, como se verificará na análise dos visitantes questionados, são um produto direccionado para um tipo de turista muito particular, que valoriza a informação histórica detalhada da cidade visitada, em detrimento de uma visita mais genérica. Pelo seu conteúdo informativo, e pelo modo como acedidas, são paradigmáticas deste novo produto turístico cultural personalizado.

14 FACTORES ORGANIZADORES DE REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS DO ESPAÇO ACEDIDO

Embora os factores organizadores de representações prévias do espaço acedido sejam algo mais complexo e abrangente do que o exposto, com destaque para as relações específicas de cada indivíduo, em particular dos portugueses, considera-se que o ser visitante, o participar numa experiência turística, leva a seleccionar ou tem origem na selecção de informação, de imagens relacionadas com este tipo de olhar.

14.1 O OLHAR, A FOTOGRAFIA E A PARTILHA DE IMAGENS E EXPERIÊNCIAS

A fotografia iniciou por fotografar o notável e acabou por tornar notável o que é fotografado.

Barthes 1981 in John Urry, *The Tourist Gaze* (2002:128)

A visualidade do turismo, enquanto forma de produzir e reproduzir interpretações dos espaços, gera novas representações visuais, através de imagens ou descrições, com repercussões no modo como o espaço é praticado pelo turista.

Associado à prática caminhada lúdica da cidade, existe um modo de a perceber, interpretar o espaço, uma visualidade materializada na imagem fotográfica. J. Urry, no seu livro *The Tourist Gaze*, reflecte sobre a importância do acto de olhar, de contemplar, como essência da experiência turística. A expressão *olhar do turista* consiste no olhar construído, gerado em oposição às experiências sociais não turísticas, gerado pelo extraordinário, pelo oposto à normalidade da rotina do dia-a-dia.

Este olhar é uma acção construída a partir da selecção de determinados sinais com determinado significado que localizam as práticas turísticas (Urry 2002:2).

Nesta forma construída de visualizar o objecto turístico, destaca-se a importância da fotografia a montante, a par de outras formas mediatizadas, como maneira de antecipação da viagem e planeamento da mesma, e a jusante, enquanto registo do momento, e dos momentos de contemplação, enquanto prova do cumprimento do plano previamente gizado. Constitui assim um sistema contínuo de reafirmação das geografias turísticas.

A visualidade revela-se como factor organizador, no tempo e no espaço, das diversas qualidades relativas ao lazer, como factor ordenador e regularizador dos relacionamentos das diversas experiências sensoriais. A própria fotografia torna-se um factor organizador da viagem turística. A fotografia é motivo para parar, fotografar, e continuar. A fotografia envolve obrigação, ou seja, certas cenas não devem ser deixadas por ver, sob pena de se perder uma oportunidade única de as fotografar. Na realidade, muito do turismo consiste numa busca pela fotogenia (Larsen 2006).

O turismo é intrinsecamente construído ao nível cultural, social e material através de imagens e *performances* da fotografia e vice-versa. A imagem fotográfica é usada para criar e divulgar a mitificação de determinados locais, espaços fotogénicos (Larsen 2006:241).

A imagem digital e a transmissão da experiência

A fotografia e o seu significado são paradigmáticos do processo de pós-modernização do turismo urbano. Mais uma vez, a imagem, na sua essência, evolui, incorporando e reflectindo as alterações do modo como o espaço é usufruído e visualizado.

A par da visão de ‘círculo vicioso hermenêutico’, onde o turista é visto como um actor não crítico do que lhe é imposto ou pré-coreografado pelos *media* enquanto imagens a serem consumidas, surge a partir do uso da fotografia digital uma nova lógica de uso e desempenho da fotografia. O modo como se regista, apaga e reenquadra a fotografia digital, bem como a acessibilidade económica e técnica do seu uso, enfatiza a maioria das características anteriormente mencionadas.

Com o acesso constante à Internet, a ordem temporal da fotografia turística passou do “eu estive aqui” para o “eu estou aqui” (Bell e Lyall 2005 in Jonas Larsen 2006:255). O modo de divulgação e transmissão das mesmas faz com que a viagem seja mais do que a privatização de memórias, mas frequentemente a publicação de memórias privadas, ou mesmo a partilha de imagens no momento em que ocorrem (Larsen 2006:254).

Mais do que registo, procura-se agora a imagem enquanto manifestação, partilha do momento vivido. A imagem torna-se meio de descrição da experiência urbana, associada ou não às imagens institucionais ou tipicamente representativas do local. O turista que fotografa não se destaca apenas como um consumidor mas encarna uma prática híbrida de consumidor-produtor, gerando geografias não representativas, ou seja, que incidem na demonstração, na manifestação do momento (Larsen 2006:254).

Tal como no acto de caminhar enquanto experiência urbana, o acto de fotografar associa-se ao tempo e ao espaço do turismo. O turista, ao fotografar ou filmar, fá-lo enquanto desempenho criativo, artístico, associado ao lazer, induzido pela economia e a facilidade tecnológica de produzir, eliminar, reproduzir e divulgar a imagem. Mais do que um registo expectável, a fotografia surge agora como uma opção estética ou documental individualizada.

Assim, frequentemente antes de viajar, o visitante já teve contacto com as experiências da cidade a visitar que alguém partilhou numa rede social, com imagens de momentos de experiências partilhadas, que, mais do que imagens, mostram momentos vividos, gerando expectativas de experiências e de ambiências a viver.

14.2 A INFORMAÇÃO TURÍSTICA

A informação turística aborda essencialmente a cidade e os seus objectos turísticos, em particular o seu significado histórico, o seu valor artístico e/ou arquitectónico. O objectivo de quem acede a este tipo de informação é avaliar primeiro a opção de viajar (o papel do *site*, da informação dos *media* é muito importante), e posteriormente tentar ver o fundamental.

A informação turística e o valor do lugar turístico não são estáticos, formando-se de acordo com arquétipos culturalmente produzidos ao longo do tempo. De acordo com Eduardo Brito Henriques (1996:96) e a sua análise da cidade de Lisboa revelada pelos guias (7 guias do final do séc. XIX e 7 guias produzidos entre 1989 e 1993), a informação altera-se ao longo das diferentes épocas. Segundo este autor, embora o valor monumental constitua o critério fundamental e dominante em todos os guias na definição do que tem ou não interesse turístico, um factor distintivo destas duas épocas é a valorização dos equipamentos e das instituições públicas enquanto elogio à modernidade e extensão do conceito de património, nos guias do final do séc. XIX, e a valorização de equipamentos museológicos e da cidade típica, tradicional, nos guias do final do séc. XX. Actualmente, e de acordo com a informação turística acedida, embora as construções monumentais, no sentido de valor patrimonial, se mantenham como definidoras de geografias turísticas, considera-se que o ambiente sociocultural e recreativo da cidade tende a ser cada vez mais valorizado.

Quando confrontadas a imagem de Lisboa dos guias e a imagem de Lisboa praticada por turistas, de acordo com o trabalho atrás referido, existe uma coincidência espacial da cidade praticada e uma concordância entre dimensões imagéticas (Henriques 1996:167).

As representações da cidade na informação, promoção turística, seja de produção nacional ou internacional, são por um lado reveladoras e por outro lado produtoras de imagens cristalizadas em narrativas que se formam, reescrevem e se testam na experiência da cidade visitada. Descrições que incidem na valorização de fragmentos da cidade pré-seleccionados como relevantes e motivadores da experiência lúdica que é o turismo, que criam geografias próprias, refazem ambientes pela participação e adaptação dos espaços ao valor e uso que lhes é atribuído.

O significado transmitido pela informação previamente acedida influi no interesse que o ambiente percorrido desperta, no valor que lhe é atribuído, no modo como é percebido e interpretado. Considera-se assim que este processo de recolha e análise comparativa da percepção da ambiência urbana deve ser contextualizado e analisado de acordo com quadros de referência partilhados que influem na percepção do espaço acedido.

Que factores de referência estão disponíveis para a prática caminhada pelo visitante?

Que concordâncias surgem entre o *schema* potencial inicial (constructo mental que intermedeia a percepção e a cognição) e a narrativa registada, *schema* construído?

Com este intuito, considerou-se fazer uma análise de 5 livros-guia de Lisboa, e 4 *sites*, e procurar respostas às mesmas questões colocadas aos visitantes. Que pré-selecção é feita pelos agentes externos, que *inputs* se destacam?

Embora a visualidade do turismo, a imagem como forma de produção e reprodução de interpretações do espaço, seja muito importante enquanto representação prévia do espaço acedido, optou-se por analisar apenas textos. Procurou-se encontrar descrições que, directa ou indirectamente, consubstanciassem expectativas de ambiências.

14.2.1 Selecção de informação turística

A informação turística é cada vez mais transmitida por vias diversificadas e tentando abranger uma diversidade de públicos cada vez maior, com interesses cada vez mais fragmentados. Como exemplo, são relevantes as promoções menos explícitas da cidade em artigos de revistas, ou por partilhas em blogues. Todavia, considerou-se fazer uma primeira procura de informação turística da cidade em guias e *sites* de acesso imediato.

De acordo com o relatório *Inquérito à Actividade dos Turistas e Informação – Região de Lisboa 2013* (p. 12), os guias turísticos foram as fontes de informação antes da viagem mais utilizadas pelos visitantes de Lisboa da sua amostra, com níveis de utilização perto dos 80%.

Outro aspecto a referir, embora evidente, é que a construção de cada fonte informativa não é estanque em relação ao que já foi escrito sobre a cidade.

Numa primeira análise genérica de cada meio de informação, embora claramente existam muitas semelhanças, constatou-se que existe uma atitude diferente perante o livro impresso e a informação digital. O primeiro foge à afirmação do momento presente, procura não ter explícita a data da sua execução, tentando assim manter-se (ou parecer) perene, fugindo de ser preterido na compra em relação a um guia com uma data

mais recente. Pelo contrário, a informação digital procura demonstrar a sua actualidade, incidindo e revelando experiências concretas e referências à actualidade política, económica e cultural.

Este aspecto reflecte-se na forma e no conteúdo das descrições da cidade. Um dos pontos que se destaca da informação dos *websites* é que, para além da descrição inaugural com a descrição da cidade, a informação por zonas é normalmente complementada com informação com um carácter mais subjectivo, associado à experiência do espaço urbano, a particularidades gastronómicas ou do comércio local.

Um aspecto importante, em relação à forma e conteúdo, embora em franca evolução, é o uso no terreno, no momento da prática do espaço, do livro-guia em detrimento da informação digital. A necessidade de uma informação concisa, clara e directa do objecto turístico e modo de acesso impõem-se no conteúdo do livro.

É de destacar que não se pretende fazer um estudo comparativo dos livros-guia e dos *sites*, nem um estudo de toda a informação disponível. O que se pretendeu foi recolher e utilizar alguma informação acessível ao turista, de modo a agregar informação explicativa e promocional da cidade, procurando entender as imagens construídas antes do acesso ao espaço.

Considerou-se recolher informação turística variada. O método de selecção foi por facilidade de acesso. Ou seja:

- Facilidade de compra no centro histórico.

- Fácil acessibilidade por Internet. No motor de busca Google Português (à data da pesquisa, Maio 2015), surge, colocando a palavra Lisboa ou *Lisbon*, o *site* <www.visitlisboa.com>.

Com a palavra *Lisbon* surge <<http://www.lonelyplanet.com/portugal/lisbon>> e <www.golisbon.com/>.

- Após o trabalho de campo, e conversando com os turistas de origem anglo-saxónica, foram referidos recorrentemente o livro-guia, o *site* e os programas televisivos de Rick Steves.

Caracterização da informação e meio de acesso:

LIVROS:

a) *Guia de Lisboa*. Guias UCCI. Sociedad Estatal para la Ejecucion de Programas del Quinto Centenario (colaboração do departamento do Turismo Municipal de Lisboa)

Ano: 1990

Idioma: espanhol

Características: descritivo, pormenorizado. Prefácio do então presidente da Câmara, Jorge Sampaio.

b) *Lisboa*. Texto de Ferreira de Andrade. Editorial Everest.

Ano: 1985

Idioma: inglês

Características: descritivo, pormenorizado.

c) *Lisbon: An Unforgettable City*. Autor: José Antonio Gurriarán. Editora: Limite Visual

Ano: 1997

Idioma consultado: inglês. Idiomas disponíveis: português, espanhol, inglês

Características: muito completo e detalhado, guia cultural de 400 páginas, apoiado pela Câmara Municipal de Lisboa, prólogo do então presidente da República, Mário Soares, e guia semioficial da Expo 98.

d) *Lisbon, Estoril, Cascais, Sintra, Setúbal (pocket guide)*. Frank Cook Travel Guides - Lisbon Tourist Department.

Ano: [1977] 12th edition 1989

Idioma: inglês

Características: muito acessível, preço, locais de venda, pequeno, livro-guia popular internacional.

e) *Lisboa, Sintra, Cascais, Estoril*. Texto: Maria Sainz. New Jamp.

Ano: 2007

Idioma consultado: português. Outros idiomas disponíveis: espanhol, inglês, alemão, francês, italiano

Características: muito acessível, preço, locais de venda, pequeno, livro-guia nacional.

SITES:

f) Lisbon Travel Guide: Resources & Trip Planning Info, by Rick Steves.com (<https://www.ricksteves.com/>)⁶²

Idioma consultado: inglês

Características: facilmente acessível via *net* e muito difundido nos países anglo-saxónicos, com destaque para os Estados Unidos, como especialista em viagens na Europa. Informação também exposta em livro-guia do mesmo autor (mencionado frequentemente em conversa informal pelos inquiridos).

g) <www.visitlisboa.com>

Características: *site* oficial da Associação de Turismo de Lisboa, acessível nos idiomas: português, francês, alemão, italiano, inglês.

h) <<http://www.lonelyplanet.com/portugal/lisbon>>

Idioma: inglês

Características: *site* acessível e conhecido. Informação também exposta em livro-guia.

i) <www.golisbon.com/>

Idioma: inglês

Características: muito acessível na *net*.

j) <www.tierrasinlimites.com>, de Paula Mayoral Muñoz

Idioma: espanhol

Características: acessível na *net*, guia de Lisboa para imprimir.

14.2.2 Descrição da cidade

A descrição da cidade, embora frequentemente feita dum modo pragmático informativo, surge de um modo mais associado às particularidades do ambiente vivido, nos prefácios, nas introduções tanto dos livros como dos *sites* acedidos.

Descrições mais emotivas, que, ao demonstrar particularidades mais subjectivas, mais individuais, validam o trabalho de campo, o contacto com a realidade de quem produz a informação. Estas descrições e valorizações da imersão na ambiência urbana surgem explicitamente ou implicitamente, associadas ao uso caminhado e à experiência concreta da cidade.

⁶² Richard “Rick” Steves, autor americano de guias de viagem, apresentador da série *Rick Steves’ Europe* e *Radio travel show*, *Travel with Rick Steves* (informação retirada da *wikipedia* 2015).

Assim, destacam-se agora alguns trechos (no idioma original) descritivos da ambiência e da experiência que se promete da cidade:

Permita-me por ello una sugerencia pessoal: déjese atrapar por Lisboa sin la angustia de ver-lo todo. Sienta esta ciudad que la leyenda atribuye a Ulisses. Absorba su luminosidade, demore su mirada en las colinas o en la tranquilidad del Tajo, capte los pormenores labirínticos de nuestros barrios históricos, sumérjase en la vida y las personas de esta ciudad de ciudades. Lisboa no es exactamente una “capital monumental”. Lisboa es un monumento. Vivo, romántico, as veces nostálgico y sempre cosmopolita.

Do prefácio de Jorge Sampaio (presidente da Câmara)
in *Guia de Lisboa* – Guias UCCI, p. 3

Lisbon gives the visitor the impression of being in “city of decay”, and yet that its also by far its charm. It is constantly bustling city that clings to remnants of its imperial past in its buildings and in the large population from its former colonies. The best way to discover Lisbon is by strolling through its Bairro Alto, Baixa, Alfama. Enjoying the view from its belvederes and view-points, discovering the saudade of its fados and savoring the wide variety of Portugal’s foods and wines are all good ways to learn of and mingle with Lisbon life.

“Keep in Mind” in *Lisbon: An Unforgettable City*, p. 356

Lisbon is a city made for walking with endless fascinating nooks and corners, unseen from tour bus windows.

Lisboa, Estoril, Cascais, Sintra, Setúbal - Frank Cook Travel Guide, p. 31

Lisboa aparece ao seu visitante como uma cidade cheia de contrastes: amável, elegante, moderna e respeitadora do tempo passado, tranquila e movimentada. Qualquer momento é bom para passear pelas suas ruas, para parar num dos seus cafés e deixar passar o tempo observando o ir e vir dos acolhedores lisboetas.

Lisboa, Sintra, Cascais, Estoril – New Jump

Lisbon is not, like other capitals, (...). Its true interest is based precisely on the strength of its contrasts, on the architectonic expression of the detail. It is therefore more contemplative than monumental city (...).

Lisboa. Editorial Everest, p. 120

Last European Community capital city to retain much of the quaint charm and small-town mentality it possessed before and after the return of the century, when life was led at a more leisurely pace and a capital city was still a small, neighborly place.

Lisboa, Estoril, Cascais, Sintra, Setúbal - Frank Cook Travel Guide, p. 4

Lisbon, Portugal's capital, is a ramshackle but charming mix of now and then. Vintage trolleys shiver up and down its hills, bird-stained statues mark grand squares, taxis rattle and screech through cobbled lanes, and well-worn people sip coffee in Art Nouveau cafés. It's a city of faded ironwork balconies, multicolored tiles, and mosaic sidewalks, of bougainvillea and red-tiled roofs with antique TV antennas. Enjoy all this world-class city has to offer, from its elegant outdoor cafés, exciting art, stunning vistas, and entertaining museums, to the salty sailors' quarter with its hill-capping castle.

Lisbon Travel Guide: Resources & Trip Planning Info, Rick Steves.com

In Lisbon we'll delve into a colorful capital rich in history. We'll sing with locals buried deep in the old town, sip coffee on stools once warmed by great Portuguese poets, covet slinky Art Nouveau jewelry, and marvel at the architectural heritage of the Age of Discovery.

Lisbon is a ramshackle but charming mix of now and then. Old trolleys clatter up and down its hills, bird-stained statues mark grand squares, taxis rattle and screech around cobbled corners, and well-worn people hang out in Art Nouveau cafés. Survey the city's charm on a trolley. Sleek new ones glide while vintage models from the 1920s shake and shiver through the old town. Climbing steep hills, and somehow weaving within inches of parked cars, they offer sightseers cheap and breezy views of this great city.

(...)

And today, the city – with its Pombaline squares newly buffed and a financial boost from its membership in the European Union – seems better organized, cleaner; more prosperous and people-friendly than ever. And, with some of Europe's lowest prices, Lisbon is easy on the budget.

<<https://www.ricksteves.com/watch-read-listen/video/tv-show/lisbon-and-the-algarve>>

Barely elegant outdoor cafés, glittering art, and the saltiest sailors' quarter in Europe, all at bargain-basement prices, make Lisbon an Iberian highlight.

<<https://www.ricksteves.com/watch-read-listen/read/articles/lisbons-gold-still-shines>>

Lisboa é uma cidade iluminada. O Tejo e o Sol, quase sempre presente, fazem da capital portuguesa um espelho de cor, em que a beleza e singularidade arquitectónica não passam despercebidas.

Em Lisboa, há sempre tanto para ver e fazer, abrindo a cada visitante um mundo de possibilidades para as mais variadas experiências.

Caminhar por uma Lisboa com mil anos de história, rica em monumentos, bairros característicos onde a cidade nasceu e permanece a mais genuína.

<<http://www.visitlisboa.com/Lisboa.aspx>>

Lisboa é uma capital histórica, um potpourri com um carácter e um encanto fora do comum, onde 800 anos de influências culturais diversificadas se misturam com as mais modernas tendências e estilos de vida, criando contrastes verdadeiramente espectaculares.

<<http://www.visitlisboa.com/Conteudos/Menu-Principal/Lisboa/Historia.aspx?lang=pt-PT>>

Situados na sua maior parte no centro de Lisboa, os bairros históricos são destino obrigatório para quem se desloque à capital de Portugal. Pela cultura, pela história, pela arquitetura, pelas pessoas ou simplesmente para passear descontraidamente, é imperativo descobri-los. Fazendo parte estrutural da identidade lisboeta, estes bairros proporcionam, a quem os descobre, traçar um verdadeiro mapa pessoal. As possibilidades são imensas. Não as deixe passar ao lado.

<<http://www.visitlisboa.com/Conteudos/Menu-Principal/Lisboa/CentroHistorico.aspx?lang=pt-PT>>

LISBOA – DIVERcidade: Lisboa é uma cidade rica em experiências. Uma capital como não há igual no mundo, com muito para dar e um enquadramento verdadeiramente privilegiado. Quem visita Lisboa leva consigo uma bagagem de experiências de todas as naturezas. É também uma cidade de contrastes, onde a modernidade convive paredes meias com vestígios da História, como um museu vivo.

(...)

Convidamo-lo a caminhar pelas ruas por onde cresceu a cidade, a conhecer os monumentos que contam a sua História, a saber de que são feitos os genuínos “alfacinhas” e a descobrir a modernidade que a projeta no futuro.

Prepare-se para uma cidade intensa e surpreendente. Uma cidade de contrastes onde a antiguidade dos bairros históricos convive com a modernidade vibrante do lado oposto da cidade, o Parque das Nações.

Acima de tudo, convidamo-lo a sentir o pulsar desta cidade e a viver Lisboa por dentro.

(...)

No Outono as castanhas invadem as ruas lisboetas com o seu cheiro acolhedor e o fumo que pinta as ruas de cinzento... pura poesia.

<http://www.visitlisboa.com/getdoc/c02b5495-0d9c-4ecb-9984-1e0fea792f32/Lisboa_City_Breaks_PT.aspx>

Spread across steep hillsides that overlook the Rio Tejo, Lisbon offers all the delights you'd expect of Portugal's star attraction, yet with half the fuss of other European capitals. Gothic cathedrals, majestic monasteries and quaint museums are all part of the colourful cityscape, but the real delights of discovery lie in wandering the narrow lanes of Lisbon's lovely backstreets.

As bright yellow trams wind their way through curvy tree-lined streets, Lisboetas stroll through the old quarters, much as they've done for centuries. Village-life gossip in old Alfama is exchanged at the public baths or over fresh bread and wine at tiny patio restaurants as fadistas (proponents of fado, Portugal's traditional melancholic singing) perform in the background.

Meanwhile, in other parts of town, visitors and locals chase the ghosts of Pessoa in warmly lit 1930s-era cafés or walk along the seaside that once saw the celebrated return of Vasco da Gama. Yet, while history is very much alive in centuries-old Lisbon, its spirit is undeniably youthful.

In the hilltop district of Bairro Alto, dozens of restaurants and bars line the narrow streets, with jazz, reggae, electronica and fado filling the air and revellers partying until dawn. Nightclubs scattered all over town make fine use of old spaces, whether on riverside docks or tucked away in 18th-century mansions.

The Lisbon experience encompasses so many things, from enjoying a fresh pastry and bica (espresso) on a petite leafy plaza to window-shopping in elegant Chiado. It's mingling with Lisboetas at a neighbourhood festival or watching the sunset from the old Moorish castle.

<<http://www.lonelyplanet.com/portugal/lisbon>>

A roller-coaster city of seven hills, crowned by a Moorish castle and washed in an artist's pure light, Lisbon is cinematically beautiful and historically compelling. This is a capital city of big skies and bigger vistas; of rumbling trams and Willy Wonka-like elevators; of melancholic fado song and live-to-party nightlife. Edge, charisma, postcard good looks – Lisbon has the lot.

<<http://shop.lonelyplanet.com/portugal/pocket-lisbon>>

What is Lisbon?

Lisbon is Europe's second-oldest capital (after Athens), once home to the world's greatest explorers like Vasco da Gama, Magellan and Prince Henry the Navigator, becoming the first true world city, the capital of an empire spreading over all continents, from South America (Brazil) to Asia (Macao,

China; Goa, India). The former launch pad for many of the world's greatest voyages is now where modern travelers discover...

...one of Europe's most soulful, captivating and picturesque capitals, built on a series of hills with scenic vistas from every angle.

...the city of the oceans, the only European capital with sunsets on the sea, so close to sandy beaches and with one of the world's largest state-of-the-art aquariums.

...one of the world's greatest natural harbors which attracted different civilizations, now reflected in its architecture and culture recalling Phoenicians, Celts, Romans, Visigoths and Moors.

...a charming visual time-warp with vintage trams and medieval village-like neighborhoods.

...a lively but serene and melancholic place with an insatiable appetite for long dinners, coffee breaks and nightlife.

...World Heritage monuments and singular museum treasures, from international design and contemporary art, to treasures from when the East met West, to the ancient art of tile painting and gilding.

...a reminiscence of the romantic decay of Venice, the exoticism of Naples or Istanbul, the laid-backness of Rome, echos of San Francisco, and Iberian spirit.

...one of Europe's capitals of Romanticism, a real fairytale just minutes from the city center (Sintra).

...the safe haven of WWII that remains a peaceful city in a tumultuous world.

10 Reasons Why You Should Go to Lisbon

CULTURE: It's one of the world's great historical cities, with characteristic and surprising sights, cultural treasures, and a beautiful setting that make it a paradise for walkers and photographers.

VALUE: It's one of Europe's best values – officially Western Europe's least expensive capital.

LOCATION: It's the closest European capital to the United States and just around a 2-hour flight from all the other major European cities.

CLIMATE: Its mild climate makes it an ideal year-round destination. Even in winter, when most other European cities are freezing, in Lisbon high temperatures rarely go below 10C (50F).

RESORT: It is the only European capital located so close to sandy beaches, enabling visitors to combine culture with fun by the sea.

SIZE: It's a compact and intimate city, ideal for a short city break or a longer romantic stay, with a lively café culture and a nightlife that is one of the most vibrant in Europe.

VARIETY: Its surroundings offer an incredible variety of tourist attractions, from fairytale palaces in one of Europe's most romantic towns (Sintra), to world-class golf and fun in Europe's largest

casino in Estoril, to surfing in Cascais or escaping to a natural park in Arrábida, to dolphin-watching in Setúbal.

GATEWAY: It makes a perfect base to explore many of Portugal's most outstanding towns and villages, from Evora to Obidos.

SAFETY: It's one of the safest European capitals. Tourists are always automatic targets in all big cities and visitors should beware of pickpocketing in Lisbon, but serious random violent crime is practically unheard of in this city.

WELCOMING: It's a friendly city with a cosmopolitan population, welcoming to all visitors and families with children, and open to minorities and alternative lifestyles.

[<http://www.golisbon.com>](http://www.golisbon.com)

LISBON VIEWPOINTS Sit and contemplate. Snap your camera.

Lisbon's superb natural setting, spread across seven hills facing the Tagus River, offers a network of terraces from which to contemplate the beauty of the city. Called "miradouros" or viewpoints, they're usually located at the highest points of each hill, and all have spaces to sit and rest. Some even have cafés serving snacks and light refreshments.

Popular with locals and tourists, day and night, everyone has their favorite and you'll also find your own. You'll discover many others by chance as you wander around the narrow streets and staircases that often frame staggering vistas. You won't be able to resist a stop to admire the city, because after all, taking time to relax and contemplate is one of Lisbon's pleasures and what makes it such a seductive, romantic city, as well as one of the world's most beautiful cities.

[<http://www.golisbon.com/sight-seeing/viewpoints.html>](http://www.golisbon.com/sight-seeing/viewpoints.html)

Con aire decadente y a su vez cosmopolita, cada vez que me enfrento a sus calles empedradas y llenas de cuevas me pregunto ¿qué tiene Lisboa? Como todavía no sé la respuesta, cada poco tiempo vuelvo y me dedico a buscar y a descubrir lugares nuevos que me hagan disfrutar del palpitar lento y melancólico de la capital lusa. Sin prisas.

www.tierrasinlimites.com | Paula Mayoral Muñoz

Ofreciendo a sus visitantes un conjunto de ambientes diversos y un abanico de estruturas urbanas, Lisboa, la "ciudad blanca", une armónicamente la tradición de una ciudad de muchos siglos con la modernidade de una capital europea.

Do prefácio de Victor Costa (vereador turismo e ambiente) in *Guia de Lisboa* – Guias UCCI, p. 4

It is not difficult to differentiate Lisbon from any other town. More beautiful? It is impossible to adjectivate it. The portuguese city is, undoubtedly, a city of contrasts. Each district has it own citizenship, with unmistakable borders, different and it envelops an ensemble of characteristic houses continually mutable to end in the apothesis of the Tagus. The city and the river constitute a whole that sucessive determinants of urbanistic evolutions and influences of civilization cannot forget.

Lisboa – Editorial Everest, p. 4

No capítulo 15 procede-se a uma análise comparativa dos adjectivos utilizados pelos participantes com as descrições da cidade na informação aqui exposta, procurando coincidências e disparidades.

14.2.3 Zonas acedidas no estudo de caso e a informação turística

Considerando as duas visitas guiadas seleccionadas para o estudo empírico, de acordo com as zonas da cidade atravessadas, fez-se uma recolha de descrições, em cada guia e *website* acedido, por zona (Figura 14.1). Antes de mais, é de referir que a informação disponível incide de um modo não homogéneo em cada área seleccionada, pois existem zonas sem descrição particular nas fontes de informação acedidas.

Fig. 14.1 Mapa de zonamento das descrições turísticas das zonas acedidas⁶³



Utilizando as mesmas categorias definidas no questionário, procedeu-se a uma sistematização da informação. É de destacar a frequente ausência de informação em relação a algumas categorias seleccionadas.

⁶³ Extracto de Mapa Turístico (Edições Forways).

Quadro 14.1 Praça do Comércio - Síntese de descrições na informação turística

Categorias	Informação turística acedida
Elementos naturais - locais ou paisagem	Presença do Tejo (b) (e). Aberta ao Tejo (j)
Manutenção	Restaurada (f)
Amplitude ou abertura espacial	Uma das maiores praças europeias (c). Uma das mais impressionantes praças da Europa (d). Equilíbrio de proporções (b)
Complexidade e riqueza visual	
Significado histórico	Descrição do valor e significado histórico e de elementos escultóricos (a) (b) (c) (d) (e). Elemento focal emblemático da obra do Marquês de Pombal (c). Descrição Arco da Rua Augusta (c) (b)
Sonoridade	
Cheiro/olfacto	
<i>Status</i> /bem-estar económico	Zona de ministérios (b)
Tolerância percebida/ diversidade social, cultural, económica, racial	
Segurança percebida	
Felicidade percebida	
Amigabilidade, simpatia percebida	
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	
Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo)	Uma das mais belas praças europeias (b) (c). Descrição física da riqueza e forma dos materiais (c). Descrição Arco da Rua Augusta (c) (b). Descrição da estátua de D. José I (b) (e)
Excitação (animado, estimulante, interessante)	Centro da vida urbana (c). Azáfama(c). A fervescente animação dos barcos no rio (b). Espaço pedonal (e). Um local renovado com esplanadas que convidam ao convívio (g)
Relaxamento (calmante, revigorante)	
Outras descrições	Coração de Lisboa (c). No centro, bem no coração, Lisboa cidade milenar, abria no século XV uma porta para o mundo. Hoje é o Terreiro do Paço, outrora a praça do poder onde tudo acontecia... e ainda acontece. (c)

Em relação a esta zona, Quadro 14.1, as descrições incidem na sua amplitude e significado histórico, visto enquanto epicentro histórico da cidade. A proximidade e a relação com o rio são valorizadas, quer como complemento da sua beleza e riqueza arquitectónica, quer como fonte de animação de gentes e barcos. A informação posterior à renovação da mesma valoriza a praça enquanto espaço de esplanadas, espaço de lazer. É gerada uma expectativa elevada particularmente em relação à avaliação da agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo).

Não é relevante a informação com uma influência directa ao nível das características sonoras e olfactivas nem ao nível das características socioculturais do espaço, não interferindo as descrições ao nível das inferências.

Quadro 14.2 Baixa - Síntese de descrições na informação turística

Categorias	Informação turística acedida
Elementos naturais - locais ou paisagem	
Manutenção	
Amplitude ou abertura espacial	Artérias rectilíneas simétricas (b)
Complexidade e riqueza visual	
Significado histórico	Descrição Arco da Rua Augusta (c). Descrição Praça do Município: edifício da Câmara e do Pelourinho (c). Rua do Ouro: descrição arquitectura c). Elevador de Santa Justa (c) (e) (f). Descrição histórica da reconstrução da Baixa (b) (i). Unicidade: este foi o primeiro grande exemplo de arquitectura e planeamento neoclássico europeu e um dos melhores feitos na arquitectura da época (actualmente em candidatura a património da humanidade) (i)
Sonoridade	
Cheiro/olfacto	
Status/bem-estar económico	
Tolerância percebida/ diversidade social, cultural, económica, racial	Baixa local de confluência de gentes por motivos funcionais ou de lazer, como para passear e comércio (b). Rua Augusta: artéria turística, convívio de artistas, vendedores de lotaria, postos de venda de livros e lembranças turísticas (e). Rua Augusta <i>boulevard</i> pedonal comercial (f) (j)
Segurança percebida	
Felicidade percebida	
Amigabilidade, simpatia percebida	
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	
Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo)	
Excitação (animado, estimulante, Interessante)	Zona cheia de vida (c). Rua Augusta: rua comercial com venda de artesanato étnico, africano, sul-americano (c). Rua do Ouro: rua comercial (c). Baixa constitui o cerne da animação, do bulício do comércio e da finança (b) (e) (i). Velhos eléctricos, montra Art Deco, pastelarias elaboradamente decoradas, e vendedores de rua vendendo tudo, desde flores a lembranças. Tudo isto confere um charme especial a esta zona (i). Rua Augusta: artéria turística mais importante e elegante da Baixa (e). Por tradição o centro comercial da cidade, encontrará um forte pólo de concentração de lojas e um local único para passear. Um

	acolhimento personalizado torna as compras ainda mais prazenteiras (g). Zona comercial convidativa (f)
Relaxamento (calmante, revigorante)	Praça do Município ponto calmo (c)
Outras descrições	<p>Baixa: zona racionalista, centro de finanças, cultura e turismo (c).</p> <p>Baixa: ‘capital’ de Lisboa (b).</p> <p>Baixa: núcleo comercial e cívico, cheio de bancos, lojas atraentes, pequenos restaurantes e salões de chá, onde se concentra parte da actividade de Lisboa (e).</p> <p>Mantém-se uma zona que se impõe, com praças elegantes, ruas pedonais, cafês e lojas (j).</p> <p>A Rua Augusta é a artéria principal da Baixa Pombalina, unindo o Terreiro do Paço, aberto para o rio e símbolo de poder, à belíssima Praça do Rossio (D. Pedro IV) (g).</p> <p>Baixa: coração da cidade (i)</p>

Sob o conceito Baixa, a delimitação do zonamento referente às descrições não é precisa, sendo que estão incluídas frequentemente as praças contíguas. No estudo de caso refere-se à zona entre a Praça do Comércio e a Praça D. Pedro IV, o Rossio.

A zona da Baixa (Quadro 14.2) é descrita, de um modo geral, enquanto núcleo comercial, cívico e financeiro, com um charme muito próprio associado ao comércio tradicional, às velhas pastelarias e aos vendedores de rua.

Há um destaque para três objectos turísticos: Rua Augusta, como espaço pedonal, com animação de rua e vendedores, o seu Arco e o Elevador de Santa Justa. Ambos os percursos atravessaram a zona da Baixa, acedendo a ‘diferentes Baixas’.

O seu valor histórico surge associado à descrição dos elementos referidos, acrescentando-se o pelourinho na Praça do Município, e à história da sua edificação rectilínea pós-terramoto.

Nas descrições de teor sociocultural da Baixa em geral, e em particular para a zona da Rua Augusta, destacam-se as referências à afluência dos residentes por motivos funcionais, por lazer e comércio; a referência à diversidade de vendedores, em particular à venda de artesanato étnico, o que induz uma imagem prévia desta zona da cidade enquanto espaço de diversidade social, cultural e racial.

É de destacar que não há uma descrição do teor da agradabilidade, ou seja, beleza, agradável ou convidativa do espaço físico, surgindo apenas quando associada a uma recorrente descrição da animação da Rua Augusta.

Não é relevante a informação com uma influência directa sobre as características sonoras e olfactivas, apenas indirectamente pela descrição da animação da rua pedonal, nem sobre as características socioculturais do espaço, com excepção da diversidade sociocultural associada ao item tolerância, não interferindo nas descrições ao nível das inferências.

Quadro 14.3 Rossio (Praça D. Pedro IV) - Síntese de descrições na informação turística

Categorias	Informação turística acedida
Elementos naturais - locais ou paisagem	
Manutenção	
Amplitude ou abertura espacial	Simetria pós-pombalina (c)
Complexidade e riqueza visual	
Significado histórico	Descrição do valor histórico da Praça, da estátua e edifício envolvente (c) (d) (e) (i)
Sonoridade	
Cheiro/olfacto	
<i>Status/bem-estar económico</i>	
Tolerância percebida/ diversidade social, cultural, económica, racial	Principal ponto de encontro de Lisboa: nos seus cafés, pastelarias, postos de flores e quiosques (e)
Segurança percebida	
Felicidade percebida	
Amigabilidade, simpatia percebida	
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	
Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo)	Praça soberba, grande, bela e bem arranjada (b). Belíssima Praça do Rossio (g). Riqueza, beleza do pavimento (i)
Excitação (animado, estimulante, interessante)	Centro da vida urbana (c). Azáfama(c). Espaço de pessoas, espaço de expressão (c). Venda de flores (d). Cerne da animação lisboeta (b). Principal ponto de encontro de Lisboa: nos seus cafés, pastelarias, postos de flores e quiosques (e). Mercado das flores (e). Repleta de esplanadas (j). É a praça mais animada da cidade, onde as pessoas param para se sentarem, relaxarem, ou para uma bebida nos diversos cafés com esplanadas (o mais famoso é o Art Deco Café Nicola) (i)
Relaxamento (calmante, revigorante)	É a praça mais animada da cidade, onde as pessoas param para se sentarem, relaxarem, ou para uma bebida nos diversos cafés com esplanadas (o mais famoso é o Art Deco Café Nicola) (i)
Outras descrições	

De acordo com o Quadro 14.3, embora haja sempre uma descrição do valor histórico da estátua e do edificado envolvente, a imagem mais destacada nas descrições desta praça é a sua vida, a azáfama de gentes, associada a cafés, pastelarias, esplanadas e venda de flores. As características associadas à apreciação da excitação que se destacam são: animado, estimulante, interessante.

A agradabilidade do espaço é valorizada, sendo destacada a sua beleza e a riqueza do seu pavimento.

Quadro 14.4 Praça de São Domingos - Santo Antão - Síntese de descrições na informação turística

Categorias	Informação turística acedida
Elementos naturais - locais ou paisagem	
Manutenção	
Amplitude ou abertura espacial	Pitoresca rua de calçada (e)
Complexidade e riqueza visual	
Significado histórico	Descrição histórica da zona S. Domingos (c) (e) (i)
Sonoridade	
Cheiro/olfacto	
<i>Status</i> /bem-estar económico	
Tolerância percebida/ diversidade social, cultural, económica, racial	Ambiente feliz e multicultural (c). Comunidades africanas utilizam esta zona como espaço de encontro (i)
Segurança percebida	
Felicidade percebida	
Amigabilidade, simpatia percebida	
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	
Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo)	
Excitação (animado, estimulante, interessante)	Zona boémia do início de séc. XX, com salas de espectáculo, restauração e actividades culturais diversas (c) (e) (i). Rua pedonal viva, animada (i)
Relaxamento (calmante, revigorante)	
Outras descrições	

Esta zona (Quadro 14.4) é pouco explorada na maioria da informação turística acedida, sendo que a sua menção surge associada à descrição histórica da zona de São

Domingos e da sua igreja. A praça surge pontualmente referida como espaço multicultural com uma forte utilização de comunidades africanas.

Quando descrita, a Rua das Portas de Santo Antão, mais do que as suas características formais, é descrita enquanto zona boémia desde o início do séc. XX, actualmente rua pedonal animada, com restauração diversa e oferta de actividades culturais variadas.

Quadro 14.5 Praça dos Restauradores e Rua 1.º de Dezembro - Síntese de descrições na informação turística

Categorias	Informação turística acedida
Elementos naturais - locais ou paisagem	
Manutenção	
Amplitude ou abertura espacial	Amplitude (i)
Complexidade e riqueza visual	
Significado histórico	Descrição histórica detalhada da praça e dos seus elementos (c) (e) (i). Descrição detalhada da estação do Rossio (c) (e) (i)
Sonoridade	
Cheiro/olfacto	
<i>Status</i> /bem-estar económico	Hotel Avenida Palace – elegante (e)
Tolerância percebida/ diversidade social, cultural, económica, racial	Estação de comboios com trânsito constante de trabalhadores de fora da cidade (f)
Segurança percebida	
Felicidade percebida	
Amigabilidade, simpatia percebida	
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	
Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo)	
Excitação (animado, estimulante, interessante)	Um dos pontos com mais movimento da cidade devido à estação (e) Elevador da Glória (i)
Relaxamento (calmante, revigorante)	
Outras descrições	

Esta zona (Quadro 14.5) é abordada pela descrição da estátua e do seu significado histórico e pelo interesse arquitectónico de alguns edifícios contíguos, com ênfase especial para a estação do Rossio. É mencionado o Elevador da Glória.

Quadro 14.6 Zona da Rua de Santo António da Sé ao Miradouro das Portas do Sol - Síntese de descrições na informação turística

Categorias	Informação turística acedida
Elementos naturais - locais ou paisagem	Vistas dos miradouros, vista do Tejo (c) (d) (e) (i) (j)
Manutenção	
Amplitude ou abertura espacial	(i)
Complexidade e riqueza visual	
Significado histórico	Descrição da Sé e da Igreja de Santo António (c) (e) (j) Elementos ricos, únicos (c)
Sonoridade	
Cheiro/olfacto	
<i>Status</i> /bem-estar económico	
Tolerância percebida/ diversidade social, cultural, económica, racial	
Segurança percebida	
Felicidade percebida	
Amigabilidade, simpatia percebida	
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	
Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo)	
Excitação (animado, estimulante, interessante)	Comércio tradicional (c)
Relaxamento (calmante, revigorante)	
Outras descrições	
NOTA	Consideram-se nesta zona algumas descrições da denominada ‘Descrição da Cidade Medieval’

Os elementos recolhidos (Quadro 14.6) em relação a este troço do percurso incidem basicamente em duas vertentes: descrição do valor histórico e único do seu edificado (Igreja de Santo António e Sé), e no acesso a miradouro, com vista ampla sobre o rio e sobre a cidade (destaque para a vista dos telhados de Alfama).

É mencionado o comércio tradicional.

Quadro 14.7 Alfama - Síntese de descrições na informação turística

Categorias	Informação turística acedida
Elementos naturais - locais ou paisagem	Vistas (c). Varandas floridas (b). Declive acentuado (f) (j). Bairro salgado – A Alfama – tropeça do castelo para o rio (f)
Manutenção	
Amplitude ou abertura espacial	Labirinto (c) (e). Ruas estreitas e escadinhas (c) (d). Becos escuros e labirintos, muito declivoso, fachadas salientes, recantos (b) (e). Travessas estreitas (j). Caos de ruas concentrado num labirinto de vielas confusas. Casas apoiadas umas nas outras confortando-se numa romântica pequenez (f)
Complexidade e riqueza visual	Labirinto (c). Fachadas salientes, recantos (b). Casas heterogéneas (b). Recantos e vielas onde existe mistério, poesia, graciosidade e pitoresco, tradição e história (b) (e). Bairro colorido (f)
Significado histórico	Cidade medieval, descrição histórica (b) (c). O bairro mais antigo de Lisboa (j) Alfama espaço calcetado, um recreio com as cores do velho mundo (f). Centro da cidade visigótica, zona rica durante o período árabe (f) (h). Velho-mundo pré-terramoto (f)
Sonoridade	Fado (f) (j)
Cheiro/olfacto	O ar está impregnado do cheiro de roupa estendida e de mariscos e peixe cru (f). Cheiro a sardinhas (j)

Status/bem-estar económico	Bairro de pescadores (f). Classes trabalhadoras (h)
Tolerância percebida/ diversidade social, cultural, económica, racial	Zona historicamente de tolerância e coexistência cultural (c)
Segurança percebida	Pode-se deixar a porta aberta porque as pessoas conhecem-se entre si
Felicidade percebida	Ambiente popular com crianças a brincar nas ruas (c)
Amigabilidade, simpatia percebida	
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	Pode-se deixar a porta aberta porque as pessoas conhecem-se entre si. Não há necessidade de polícia as pessoas protegem-se umas às outras. É como uma grande família (f). As tradições são muito fortes (f). Calçadas estreitas que guardam os mesmos costumes doutros tempos, onde a vida corre afastada da grande cidade e o bairro conserva aura de pequeno povoamento (j)

Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo)	Poesia, graciosidade e pitoresco (b) (e)
Excitação (animado, estimulante, interessante)	Festas populares (c) (e). Restaurantes e casas de fado (j) Quando o sol se põe a vida de Alfama reacende (f)
Relaxamento (calmante, revigorante)	Recantos e vielas onde existe mistério, poesia, graciosidade e pitoresco, tradição e história (b)

Outras descrições

(idioma original)

Get lost. Poke aimlessly, sample grapes, avoid rabid-looking dogs, peek through windows. Make a friend, pet a chicken. Taste the branco seco – the local dry wine.

Gradually zigzag your way up the castle-crowned hill until you reach a viewpoint, the little green square called Miradouro de Santa Luzia. Rest here and survey the cluttered Alfama rooftops below you. A block away is Largo Rodrigues Freitas, a square with several scruffy, cheap, very local eateries. Treat yourself to the special: a plate of boiled clams. (f)

Wander down (to save your legs) through Alfama's steep, narrow, cobblestoned streets and catch a

glimpse of the more traditional side of Lisbon before it too is gentrified. Linger in a backstreet café along the way and experience some local bonhomie without the tourist gloss. (h)

As far back as the 5th century, the Alfama was inhabited by the Visigoths, and remnants of a Visigothic town wall remain. But it was the Moors who gave the district its shape and atmosphere. In Moorish times this was an upper-class residential area. After earthquakes brought down many of its mansions (and post-Moorish churches) it reverted to a working-class, fisherfolk quarter. It was one of the few districts to ride out the 1755 earthquake. (h)

With narrow lanes of residential houses and grocery stores, it has a distinct village atmosphere; you can quickly feel like an intruder if you take a wrong turn into someone's backyard. Early morning is the best time to catch a more traditional scene, when women sell fresh fish from their doorways. For a real rough-and-tumble atmosphere, visit during the Festas dos Santos Populares in June. (h)

NOTA	Considera-se nesta zona a denominada 'Descrição da Cidade Medieval' nos guias.
------	--

Esta zona (Quadro 14.7) da cidade destaca-se como sendo, comparativamente com as outras zonas mencionadas, a mais intensamente descrita quanto a experiência e ambiência vividas.

As características topográficas e o seu tecido urbano de ruas estreitas, recantos, escadinhas e vielas, sinal da sua origem medieval, fazem deste bairro um ponto-chave das descrições de Lisboa para o turista.

Alfama é vista como uma parte da cidade onde a cidade contemporânea pára e se mergulha na cidade de antigamente, não só pelas características labirínticas das ruas, ou a antiguidade do edificado, mas pelas características socioculturais do bairro. É explorada a imagem tradicional de um ambiente popular, controlo espacial da comunidade, com crianças a brincar na rua e roupa exposta nos estendais.

É valorizada a imagem de zona animada, estimulante, pela descrição dos restaurantes, das casas de fado e das festas populares de Junho.

Quadro 14.8 Rua do Terreiro do Trigo à Rua da Alfândega - Síntese de descrições na informação turística

Categorias	Informação turística acedida
Elementos naturais - locais ou paisagem	
Manutenção	
Amplitude ou abertura espacial	
Complexidade e riqueza visual	
Significado histórico	Descrição porta manuelina Conceição Velha (c). Descrição Casa

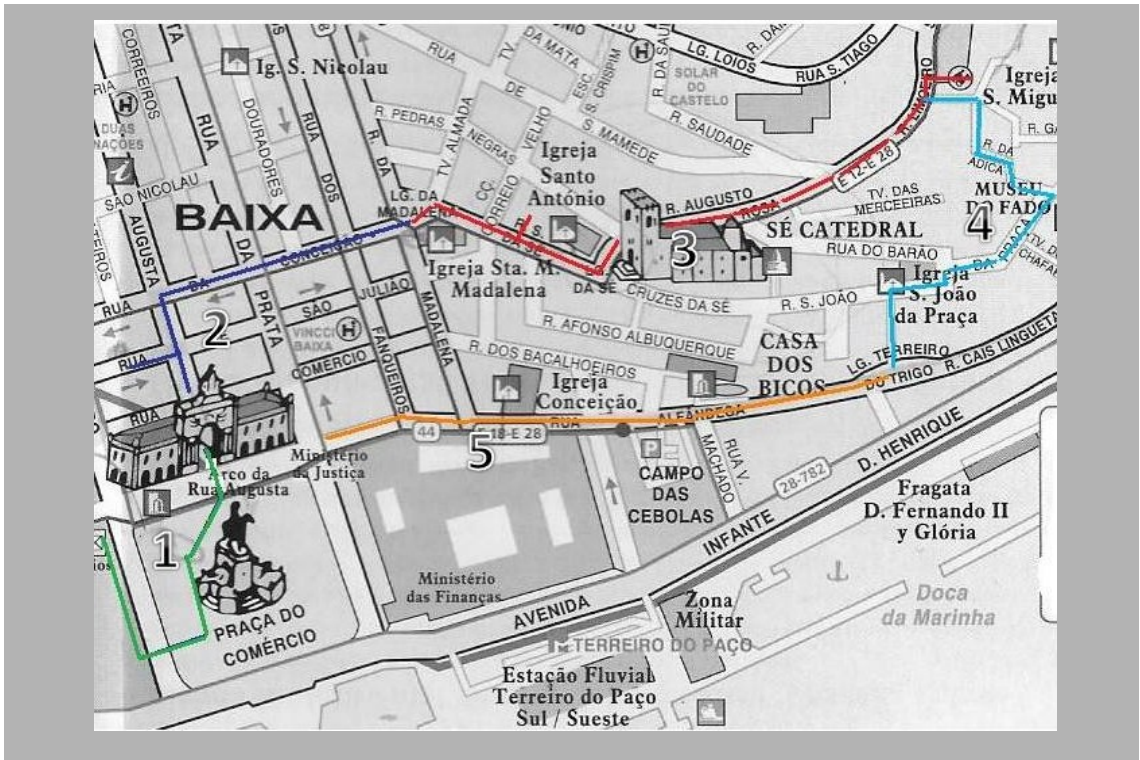
	dos Bicos (c) (b) (e). Descrição do Chafariz do Rei (c)
Sonoridade	
Cheiro/olfacto	

<i>Status</i> /bem-estar económico	
Tolerância percebida/ diversidade social, cultural, económica, racial	
Segurança percebida	
Felicidade percebida	
Amigabilidade, simpatia percebida	
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	

Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convitativo)	Descrição porta manuelina Conceição Velha (c) (e)
Excitação (animado, estimulante, interessante)	
Relaxamento (calmante, revigorante)	

Outras descrições	
-------------------	--

À excepção da Casa dos Bicos e da porta manuelina da Igreja da Conceição Velha, esta zona (Quadro 14.8) não é praticamente mencionada na informação acedida.



Z1-Praça do Comércio, **Z2**-Rua Augusta, Rua São Julião, Rua da Conceição, Igreja da Madalena, **Z3**-Rua de Santo António da Sé, Largo de Santo António, Largo da Sé, Rua Augusto Rosa, Portas do Sol, **Z4**-Alfama, **Z5**-Rua da Alfândega, acabando (de acordo com o guia) ora na Igreja da Conceição Velha, ora no canto nordeste da Praça do Comércio.

Duração: 2h/2h30

Horários: 3.º domingo do mês/14h30 (português), terças-feiras/10h (inglês)

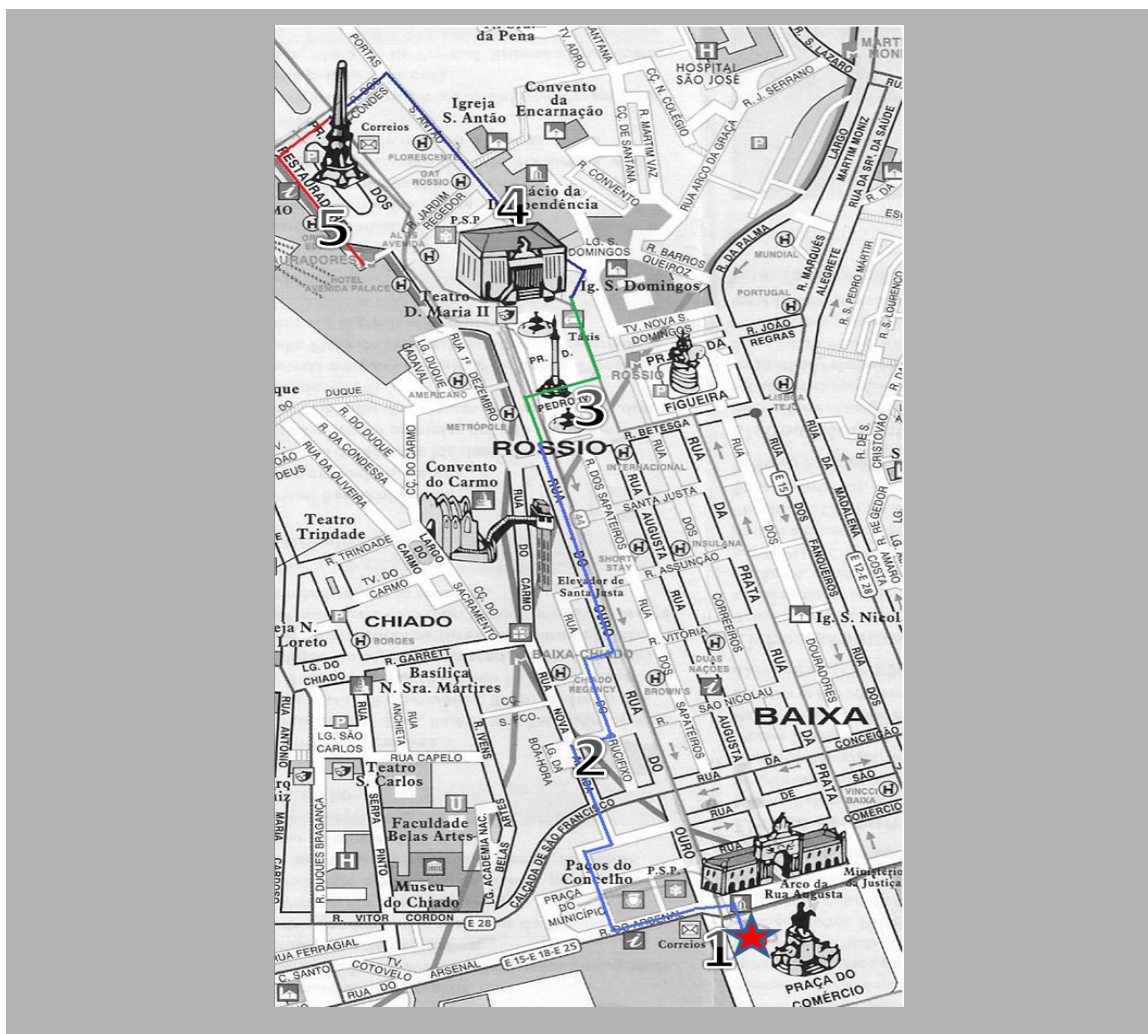
Conteúdo: A visita guiada temática, de um modo geral, abordou (de acordo com as 13 visitas acompanhadas): terramoto, Marquês de Pombal, Baixa Pombalina: uma fantasia maçónica, interpretação do Arco da Rua Augusta, não muito frequentemente o massacre da família Távora. Por vezes, a lenda da Igreja de São Julião, Igreja da Madalena e os primeiros cristãos. Milagres de Santo António. Os mártires de Lisboa, S. Vicente e os corvos, Ulisses fundador de Lisboa, histórias associadas à Casa dos Bicos e à porta da Igreja da Conceição Velha. Por vezes, se havia tempo, ainda era abordada a passarola de Bartolomeu de Gusmão.

Quadro 15.1 Visitas efectuadas no percurso Lendas e Mistérios

Data	Guia	Condições climáticas	N.º de visitantes
30.04.2013 – ter.	Margarida	Enublado 20º	6
14.05.2013 – ter.	Pedro	Enublado 17º	9
19.05.2013 – dom.	Margarida	Enublado 16º	3
21.05.2013 – ter.	Pedro	Sol 19º	2
28.05.2013 – ter.	Margarida	Enublado 16º	7
11.06.2013 – ter.	Margarida	Enublado 22º	5
16.06.2013 – dom.	Margarida	Sol 25º	8
25.06.2013 – ter.	Zé	Sol 30º	3
02.07.2013 – ter.	Zé	Sol 30º	6
09.07.2013 – ter.	Margarida	Sol 36º	5
15.07.2013 – ter.	Margarida	Sol 33º	6
21.07.2013 – dom.	Zé	Sol 30º	18
23.07.2013 – ter.	Zé	Sol 26º	2

15.1.2 Percurso Lisboa Cidade de Espiões

Fig. 15.2 Mapa do percurso Lisboa Cidade de Espiões⁶⁵



Z1-Praça do Comércio, **Z2**-Praça do Município, Rua Nova do Almada, Rua do Ouro, **Z3**-Rossio (Praça D. Pedro IV), **Z4**-Santo Antão, Rua dos Condes, **Z5**-Praça dos Restauradores, Rua 1.º de Dezembro/Hotel Palace

Duração: 2h/2h30

Horários: 2.º domingo do mês/14h30 (português), sexta-feira 10h (inglês)

Conteúdo: A visita guiada temática, de um modo geral, abordou (de acordo com as 12 visitas acompanhadas): introdução a Salazar e ao Estado Novo, caracterização política e social da época. Factos históricos da época relacionados com a Praça do

⁶⁵ Extracto de Mapa Turístico (Edições Forways).

Comércio. O espião que viveu no Cais do Sodré. A actriz salva pelo piloto do avião que a transportava. As relações e posições políticas do Duque de Windsor e a sua estadia em Portugal. O ouro judaico e o contrabando de volfrâmio. Aristides de Sousa Mendes e a postura de Salazar em relação à comunidade judaica. Os refugiados e as novas modas da Europa, os refugiados famosos e as suas descrições de Lisboa da época, os hotéis de espiões mais famosos de Lisboa, o espião Garbo/Arabel, a história do verdadeiro James Bond.

Quadro 15.2 Visitas efectuadas no percurso Lisboa Cidade de Espiões

Data	Guia	Condições climatéricas	N.º de visitantes
26.04.2013 - sex.	Zé	Sol e vento 15º	3
10.05.2013 - sex.	Zé	Sol 26º	1
12.05.2013 - dom.	Zé	Sol 27º	25
17.05.2013 - sex.	Zé	Enublado 17º	3
24.05.2013 - sex.	Zé	Sol 21º	8
09.05.2013 - dom.	Zé	Enublado 19º	6
28.06.2013 - sex.	Zé	Sol e calor 34º	4
05.07.2013 - sex.	Zé	Sol e calor 40º	2
12.07.2013 - sex.	Zé	Enublado 33º	8
14.07.2013 - dom.	Zé	Enublado 28º	2
19.07.2013 - sex.	Zé	Sol e brisa 34º	4
26.07.2013 - sex.	Rita	Sol 28º	3

15.2 OBSERVAÇÕES DE CAMPO

No início do trabalho de campo, considerou-se efectuar três tipos de observações ou recolha de dados potencialmente úteis para a análise:

- a) comportamento dos caminhantes (visitantes e guia);
- b) comportamento fotográfico – o que é fotografado e eventualmente pedir aos caminhantes o envio das fotografias tiradas durante o percurso;
- c) captação da imagem da cidade em alguns momentos caminhados, recorrendo a fotografias e filmes dos percursos caminhados.

Cedo se percebeu que o comportamento dos visitantes e do guia era extremamente dominado pela função da visita, ou seja, a audição de acontecimentos ou

mitos associados, ancorados no percurso. Assim, a preocupação da transmissão correcta e clara da informação pelo guia (constante na visita Lisboa Cidade de Espiões) e a postura de aluno atento foi dominante.

No mesmo sentido, a intenção de recolha de fotografias tiradas durante os percursos pelos visitantes cedo se revelou infrutífera. Os visitantes raramente fotografaram. Mais uma vez, pela relevância da visita em termos informativos, o recurso a actividades secundárias revelou-se muito reduzido.

Como excepção clara ao referido, existiram dois momentos: o momento inicial de espera e concentração na Praça do Comércio e a chegada ao Miradouro das Portas do Sol (final do Z3), local de pequena pausa para uma vista panorâmica de Lisboa. Neste momento, o visitante-caminhante respira fundo após a subida íngreme que caracterizou o troço Z3. O despertar da máquina fotográfica, por vezes, estende-se à entrada de Alfama (início da Z5) e ao momento de uma reorganização e verificação da presença de todos os caminhantes.

Das intenções iniciais, apenas o registo fotográfico e o registo de pequenos filmes revelaram, de um modo mais detalhado, algumas características dos momentos caminhados.

Foi evitado o uso intensivo de filmes e respectiva captação sonora, por se considerar, por um lado, muito intrusivo em relação ao visitante e muito difícil de compatibilizar com uma observação mais global da situação, e, por outro lado, por se considerar que a eventual gravação regular do conteúdo das visitas poderia gerar algum desconforto na relação com a empresa organizadora.

Seleccionaram-se fotografias e dos pequenos filmes retiraram-se os *frames* considerados mais relevantes para uma representação do(s) ambiente(s) a apresentar no denominado registo fotográfico por zona (percurso Lendas e Mistérios: Figuras 15.5, 15.6, 15.7, 15.8, 15.9; Percurso Lisboa Cidade de Espiões: Figuras 15.16, 15.17, 15.18, 15.19, 15.20), apresentado em paralelo com a análise dos resultados.

Das observações efectuadas durante o acompanhamento das visitas (aproximadamente 2 meses), reflectido também nas imagens recolhidas, constatou-se que é sempre diferente, que a visita nunca é a mesma. Ou seja, ao nível dos atributos semifixos, destacou-se a zona da Praça do Comércio (e a constante construção e desconstrução de apoios a eventos) e Alfama e a sua transformação com os santos

populares. Mesmo ao nível dos atributos fixos, diversas obras ou intervenções de limpeza e conservação decorreram durante este período e algumas terminaram, com particular destaque para a Estátua de D. José I na Praça do Comércio e o Arco da Rua Augusta.

Diversas cronologias da cidade se revelaram, como a floração das árvores e das floreiras, a transformação das montras e a época dos saldos, o tipo e cor da roupa de quem usa a cidade. Embora o intervalo fosse curto, a luz da cidade alterou-se, tornando-se mais quente.

Das cronologias mais marcantes, é a transformação do uso da cidade com a subida de temperatura e com os dias do sol; além de claramente se detectar ao longo dos dois meses um franco aumento de turistas na rua, também o aumento do uso por lazer do visitante nacional, em particular ao fim-de-semana, é muito notório. Como excepção, ou mesmo situação oposta, os domingos muito quentes, em que a cidade, entre as 14h30-17h, parece ser habitada apenas por turistas.

15.3 O QUESTIONÁRIO

De acordo com o enquadramento teórico exposto (capítulos 7 e 8), definiu-se um questionário (exemplares dos questionários aplicados em Anexo) a aplicar no fim de cada visita, composto por dois grandes grupos.

I - Caracterização do indivíduo e sua relação com a cidade (primeira página – Fig. 15.3):

a) **Visitante** – Nacionalidade, Área de residência (urbana/rural), Género, Idade, Grau de Escolaridade, Profissão.

b) **Visita guiada em Lisboa** – Primeira vez (sim/não), Como tomou conhecimento (livro guia, sites, entre outros).

c) **Relação com a cidade** – Residente (sim/não), Primeira vez em Lisboa (sim/não), Em férias (sim/não), Há quanto tempo em Lisboa?

d) **Como descreve a cidade** (5 adjectivos).

Fig. 15.3 1.^a Página do questionário aplicado (exemplar em anexo)

Questionário
Nº data.....

Este questionário faz parte dum estudo académico de avaliação da ambiência percebida pelo visitante durante o acto de caminhar

I

P1 – Nacionalidade:

P2 – Residência zona predominantemente: urbana ☐ rural ☐

P3 – Sexo: F ☐ M ☐

P4 – Idade:

P5 – Grau de escolaridade: S/estudos ☐ Básico (até 5º ano) ☐
Secundário ☐ Ensino Superior ☐

P6 – Ocupação profissional:

P7 – É a primeira vez que faz uma visita guiada pedonal em Lisboa?
Sim ☐ Não ☐

P8 – Como soube desta visita?
Livro Guia ☐ Sites/Net ☐ Revista/Jornal ☐
Hotel ☐ outro:.....

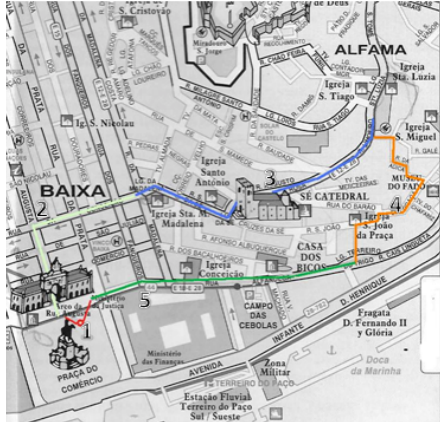
P9 – Residente ou/ e trabalhador em Lisboa ☐ se sim passar para a P13

P10 – É a primeira vez em Lisboa? Sim ☐ Não ☐

P11 – Está de férias? Sim ☐ Não ☐

P12 – Há quanto tempo está em Lisboa.....

P13 – Como descreveria a cidade a um amigo? (5 adjetivos)
.....
.....
.....



II Pretende-se para cada uma das 5 zonas indicadas a marcação de uma tabela dos atributos percebidos da zona da cidade percorrida.

II - Respostas avaliativas (segunda página – Fig 15.4)

Ambos os percursos foram divididos em 5 zonas, pretendendo-se para cada uma das zonas indicadas a marcação de uma tabela com respostas apreciativas dos factores percebidos da zona da cidade percorrida.

a) *Factores de preferências*

O grupo das preferências (visual, auditiva e sonora) é avaliado segundo uma escala de valores de 1 (ausente) a 5 (dominante).

Em relação à percepção visual, consideram-se os cinco factores de meio, subdivididos em categorias que os compõem:

i - Presença de elementos naturais: Local (como espaços verdes, árvores, entre outros), Paisagem natural (vistas, relevo, rio).

ii - Evidência de boa manutenção: Limpeza, graffiti e vandalismo, Conservação.

iii - Abertura espacial/amplitude visual: Vistas, Densidade do edificado, Amplitude espacial.

iv - Complexidade e riqueza visual: Ordem e coerência, Complexo.

v - Significado histórico: Genuinidade e Unicidade/Raridade.

Em relação à percepção auditiva e sonoridade, consideram-se:

i - Sons mecânicos/trânsito.

ii - Sons naturais.

iii - Sons humanos.

Em relação à percepção olfactiva:

i - Bom.

ii - Mau.

b) *Apreciações conotativas e inferências*

Este item é avaliado segundo uma escala de valores de 1 (baixo) a 5 (alto). É composto por:

i - Status percebido, ou seja, prestígio da zona/bem-estar económico.

ii - Tolerância percebida, ou seja, percepção de diversidade social, cultural, económica e racial.

iii - Segurança percebida.

iv - Felicidade percebida.

v - Amigabilidade percebida.

c) *Apreciações afectivas e emocionais*

Este item é avaliado segundo uma escala de valores de 1 (nada) a 5 (muito). É composto por três descritores subdivididos nas categorias que os compõem:

i - Agradabilidade: atraente, belo, agradável, convidativo.

ii - Excitação: animado, estimulante, interessante.

iii - Relaxamento: calmante, revigorante.

Fig. 15.4 2.^a Página do questionário aplicado (exemplar em anexo)

		1-Praça do Comércio	2-Ruas da Baixa	3-Subida Sé - Portas do Sol	4-Descida N. Araújo-S. JoãoPraça-Arc. Jesus	5-T.doTrigo- Campo Cebolas-R.Alfandega
1-ausente 5-dominante						
E.Nat. locais	Árvores, Esp. Verde	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
E. Nat.paisagem	Vistas, relevo, rio	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Manutenção	Limpeza	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Grafitis e vandalismo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Conservação	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Amplitude ou abertura espacial	Vistas	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Densidade do edifício	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Amplitude espacial	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Complexidade e riqueza visual	Ordem e coerência	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Legibilidade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Misterioso	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Complexo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Significado histórico	Genuinidade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Unicidade/raridade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Sonoridade	Sons mecânicos/trânsito	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Sons naturais	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Sons humanos	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Cheiro/olfacto	Bom	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Mau	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
1-baixo 5-alta						
Status /prestígio da zona/ bem estar económico		1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Tolerância percebida / diversidade social, cultural, económica, racial		1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Segurança percebida		1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Felicidade percebida		1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Amigabilidade, simpatia percebida		1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço		1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
1-nada 5-muito						
Agradabilidade	Atraente	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Belo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Agradável	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Convectivo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Excitação	Animado	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Estimulante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Interessante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Relaxamento	Calmante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Revigorante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

15.4 PROCEDIMENTO NO CAMPO

Foram recolhidos dados caracterizadores da visita, como: data, dia de semana, dados climáticos, identificação do guia e número de visitantes.

No início de cada percurso, o guia explicava que a visita iria ser acompanhada no âmbito de uma investigação e que, no final, seria pedido o preenchimento de um questionário. O âmbito do questionário não era revelado.

No final, foram entregues os questionários numa prancheta com uma caneta, de modo a que, no final da visita, sentados em bancos ou em degraus, ou por vezes de pé, os participantes preenchessem o questionário.

O tempo de preenchimento de questionários completos variava de 10 a 15 minutos. Qualquer dúvida era esclarecida. Alguns dos conceitos que inicialmente suscitaram mais dúvidas passaram a aparecer no próprio questionário mais explicados.

Nem todos os questionários foram totalmente preenchidos. Apenas 4 visitantes optaram por não responder.

Considerou-se analisar paralelamente, em relação aos dois percursos, a caracterização da visita e da amostra de inquiridos. Posteriormente, considerou-se de um modo conjunto a informação relativa à descrição da cidade.

15.5 CARACTERIZAÇÃO DAS VISITAS E DA AMOSTRA DE INQUIRIDOS

O percurso *Lendas e Mistérios* foi acompanhado entre as datas 30-04-2013 e 26-07-2013, sendo observadas 13 visitas (75 inquiridos), 8 em inglês (51 questionários) e 5 em português (24 questionários). O número máximo de visitantes por visita foi 13 (visita em português), e o número mínimo de 2.

Estas visitas foram acompanhadas por três guias, com a seguinte distribuição de inquiridos: 40, 24, 11.

O percurso *Lisboa Cidade de Espiões* foi acompanhado entre as datas 26-04-2013 e 26-07-2013, sendo observadas 12 visitas (65 inquiridos), 9 em inglês (29 questionários) e 3 em português (36 questionários). O número máximo de visitantes por visita foi de 25 (visita em português) e o número mínimo de 1 (visita em inglês).

Embora estas visitas tenham sido acompanhadas por três guias, a sua maioria foi acompanhada pelo mesmo guia, que acompanhou 10 visitas (60 inquiridos) e os restantes 1, respectivamente.

Ao longo deste período, por vezes não se registaram visitas, por condicionantes climáticas, alterações de percurso por pedido dos visitantes ou por ausência de visitantes.

Nacionalidade dos inquiridos e zona de residência

No percurso *Lendas e Mistérios* registaram-se 12 nacionalidades. Nos 75 inquiridos constaram 19 portugueses, 20 europeus e 36 (48%) não europeus (Figura 15.3).

Devido ao idioma das visitas, português ou inglês, e também à divulgação em alguns livros guia, há um claro destaque no grupo de visitantes estrangeiros de inquiridos de países anglo-saxónicos (43,3%), com uma forte representação dos EUA.

Quanto ao percurso *Lisboa de Espiões*, registaram-se 9 nacionalidades. Nos 65 inquiridos constaram 28 portugueses, 6 europeus e 31 não europeus. Mais uma vez, há um destaque para a população anglo-saxónica: 22 dos 37 estrangeiros, dos quais 16 são dos EUA (Figura 15.3).

A zona de residência é quase exclusivamente urbana para ambos os percursos.

Quadro 15.3 Distribuição de nacionalidades por percurso

Nacionalidade	Perc. Lendas e Mistérios	Perc. Lisboa de Espiões	Total por nac.
Alemanha	3	-	3
Austrália	1	4	5
Áustria	-	2	2
Brasil	8	-	8
Canadá	6	6	12
Egipto	2	-	2
Espanha	2	-	2
EUA	18	16	34
Filipinas	-	3	3
França	2	-	2
Hungria	-	2	2
Israel	-	2	2
Rússia	1	-	1
Suíça	1	-	1
U.K.	10	2	12
Portugal	21	28	49
Total	75	65	140

Comparando os dados com a caracterização da região de Lisboa efectuada no âmbito do Plano Estratégico para o Turismo na Região de Lisboa 2015-2019⁶⁶, a amostra do estudo aqui efectuada não é representativa da origem dos turistas desta região. O turismo da região de Lisboa é, quanto à origem dos turistas, predominantemente europeu (55%). Embora não existam dados disponíveis para o

⁶⁶ Plano Estratégico para a Região de Lisboa 2015-2019 – Posicionar a Região de Lisboa num Novo Patamar de Excelência Turística – Roland Berger Strategy Consultants – Outubro 2014.

universo das visitas guiadas, é relevante a existência de vários *websites* cujo valor da visita é anunciado em dólares americanos (ver cap. 10).

Género, idade, formação e modo de acesso a informação

No percurso *Lendas e Mistérios*, quanto ao género, a população tem uma distribuição muito equitativa, tanto na totalidade, com 39 inquiridos do sexo feminino e 36 do sexo masculino, como nos grupos de origem: não europeu, europeu e português.

Consideraram-se 4 categorias etárias: >25, 26-45, 46-65 e <66. Neste percurso, de 75 inquiridos, apenas 7 têm idade superior a 66 anos.

Quanto ao percurso *Lisboa de Espiões*, registam-se 36 inquiridos do sexo feminino e 29 do sexo masculino. Na classificação etária, domina a população entre 26 e 65 anos, sendo dominante na população portuguesa desta visita a categoria 26-45 e na população estrangeira a categoria 46-65.

Um aspecto importante, com especial relevância na visita guiada *Lendas e Mistérios*, é o requisito de boa mobilidade por parte dos visitantes, tendo em consideração a topografia e acessibilidades do território percorrido. Ou seja, é um factor limitativo e condicionador da amostra de inquiridos.

Em ambas as visitas, dentro dos inquiridos portugueses, o sexo feminino é dominante.

No campo da formação, predomina o nível de licenciatura ou superior em ambas as visitas.

Contextualizando os dados no relatório do Inquérito às Actividades dos Turistas e Informação – Região de Lisboa 2013⁶⁷, quanto ao género, surge concordante, com um ligeiro predomínio do sexo feminino. No nível etário da população estrangeira, as visitas atraíram indivíduos com uma idade superior à dominante no inquérito, e com habilitações literárias superiores.

⁶⁷ Inquérito às Actividades dos Turistas e Informação – Região de Lisboa 2013 – relatório referente a um total de 3002 entrevistas a turistas estrangeiros de visita à região de Lisboa (2401 dos resultados referentes a Lisboa cidade).

Este tipo de visita turística, embora não limitativa pelo preço ou dificuldade de acesso, pelo detalhe do conteúdo histórico atrai um público particular não representativo dos visitantes estrangeiros da capital.

Em ambos os percursos destaca-se o recurso a livros-guia de Lisboa e à Internet; 44 em 75 respostas no percurso *Lendas e Mistérios* e 45 em 65 respostas no percurso *Lisboa de Espiões*.

Destaca-se que os inquiridos americanos recorreram predominantemente a livros-guia; quando mencionados (em conversa informal ou por escrito no inquérito), é apontado o *Rick Steves* (parte da informação deste autor está disponível também *on-line*).

Em relação ao público nacional, 9 dos 21 portugueses do percurso *Lendas e Mistérios*, e 13 dos 28 do percurso *Lisboa de Espiões* tiveram conhecimento dos mesmos através da Internet.

Relação com a cidade

Como previsível, os estrangeiros (com uma excepção) não são residentes nem trabalhadores em Lisboa, e os portugueses, na sua quase totalidade, vivem ou trabalham na cidade. No percurso *Lisboa de Espiões*, é de referir que 4 dos 28 visitantes nacionais não vivem nem trabalham em Lisboa.

Dos visitantes, 42 dos 54 inquiridos estrangeiros do percurso *Lendas e Mistérios* e 36 dos 38 inquiridos estrangeiros do percurso *Lisboa de Espiões* afirmaram ser a primeira vez que se encontravam em Lisboa.

15.6 DESCRIÇÃO DA CIDADE DE LISBOA

Em relação à descrição da cidade, considerou-se analisar os dados de ambas as visitas em conjunto.

A cada visitante foi pedida a utilização de cinco adjectivos para descrever Lisboa. Ao todo, recolhido em ambas as visitas, registaram-se 531

adjectivos/caracterizações. Destes, 474 foram avaliações positivas, 29 descritivas/indiferentes e 27 negativas.

Pela frequência, destacam-se os seguintes adjectivos: histórica (62), amigável (34), interessante (30), bela (26), bonita (17), antiga (16), luminosa (16).

Embora se reconheça que alguns adjectivos possam ter mais que um significado, considerou-se importante a requalificação dos mesmos em 12 categorias⁶⁸:

Quadro 15.4 Tabela de agrupamento de adjectivos em categorias

Categoria	Freq.	Percent.	Adjectivos/Caracterizações
Agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo)	102	19.2	Aconchegante, agradável, amorosa, apaixonante, atraente, bela, bonita, caminhável, caótica, charmosa, com gosto, confortável, convidativa, elegante, encantadora, espantosa, espectacular, graciosa, linda, romântica, simpática, sublime
Clima	14	2.6	Bom clima, quente, solarenga, ventosa
Cor/Luz	25	4.7	Bege, branca, clara, colorida, luminosa, luz extraordinária
Excitação (animado, estimulante, interessante)	120	22.6	Agitada, animada, aventureira, boa vida nocturna, brilhante, buliçosa, cativante, cheia de bares, com valor, curiosa, dinâmica, divertida, educativa, energética, estilo, estimulante, excitante, extrovertida, fantástica, fascinante, fora de moda, grandiosa, imperdível, inesperada, informativa, inovadora, interessante, intrigante, já teve o seu auge, misteriosa, movimentada, muito interessante, muito para ver, multicultural, ótima para passear, pouco buliçosa, reveladora, secreta, tesouro escondido, vale a pena, vibrante, viva
Geográfico	12	2.3	Cheia de becos, dispersa, europeia, grande, marítima, mediterrânica, muitas curvas, pequena, ribeirinha
Manutenção/Conservação	22	4.1	Decadente, decrépita, degradada, descuidada, desmoronar, desorganizada, deteriorada, em obras, limpa, suja, velha
Multifacetada	19	3.6	Completa, contrastante, contrastes, diversa, diversificada, multifacetada, nova/velha, rica, rústica, variada
Paisagem natural	18	3.4	Bela paisagem, cénica, com colinas, verde
Relaxamento (calmante, revigorante)	12	2.3	Calma, casual, espiritual, leve, relaxada, relaxamento
Significado histórico	84	15.8	Antiga, arquitectónica, com significado, histórica, rara, religiosidade secular, típica
Carácter sociocultural	88	16.6	Aberta, acessível, acolhedora, amigável, bairrista, barata, boa gastronomia de mar, calorosa, carinhosa, católica, cosmopolita, cultura, cultural, fácil, feliz, gastronómica, medianamente amigável, moderna, orgulhosa, pessoas simpáticas, popular, segura, tradicional, tristonha, turística
Som	2	4	Barulhenta, musical
Única	13	2.4	Autêntica, carácter, diferente, distinta, espirituosa, genuína, mágica, original, peculiar

⁶⁸ As categorias definidas foram construídas de acordo com os adjectivos ou descrições dos questionários, recorrendo-se sempre que possível aos conceitos anteriormente definidos e utilizados no questionário por zonas. Posteriormente foi pedido a 5 pessoas que discutissem a organização dos adjectivos pelas categorias, procurando-se assim uma rectificação e/ou validação das categorias definidas.

Total	531	100,0	
--------------	-----	-------	--

Assim, a cidade de Lisboa, de acordo com o Quadro 15.4, é caracterizada por esta amostra de visitantes claramente de acordo com as suas necessidades como visitantes, predominantemente pelos adjectivos agrupados nas quatro categorias – excitação, agradabilidade, significado histórico e carácter sociocultural.

A categoria *excitação* destaca-se como a mais valorizada tanto pelos visitantes estrangeiros como nacionais, constituindo de modo homogéneo aproximadamente 27% das respostas para os três grupos considerados, europeus, não europeus e portugueses.

Os adjectivos pertencentes ao grupo *agradabilidade* constituem 26,2% das respostas dos portugueses, 18,1% das respostas dos não europeus, sendo referida apenas por 7,7% da amostra dos visitantes europeus.

O *significado histórico* surge representado de um modo semelhante para os três grupos, sendo o grupo dos adjectivos mencionados por não europeus o mais representativo (17,3%).

A categoria que se denomina *carácter sociocultural* surge representada em 21% das respostas dos europeus, 17% das respostas dos portugueses e 15% das respostas dos não europeus.

Embora se verifique uma baixa incidência de adjectivos negativos (27), é interessante verificar que o sexo masculino é mais crítico em relação à cidade. A nível etário, existe uma maior incidência no grupo etário 26-45 (14). Comparando a quantidade de adjectivos negativos dos três grupos, portugueses, europeus e não europeus, em termos relativos são bastante semelhantes. O aspecto mais criticado é a manutenção/conservação, surgindo expresso em adjectivos como: decadente, decrépita, degradada, descuidada, suja, desorganizada, a desmoronar.

A má conservação do seu edificado, embora por vezes focada de um modo positivo pela informação turística disponível, surge para muitos dos visitantes, nacionais e não nacionais, como a característica negativa mais destacada.

De acordo com o relatório do *Inquérito de Satisfação e Imagem 2013 – Região de Lisboa* (p. 25), quando questionados sobre qual a imagem mais forte com que ficam do destino (de acordo com lista de atributos pré-definidos), com maior nível de

identificação surge: atractividade (inclui beleza e qualidade urbana) (19,5%), sofisticação e modernidade (inclui vibrante, moderna, cosmopolita) (17,9%), sensações (inclui agradável, tranquila, romantismo, atmosfera, luz, vista, paisagem, clima, relação rio/mar/praias) (16,3%). Segundo o mesmo estudo, perante a questão de como este destino se diferencia, relevam: sensações (21,1%), com destaque para a tranquilidade e o romantismo, e a atractividade (17,1%), com destaque para beleza e autenticidade. Por fim, neste mesmo estudo, 40% consideram que a realidade experienciada esteve de acordo com o esperado, 60% que excedeu as expectativas. As desilusões foram marginais. Por fim, é de referir, no mesmo sentido, que, de acordo com o relatório do *Inquérito às Actividades dos Turistas e Informação – Região de Lisboa 2013* (p. 71), a realidade acedida e avaliada, para 77% dos inquiridos, é acima das expectativas.

Informação turística seleccionada e as categorias e os adjectivos presentes nos inquéritos: comparação

Pretende-se agora fazer uma análise comparativa entre a informação recolhida nos questionários e a informação turística acedida das fontes de informação turística (capítulo 14) já indicadas.

Procedeu-se a uma selecção e sistematização de informação caracterizadora da cidade *Lisboa turística*. Muitas das descrições nos guias e *websites* contemplam zonas da cidade e não um todo, dificultando a objectividade da sistematização proposta. A informação consultada foi reorganizada (Quadro 15.5) de modo a comparar com os dados recolhidos no questionário aplicado.

Quadro 15.5 Tabela comparativa da informação turística acedida e da descrição da cidade nos questionários

Categoria	Descrição	Adjectivos/Caracterizações nos questionários
Agradabilidade	Beleza e unicidade da paisagem natural e cultural (d-p.1). Um dos maiores e mais belos estuários do mundo (b-p.8). O Tejo é o determinante natural da impressionante beleza da cidade(b-p.4). Charme, elegante(f) (e). Pitoresca (em relação a zonas da cidade) (b) (f)	Aconchegante, agradável, amorosa, apaixonante, atraente, bela, bonita, caminhável, caótica, charmosa, com gosto, confortável, convidativa, elegante, encantadora, espantosa, espectacular, graciosa, linda, romântica, simpática, sublime

	(e). Rica em experiências (g)	
Clima	Suavidade do clima (e-p.5)	Bom clima, quente, solarenga, ventosa
Cor/Luz	Luminosidade (a-p.4). Paisagem urbana heterogénea, colorida (h)	Bege, branca, clara, colorida, luminosa, luz extraordinária
Excitação	Tranquila e movimentada (e-p.6). Vida de rua, café e esplanadas (f). Diversão de andar de eléctrico (f). Animação nocturna (f). Gastronomia (c-p.356). Diversidade social e convívio de rua (d-p.4). Eléctricos, vendedores de rua, floristas, engraxadores (d-p.4). Eléctricos amarelos (h). Importância das festas e festivais, típica dos latinos (d-p.32). Viva e romântica (a-p.4). Cidade intensa e surpreendente (g)	Agitada, animada, aventureira, boa vida nocturna, brilhante, buliçosa, cativante, cheia de bares, com valor, curiosa, dinâmica, divertida, educativa, energética, estilo, estimulante, excitante, extrovertida, fantástica, fascinante, fora de moda, grandiosa, imperdível, inesperada, informativa, inovadora, interessante, intrigante, já teve o seu auge, misteriosa, movimentada, muito interessante, muito para ver, multicultural, ótima para passear, pouco buliçosa, reveladora, secreta, tesouro escondido, vale a pena, vibrante, viva
Geográfico	Contextualização da envolvente da paisagem natural (d-p.1). Charme de um cidade pequena e compacta (d-p.1,4). O rio e a cidade constituem uma unidade (b-p.4). Um dos maiores e mais belos estuários do mundo (b-p.8). Contextualização geográfica (e)	Cheia de becos, dispersa, europeia, grande, marítima, mediterrânica, muitas curvas, pequena, ribeirinha
Manutenção/ Conservação	Impressão de estar em decadência como cerne do seu charme (c-p.356) (f). Cidade em processo crescente de restauro (d-p.4). Respeitadora do tempo passado (e-p.6). Charme do aspecto manchado e usado (f). Aparenta estar mais limpa e melhor organizada (f)	Decadente, decrépita, degradada, descuidada, desmoronar, desorganizada, deteriorada, em obras, limpa, suja, velha
Multifacetada	Contraste entre presente e passado (d-p.4). Cidade de contrastes (b-p.4). Várias zonas distintas com carácter próprio (b-p.4). Grande metrópole de múltiplas funções (e-p.5). Cidade cheia de contrastes (e-p.6). Rica em experiências (g). Cidade de contrastes, onde a modernidade convive paredes meias com vestígios da História, como um museu vivo (g). Paisagem urbana heterogénea, colorida (h)	Completa, contrastante, contrastes, diversa, diversificada, multifacetada, nova/velha, rica, rústica, variada
Paisagem natural, elementos naturais e vistas	O Tejo é o determinante natural da impressionante beleza da cidade (b-p.4). Cor e aroma das ruas (descrição de composição arbórea) (c-p.22-23). Boas vistas (c-p.356) (d-p.30). Flores e vasos nas janelas (d-p.30). Demorar o olhar nas colinas e na tranquilidade do Tejo (a-p.4). Um dos maiores e mais belos estuários do	Bela paisagem, cénica, com colinas, verde

	<p>mundo (b-p.8). Miradouros dispersos pelas colinas permitem contemplar a avassaladora plenitude (b-p.16)</p>	
Relaxamento	<p>Elevadores e eléctrico dão uma imagem romântica e tradicional (c-p.314). Viva e romântica, nostálgica (a-p.4). Demorar o olhar nas colinas e na tranquilidade do Tejo (a-p.4). Tranquila (e-p.6). Rica mas menos agitada, alvoroçada que as outras capitais europeias (h)</p>	<p>Calma, casual, espiritual, leve, relaxada, relaxamento</p>
Significado histórico	<p>Descrição da evolução histórica detalhada (c-ex.:p.29-64) (d-p.1,16,26) (e-p.5) (f) (g). Contextualização geral da antiguidade e riqueza histórica (d-p.1) (e-p.5) (f) (h). Cidade monumento (a-p.3)</p>	<p>Antiga, arquitectónica, com significado, histórica, rara, religiosidade secular, típica</p>
Carácter sociocultural	<p>Diversidade cultural da população oriunda das antigas colónias (c-p.356). Gastronomia (c-p.356) (g). Diversidade social e convívio de rua (d-p.4). Eléctricos, vendedores de rua, floristas, engraxadores (d-p.4). Hospitalidade ímpar (d-p.30). Importância das festas e festivais, típica dos latinos (d-p.32). Cosmopolita (a-p.3). Pitoresca vida popular (e-p.5). Amável (e-p.6). Acolhedores lisboetas (e-p.6). Gastronomia rústica, sazonal, associada a música. Mais próspera e mais amigável do que nunca (f). Barata (f)</p>	<p>Aberta, acessível, acolhedora, amigável, bairrista, barata, boa gastronomia de mar, calorosa, carinhosa, católica, cosmopolita, cultura, cultural, fácil, feliz, gastronómica, medianamente amigável, moderna, orgulhosa, pessoas simpáticas, popular, segura, tradicional, tristonha, turística</p>
Som	Fado (c-p.356) (e-p.5) (g)	Barulhenta, musical
Única	<p>Elementos culturais e arquitectónicos típicos destacados (factores de distinção da cidade): mansardas e varandas, pátios e villas, escadinhas e festas populares (a-p.85). Unicidade associada à cidade de contrastes e à fusão da cidade com o rio (b-p.4). Riqueza e diversidade única da ornamentação das varandas e janelas (b-p.98)</p>	<p>Autêntica, carácter, diferente, distinta, espirituosa, genuína, mágica, original, peculiar</p>

É de destacar que a cidade é descrita na informação turística acedida com uma acentuação do seu valor histórico e das suas características geográficas e paisagísticas, e nos questionários, embora o significado histórico seja muito relevante (o adjectivo mais utilizado foi histórico), é mais valorizada a ambiência experienciada reflectida na maior incidência de excitação (animado, estimulante, interessante) e agradabilidade (atraente, belo, agradável, convidativo).

Todavia, em termos de informação turística, a animação, o estimulante, interessante, surgem de um modo indirecto, subentendido, na descrição de espaços associados ao lazer, na descrição de comércio e restauração, das festas dos santos populares.

Outro aspecto com interesse é a categoria carácter sociocultural. Na informação acedida, a inferência de características sociais surge pontualmente associada a zonas específicas da cidade, com uma dominância de alguma nacionalidade ou etnia não nacional, ou associada ao carácter de ‘aldeia’ dos bairros populares. A amigabilidade ou hospitalidade dos lisboetas é mencionada. Num mesmo sentido, nos questionários, o segundo adjectivo mais repetido é amigável, incluindo segurança e hospitalidade, duas características em que assenta a promoção turística de Lisboa.

Pelo intuito promocional, pela selecção da cidade a ser vista feita por este tipo de informação, é interessante a omissão de certos descritores (segurança, limpeza, trânsito) ou reinterpretação de aspectos menos positivos (o charme da “cidade decadente”).

15.7 ANÁLISE DESCRITIVA E COMPARATIVA DOS DADOS POR PERCURSO

Procedendo-se à análise dos dados das respostas avaliativas ao longo das duas visitas, pretende-se agora procurar as apreciações dominantes expressas nos questionários. As respostas, como já mencionado, variam dentro de uma escala de 1 a 5. Dando destaque às respostas dominantes ou/e às mais incisivas, ou seja, a classificação 1 e a classificação 5, obtém-se a seguinte caracterização de cada percurso.

Tendo em consideração que o motivo da não resposta é variado, como por exemplo não se lembrar, não dar relevância à questão, não querer ou não ter tempo para continuar o questionário, optou-se por apresentar os dados relativos a registos válidos e não ao número de visitantes. Apenas a ausência de resposta, quando relevante, é referida em relação à totalidade de inquiridos do percurso.

Para cada percurso foi considerada, em termos de análise:

- a. análise descritiva por zona;
- b. análise comparativa agrupando os visitantes em três grandes grupos, de acordo com a origem, nacionais, europeus e não europeus.

15.7.1 Percurso Lisboa Lendas e Mistérios

O percurso da visita *Lendas e Mistérios*, percorrido por 75 visitantes, é analisado ao longo de cinco troços, divididos de acordo com diferenças a nível de morfologia urbana, e/ou topografia. O questionário foi entregue e preenchido no final da visita. A visita terminou, na maioria das vezes, na Praça do Comércio (canto NE), ou na Igreja da N. S. da Conceição Velha (perto do final do troço 5).

a) Análise descritiva por zonas

*Z1 - Praça do Comércio***Fig. 15.5** Z1 – Praça do Comércio – Registo fotográfico do percurso Lisboa Lendas e Mistérios

Na Praça do Comércio há, no que diz respeito a elementos naturais, o reconhecimento claro da presença do rio Tejo, expresso no descritor da paisagem natural (5-40%) e na ausência de elementos naturais localizados (1-50%).

Esta praça foi considerada pela maioria dos visitantes bem mantida quanto a limpeza (5-28% e 4-36%), ausência de *graffiti* e vandalismo (5-30%), e boa conservação (5-34%), embora a ausência de resposta a este descritor seja elevada (23%).

Em termos espaciais, foi considerada ampla (5-48%), com vistas dominantes (5-45%), com uma densidade do edificado relativamente baixa. Apresenta uma riqueza visual relacionada predominantemente com a ordem e coerência apresentada (5-42%).

Em relação ao significado histórico, ambos os itens avaliados (o ser genuíno e o ser único ou raro) foram considerados dominantes neste local, destacando-se o ser genuíno (5-48%).

Este aspectos coincidem e confirmam a informação turística desta zona, que se foca em três pontos: grandiosidade (amplitude espacial) e beleza, significado histórico e proximidade do rio. É referida, em particular na informação mais actual, a animação enquanto centro de vida urbana, valorizada enquanto espaço de restauração e lazer.

Embora as respostas não sejam muito incisivas, foi considerada uma prevalência de sons humanos em relação aos sons mecânicos ou naturais. Embora não seja dada relevância à percepção olfactiva, há um domínio de respostas médias, com uma tendência positiva no descritor do bom olfacto.

A imagem bem cuidada desta praça, associada a serviços destinados a classe média alta e ao turista, o baixo interesse desta praça para a população residente local induzem a uma inferência desta praça como uma zona com elevado prestígio/status (5-6% e 4-36%) e segurança (5-33% e 4-40%).

Esta zona foi considerada, pela maioria dos inquiridos, nas categorias agradabilidade e excitação, muito positiva, dominando a classificação atraente, bela, agradável, convidativa, animada e interessante. Quanto a relaxamento, é positiva, mas com menos expressão.

Pela coexistência de características formais, históricas e paisagísticas ímpares, pela sua relação com a cidade e centralidade no centro histórico, esta praça concentra em si todas as características de um espaço apto, como se verificou nos últimos anos, para ser apropriado e reinventado para a actividade turística.

Neste sentido, o turista sente-se confortável, sente-se num território destinado a ser usado por ele. Assim, surge um elevado número de respostas positivas nas categorias tolerância e amigabilidade, que se supõem interpretadas em relação a si próprio e aos outros visitantes.

Há uma concordância com a informação turística disponível.

Z2 - Baixa

Fig. 15.6 Z2 – Baixa – Rua Augusta até à Igreja da Madalena – Registo fotográfico do percurso Lisboa Lend as e Mistérios



O segundo troço do percurso é o mais rápido e mais curto, existindo uma paragem (nem sempre) na Igreja de São Julião ou uma espreitadela arqueológica na Rua dos Correeiros, chegando-se posteriormente à Igreja da Madalena, última etapa deste troço. Com excepção da Rua Augusta (rua pedonal), o restante troço faz-se por passeios estreitos, com trânsito constante de viaturas e eléctricos.

Assim, o caminhante ziguezagueia entre turistas e pedintes na Rua Augusta, ou entre carros nas restantes, com uma preocupação óbvia de não se perder. Em suma, considera-se que este troço foi experienciado de um modo menos activo, em relação à ambiência, que os restantes.

Na sua avaliação, destaca-se a percepção da ausência de elementos naturais e uma avaliação mediana em termos de dominância de evidência de boa manutenção (3-aprox. 40%). Em termos espaciais, este troço foi considerado como tendo uma amplitude espacial e acesso a vistas medianos, associados a uma densidade do edificado considerável.

Esta zona foi considerada mediana a positiva em todos os itens avaliados na riqueza visual. No significado histórico, foi considerada positiva.

Nos elementos sonoros, foi percepcionada a prevalência de sons mecânicos, a existência mediana de sons humanos e quase inexistência de sons naturais. Em termos olfactivos bom e mau, ambos tiveram uma pontuação predominantemente mediana.

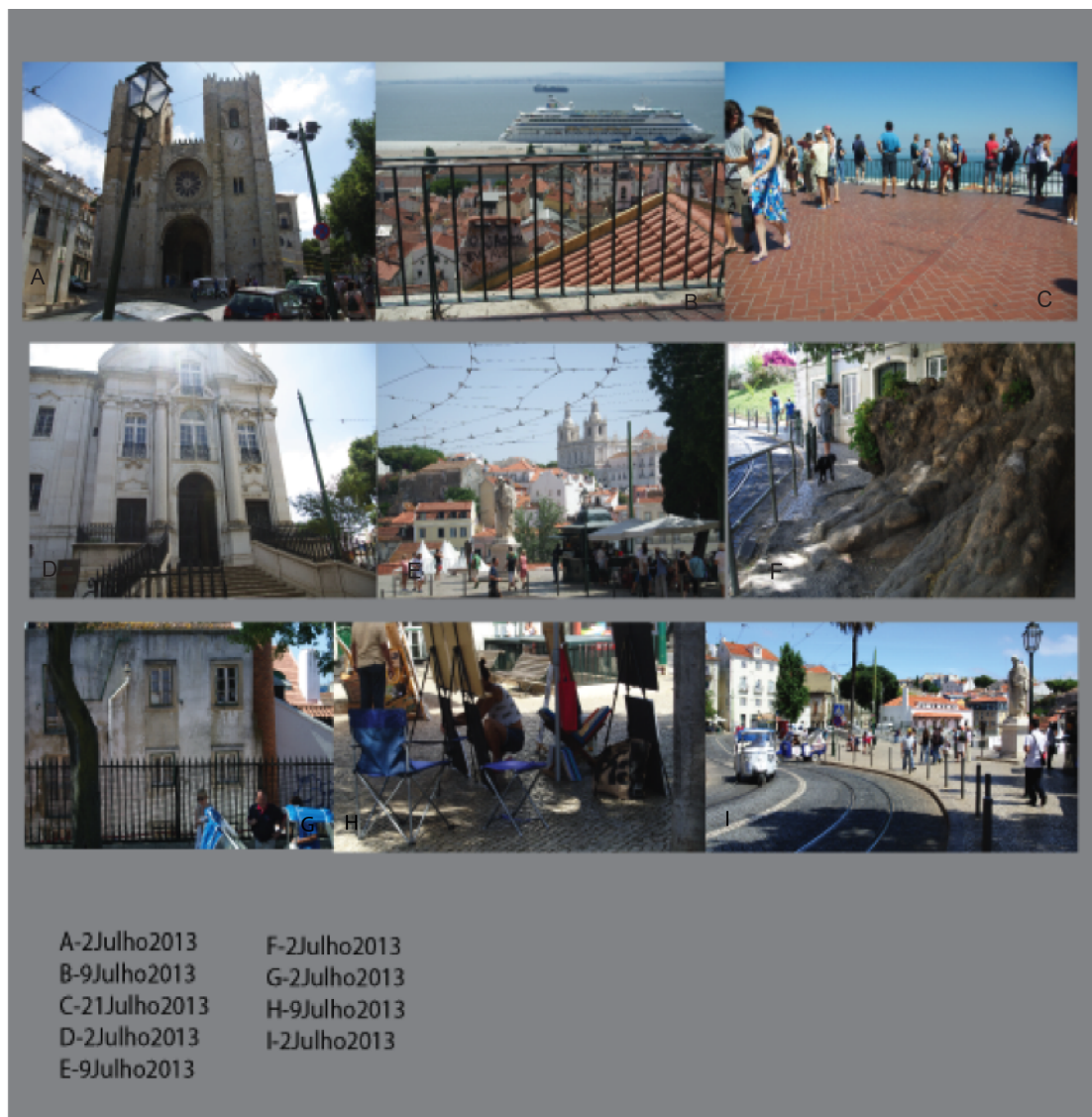
Quando questionados em relação às inferências sociais, este troço destaca-se por uma elevada ausência de resposta, aproximadamente 20% dos inquiridos. Dentro das respostas obtidas, o valor médio (3) e positivo (4) é dominante.

Por fim, na avaliação afectiva, esta zona, mais uma vez, tem uma tendência de resposta 3 e 4, salientando-se a categoria excitação (animado, estimulante, interessante) como a mais valorizada e a categoria relaxamento como a menos considerada.

A informação turística (cap. 14) referente à zona da Baixa, além do significado e unicidade histórica em termos de planeamento, dá uma grande ênfase ao seu bulício, à sua confluência de gentes. Destaca-se a grande relevância dada à Rua Augusta enquanto artéria turística, animada, com lojas e esplanadas.

Z3 - Igreja da Madalena até às Portas do Sol

Fig. 15.7 Z3 – Igreja da Madalena até às Portas do Sol – Registo fotográfico do percurso Lisboa Lendas e Mistérios



O terceiro troço caminhado (ver capítulo 12) é dominado por uma subida íngreme (uma subida altimétrica de 40 metros), com três paragens: Largo de Santo António, Largo da Sé e Miradouro das Portas do Sol. Os passeios estreitos, o trânsito intenso que impede o uso pedonal da via, conferem a esta subida uma atitude perceptiva funcional, atenta e focada no esforço físico. É de referir igualmente que a leitura visual

da envolvente é menos abrangente na subida, havendo um domínio visual da via em relação à paisagem. Embora este troço seja superior a 400m, a sua apreciação dá uma grande ênfase aos três pontos de paragem.

Assim, neste troço, o atributo paisagem natural é registado como uma característica dominante a muito dominante, sendo esta acedida de uma forma clara em dois pontos do percurso: nos dois miradouros. Em relação a elementos naturais locais, a sua presença é mediana a dominante. A vista da cidade e do rio a partir do Miradouro das Portas do Sol é provavelmente o momento mais marcante deste troço, destacado no atributo vistas, considerado pela maioria como dominante ou muito dominante.

Regista-se uma avaliação mediana em termos de dominância de evidência de boa manutenção (3-aprox. 38%), destacando-se uma elevada ausência de resposta no item conservação. Em termos espaciais, este troço foi considerado como tendo uma amplitude espacial mediana, associado a uma densidade do edificado dominante.

Em termos de riqueza visual, regista-se uma maior incidência de registos em valores médios, com uma valorização como muito dominante do descritor complexo, considerando-se aqui o contraste da passagem da cidade planeada para a cidade espontânea.

O significado histórico é avaliado como dominante e muito dominante. Está associado às três paragens – Largo de Santo António, Largo da Sé e Miradouro (com vista para Alfama) – pontos de descrição da origem da cidade e de momentos históricos marcantes.

Em termos sonoros, esta zona é caracterizada por uma presença mediana a dominante dos três atributos sonoros avaliados: mecânicos, naturais e humanos. Em termos de olfacto, há uma avaliação mediana prevalente. Neste aspecto, é importante referir o reflexo nas apreciações das características muito específicas deste percurso, ou seja, todo este troço é uma subida íngreme de passeios predominantemente estreitos, onde a subida em esforço dos automóveis, o ruído dos *tuk-tuk*, a passagem dos eléctricos e as apitadelas aos caminhantes, predominantemente turistas que tentam percorrer a cidade, são uma constante.

Quanto às inferências sociais, de um modo geral, foram atribuídos valores médios a altos, destacando-se a percepção de tolerância com mais respostas (4). Como zona intensamente turística, a presença de estrangeiros, quer sejam imigrantes em

actividades de comércio ou animação de rua, quer sejam turistas, é claramente dominante.

A heterogeneidade do troço, o contraste entre o bulício ruidoso da rua e a paz e amplitude do miradouro tornam a decisão de resposta afectiva ambígua. Justificando-se assim, provavelmente, a elevada ausência de respostas válidas (20%). Todavia, destaca-se que, na categoria agradabilidade e excitação, domina a opinião de elevada (4), sobressaindo a maior incidência desta resposta nos descritores atraente, belo e animado. Em relação à categoria relaxamento, é dada alguma ênfase ao efeito calmante.

As principais paragens neste percurso coincidem com os destaques da informação turística acedida. Assim, esta foca-se em três elementos: Igreja de Santo António, Sé e miradouros.

Z4 - Alfama**Fig. 15.8** Z4 – Alfama – Registo fotográfico do percurso Lisboa Lendas e Mistérios

Em Alfama, na percepção de elementos naturais, destaca-se a ausência dos mesmos na forma local e a valorização da paisagem natural como dominante, facto identificado com o sentir o declive acentuado, caminhado no sentido descendente, e pontualmente de ter acesso a vista.

Quanto ao factor de evidência de boa manutenção, das respostas válidas é de referir a evidência de pouca manutenção, com destaque para a conservação e limpeza.

Foi considerada uma baixa amplitude espacial e uma elevada densidade do edificado. O dominante e muito dominante caracteriza a grande maioria das avaliações relativas ao significado histórico.

Em termos sonoros, há uma valorização da presença dos sons humanos. Em termos olfactivos, embora a percepção seja média/positiva, surge o atributo mau com alguma expressão.

Em relação às inferências, destaca-se a percepção, por um lado, de uma zona de médio e baixo estatuto social e económico, com a percepção de tolerância, amigabilidade e segurança média. Destaca-se a percepção elevada do descritor felicidade (4-40%), provavelmente associada a uma sensação calma e de comunidade que este espaço transmite.

Durante este troço do percurso, é inferido um médio e baixo estatuto social e económico. A densidade do edificado, associada à complexidade e à baixa amplitude visual, e a presença de sinais de degradação do edificado, lixo e alguma expressão do mau cheiro influem numa sensação baixa de segurança.

Pelo facto de a descida, logo sem esforço físico, se fazer caminhando em grupo, sem o ruído e o perigo do trânsito automóvel, sem uma densidade de uso que obrigue a um estado de alerta da parte do visitante para não se perder, Alfama pôde ser apreciada com pormenor durante o seu acesso. Sendo as inferências sociais bastante coincidentes com a realidade social deste bairro.

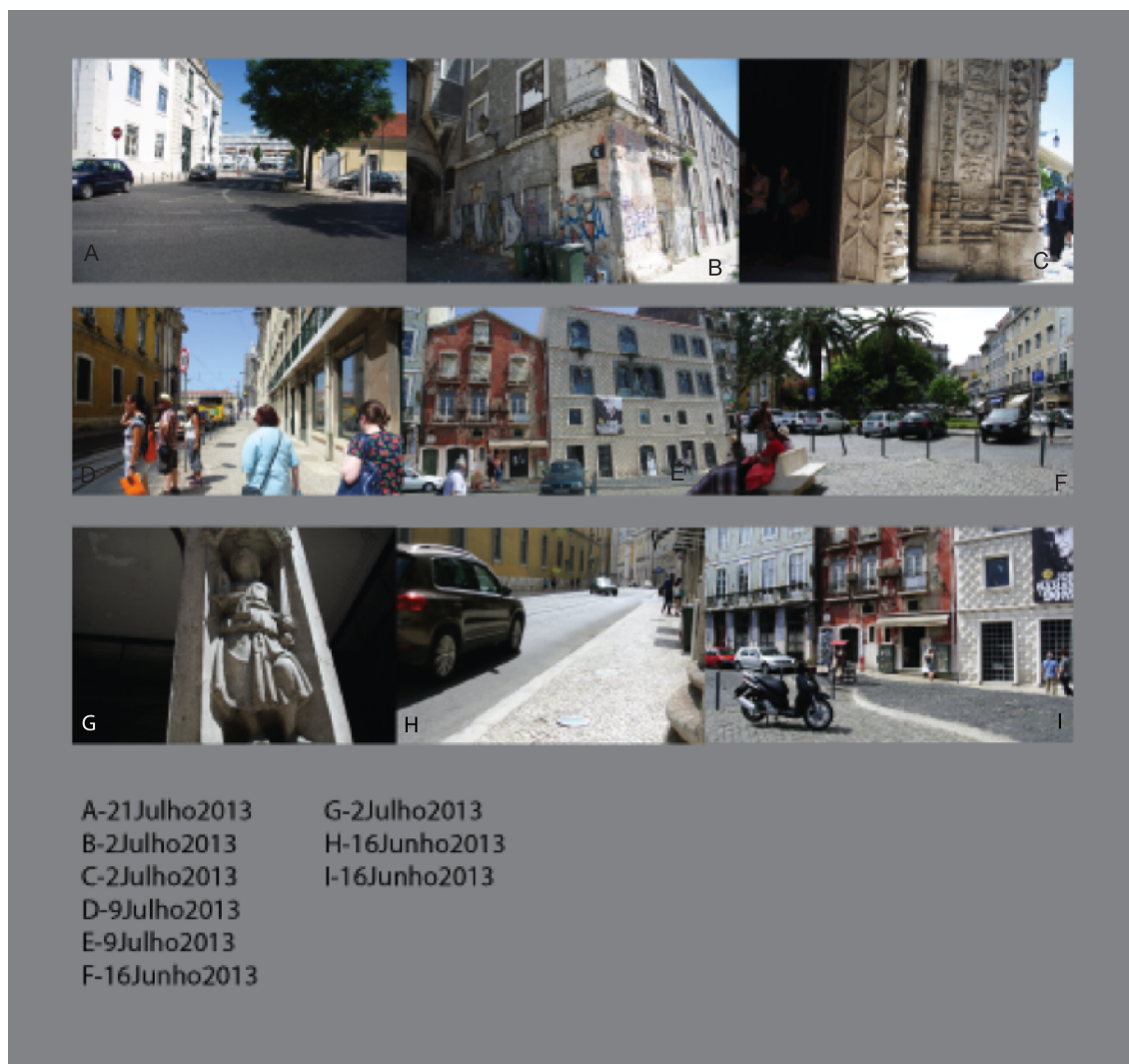
Alfama é considerada muito interessante e estimulante. O facto de parte das visitas atravessarem uma Alfama enfeitada para as festas da cidade influi numa sensação generalizada de uma zona da cidade animada.

O sentimento de atracção, beleza e agradabilidade é expresso de um modo claro, sentimento estimulado pelo elevado significado histórico associado a uma valorização das vistas.

Intensamente descrita na informação turística, há uma forte sobreposição entre as apreciações positivas dos visitantes e as descrições dos guias e *websites* acedidos.

Z5 - Rua Terreiro do Trigo e Rua da Alfândega

Fig. 15.9 Z5 – Rua Terreiro do Trigo e Rua da Alfândega – Registo fotográfico do percurso Lisboa Lendas e Mistérios



Antes de mais, considera-se relevante voltar a referir as características morfológicas deste troço (caracterizadas no capítulo 12), eixo de tipologia marginal composto por ruas com um perfil heterogéneo, com o lado sul aberto, ou com um domínio de edificado não comunicante com a rua. Este facto, associado a passeios estreitos (Rua da Alfândega) e a trânsito acentuado, afecta negativamente a experiência nesta zona.

Assim, o último troço deste percurso é considerado numa percepção média/baixa, tanto de presença de elementos naturais, como de evidência de boa manutenção. Quanto

a riqueza visual, regista uma forte ausência de resposta, associada a um domínio de valores médios.

Na percepção sonora, destaca-se a percepção bastante presente (41%-4) e mesmo elevada (28%-5) de sons mecânicos e uma bastante presente percepção de sons humanos. Não é dada relevância à percepção olfactiva, verificando-se o registo maioritariamente médio.

Em termos de inferências sociais, ou seja, prestígio ou *status*, tolerância, felicidade e amigabilidade, comparativamente com todo o percurso, é a zona onde há um domínio do valor médio mais baixo, ou seja, 3.

Por contraste com o percurso anterior, fechado, e pela chegada a uma zona mais ampla, com mais turistas, a sensação de segurança para o visitante não nacional aumenta.

Por fim, refere-se a avaliação afectiva, onde, apesar do claro domínio da pontuação média (3) em relação às categorias agradabilidade e excitação, destacam-se os descritores animado e interessante. Atributos associados à identificação de restaurantes com esplanada e lojas de lembranças, indicadores da reentrada no território dominado, seguro para a prática turística.

Como já referido no capítulo 14, com excepção da Casa dos Bicos e da porta manuelina da Igreja da Conceição Velha, este troço não é valorizado pela informação turística. É de referir que as paragens da visita são coincidentes com estes edifícios.

a) Análise comparativa de apreciações conotativas e inferências e de apreciações afectivas e emocionais

Considera-se relevante efectuar uma análise comparativa de médias ao longo do percurso, agrupando os 75 inquiridos de acordo com a origem: 19 portugueses, 20 europeus e 36 não europeus (48%). Embora o percurso e conteúdo da visita seja muito semelhante, a visita em português é feita ao domingo e a visita em inglês durante a semana, dias muito diferentes no tráfego e nos utilizadores da cidade.

Gráficos comparativos de apreciações conotativas e inferências ao longo do percurso

Fig. 15.10 Gráfico de apreciações conotativas e inferências ao longo do percurso – Portugueses

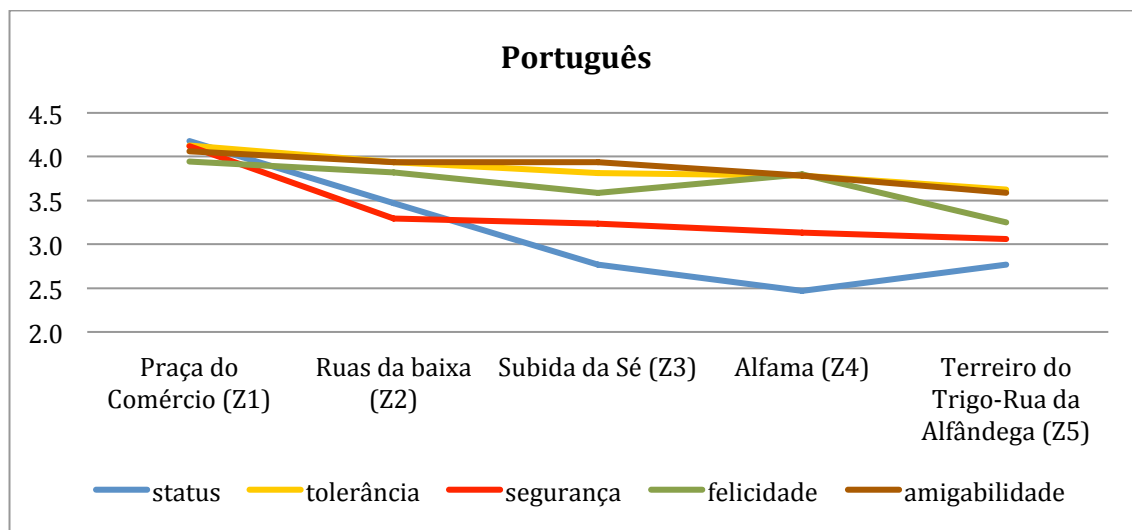


Fig. 15.11 Gráfico de apreciações conotativas e inferências ao longo do percurso – Europeus

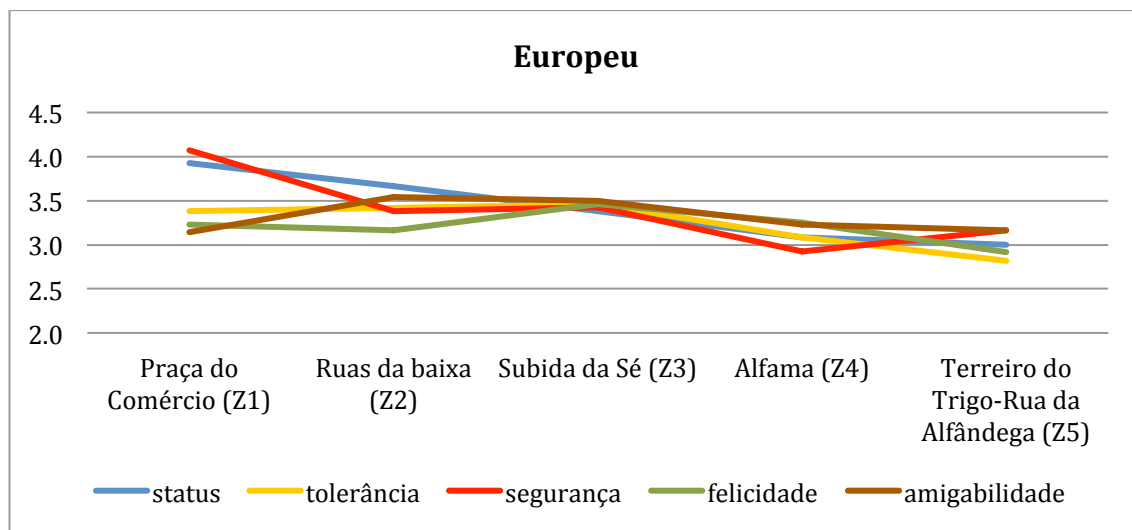
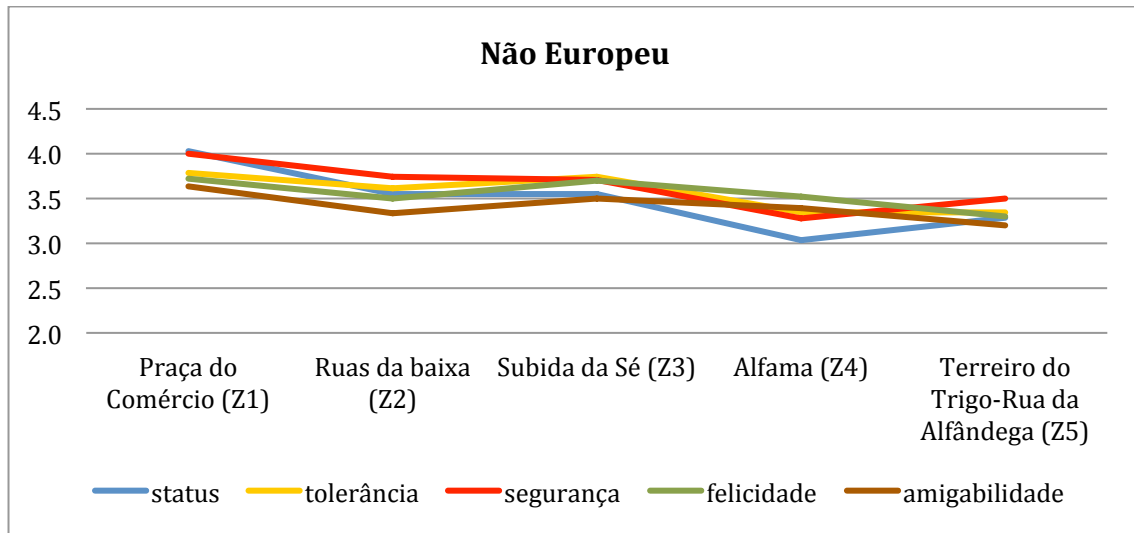


Fig. 15.12 Gráfico de apreciações conotativas e inferências ao longo do percurso
– Não Europeus



Os **portugueses** (Figura 15.10), talvez por maior conhecimento da realidade lisboeta, acentuam a falta de segurança e sobretudo o baixo estatuto económico de grande parte do percurso (destaque Alfama). Existe uma valorização de factores como amigabilidade, tolerância, felicidade, que mantêm valores altos ao longo de todo o percurso. Uma interpretação possível é uma noção de auto-avaliação, ou seja, que se estejam a classificar como anfitriões. A Praça do Comércio surge como o local mais valorizado pelo grupo de visitantes nacionais. Possivelmente, existe um reconhecimento da dinamização dos últimos anos em comércio/restauração e uso de espaço.

Os visitantes **europeus** (Figura 15.11), por outro lado, distinguem-se dos portugueses e dos não europeus por uma atitude globalmente mais crítica. Como exemplo, uma hipótese que se coloca, em relação à Praça do Comércio, é a identificação da Praça do Comércio como um espaço tipicamente turístico europeu, ao considerarem-na por um lado segura, espaço de prestígio, e por outro considerando-a um espaço de mediano índice de tolerância, amigabilidade e felicidade. Há por parte destes, em relação à zona de Alfama, uma percepção dum bairro deprimido em termos socioeconómicos e pouco seguro.

As inferências dos europeus, após sair de Alfama e percorrendo a Rua do Terreiro do Trigo até ao final da Rua da Alfândega, quanto a felicidade e tolerância, têm

um índice negativo, claramente esta zona já não é um local residencial intimista como o anterior. Embora o património edificado esteja degradado e esta zona esteja bastante desqualificada, o índice de segurança aumentou em relação ao troço anterior. O facto de contrastar com o anterior em amplitude, e sendo este percurso um espaço de transição para o território turístico seguro da Praça do Comércio, pode justificar esta avaliação.

Os visitantes **não europeus** (Figura 15.12) têm uma visão média sempre positiva de todos os factores inferidos, destacando-se o reconhecimento da zona de Alfama, zona claramente popular, como de menor *status* social. Os três primeiros troços, com maior ênfase para a Praça do Comércio, são inferidos com um elevado nível de segurança e *status* e com uma boa inferência em termos de tolerância.

Gráficos comparativos de apreciações afectivas e emocionais

Fig. 15.13 Gráfico de apreciações afectivas e emocionais ao longo do percurso – Portugueses

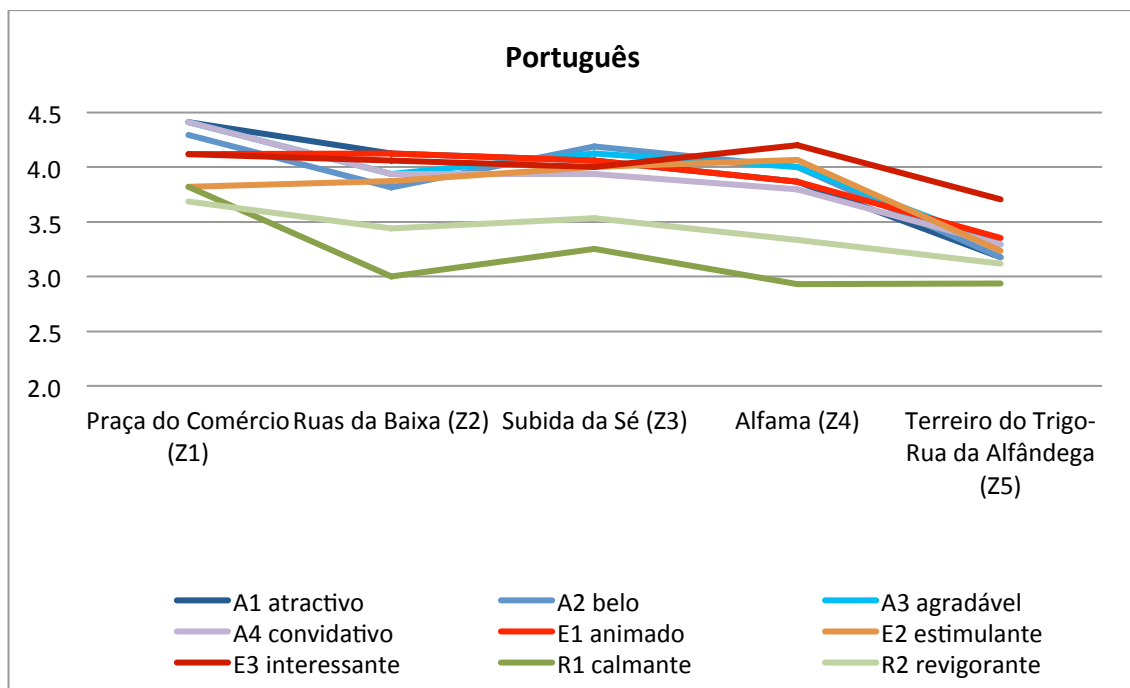


Fig. 15.14 Gráfico de apreciações afectivas e emocionais ao longo do percurso
– Europeus

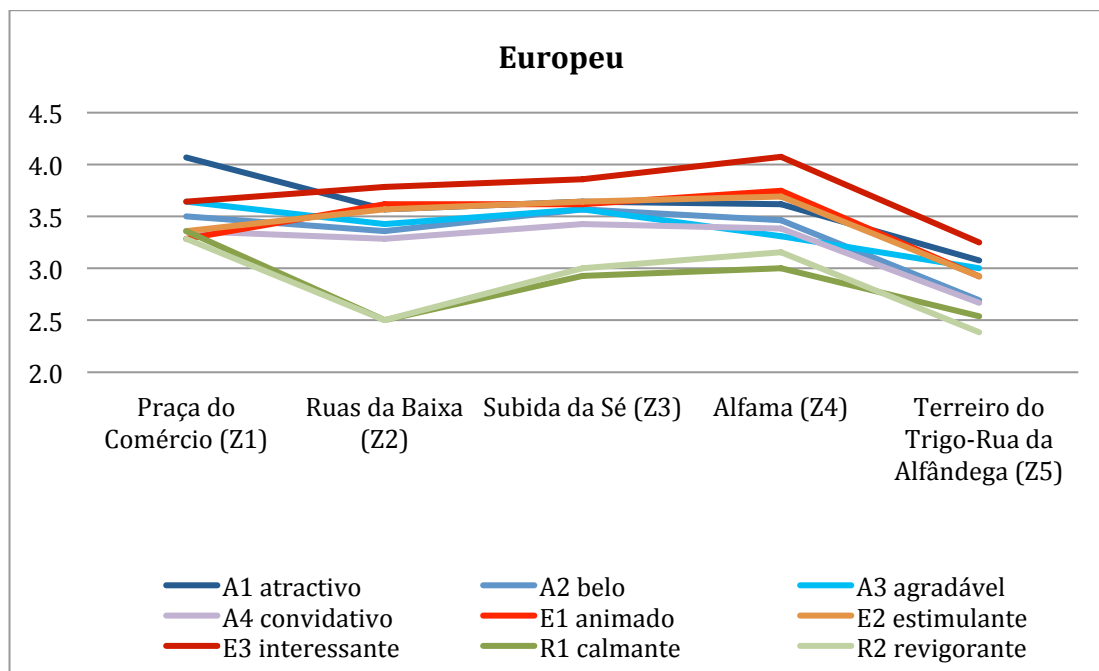
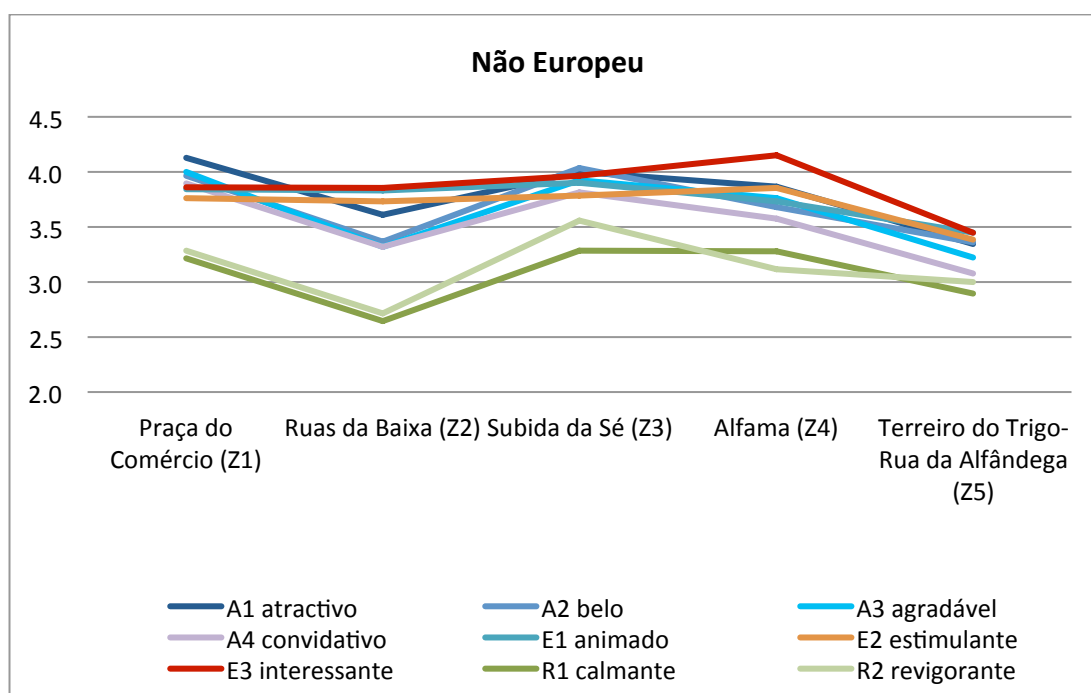


Fig. 15.15 Gráfico de apreciações afectivas e emocionais ao longo do percurso
– Não Europeus



Nos gráficos expostos, está expressa a variação da avaliação ao longo do percurso nas categorias agradabilidade, excitação e relaxamento, para portugueses, europeus, e não europeus.

Os **portugueses** (Figura 15.13), seja por motivo de orgulho e de identidade nacional, seja pelo perfil específico do português visitante, consideram, de um modo global e acima dos restantes, este percurso agradável e excitante. Para os **europeus** (Figura 15.14), a variação da agradabilidade ao longo do percurso faz-se com indicadores semelhantes aos do visitante nacional, mas com um valor muito mais crítico, aproximadamente um valor abaixo.

Os **não europeus** (Figura 15.15) classificam, de um modo geral, alta a agradabilidade, aproximando-se do valor nacional, decrescendo muito na zona da Baixa, claramente associada ao trânsito mais intenso. Os não europeus consideram todo o percurso mais excitante (estimulante, interessante e animado) do que os europeus, aproximando-se as avaliações quando se refere Alfama.

O relaxamento, embora seja o item menos presente, é mais valorizado pelos portugueses ao longo de todo o percurso, tendo valores mais reduzidos para todos na Baixa e na Rua da Alfândega.

15.7.2 Percurso Lisboa Cidade de Espiões

O percurso da visita *Lisboa Cidade de Espiões*, percorrido por 65 visitantes, é analisado ao longo de cinco troços, divididos de acordo com diferenças de morfologia urbana. O questionário foi entregue e preenchido no final da visita. As visitas terminaram na entrada do Hotel Avenida Palace.

a) **Análise descritiva por zonas*****Z1 – Praça do Comércio***

Fig. 15.16 Z1 – Praça do Comércio – Registo fotográfico do percurso Lisboa Cidade de Espiões



As respostas avaliativas no âmbito de elementos naturais da Praça do Comércio revelam o reconhecimento claro da presença do rio Tejo, expresso no descritor da paisagem natural (5-44%) e da ausência de elementos naturais localizados (1-43%).

Esta praça foi considerada pela maioria dos visitantes bem mantida em termos de limpeza (5-21% e 4-42%, em relação aos registos válidos), verificada uma generalizada ausência de *graffiti* e vandalismo (5-30%) e uma boa conservação (4-36% e 5-28%).

Em termos espaciais, foi considerada por grande parte dos inquiridos como característica muito dominante a amplitude espacial (5-62%) e abertura visual, ou vistas (5-54%). A categoria riqueza visual surge como uma categoria muito dominante associada aos descritores ordem e coerência, e legibilidade.

Em relação ao significado histórico, ambos os itens avaliados, o ser genuíno e o ser único ou raro, foram considerados muito dominantes neste local, destacando-se o ser genuíno (5-67%).

Na percepção sonora, é dada relevância aos sons mecânicos e sons humanos como factores bastante dominantes no espaço. Embora não seja dada relevância à percepção olfactiva, há um domínio de respostas médias com uma tendência positiva.

Os visitantes inferem esta praça como uma zona com elevado prestígio/*status* (5-31% e 4-44%), tolerância (5-20% e 4-43%), segurança (5-31% e 4-47%), felicidade (5-23% e 4-50%) e amigabilidade (5-22% e 4-55%).

Por fim, esta zona foi considerada pela maioria dos inquiridos quanto a agradabilidade e excitação muito positiva, dominando a classificação atraente, bela, agradável, convidativa, animada e interessante. No relaxamento é positiva, mas com uma expressão menos relevante.

Esta zona, tal como no percurso *Lisboa Lendas e Mistérios*, volta a ser avaliada de um modo muito positivo pela maioria dos visitantes. Como já referido, a informação turística valoriza esta zona como local de grandiosidade, valor histórico e beleza ímpar, considerado, mais recentemente, pelos novos equipamentos aqui instalados (restaurante, museu), enquanto espaço de estadia e lazer (cap. 14).

Z2 – Zona Baixa

Fig. 15.17 Z2 – Rua do Arsenal, Praça do Município, Rua Nova do Almada, Rua do Ouro – Registo fotográfico do percurso Lisboa Cidade de Espiões



O segundo troço deste percurso, embora se realize todo na baixa pombalina, é composto por elementos com morfologia de espaço muito distinta: uma praça, um largo, uma rua principal e diversas partes de ruas secundárias na confluência de uso de espaço público. Em comum em todo o troço, descritor dominante, é a ausência de elementos naturais. Destaca-se a evidência de boa manutenção como relativamente limpa, medianamente conservada mas com evidências de *graffiti*.

Na categoria abertura espacial, a avaliação foi mediana, destacando uma maior relevância no descritor densidade do edificado. Esta zona foi considerada mediana em todos os itens abordados na riqueza visual, com destaque para uma maior relevância para ordem/coerência e legibilidade. Os atributos incluídos na categoria significado histórico foram considerados bastante dominantes (4-49%).

Como já referido, este troço é bastante heterógeno, registando-se a sua diversidade na densidade e no tipo de uso do espaço. Destaca-se o contraste da intensidade do tráfego automóvel associado a um uso intenso pedonal, característico da Rua do Ouro, e a calma do troço da Praça do Município à Rua da Vitória. É de referir que, durante a recolha de dados, em particular nos dias de semana, o Largo da Boa Hora esteve em obras. Assim, contextualiza-se em termos sonoros a prevalência muito clara de sons mecânicos (5-40% e 4-33%), a existência mediana de sons humanos e a quase inexistência de sons naturais. Em termos olfactivos, bom e mau, ambos tiveram uma pontuação dominantemente mediana.

Quanto ao uso do espaço, por esta zona da Baixa acedida estar bastante associada a serviços, e por a Rua do Ouro ser uma rua de um uso colectivo intenso, não espelha a realidade social da zona. Assim, relativamente às apreciações conotativas e inferências, a avaliação, embora tenha em todos os descritores uma maior incidência de valores médios (3), destaca bastante positivamente a percepção de amigabilidade e segurança, e também, embora menos incisivamente, tolerância e prestígio social.

Por fim, na avaliação afectiva, esta zona é considerada média a positiva em relação aos descritores atraente, bela e agradável, animada, estimulante e interessante. Esta zona é considerada média a pouco relaxante.

De acordo com a informação turística acedida (cap. 14) referente à Baixa, é dada ênfase à sua posição de núcleo comercial, cívico e financeiro associado ao comércio

tradicional e às pastelarias, zona activa e agitada, animada. O valor histórico surge de um modo global associado ao planeamento urbanístico, e, de um modo particular, surge associado ao Elevador de Santa Justa e à Praça do Município, com o seu Pelourinho. A apreciação dos visitantes, de um modo geral, coincide com as características do espaço descrito nos guias.

Z3 - Rossio

Fig. 15.18 Z3 – Rossio – Registo fotográfico do percurso Lisboa Cidade de Espiões



A- 26Julho2013
 B-14Junho2013
 C-14Julho2013
 D-28Junho2013
 E-14Julho2013
 F- 26Julho2013

G-26Julho2013
 H-26Julho2013
 I-28Junho2013
 J-28Junho2013
 K-12Julho2013
 L-12Julho2013

A Praça do Rossio é percebida como tendo uma média a baixa presença de elementos naturais locais. Evidencia sinais de média a boa manutenção, com destaque para a conservação, avaliada mais positivamente.

Este facto é interessante, pois contrasta com a realidade. O Rossio, sobretudo ao longo dos largos passeios contíguos à fachada, destaca-se da restante baixa percorrida até então pela existência de diversos elementos arbóreos. Embora ao nível do rés-do-chão e primeiro andar esta praça seja muito activa, parte dos edifícios do Rossio apresenta sinais claros de abandono e má manutenção.

Sendo uma praça num tecido urbano coeso, é valorizado o seu carácter amplo e com vistas relevantes, ordenado espacialmente e com uma densidade do edificado marcante. É considerada genuína e única pela maioria dos inquiridos.

Nas sonoridades, há uma dominância muito incisiva dos sons mecânicos e uma presença clara de sons humanos. Há alguma expressão das respostas referentes ao bom e mau cheiro, estando ambos presentes.

Os factores tolerância e amigabilidade surgem como os mais dominantes. A inferência quanto ao factor prestígio/bem-estar social e económico e o factor segurança também são considerados relevantes na caracterização social desta zona.

Esta praça é considerada como atraente, agradável e convidativa. Em termos de excitação, é animada, interessante e muito estimulante.

Por fim, comparando com a informação turística acedida, há coincidências sobretudo na valorização da diversidade social e na interpretação desta praça como espaço de encontro.

Z4 – Zona Portas de Santo Antão

Fig. 15.19 Z4 – Largo de São Domingos, Rua das Portas de Santo Antão e Rua dos Condes – registo fotográfico do percurso Lisboa Cidade de Espiões



A- 28Junho2013
B-28Junho2013
C-28Junho2013
D-28Junho2013
E-28Junho2013
F-26Julho2013

G-26Julho2013
H-26Julho2013
I-14Junho2013
J-12Julho2013
K-12Julho2013
L-28Junho2013

Esta zona é percebida como tendo uma baixa presença de elementos naturais. Quanto a manutenção, é média, salientando-se negativamente a conservação do edificado. A densidade do edificado é sublinhada, surgindo associada a uma presença mediana de amplitude espacial. Esta zona revela uma ordem/coerência pouco relevante (3) e alguma complexidade. O significado histórico destaca-se como característica dominante (4).

Em termos sonoros, há uma percepção generalizada dos sons humanos, coexistindo com a presença dos sons mecânicos. O bom e o mau cheiro, ambos presentes, surgem mencionados com alguma expressão.

Esta zona transmite a aparência de baixo *status*, elevada tolerância, média a positiva segurança, felicidade e amigabilidade.

Por fim, esta zona é considerada bela, animada, mas pouco relaxante.

Na comparação com a informação turística (cap. 14), embora de um modo geral pouco referido, é abordado o ambiente multicultural, com destaque da presença da comunidade africana na zona de São Domingos, e referida a Rua das Portas de Santo Antão como uma zona com salas de espectáculo e restaurantes.

Z5 – Praça dos Restauradores

Fig. 15.20 Z5 – Praça dos Restauradores – Registo fotográfico do percurso
Lisboa Cidade de Espiões



No final do percurso surge a Praça dos Restauradores, na qual é dada alguma relevância à visão de zonas verdes, sendo considerada bastante limpa e bem conservada. Em termos espaciais é caracterizada por um edificado denso, associado a área de boa amplitude. São consideradas relevantes as vistas. É apreciado enquanto espaço ordenado e coerente. É dada bastante relevância ao significado histórico.

A sonoridade deste espaço é marcada pelos sons mecânicos, sendo dada alguma relevância aos sons humanos.

Esta praça é percebida como uma zona de prestígio, segura, sendo dada relevância também à tolerância e à amigabilidade.

Esta zona é considerada bastante a muito atraente (5-32%, 4-34%), agradável (5-28%, 4-28%), e convidativa (5-30%, 4-36%), bastante animada, estimulante e interessante. Esta praça não induz a uma apreciação com valores muito marcantes.

Por fim, é de referir que a informação turística acedida debruça-se essencialmente na descrição da estátua e do edificado envolvente, sendo referido também o Elevador da Glória e o Hotel Palace. A referência à estação de comboios e à azáfama de população decorrente do seu uso quotidiano induz a uma leitura de um espaço animado e com diversidade social. Há uma concordância de interpretação do espaço.

b) Análise comparativa de apreciações conotativas e inferências e de apreciações afectivas e emocionais

Considera-se relevante efectuar agora uma análise comparativa de médias ao longo do percurso, agrupando os 65 inquiridos de acordo com a origem: 28 portugueses (43,1%), 6 europeus e 31 (47,7%) não europeus, sendo destes 16 dos EUA.

Pelo número reduzido de visitantes europeus (6) e de respostas válidas por questão, considerou-se fazer uma análise comparando portugueses e não europeus.

É de referir que as visitas em português são ao domingo e as visitas em inglês durante a semana.

Gráficos comparativos de apreciações conotativas e inferências ao longo do percurso

Fig. 15.21 Gráfico de apreciações conotativas e inferências ao longo do percurso – Portugueses

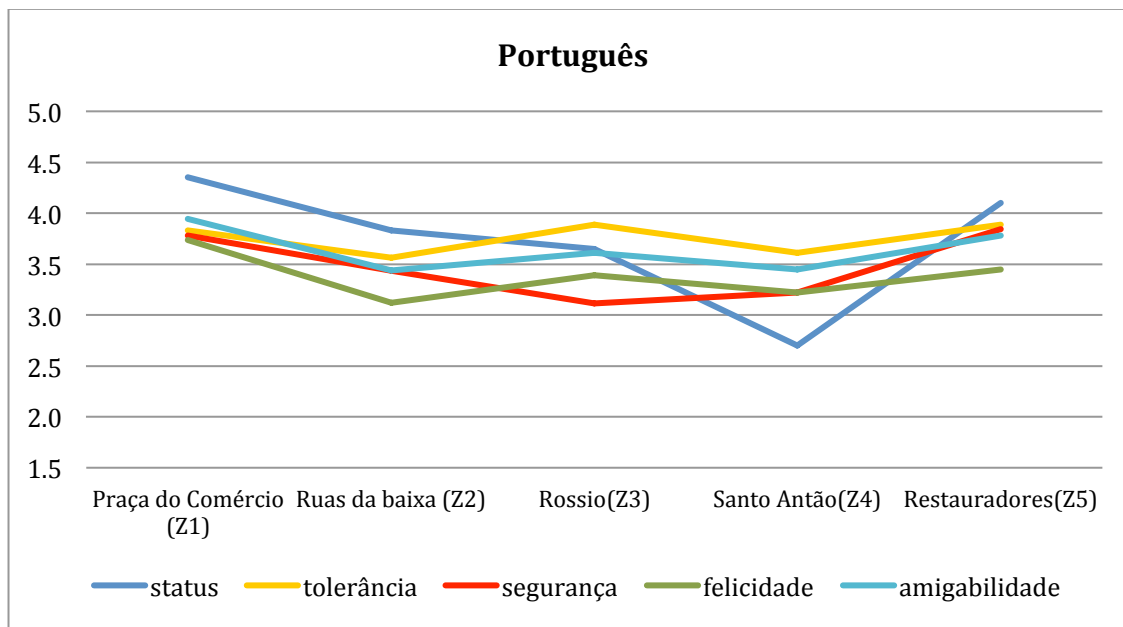
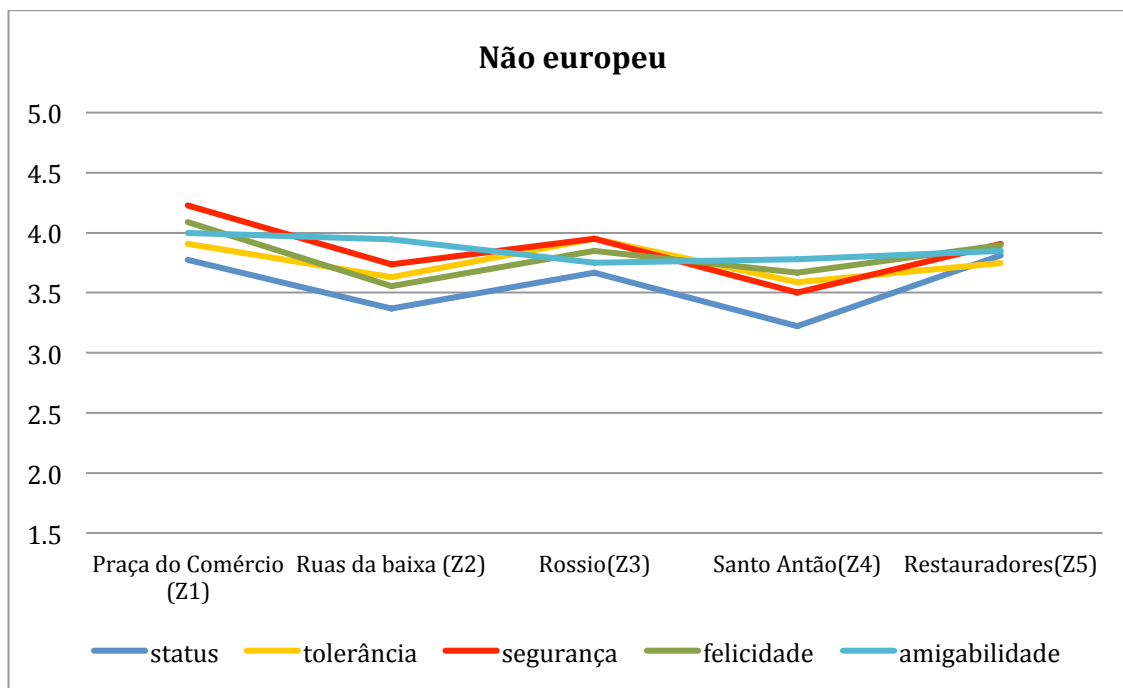


Fig. 15.22 Gráfico de apreciações conotativas e inferências ao longo do percurso – Não Europeus



De acordo com a Fig. 15.21 e a Fig. 15.22, a inferência tanto para os indivíduos nacionais como para os estrangeiros não europeus é positiva, com excepção da percepção de *status* baixo na zona de Santo Antão.

Também para todos há uma valorização das três grandes praças do percurso: Praça do Comércio, Rossio e Restauradores, distinguindo-se apenas a avaliação baixa da segurança na zona do Rossio por parte dos visitantes nacionais.

As médias que mais se distinguiram foram as inferências muito elevadas pelos visitantes não europeus da Praça do Comércio quanto a segurança (valor médio 4,23), felicidade (valor médio 4,09) e amigabilidade (valor médio 4,00), e, para o visitante nacional, a consideração da Praça do Comércio como zona de muito elevado prestígio (*status*) (valor médio 4,35).

Gráficos comparativos de apreciações afectivas e emocionais

Fig. 15.23 Gráfico de apreciações afectivas e emocionais ao longo do percurso – Portugueses

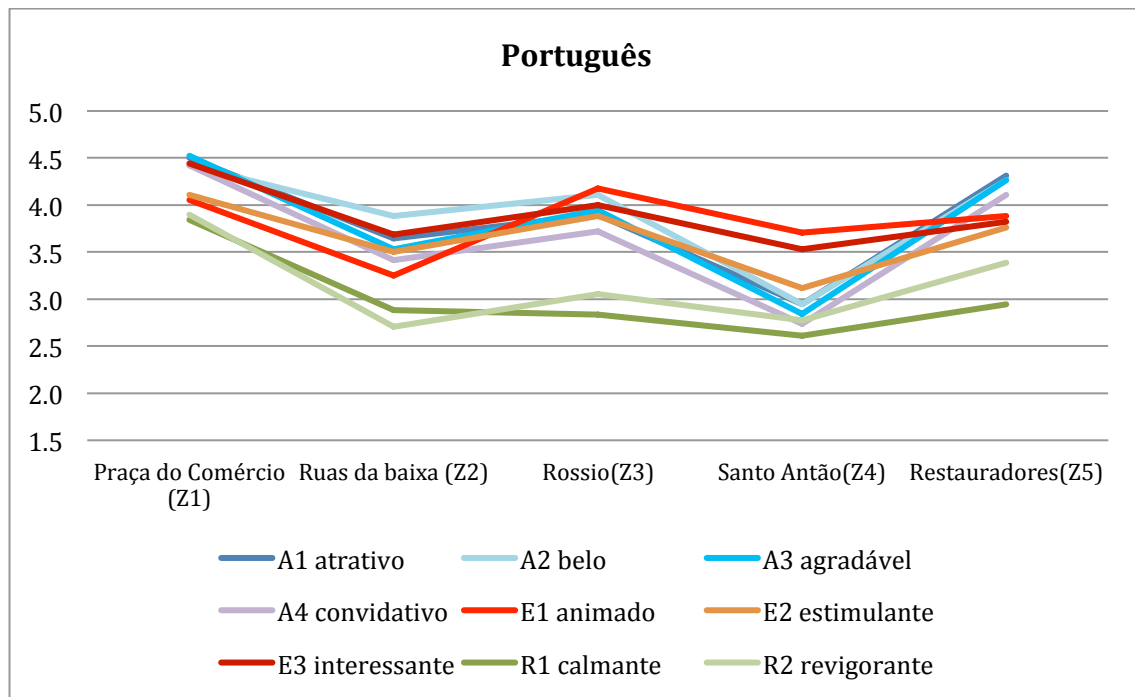
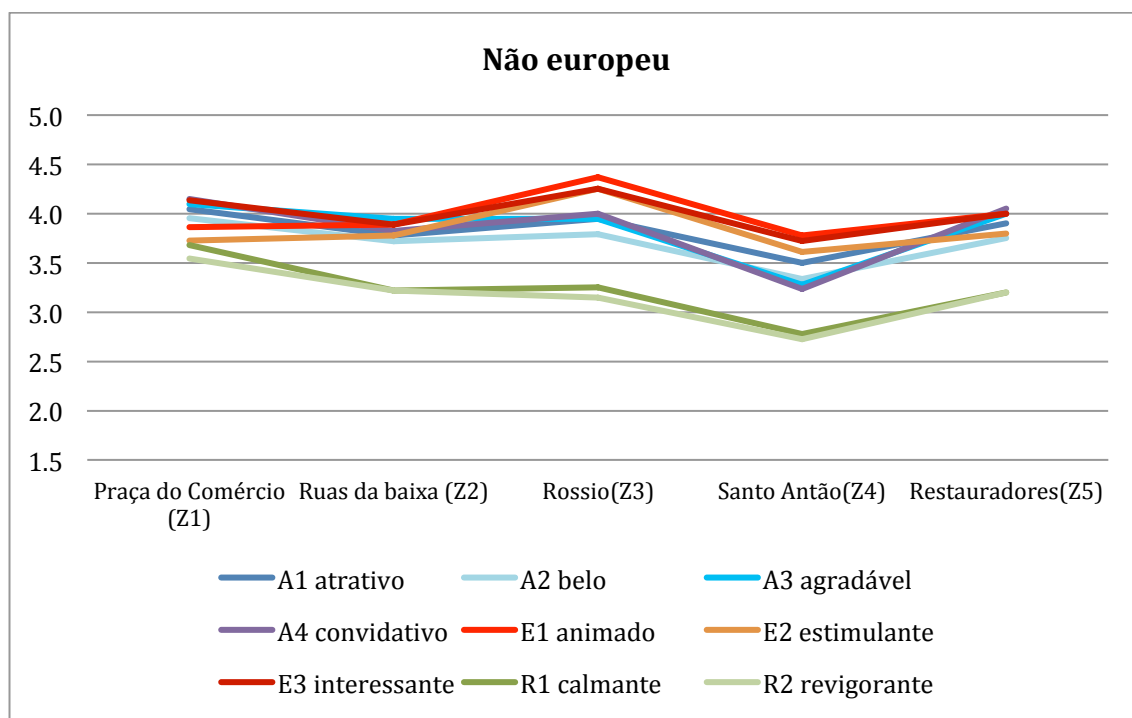


Fig. 15.24 Gráfico de apreciações afectivas e emocionais ao longo do percurso – Não Europeus



De um modo semelhante (Fig. 15.23 e Fig. 15.24), também variaram as apreciações afectivas e emocionais, alcançando de um modo global valores mais altos nas zonas de praça, com destaque para as praças do Comércio e Rossio. O Rossio foi considerado pelos visitantes não europeus como a zona mais convidativa, animada, estimulante e interessante, enquanto os visitantes nacionais destacaram a Praça do Comércio em relação aos mesmos atributos. É relevante, na interpretação destes dados, referir que a Praça do Comércio evoluiu muito nos últimos anos, ganhando importância enquanto espaço de uso lúdico pedonal, afigurando-se significativa a transformação para os residentes, sendo estes mais sensíveis às qualidades actuais da Praça.

16 SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES – PARTE II

Ninguém sabe melhor que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. E contudo entre eles há uma relação.

Italo Calvino, *Cidades Invisíveis* (1990:63)

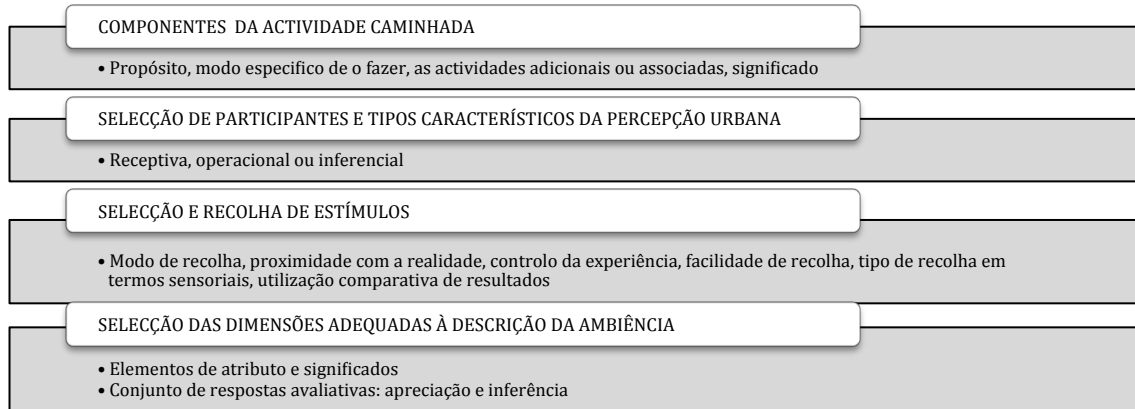
A segunda parte deste trabalho teve como objectivo, para além da análise de um objecto concreto, propor uma abordagem ao estudo de avaliação da ambiência urbana para um percurso caminhado. Ou seja, foi proposta e ensaiada uma metodologia de racionalização da realidade subjectiva que é a ambiência experienciada ao longo de um percurso caminhado, permitindo a sua operacionalização e valorização enquanto realidade partilhada.

Síntese da metodologia

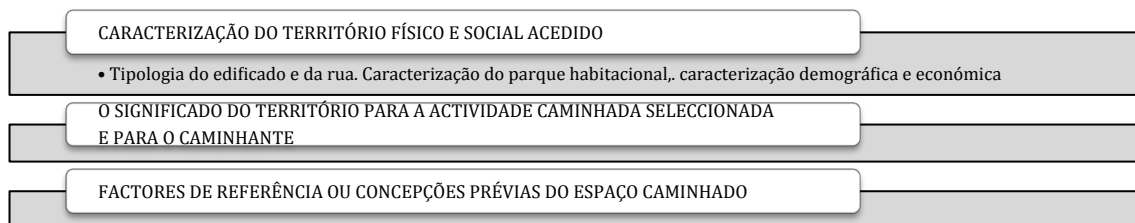
Ancorado nos aspectos teóricos e metodológicos desenvolvidos pela psicologia ambiental, em particular o papel dos processos cognitivos associados a componentes de avaliação e de apreciação, construiu-se um método (Fig. 16.1) com o intuito de, a partir da identificação e comparação da leitura de cada indivíduo do ambiente urbano caminhado, entender a ambiência urbana partilhada.

Fig. 16.1 Síntese da construção de uma metodologia para o estudo da ambiência urbana

FASE 1 SELECÇÃO E DEFINIÇÃO DO OBJECTO EMPÍRICO



FASE 2 SELECÇÃO DAS DIMENSÕES INFLUENCIADORAS DA EXPERIÊNCIA



Síntese das dimensões influenciadoras destas experiências caminhadas

Considerando o objecto empírico, visitas guiadas no centro histórico de Lisboa, iniciou-se esta parte pela interpretação e contextualização da ambiência, a partir de uma breve caracterização do contexto social e material acedido.

A compreensão do território material foi particularmente relevante na dedução de alterações na atitude perceptiva ao longo do percurso. É interessante o modo como o sentido do percurso, em relação às características topográficas, influencia a leitura e interpretação do território. Como exemplo, o percurso *Lendas e Mistérios*, e a subida em esforço a olhar para o chão, do eixo Igreja da Madalena até às Portas do Sol, e a descida relaxante de Alfama.

Comparando ambos os percursos, é interessante perceber a importância da alteração da tipologia de rua na leitura da cidade acedida no percurso *Lendas e Mistérios* e a importância da alternância praça/rua na leitura do percurso *Lisboa Cidade de Espiões*.

Em relação às características sociais das zonas acedidas, com excepção de Alfama, no caso *Lendas e Mistérios*, e do Rossio, no caso *Cidade de Espiões*, de um modo geral, influenciaram pouco profundamente estas experiências perceptivas. Dois aspectos se destacam em comum nestas duas zonas: por um lado, os troços que as antecedem serem confusos, barulhentos, percorridos com alguma velocidade, por outro, o tempo e a calma de observação destas zonas.

É importante referir que o facto de se estar perante um território dominado pelo uso colectivo, e em particular pelo uso turístico, leva a deduzir que, quer por motivos económicos quer por motivos territoriais, parte da população tenda a preferir outros espaços que não os centrais. Outro aspecto relevante é que, tendo em consideração a quantidade de turistas em alguns destes troços, a população local tende a diluir-se e a não ter significado na leitura da ambiência espacial.

No mesmo sentido, posteriormente é analisado o significado e a relação do território e da actividade, neste caso a prática caminhada num território adaptado, bastante acolhedor à prática do turismo. Neste âmbito, destaca-se a oferta do produto

visita guiada e em particular as visitas seleccionadas como objecto de estudo, corroborando a partir do enquadramento da visita guiada enquanto produto turístico e do seu público a particularidade da narrativa e do grupo produtor da mesma.

Por fim, abordaram-se os potenciais factores organizadores da experiência, geradores de imagens prévias no visitante. Foram seleccionados guias e *sites* de fácil acesso. Considerou-se que, embora com muitas similaridades, existe uma atitude distinta, no tipo de informação transmitida, quando comparados o livro-guia e o *website*. O livro-guia, de um modo genérico, no corpo principal, apresenta um carácter prático, focando de um modo sistematizado acessos e descrições das características históricas e arquitectónicas do edificado e arte urbana, elementos de atributos fixos com um significado histórico e cultural, geradores de uma base fixa da ambiência urbana percorrida expectável. Outro aspecto focado é o significado funcional dos edifícios, das praças ou das ruas, informando sobre a sua utilidade, interesse para o visitante (ponto de acesso a transportes, local de compra, entre outros) que nada conhece da cidade, e ratificando por vezes a genuinidade dos mesmos enquanto pontos usados pelos residentes.

A informação dos *websites*, embora com muitos pontos em comum com o livro guia, tende a valorizar de um modo mais evidente as características socioculturais (elementos de atributos não fixos ou semifixos), geradoras da dimensão da ambiência associada ao momento. Transmitem interpretações e partilha de significados individuais e socioculturais, significados conotativos, com uma influência incisiva na expectativa da experiência do visitante. Isto é, influenciadores importantes das inferências e apreciações conotativas e das apreciações afectivas e emocionais.

Também ao abordar os potenciais factores organizadores da experiência, constatou-se que, em relação a cada local, as descrições encontradas revelaram-se muito heterogéneas; bastante ricas em relação a Alfama e Rossio, Rua Augusta e Praça do Comércio, sendo em relação às restantes zonas, de um modo geral, limitadas à descrição da riqueza arquitectónica e artística dos elementos construídos. A zona 5 do percurso *Lendas e Mistérios* – Rua do Terreiro do Trigo à Rua da Alfândega – destaca-se como a zona menos valorizada na informação turística, coincidindo com a zona com uma apreciação global mais baixa.

De um modo geral, há uma concordância entre as apreciações avaliativas positivas e as descrições da informação turística. Tendo em consideração o carácter promocional associado a este tipo de informação, é relevante o modo como o edificado degradado se reverte em charme decadente ou o caos do trânsito em bulício e azáfama.

Síntese da análise dos estudos de caso

Os visitantes da nossa amostra, embora de diferentes origens e de diferentes faixas etárias, têm em comum a preferência por um produto cultural de escolha individual, não dependente de agentes externos para marcação. A opção (interesse em história e cultura) e a capacidade de escolha (acesso ao produto e marcação individual) são o reflexo de uma tipologia de turista clara no caso das amostras do estudo de caso: indivíduos com formação superior (em conversas informais, vários indivíduos revelaram estar a fazer ou já ter feito teses de mestrado ou de doutoramento) e de origem urbana.

A ambiência partilhada expressa nesta análise conjunta de respostas avaliativas é específica de um conjunto de indivíduos que, embora de diferentes nacionalidades, é bastante homogéneo em qualificações e origem urbana. Grupos de indivíduos com características culturais e socioeconómicas similares tendem a partilhar significados e imagens avaliativas do ambiente (Michelson 1976 in Nasar 1998:5).

A especificidade temática da visita *Lisboa Cidade de Espiões* é paradigmática de um produto turístico destinado a um público muito diferenciado. É interessante o domínio de não europeus (31) e portugueses (28) e a quase ausência de europeus. Extrapolase-se que, para os europeus, a temática da época da Segunda Guerra Mundial é algo que já conhecem e que consideram mais relevante fazer este tipo de percurso nas cidades onde a guerra foi activa. Outro aspecto relevante neste percurso, seja pela qualidade paisagística e de edificado (mais homogénea do que no percurso *Lendas e Mistérios*), seja pelo tipo de público e pela quantidade e qualidade da informação, foi o nível das apreciações, que, embora não negativas, foram menos marcantes, ou seja, de 3 e 4.

As zonas de maior prestígio ou/e bem-estar económico são inferidas e associadas à abertura espacial e coerência, e elevado significado histórico, incidindo neste caso nas praças. A Praça do Comércio destaca-se das restantes por uma aparência

limpa e bem mantida e uma presença contígua de paisagem natural, sendo considerado o local, em ambos os percursos, mais valorizado em termos de apreciações afectivas e emocionais, categoria agradabilidade e excitação. No sentido contrário, como zonas de menor prestígio e de características espaciais opostas, surgem as zonas de Alfama, Rua da Alfândega e Santo Antão.

Os aspectos negativos ligados a limpeza, mau cheiro ou ruído, ao estarem associados às gentes, às actividades, aos transportes que passam, isto é, aos denominados elementos de atributos não fixos, embora afectem a experiência do visitante, são normalmente pontuais e inerentes a uma experiência lúdica real. Ou seja, em geral são pouco valorizados mesmo quando registados, afectando apenas a apreciação global por zona quando muito constantes, como exemplo o trânsito nas ruas da Baixa ou o cheiro de Alfama no mês de Junho.

Os locais onde foi mencionada mais positivamente a inferência quanto à felicidade foram a Praça do Comércio e o Rossio, para os visitantes do percurso *Lisboa Cidade de Espiões*, e Alfama, para o percurso *Lisboa Lendas e Mistérios*.

Outro aspecto a referir é que a avaliação da segurança no âmbito de uma visita guiada, num centro histórico, num horário diurno, é previsível, como se constatou, que seja francamente positiva. A inferência quanto à segurança e amigabilidade aumentam e diminuem paralelamente com a percepção de *status*.

Por fim, destaca-se a avaliação da Praça do Comércio. Com características ímpares de dimensão e beleza na sua relação com o rio, esta praça é paradigmática no modo com se encaixa nos requisitos dos novos significados e práticas associadas às actividades lúdicas. Aspecto reflectido na clareza da sua interpretação para o visitante e na concordância entre a informação turística acedida e a ambiência percebida.

Em relação ao visitante residente, a dinâmica da transformação da produção social desta praça ganha sobretudo relevância na sequência do anterior, no valor do espaço enquanto sala de visita, espaço renovado de representação da cidade orgulhosamente limpa e preservada, dinamizada por práticas espaciais acessíveis (ainda que por vezes só visualmente) ao residente.

No percurso *Lendas e Mistérios*, fazendo uma análise comparativa entre portugueses, europeus e não europeus, detectou-se, de um modo geral, uma atitude mais crítica do indivíduo europeu.

No percurso *Cidade de Espiões*, comparou-se o português e o não europeu. Destaca-se que, para o público não europeu, a tolerância, a segurança e o *status*, comparando ruas e praças, são associados positivamente às praças.

Embora haja algumas diferenças entre o visitante nacional e o visitante estrangeiro, particularmente nas inferências, um aspecto interessante nestes resultados é o facto de, geralmente, o visitante nacional ‘vestir a pele de turista’, avaliando o espaço de acordo com a actividade que está a praticar.

É interessante verificar o facto de os portugueses terem, por conhecimento ou divulgação nos meios sociais, uma imagem de Alfama pobre e pouco segura. É relevante o modo como inferem positivamente a amigabilidade e a simpatia, auto-avaliando-se positivamente enquanto povo. É de destaque o modo como os europeus têm uma postura mais crítica em relação à cidade do que os portugueses e do que os não europeus.

A partir da análise dos dados recolhidos em ambas as visitas guiadas, considerou-se que o visitante que frequenta este tipo de visita, que usa a cidade como espaço lúdico e cultural:

- tem uma avaliação, embora consciente e crítica, dominada pela sua participação no uso lúdico colectivo do espaço público urbano, valorizando e partilhando diversas inferências e avaliações inerentes a essa postura;

- tem uma avaliação influenciada pela sua origem.

Considera-se que os dados recolhidos permitiram perceber um padrão de respostas em alguns factores determinantes da ambiência, ou seja, facultaram uma descrição de uma forma simplificada da ambiência urbana, partilhada durante uma mesma experiência.

Por fim, considera-se interessante relembrar que a experiência do espaço gera novas narrativas, novas representações do espaço acedido. A partilha do mesmo *schema* por diferentes indivíduos é geradora de um processo de ratificação, consolidando-se enquanto representação social do espaço ou *schemata* (ver cap. 6.2), enquanto forma de construção de uma realidade partilhada, que, ao ser difundida, reinicia um processo circular de factor de referência inicial (Lee 2003:50).

Análise crítica à metodologia

Antes de mais, é importante destacar que este tipo de estudo e a metodologia proposta não permitem uma interpretação generalizável, permitem apenas a leitura da ambiência no contexto de uma experiência específica.

Como exemplo da particularidade de cada tipo de experiência, ao longo de cada percurso, as respostas surgem claramente de um modo comparativo com o todo caminhado. Ou seja, são avaliações de uma determinada zona mas tendo presente o contexto de análise de toda a visita. Assim, a opção de recolha de dados no final de cada troço daria provavelmente resultados diferentes, ou o mesmo percurso feito no sentido contrário seria percebido de outra forma.

Considera-se importante referir que algumas das perguntas do questionário revelaram-se pouco claras, ou pouco aplicáveis ao trabalho em estudo.

O factor territorialidade, numa zona extremamente vocacionada e explorada pelo uso turístico, numa visita por rotas com um uso colectivo dominante, é pouco percebido, e frequente gerador de dúvida.

A complexidade e riqueza visual – categoria subdividida em ordem e coerência, legibilidade, misterioso e complexo –, prende-se com uma visão de conjunto que nem sempre se tem presente num uso caminhado guiado.

Os sons e o cheiro, embora quando intensos e/ou não expectáveis sejam factores extremamente relevantes em termos de preferências, inferências e apreciações, neste caso, ao longo das diversas visitas, ambos os factores tiveram pouco destaque, não se registando eventos sonoros ou olfactivos marcantes, com excepção apenas de Alfama no mês de Junho, mês de festas populares (destaque para o mau cheiro das ruas). Tendo em consideração que estas caminhadas eram acompanhadas por um guia que explicava factos ou lendas da cidade, a atenção sonora foi, grande parte do tempo, direccionada para ouvir o guia, esforçando-se o visitante para se abstrair do restante ambiente sonoro. Em termos olfactivos, o facto de se estar grande parte do tempo em movimento, e de o cheiro ser uma característica normalmente muito localizada, talvez justifique a falta de relevância deste sentido.

De qualquer modo, pode-se considerar que os dados referentes à percepção auditiva associaram-se ao movimento urbano, ou seja, distinguindo zonas com trânsito frequente e zonas com uma maior incidência de uso pedonal. Associado a zonas com

uma percepção de sons humanos, surgem respostas mais expressivas relativas a cheiros, referindo-se a zonas com uma maior frequência de actividades e interacção social.

Por fim, a escolha de dois percursos do centro histórico, que atravessam zonas da cidade com grande frequência turística, afecta as apreciações conotativas e inferências no sentido de diluir e homogeneizar a aparência socioeconómica da cidade percorrida e afectando a percepção de sinais importantes a respostas mais incisivas em relação a este item. A tolerância percebida, ou seja, percepção de diversidade social, cultural, económica e racial, surge predominantemente em pontos turísticos de referência onde a presença de vendedores e pedintes de diversas origens é notória.

17 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminhar na cidade, embora onnipresente e intemporal, é aparentemente algo diluído, sem forma, intersticial, existente entre a chegada e a partida, existente entre espaços sociais, existente de um modo muito individual. É algo que, embora faça parte do cerne do que é a cidade, é de difícil balizamento, tanto em termos físicos, como em termos sociais. Do mesmo modo, o desenvolvimento deste estudo fez-se entre disciplinas, focando-se nas intersecções de cada tema com o uso caminhado. Considerou-se, contudo, como factor agregador da abordagem, a interpretação da prática caminhada a partir de Henri Lefebvre e da teoria da produção social do espaço. A partir da reinterpretação dos conceitos propostos por este autor, abordou-se a prática caminhada à escala da cidade em termos teóricos e à escala do percurso concreto no estudo empírico proposto.

Este estudo teve como génese a tentativa de compreensão dos processos que geram e são gerados pelo uso caminhado. Processos sociais e individuais, que contribuem para a formação de uma dimensão urbana – plexo sócio-espacial – enquanto produto social do uso caminhado.

Assentando na assunção da prática caminhada enquanto factor activo e contínuo de produção sócio-espacial da cidade, foram desenvolvidas duas linhas sobrepostas, dois momentos de análise: a construção teórica do objecto de estudo e a construção e aplicação de uma metodologia de leitura do percurso a partir do caminhante e da sua percepção do objecto caminhado.

A construção da primeira parte deste estudo assenta em diferentes olhares, diferentes disciplinas, como peças de um mesmo *puzzle*, essenciais à construção teórica da prática caminhada na cidade contemporânea.

Inicia-se por uma reflexão sobre a cidade sócio-espacial produzida pelo caminhar, síntese da cidade social e individual consubstanciada pela prática. Pela abordagem à evolução caminhada no último século, apresentou-se o valor intrínseco desta prática na produção social da cidade e a evolução do seu significado.

Com a análise do(s) caminhar(es), enquanto acto complexo de relação com o meio físico e social, reafirma-se o caminhar enquanto prática relacional e situacional, ou seja, que parte da relação, funcional e afectiva, do caminhante com a cidade acedida. Através da exploração da dimensão material da actividade, reconheceu-se a relação da construção do percurso com a apreensão multissensorial do mesmo.

Nesta sequência, investigou-se o sentir a cidade através do uso caminhado, destacando-se o conceito de ambiência urbana enquanto realidade dinâmica percebida no âmbito de uma experiência. Por fim, recorrendo a conceitos no âmbito da psicologia ambiental, sistematizou-se a informação considerada essencial à racionalização da experiência caminhada e à construção de uma descrição da percepção da cidade acedida.

Foram assim analisadas as principais dimensões determinantes e determinadas pela prática caminhada, tanto ao nível da produção social da cidade como ao nível da experiência caminhada do indivíduo. Crendo, deste modo, ter contribuído para a construção teórica ou unificação da temática da cidade caminhada, tanto à escala da cidade e do uso como à escala do indivíduo e do acto.

O caminhar promove o olhar da cidade através de uma linha, um percurso que surge moldado pelos objectivos e características de cada indivíduo, pela topografia e geografias sociais do território. O caminhar de cada um forma linhas individuais que se sobrepõem ao longo do tempo, compondo tramas que unem a cidade e os seus espaços, cosendo territórios, permitindo romper fronteiras sócio-espaciais, que com o uso se diluem. É de destacar, neste sentido, o caminhar por lazer, as variações na experiência, percepção e cognição do espaço, por quem o visita, num movimento linear exploratório que emerge como um campo a desenvolver. O uso colectivo opcional, neste caso o uso caminhado, associado ou não ao turismo, gera vida urbana, gera cidade pública, gera dinâmicas sócio-espaciais que, associadas, ou não, ao uso quotidiano, podem constituir oportunidades de ligação física e social do território.

A rua, enquanto espaço público linear, frequentemente tem, e pode ter, no âmbito da intervenção urbana, uma capacidade única de união, pela dinamização do encontro com o outro num espaço pouco territorializado. O reconhecimento e intervenção ao nível dos diversos factores (formais, sociais, sensitivos e contextuais ou

sistémicos) que influenciam e dinamizam o uso caminhado é essencial à operacionalização do mesmo.

De acordo com o primeiro objectivo, concluiu-se, através da clarificação e agregação de conceitos de diferentes origens disciplinares, ter-se contribuído para a valorização do caminhar enquanto prática, não só gerada pelas características da cidade mas também produtora de cidade.

Posteriormente, foi explorado o caminhar, não enquanto acto de acesso e percepção do meio, mas enquanto ambiência urbana experienciada. Considera-se ter respondido ao segundo objectivo desta dissertação, ou seja, contribuir para o entendimento do acto caminhado enquanto experiência holística reflexiva de acesso e construção da ambiência urbana.

A segunda parte deste estudo consistiu na exploração e operacionalização do conceito da ambiência urbana enquanto experiência individual e colectiva. Ou seja, partindo do facto de a experiência da ambiência ser algo individual e subjectivo, cuja descrição precisa, racionalização e partilha é difícil, considerou-se procurar uma metodologia qualitativa e quantitativa que permitisse analisar e comparar diferentes experiências caminhadas.

Tendo em consideração, como abordado na parte teórica deste estudo, a atitude perceptiva do caminhante visitante e o valor da prática lúdica ou/e turística na sociedade contemporânea, seleccionou-se como estudo de caso o estudo perceptivo da prática caminhada de visitantes. Como objecto empírico, analisou-se a ambiência percebida num contexto muito particular que respondesse ao nosso objectivo: dois percursos no centro histórico de Lisboa alvo de visitas guiadas temáticas.

A partir da construção de uma metodologia, baseada na abordagem teórica à experiência caminhada perceptiva e à apreciação do meio, pretendeu-se explorar a ambiência percebida e descrita numa actividade caminhada concreta, neste caso as experiências de visitantes no âmbito de duas visitas guiadas.

A apreciação da ambiência percebida existe no âmbito de uma prática do visitante, residente ou turista, e deste território – centro histórico.

Em Lisboa, como na maioria das cidades europeias, a realidade do centro histórico tornou-se inseparável da prática turística, transformando-se e adaptando-se aos novos utilizadores. Assim, considerou-se esta prática caminhada no contexto do

significado do território acedido enquanto centro histórico de uma capital europeia. Abordou-se igualmente a prática no contexto do significado do turismo e do produto turístico visita guiada caminhada no centro histórico de Lisboa.

Reflectindo sobre os constructos mentais que afectam a percepção e a avaliação, abordaram-se factores de referência disponíveis para o turista; ou seja, recolheram-se descrições gerais e parciais (referentes às zonas acedidas no estudo empírico) na informação turística de fácil acesso. Na caracterização da cidade, há uma acentuação do valor histórico associado às características geográficas e paisagísticas. Há, de um modo geral, uma omissão do termo segurança (sendo antes mencionado amigabilidade ou simpatia), limpeza ou trânsito (substituído por azáfama ou bulício). A falta de conservação do edificado é reinterpretada como o charme da “cidade decadente”.

É relevante, nos questionários, que o adjectivo mais repetido seja histórica, seguido de amigável (inclui segurança e hospitalidade), as quais são duas características em que assenta a promoção turística de Lisboa. Seja por uma influência das descrições, seja pela consensual interpretação da cidade visitada, verifica-se uma grande concordância entre a informação turística acedida e as apreciações recolhidas.

Foi relevante a riqueza das descrições de Alfama, Rossio, Rua Augusta e Praça do Comércio, concordantes com as avaliações, e a quase ausência de informação sobre a zona Rua do Trigo - Rua da Alfândega, zona esta que obteve a apreciação global mais baixa nos questionários.

Com o intuito de operacionalizar o conceito de ambiência, o método proposto, embora se radique no estudo da imagem avaliativa (Nasar 1998), incluiu outras modalidades sensoriais para além da qualidade visual e aprofundou a experiência e avaliação das realidades socioculturais inferidas. A avaliação dos atributos ambientais percebidos e a apreciação afectiva associada são muito relevantes no entendimento de um uso activo através do ambiente (Nasar 2008:362).

A metodologia proposta, aplicada às duas visitas guiadas objecto de estudo, permitiu uma medição da percepção ambiental com um modo de selecção e recolha de estímulos ambientais muito controlado. Após uma selecção de atributos ambientais e de sistema de medição da resposta, foi possível medir e comparar respostas.

Pretendeu-se, para além de fazer uma análise perceptiva da experiência caminhada dos percursos, testar um modo de agregar avaliações individuais sobre o espaço percorrido.

A análise de cada zona, de acordo com as apreciações recolhidas e comparando com as descrições da informação turística acedida, foi muito relevante quanto à apreciação e ao reflexo do significado da prática na apreciação do espaço percorrido. Cada percurso, quando analisado sequencialmente, comparativamente, é esclarecedor no modo como as diversas avaliações se reorganizaram na definição do carácter da ambiência percebida ao longo do percurso e como se distinguem de acordo com a origem do visitante.

Considera-se ter respondido, de um modo simplificado, ao registo da experiência perceptiva na cidade, através da racionalização e operacionalização do conceito de ambiência urbana caminhada. Sendo este o terceiro objectivo desta dissertação, crê-se ter contribuído, através da operacionalização do conceito, para a valorização da ambiência urbana, não só enquanto realidade subjectiva individual, mas sobretudo enquanto realidade concreta e colectiva.

Esta temática de racionalização e valorização do percurso pedonal enquanto forma de acesso à complexidade da cidade carece de um estudo mais aprofundado e mais abrangente de tipologias do andar e de territórios caminhados.

A riqueza do percurso pedonal urbano, quanto a escolhas e significados associados, reforça a dificuldade, mas também o potencial do seu estudo. O entendimento destes mesmos percursos, destas zonas, pela população residente seria um trabalho relevante na exploração de uma nova dimensão de análise. O estudo de percursos caminhados, em contextos de uso quotidiano, seria interessante no entendimento de como a cidade acedida é experienciada e vivida. Por fim, uma outra perspectiva de análise para o futuro seria a avaliação de uma intervenção urbana, com um antes e um depois.

É de salientar que o enfoque multidisciplinar deste estudo foi essencial a uma intersecção, ou mesmo a uma fusão, de variáveis físicas, sociais, individuais, possibilitando o entendimento transversal da realidade da experiência caminhada na cidade. Só assim foi possível a objectivação do caminhar e dos seus significados, permitindo, a partir de uma racionalização de conceitos e metodologias, a diferentes

níveis da prática, alicerçar em termos teóricos e práticos esta temática fundamental à cidade.

Acredita-se ter contribuído com uma nova perspectiva no entendimento da cidade e com uma nova potencial frente de intervenção na mesma, abordando o caminhar como mais do que uma prática de locomoção saudável e sustentável, mas como uma prática produtora de espaço social.

O reconhecimento e dinamização da coexistência de práticas sociais, de significados e relações espaciais dos diferentes utilizadores do meio urbano, é essencial à manutenção da diversidade social e cultural da cidade.

A compreensão do valor da prática caminhada na cidade contemporânea, e o modo como esta prática influi na produção social de espaço, é uma nova perspectiva que se considera com um grande potencial como ferramenta de análise sócio-espacial urbana.

Considera-se que o uso caminhado pode e deve ser encarado como uma ferramenta não só de diagnóstico mas também de intervenção na cidade contemporânea, em particular explorando o seu potencial de despoletar dinâmicas de agregação espacial e social na cidade.

BIBLIOGRAFIA

- Agier, Michel. 2011. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimento*. São Paulo: Edição Terceiro Nome.
- Alexander, Christopher. 1965. *The City Is Not a Tree*. (<http://www.rudi.net/books/200>).
- Alexander, Christopher *et al.* 2005. *Pedestrian London: Enhancing the Beauty and Livability of London: Draft of a Preliminary Plan*. Centre for Environmental Structure Europe and Martin Centre, Cambridge University. December 2, 2005. (www.livingneighborhoods.org/library/pedestrian-london-short-v7.pdf).
- Allen, John. 2007. "The Cultural Spaces of Siegfried Kracauer: The Many Surfaces of Berlin." *New Formations* (61):20-33. (<http://oro.open.ac.uk/id/eprint/15152>).
- Altman, Irwin. 1973. "Some Perspectives on the Study of Man-Environment Phenomena." *Representative Research in Social Psychology* (4):98-113.
- Amato, Joseph. 2004. *On Foot: A History of Walking*. New York: University Press.
- Appleyard, Donald. 1973. "Notes on Urban Perception and Knowledge." Cap. 6 in *Image and Environment: Cognitive Mapping and Spatial Behavior*, edited by Roger M. Downs and David Stea. Chicago: Aldine Publishing Company.
- Arantes, Antonio A. 2009. "Património Cultural e Cidade." Pp. 11-24 in *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, org. Carlos Fortuna e Rogério Proença Leite. Coimbra: Almedina.
- Argyle, Michael. 1992. "Leisure." Cap. 5 in *The Social Psychology of Everyday Life*. London: Routledge.
- Arthur, Paul e Romedi Passini. 1992. *Wayfinding People, Signs and Architecture*. Ontario: McGraw-Hill Ryerson.
- Ascher, François. [2004] 2010. *Novos Princípios do Urbanismo; seguido de Novos Compromissos Urbanos: Um Léxico*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Associação de Turismo de Lisboa. S.d. *Inquérito de Satisfação de Imagem - Região de Lisboa 2013*. Lisboa: Observatório do Turismo. Disponível em Setembro 2015 (<http://www.visitlisboa.com>).
- Associação de Turismo de Lisboa. S.d. *Inquérito às Actividades dos Turistas e Informação – Região de Lisboa 2013*. Lisboa: Observatório do Turismo. Disponível em Setembro 2015 (<http://www.visitlisboa.com>).
- Augé, Marc. [1992] 2005. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.

- Baptista, Luís V. 2005. "Territórios Lúdicos (e o que Torna Lúdico um Território): Ensaando um Ponto de Partida." *Forum Sociológico* (13/14):47-58.
- Baroni, Maria Rosa. 2003. "Cognitive Processes Theories and the Environmental Issue" Pp. 63-94 in *Psychological Theories for Environmental Issues*, edited by Mirilia Bonnes, Terence Lee, and Marino Bonaiuto. Aldershot: Ashgate.
- Bauman, Zygmunt. 2006. *Confiança e Medo na Cidade*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Bell, Paul *et al.* 2001. *Environmental Psychology*. Fifth edition. Fort Worth: Harcourt College Publishers.
- Benjamin, Walter. 1979. "One Way Street." In *One Way Street and Other Writings*. London: NLB.
- Bernardo, Fátima, Joana Almeida e Catarina Faria. 2015 (in press). *Urban Identit(ies), Different People, Different Looks, one Single Place: Tourism Impact in the Urban Identity in a Historic City Centre. Urban Design and Planning*.
- Bonnes, Mirilia e Gianfranco Secchiaroli. 1995. *Enviromental Psychology: A Psycho-Social Introduction*. London: Sage Publications.
- Bourdin, Alain. 2005. "Turismo Patrimonial, Cidade e Civilização dos Indivíduos." *Forum Sociológico* (13/14).
- Burguess, Ernest. [1925] 1967. "The Growth of the City: An Introduction to a Research Project." Pp. 47-62 in *The City*. Chicago: University of Chicago Press.
- Calvino, Italo. 1990. *As Cidades Invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Carabelli, Giulia. 2014. "Gdje si? Walking as Reflexive Practice." Pp. 191-205 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Carmona, Matthew *et al.* [2003] 2005. *Public Places, Urban Spaces: The Dimensions of Urban Design*. Oxford: Architectural Press.
- Carreri, Francesco. 2002. *Walkscape: El Andar como Prática Estética*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Carvalho, Beatriz. 2007. *Caminhar na Cidade: Experiência e Representação nos Caminhos de Richard Long e Francis Alys: Depoimentos de uma Pesquisa Poética*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitectura e Urbanismo. Dissertação de Mestrado na área de Design e Arquitectura.
- Castells, Manuel. [2002] 2011. "Space of Flows, Space of Places: Materials for a Theory of Urbanism in the Information Age." in *The City Reader*. Fifth edition. London: Routledge.
- Castells, Manuel. 2011. *A Sociedade em Rede*. 4.^a edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Certeau, Michel de. [1980] 1998. *A Invenção do Quotidiano*. 3.^a edição. Petrópolis: Editora Vozes.
- Certeau, Michel de. 1985. "Practices of Space." Pp. 122-145 in *On Signs*, edited by Marshall Blonsky. Baltimore: John Hopkins.

- CESSS. 2015. *Diagnóstico Social Santa Maria Maior*. Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia. Junta de Freguesia de Santa Maria Maior.
- Chelkoff, Grégoire e Jean-Paul Thibaud. 1992-1993. “L’Espace Public, Modes Sensibles: Le Regard sur la Ville.” *Les Annales de la Recherche Urbaine* (57-58):7-16.
- Coelho, Carlos *et al.* 2008. *A Praça em Portugal*. Vol. II, coordenação de Carlos Dias Coelho. Lisboa: Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- Cordeiro, Graça I. 2001. “À la Recherche des Saveurs du Temps: Nouvelles d’une Lisbonne Sensible.” *Recherches en Anthropologie au Portugal* (7):55-69.
- Cordeiro, Graça I. e Frederic Vidal. 2008. “Introdução.” Pp. 9-16 in *A Rua: Espaço, Tempo, Sociabilidade*, org. G. Cordeiro e F. Vidal. Lisboa: Livros Horizonte.
- Corte-Real, Madalena. 2015. “A Countercyclical City? Revitalization in an Inner-City Neighborhood of Lisbon.” Pp. 147-164 in *Aftermath: Political and Urban Consequences of the Euro Crisis*, org. L. Baptista, J. Preunkert, e G. Vobruba. Edições Colibri.
- Costa, Antonio F. [1999] 2008. *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais de Identidade Cultural*. Oeiras: Celta.
- Cresswell, Tim. 2006. *On the Move: Mobility in the Modern Western World*. New York: Routledge.
- Cuff, Dana. 1984. “The Writings of Donald Appleyard.” *Places Journal* (1):75-81.
- Cullen, Gordon. [1971] 1983. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- Duarte, Ana C. P. B. 1998. *A Natureza no Contexto Urbano: Estudo da Percepção, Significado, Comportamentos e Modelos de Utilização no Parque Urbano dos Moinhos de Sant’Ana*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Ellis, William C. [1986] 1991. “The Spatial Structure of Streets.” Pp. 114-129 in *On Streets*. Cambridge: MIT Press.
- Ewing, Reid e Susan Handy. 2009. “Measuring the Unmeasurable: Urban Design Qualities Related to Walkability.” *Journal of Urban Design* (14:1):65-84. DOI:10.1080/13574800802451155.
- Fainstein, Susan e David Gladstone. 1999. *Evaluating Urban Tourism: Places to Play: The Remaking of Cities for Tourists*, edited by Dennis R. Judd and Susan S. Fainstein. New Haven: Yale University Press.
- Ferreira, Vítor Matias. 2004. *Fascínio da Cidade: Memória e Projecto da Urbanidade*. Lisboa: Centro de Estudos Territoriais (ISCTE); Ler Devagar.
- Fischer, Gustave-Nicolas. 1994. *Psicologia Social do Ambiente: Perspectivas Ecológicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fortuna, Carlos. 1998. “Imagens da Cidade.” *Revista Crítica de Ciências Sociais* (51):21-41.
- Fortuna, Carlos. 2002. “Culturas Urbanas e Espaços Públicos: Sobre as Cidades e a Emergência de um Novo Paradigma Sociológico.” *Revista Crítica de Ciências Sociais* (63):123-148.

- Fortuna, Carlos. 2009. "Cidade e Urbanidade." Pp. 83-98 in *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, org. Carlos Fortuna e Rogério Proença Leite. Coimbra: Almedina.
- Francis, Marc. 1987. "The Making of Democratic Streets." Pp. 23-40 in *Public Streets for Public Use*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Frehse, Fraya. 2009. "Usos da Rua." Pp. 151-170 in *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, org. Carlos Fortuna e Rogério Proença Leite. Coimbra: Almedina.
- Frias, Aníbal. 2001. "Une Introduction à la Ville Sensible." *Recherches en Anthropologie au Portugal* (7):11-36.
- Gans, Herbert J. 1968. *People and Plans: Essays on Urban Problems and Solutions*. Abridged edition. New York: Basic Books.
- Garling, Tommy *et al.* 1995. *Readings in Environmental Psychology: Urban Cognition*. London: Academic Press.
- Gatta, Frederica e Maria Anita Palumbo. 2014. "Walking Through Urban Transformation: Fieldwork in the Northeast of Paris." Pp. 245-262 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Gehl, Jan. [1971] 2006. *La Humanización del Espacio Urbano: La Vida Social entre los Edificios*. Barcelona: Editorial Reverté.
- Gehl, Jan. 1987. "Three Types of Outdoor Activities: Life Between Buildings and Outdoor Activities and the Quality of Outdoor Space." Pp. 530-539 in *The City Reader*. Fifth edition. London: Routledge.
- Gehl, Jan. 2010. *Cities for People*. Washington: Island Press.
- Giddens, Anthony. 2010. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gifford, Robert. 2007. *Environmental Psychology: Principles and Practice*. 4th edition. Optimal Books.
- Goffman, Erving. 1966. *Human Behaviour in Public Spaces: Notes on the Social Organization of Gathering*. New York: The Free Press.
- GriAUDI, Maurizio. 2008. "Vestígios de uma Modernidade Apagada: A Paris Popular da Primeira Metade do Século XX." Pp. 27-45 in *A Rua: Espaço, Tempo, Sociabilidade*, org. G. Cordeiro e F. Vidal. Lisboa: Livros Horizonte.
- Gutman, Robert. [1986] 1991. "The Street Generation." Pp. 251-264 in *On Streets*. Cambridge: MIT Press.
- Hall, Edward T. [1966] 1986. *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Harvey, David. [1990] 1995. *The Condition of Postmodernity*. Oxford: Blackwell.
- Heft, Harry e Jack L. Nasar. 2000. "Evaluating Environmental Scenes Using Dynamic versus Static Displays." *Environment and Behaviour* (32:3):301-322.
- Henriques, Eduardo Brito. 1996. *Lisboa Turística entre o Imaginário e a Cidade*. Lisboa: Edições Colibri.

- Hillier, Bill e Julienne Hanson. 1984. *The Social Logic of Space*. Cambridge: University Press.
- Hillier, Bill *et al.* 1993. "Natural Movement or, Configuration and Attraction in Urban Pedestrian Movement." *Environmental and Planning B: Planning and Design* (20):29-66.
- Hillman, James. 1980. *Walking in The City as Dwelling: Walking, Sittig, Shaping*. Texas: The University of Dallas.
- Holgersson, Helena. 2014. "Challenging the Hegemonic Gaze on Foot: Walk-Alongs as a Useful Method in Gentrification Research." Pp. 207-224 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Jacobs, Allan B. 1995. *Great Streets*. Cambridge: MIT Press.
- Jacobs, Jane. [1961] 2007. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Jacques, Paola Berenstein. 2012. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA.
- Judd, Dennis R. 2003. *The Infrastructure of Play: Building the Tourist City*. Armonk: M.E. Sarpe.
- Kaplan, Stephen e Rachel Kaplan. 1989. *Cognition and Environment: Functioning in an Uncertain World*. Michigan: Ulrich's Bookstore.
- Kaplan, Stephen e Rachel Kaplan. 1995. *The Experience of Nature: A Psychological Perspective*. Michigan: Ulrich's Bookstore.
- Kohler, Martin. 2014. "Walking Through Instead of Flying Over: A Way to See the Flux of Urbanization in Istanbul and Other Places?" Pp. 129-152 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Krase, Jerome. 2014. "Walking in Search of Migrants in European Cities." Pp. 153-172 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Larsen, Jonas. 2006. "Geographies of Tourist Photography: Choreographies and Performances." in *Geographies of Communication: The Spatial Turn in Media Studies*, eds. Jesper Falkheimer e André Jansson. Gotenborg: Nordicom. (http://rudar.ruc.dk/bitstream/1800/3848/1/geographies_of_tourist_photography_choreographies_and_perfor.pdf)
- Le Breton, David. 2012. *Marcher: Éloge des Chemins et de la Lenteur*. Paris: Éditions Métailié.
- Lee, Terence. 2003. "Schema Theory and the Role of Social-Spatial Schemata in Environmental Psychology." Pp. 27-62 in *Psychological Theories for Environmental Issues*, edited by Mirilia Bonnes, Terence Lee, and Marino Bonaiuto. Aldershot: Ashgate.
- Lefebvre, Henri. [1968] 2012. *O Direito à Cidade*. Lisboa: Estúdio; Livraria Letra Livre.
- Lefebvre, Henri. [1974] 1991. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell.
- Lefebvre, Henri. [1992] 2004. *Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life*. London: Continuum.

- Lofland, Lyn H. 1998. *The Public Realm: Exploring the City's Quintessential Social Territory*. New York: Aldine de Gutter.
- Lopes, João Teixeira. 2007/2008. "Andante, Andante: Tempo para Andar e Descobrir o Espaço Público." *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* (17/18):69-80.
- López Rodríguez, Silvia. 2005. *Orientación y Desorientación en la Ciudad: La Teoría de la Deriva: Indagación en las Metodologías de Evaluación de la Ciudad desde un Enfoque Estético-Artístico*. Granada: Universidad.
- Loukaitou-Sideris, Anastasia e Renia Ehrenfeucht. 2010. "Vibrant Sidewalks in the United States: Re-integrating Walking and a Quintessential Social Realm." *ACCESS* (36):22-29.
- Loukaitou-Sideris, Anastasia e Renia Ehrenfeucht. 2012. *Sidewalks*. Cambridge: MIT Press.
- Lynch, Kevin. [1960] 1989. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Lynch, Kevin. [1981] 1999. *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Lynch, Kevin. 1996. *City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch*. Cambridge: MIT Press.
- Madanipour, Ali. 1998. "Social Exclusion and Space in Social Exclusions in European Cities: Processes, Experiences and Responses." in *The City Reader: Urban Reader Series*, edited by Ali Madanipour, Goran Cars and Judith Allen. London: Jessica Kingsley Publishers. Reprinted 2011 Routledge.
- Madanipour, Ali. 2005. "Public Spaces of the European Cities in Nordisk Arkitekturforskning." *Nordic Journal of Architectural Research* (27):7-16. (<http://arkitekturforskning.net/na/article/view/192>).
- Massarik, Fred. 1967. "Opening Remarks: The City and the World of Work." Pp. 1-4 in *The City and the World of Work: A Critical Examination of Life in Los Angeles and Urban America in the Mid-Sixties: Proceedings of the Ninth Annual Research Conference*. March 14-15 1966. IIRUC. Los Angeles: University of California.
- Masschelein, Jan. 2010. "The Idea of Critical E-ducational Research: E-ducating the Gaze and Inviting to go Walking." Pp. 275-291 in *The Possibility/Impossibility of a New Critical Language in Education*, edited by Ilan Gur-Ze'ev. Rotterdam: Sense Publishers.
- Mendonça, Luciana. 2009. "Sonoridades e Cidade." Pp. 139-150 in *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, org. Carlos Fortuna e Rogério Proença Leite. Coimbra: Almedina.
- Milgram, Stanley. 1970. "The Experience of Living in Cities." *Science* (new series 167:3924):1461-1468. (<http://www.jstor.org/stable/1728966>).
- Mumford, Lewis. [1937] 2011. "What is a City?" *Architectural Record* (82). Reprinted 2011 in *The City Reader: Urban Reader Series*. Routledge.
- Nasar, Jack L. 1998. *The Evaluative Image of The City*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Nasar, Jack L. 2008. "Assessing Perceptions of Environments for Active Living." *American Journal of Preventive Medicine* (34:4):357-363.

- Nunes, João Pedro Silva e Luís Vicente Baptista. 2008. "A Rua, Lugar Físico Construído." Pp. 97-112 in *A Rua: Espaço, Tempo, Sociabilidade*, org. G. Cordeiro e F. Vidal. Lisboa: Livros Horizonte.
- Nuvolati, Giampaolo. 2014. "The Flâneur: A Way of Walking, Exploring and Interpreting the City." Pp. 21-40 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- NYC. 2013. *Active Design: Shaping the Sidewalk Experience*. New York: Department of City Planning.
- Okamura, Cintia. 2007. "Le Théâtre d'Ambiance de la Vie au Coeur de São Paulo." Pp. 117-141 in *Variations d'Ambiances: Processus et Modalités d'Émergence des Ambiances Urbaines*, responsable científico Jean-Paul Thibaud. Grenoble: CRESSON.
- Orain, Hélène. 1997. "Du Coté des Trajets: Types de Mobilités Quotidiennes." Pp. 97-120 in *Les Sentiers du Quotidien: Rigidité, Fluidité des Espaces Sociaux et Trajets Routiniers en Ville*, coord. Juan Salvador. Paris: Éditions L'Harmattan.
- Osmond, Paul. 2005. "Evaluating Urban Ambience: An Investigation into Quantifying the Qualities of the Walkable City." In *Walk 21-VI "Everyday Walking Culture", The 6th International Conference on Walking in the 21st century*. Zurich.
- Pauknerová, Karolina e Petr Gibas. 2014. "Walking the Stream: Prague Cityscape and the Research Guided by the Water." Pp. 173-190 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Pinçon, Michel e Monique Pinçon-Charlot. 2001. *Paris: Quinze Promenades Sociologiques*. Paris: Payot.
- Proença, Sérgio. 2014. *A Diversidade da Rua na Cidade de Lisboa: Morfologia e Morfogénese*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Arquitectura. Universidade de Lisboa.
- Ramos, Fernando V. 2013. "Team 10: Manifesto de Doorn". Tradução e comentários de Fernando Vázquez Ramos. *USJT arq.urb* (9).
- Ramsden, Hilary. 2014. "A Walk Around the Block: Creating Spaces for Everyday Encounters." Pp. 225-244 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Rapoport, Amos. [1982] 1990. *The Meaning of the Built Environment: A Non Verbal Communication Approach*. Tucson: University of Arizona Press.
- Rapoport, Amos. 1987. "Pedestrian Street Use: Culture and Perception." Pp. 80-93 in *Public Streets for Public Use*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Relph, Edward. 1987. *A Paisagem Urbana Moderna*. Lisboa: Edições 70.
- Rodrigues, Walter. 2010. *Cidade em Transição: Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*. Lisboa: Celta Editora.
- Rouleau-Berger, Laurence. 2004. *La Rue, Miroir des Peurs et des Solidarités: Sociologie d'Aujourd'hui*. Paris: PUF.
- Rykwert, Joseph. [1986] 1991. "The Street: The Use of its History." Pp. 12-26 in *On Streets*. Cambridge: MIT Press.

- Salgado, Manuel *et al.* 2006. *Atlas Urbanístico de Lisboa / Lisbon Urban Atlas*. Lisboa: Argumentum.
- Salvador, Juan. 1997. "Introduction." Pp. 7-11 in *Les Sentiers du Quotidien: Rigidité, Fluidité des Espaces Sociaux et Trajets Routiniers en Ville*, coord. Juan Salvador. Paris: Éditions L'Harmattan.
- Sánchez, Fernanda. 2001. "A Reinvenção das Cidades na Virada de Século: Agentes, Estratégias e Escalas de Ação Política." *Revista de Sociologia Política* (16):31-49.
- Schmid, Christian. 2012. "A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: Em Direção a uma Dialética Tridimensional." *GeoUSP: Espaço e Tempo* 32:89-109. Acesso em 20 Mar. 2015 (<http://citrus.uspnet.usp.br/geousp/ojs-2.2.4/index.php/geousp/article/view/306/338>).
- Schumacher, Thomas. [1986] 1991. "Buildings and Streets: Notes on Configuration and Use." Pp. 133-150 in *On Streets*. Cambridge: MIT Press.
- Seamon, David. 1979. *A Geography of the Lifeworld: Movement, Rest, and Encounter*. London: Croom Helm.
- Seamon, David. 2000. *Phenomenology, Place, Environment, and Architecture: A Review on the Literature*. (http://www.arch.ksu.edu/seamon/articles/2000_phenomenology_review.htm)
- Selby, Martin. 2004. *Understanding Urban Tourism: Image, Culture & Experience*. London: I. B. Tauris.
- Sennett, Richard. 1990. *The Conscience of the Eye: The Design and Social Life of Cities*. London: Faber and Faber.
- Sennett, Richard. 1994. *Flesh and Stone: The Body and the City in Western Civilization*. London: Faber and Faber.
- Sheller, Mimi e John Urry. [2000] 2004. *Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play*. New York: Routledge.
- Shortell, Timothy e Konrad Aderer. 2014. "Drifting in Chinatowns: Toward a Situationist Analysis of Polyglot Urban Spaces in New York, Paris and London." Pp. 109-128 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Shortell, Timothy e Evrick Brown. 2014. "Introduction: Walking in the European City." Pp. 1-20 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Silva, Leonor. 2015. *Os Resultados do Turismo 2014*. Direcção de Planeamento Estratégico/ Departamento de Estudos. Turismo de Portugal, IP. Documento publicado em <www.turismodeportugal.pt>.
- Silvano, Filomena. 2001. *Antropologia do Espaço: Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Simmel, Georg. [1902] 1986. "Las Grandes Urbes y la Vida del Espiritu." Pp. 247-261 in *El Individuo y la Libertad: Ensayos de Crítica de la Cultura*. Barcelona: Ediciones Peninsula.

- Simmel, Georg. [1908] 1971. "The Stranger." Pp. 143-149 in *On Individuality and Social Forms*. Chicago: University of Chicago Press.
- Simmel, Georg. [1912] 1981. "Essai sur la Sociologie des Sens." Pp. 223-258 in *Sociologie et Epistémologie*. Paris: PUF.
- Sitte, Camillo. 1889. "Author's Introduction: The Relationship between Buildings, Monuments and Public Squares: The Enclosed Character of the Public Square." In *The Art of Building Cities*. London: Routledge.
- Soczka, Luís. 2005. "As Raízes da Psicologia Ambiental." Pp. 39-66 in *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*, org. Luís Soczka. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Soczka, Luís. 2005. "Viver (n)a Cidade." Pp. 91-131 in *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*, org. Luís Soczka. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Southworth, Michael. 2006. *Reclaiming the Walkable City: Frameworks*. (<http://ced.berkeley.edu/frameworks/2006/reclaiming-the-walkable-city/>).
- Southworth, Michael e Eran Ben-Joseph. 2003. *Streets and the Shaping of Towns and Cities*. Washington: Island Press.
- Thibaud, Jean-Paul. 2002. "From Situated Perception to Urban Ambiances." In *First International Workshop on Architectural and Urban Ambient Environment, February 6-8 2002*. Nantes: Cerma, École d'Architecture.
- Thibaud, Jean-Paul. 2007. "Le Devenir International de la Notion d'Ambiance: Apports d'un Dispositif Experimental." Pp. 11-28 in *Variations des Ambiances: Processus et Modalités d'Émergence des Ambiances Urbaines*, responsable científico Jean-Paul Thibaud. Grenoble: CRESSON.
- Thibaud, Jean-Paul. 2008. "Je, Tu, Il: La Marche aux Trois Personnes." *Urbanisme* (359):63-65. (http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc_num.php?explnum_id=331).
- Thibaud, Jean-Paul. 2010. "A Cidade através dos Sentidos." *Cadernos PROARQ* (18):198-213. Obra original: "La Ville à l'Épreuve des Sens." in *Écologies Urbaines*, eds. Olivier Coutard e Jean-Pierre Lévy. Paris: Editions Economica.
- Thomas, Rachel. 2005. "To Walk as We Listen to the City." In *Annual Conference Urban Sustainability: Rethinking Senses of Place. London, 31 august-2 september 2005*. Urban Geography Research Group.
- Thomas, Rachel. 2008. "The Power Exerded by Urban Atmosphere over our Choice of Walk." Pp. 1-8 in *Barcelona Walk 21. Barcelone, 8-10 octobre 2008* (CD-ROM). Barcelone: Walk.
- Thomas, Rachel et al. 2010. "L'Aseptisation des Ambiances Piétonnes au XXI Siècle: Entre Passivité et Plasticité des Corps en Marche." Rapport de Recherche n.º 78. Grenoble: Programme Interdisciplinaire de Recherche "Ville et environnement" (CNRS-MEEDDM).
- Tuan Yi-Fu. [1974] 1990. *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values*. Colombia: University Press.
- Tuan Yi-Fu. [1977] 2007. *Space and Place*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

- Turismo de Lisboa. 2014. *Plano Estratégico para o Turismo na Região de Lisboa 2015-2019*. Documento para consulta pública. Lisboa: Roland Berger Strategy Consultants. (<http://www.visitlisboa.com/getdoc/c1b65951-d2f9-40a6-bc92-59799d838b97/Plano-Estrategico-2015-2019.aspx>).
- Urry, John. [1990] 2002. *The Tourist Gaze*. London: Sage Publications.
- Urry, John. 2007. *Mobilities*. Cambridge: Polity Press.
- Vestergaard, H. Q. Maria *et al.* 2014. "The Act of Walking: Exemplifying Danish Pedestrian Culture in the European City." Pp. 41-56 in *Walking in the European City*, edited by Timothy Shortell and Timothy Brown. Farnham: Ashgate Publishing.
- Vidler, Anthony. 1991. "The Scenes of the Street: Transformations in Ideal and Reality." Pp. 29-111 in *On Streets*. Cambridge: MIT Press.
- Wieczorek, Anna, Joanna Stefanska, e Tomasz Duda. 2007. "Psychological Perspective on Ambiance Research: Warsaw Plaza Case Study: Plac Trzech à Varsovie." Pp. 31-56 in *Variations des Ambiances: Processus et Modalités d'Émergence des Ambiances Urbaines*, responsable scientifique Jean-Paul Thibaud. Grenoble: CRESSON.
- Wirth, Louis. 1938. "Urbanism as a Way of Life." *American Journal of Sociology* (44:1):1-24.
- Wohlwill, Joachim. 1973. "The Environment Is Not in the Head!" Pp. 166-181 in *Environmental Design Research Association Symposia and Workshops*. Vol. 2. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson, & Ross.
- Wolf, Peter. [1986] 1991. "Streets as Channels." Pp. 188-203 in *On Streets*. Cambridge: MIT Press.
- Zweig, Stefan. [1942] 2014. *O Mundo de Ontem*. Lisboa: Assírio & Alvim.

COMUNICAÇÕES EM CONGRESSOS NÃO PUBLICADAS E EXPOSIÇÃO:

- Diaz, Miguel A. 2015. "Corporality and Urban Life: Marks, Memory and Meaning in the Walking in Mexico City." International Conference "The Intricacy of Walking and the City: Methods and Experiments", January 21-23, Université Paris-Est, "Urban Futures" Labex, "Urban Pedestrian Mobilities" Group, Paris-Marne la Vallée.
- Frank, Joanna. 2015. "Active Design: Promoting Physical Activity and Health in Design." Saúde - Arquitetura em Diálogo. Forum Gulbenkian de Saúde 2015, 20-21 Outubro, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gehl, Jan. 2015. "Active Design: Liveable Cities for the 21st Century." Saúde - Arquitetura em Diálogo. Forum Gulbenkian de Saúde 2015, 20-21 Outubro, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Monnet, Jerome *et al.* 2015. "How the City Interferes with Walking: Case-study in a Commercial Street of Central Paris." International Conference "The Intricacy of Walking and the City: Methods and Experiments", January 21-23, Université Paris-Est, "Urban Futures" Labex, "Urban Pedestrian Mobilities" Group, Paris-Marne la Vallée.
- Radice, Martha. 2015. "Sensing the Surface of the City: The 'Touchwalk' as a Social and Artistic Experiment." International Conference "The Intricacy of Walking and the City:

Methods and Experiments”, January 21-23, Université Paris-Est, “Urban Futures” Labex, “Urban Pedestrian Mobilities” Group, Paris-Marne la Vallée.

Roseman, Sharon e Elizabeth Yeoman. 2015. “Enunciating Outrage: Spatial Improvisations and Pedestrian Activism in a Streetbound City”. International Conference “The Intricacy of Walking and the City: Methods and Experiments”, January 21-23, Université Paris-Est, “Urban Futures” Labex, “Urban Pedestrian Mobilities” Group, Paris-Marne la Vallée.

Winogrand, Garry. [1980] 2015. Exhibition Vidéotheque Éphémère. Jeu de Paume – Concorde, Paris. Jan. 2015.

SITES CONSULTADOS:

<http://www.Caminharnacidade.ufba.br>. Consultado em Novembro 2014.

<http://www.Walk21.com>. Consultado em Dezembro 2014.

<http://www.osservatorionomade.net/>. Consultado em Janeiro 2015.

<http://www.stalkerlab.it2>. Consultado em Janeiro 2015.

<http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3045300217.html> - Blumer, Herbert. International Encyclopedia of the Social Sciences. 2008 from Encyclopedia.com. Consultado em Janeiro 2015.

Sites de turismo

<http://www.selectiontours.com/lisbon-private-tours/lisbon-walking-tours/?search=restore>. Consultado em Outubro 2015.

<http://www.viator.com/tours/Lisbon/Alfama-Walking-Tour-in-Lisbon/d538-6785LISALFA>. Consultado em Outubro 2015.

<http://www.newlisbontours.com>. Consultado em Outubro 2015.

<http://www.toursbylocals.com>. Consultado em Outubro 2015.

<http://www.discoverwalks.com/lisbon-walking-tours/free-walking-tours/>. Consultado em Outubro 2015.

<http://www.lisbon-spirit.pt/toursp.htm>. Consultado em Outubro 2015.

<http://lisboaautentica.com/en/>. Consultado em Outubro 2015.

<http://www.lisbonyourway.com/visitas-pe>. Consultado em Outubro 2015.

<http://www.lisbonwalker.com>. Consultado em Outubro 2015.

<https://www.ricksteves.com/>. Consultado em Julho 2015.

<http://www.visitlisboa.com>. Consultado em Julho 2015.

<http://www.lonelyplanet.com/portugal/lisbon>. Consultado em Julho 2015.

<http://www.golisbon.com/>. Consultado em Julho 2015.

<http://www.tierrasinlimites.com/>. Consultado em Julho 2015.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIG. 1.1 DUAS LINHAS DE ANÁLISE DO CAMINHAR A CIDADE	7
FIG. 6.1 A EXPERIÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	87
FIG. 11.1 MAPA DOS DOIS PERCURSOS SELECIONADOS	135
FIG. 12.1 SECÇÕES TRANSVERSAIS CARACTERÍSTICAS DE ALFAMA.....	138
FIG. 12.2 SECÇÕES TRANSVERSAIS-TIPO PROPOSTAS NO PLANO POMBALINO.....	141
FIG. 12.3 FORMA DE OCUPAÇÃO DE ALOJAMENTOS FAMILIARES CLÁSSICOS (%).....	147
FIG. 12.4 FORMA DE OCUPAÇÃO DOS ALOJAMENTOS FAMILIARES CLÁSSICOS VAGOS (%).....	147
FIG. 12.5 ALOJAMENTOS FAMILIARES CLÁSSICOS (%) POR LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	148
FIG. 12.6 DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA POR ZONA TERRITORIAL	149
FIG. 12.7 POPULAÇÃO RESIDENTE DE NACIONALIDADE ESTRANGEIRA POR LOCAL DE RESIDÊNCIA E POR NACIONALIDADE (%).....	150
FIG. 13.1 DINÂMICA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE HISTÓRICA	160
FIG. 13.2 LISBON WALKER – HORÁRIO DE VISITAS GUIADAS	169
FIG. 13.3 LISBON WALKER – FLYER	171
FIG. 14.1 MAPA DE ZONAMENTO DAS DESCRIÇÕES TURÍSTICAS DAS ZONAS ACEDIDAS.....	188
FIG. 15.1 MAPA DO PERCURSO LISBOA LENDAS E MISTÉRIOS.....	199
FIG. 15.2 MAPA DO PERCURSO LISBOA CIDADE DE ESPIÕES.....	201
FIG. 15.3 1.ª PÁGINA DO QUESTIONÁRIO APLICADO (EXEMPLAR EM ANEXO)	205
FIG. 15.4 2.ª PÁGINA DO QUESTIONÁRIO APLICADO (EXEMPLAR EM ANEXO)	207
FIG. 15.5 Z1 – PRAÇA DO COMÉRCIO – REGISTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO LISBOA LENDAS E MISTÉRIOS.....	219
FIG. 15.6 Z2 – BAIXA – RUA AUGUSTA ATÉ À IGREJA DA MADALENA – REGISTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO LISBOA LENDAS E MISTÉRIOS.....	221
FIG. 15.7 Z3 – IGREJA DA MADALENA ATÉ ÀS PORTAS DO SOL – REGISTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO LISBOA LENDAS E MISTÉRIOS.....	223
FIG. 15.8 Z4 – ALFAMA – REGISTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO LISBOA LENDAS E MISTÉRIOS	226
FIG. 15.9 Z5 – RUA TERREIRO DO TRIGO E RUA DA ALFÂNDEGA – REGISTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO LISBOA LENDAS E MISTÉRIOS.....	228
FIG. 15.10 GRÁFICO DE APRECIACÕES CONOTATIVAS E INFERÊNCIAS AO LONGO DO PERCURSO – PORTUGUESES..	230
FIG. 15.11 GRÁFICO DE APRECIACÕES CONOTATIVAS E INFERÊNCIAS AO LONGO DO PERCURSO – EUROPEUS	230
FIG. 15.12 GRÁFICO DE APRECIACÕES CONOTATIVAS E INFERÊNCIAS AO LONGO DO PERCURSO – NÃO EUROPEUS	231
FIG. 15.13 GRÁFICO DE APRECIACÕES AFECTIVAS E EMOCIONAIS AO LONGO DO PERCURSO – PORTUGUESES.....	232
FIG. 15.14 GRÁFICO DE APRECIACÕES AFECTIVAS E EMOCIONAIS AO LONGO DO PERCURSO – EUROPEUS	233
FIG. 15.15 GRÁFICO DE APRECIACÕES AFECTIVAS E EMOCIONAIS AO LONGO DO PERCURSO – NÃO EUROPEUS	233
FIG. 15.16 Z1 – PRAÇA DO COMÉRCIO – REGISTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO LISBOA CIDADE DE ESPIÕES	235
FIG. 15.17 Z2 – RUA DO ARSENAL, PRAÇA DO MUNICÍPIO, RUA NOVA DO ALMADA, RUA DO OURO – REGISTO FOTOGRAFICO DO PERCURSO LISBOA CIDADE DE ESPIÕES	237
FIG. 15.18 Z3 – ROSSIO – REGISTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO LISBOA CIDADE DE ESPIÕES	240
FIG. 15.19 Z4 – LARGO DE SÃO DOMINGOS, RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO E RUA DOS CONDES – REGISTO FOTOGRAFICO DO PERCURSO LISBOA CIDADE DE ESPIÕES	242
FIG. 15.20 Z5 – PRAÇA DOS RESTAURADORES – REGISTO FOTOGRÁFICO DO PERCURSO LISBOA CIDADE DE ESPIÕES	244
FIG. 15.21 GRÁFICO DE APRECIACÕES CONOTATIVAS E INFERÊNCIAS AO LONGO DO PERCURSO – PORTUGUESES...	246
FIG. 15.22 GRÁFICO DE APRECIACÕES CONOTATIVAS E INFERÊNCIAS AO LONGO DO PERCURSO – NÃO EUROPEUS	246
FIG. 15.23 GRÁFICO DE APRECIACÕES AFECTIVAS E EMOCIONAIS AO LONGO DO PERCURSO – PORTUGUESES.....	247
FIG. 15.24 GRÁFICO DE APRECIACÕES AFECTIVAS E EMOCIONAIS AO LONGO DO PERCURSO – NÃO EUROPEUS	248
FIG. 16.1 SÍNTESE DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA PARA O ESTUDO DA AMBIÊNCIA URBANA	250

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 11.1 DILEMA DA RECOLHA DE ESTÍMULOS AMBIENTAIS.....	128
QUADRO 12.1 CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DOS PERCURSOS.....	142
QUADRO 12.2 NÚMERO DE EDÍFÍCIOS E POPULAÇÃO RESIDENTE.....	146
QUADRO 14.1 PRAÇA DO COMÉRCIO - SÍNTESE DE DESCRIÇÕES NA INFORMAÇÃO TURÍSTICA	189
QUADRO 14.2 BAIXA - SÍNTESE DE DESCRIÇÕES NA INFORMAÇÃO TURÍSTICA	190
QUADRO 14.3 ROSSIO (PRAÇA D. PEDRO IV) - SÍNTESE DE DESCRIÇÕES NA INFORMAÇÃO TURÍSTICA	192
QUADRO 14.4 PRAÇA DE SÃO DOMINGOS - SANTO ANTÃO - SÍNTESE DE DESCRIÇÕES NA INFORMAÇÃO TURÍSTICA	193
QUADRO 14.5 PRAÇA DOS RESTAURADORES E RUA 1.º DE DEZEMBRO - SÍNTESE DE DESCRIÇÕES NA INFORMAÇÃO TURÍSTICA	194
QUADRO 14.6 ZONA DA RUA DE SANTO ANTÓNIO DA SÉ AO MIRADOURO DAS PORTAS DO SOL - SÍNTESE DE DESCRIÇÕES NA INFORMAÇÃO TURÍSTICA	195
QUADRO 14.7 ALFAMA - SÍNTESE DE DESCRIÇÕES NA INFORMAÇÃO TURÍSTICA	196
QUADRO 14.8 RUA DO TERREIRO DO TRIGO À RUA DA ALFÂNDEGA - SÍNTESE DE DESCRIÇÕES NA INFORMAÇÃO TURÍSTICA	197
QUADRO 15.1 VISITAS EFECTUADAS NO PERCURSO LENDAS E MISTÉRIOS	200
QUADRO 15.2 VISITAS EFECTUADAS NO PERCURSO LISBOA CIDADE DE ESPIÕES	202
QUADRO 15.3 DISTRIBUIÇÃO DE NACIONALIDADES POR PERCURSO.....	209
QUADRO 15.4 TABELA DE AGRUPAMENTO DE ADJECTIVOS EM CATEGORIAS.....	212
QUADRO 15.5 TABELA COMPARATIVA DA INFORMAÇÃO TURÍSTICA ACEDIDA E DA DESCRIÇÃO DA CIDADE NOS QUESTIONÁRIOS	214

ANEXOS

Anexo 1 – Planta de localização dos percursos

Anexo 2 – Exemplares dos questionários aplicados:

Questionário Lisboa Lendas e Mistérios em português

Questionário Lisboa Lendas e Mistérios em inglês

Questionário Lisboa Cidade de Espiões em português

Questionário Lisboa Cidade de Espiões em inglês



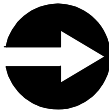
LEGENDA

- PERCURSO LISBOA LENDAS E MISTÉRIOS
- PERCURSO LISBOA CIDADE DOS ESPÍOES
- PONTOS USUAIS DE PARAGEM

- LIMITE DA JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA MAIOR
- LIMITES DE UNIDADES DE ANÁLISE DE CARACTERIZAÇÃO SOCIAL
BAIXA
ALFAMA
CASTELO

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DOS PERCURSOS

A CIDADE CAMINHADA
A AMBIÊNCIA EXPERIENCIADA EM DOIS PERCURSOS NO CENTRO HISTÓRICO DE LISBOA



Questionário

Nº data....

Este questionário faz parte dum estudo académico de avaliação da ambiência percebida pelo visitante durante o acto de caminhar

I

P1 – Nacionalidade:

P2 – Residência zona predominantemente: urbana ☐ rural ☐

P3 – Sexo: F ☐ M ☐

P4 – Idade:

P5 – Grau de escolaridade: S/estudos ☐ Básico (até 5º ano) ☐

Secundário ☐ Ensino Superior ☐

P6 – Ocupação profissional:

.....

P7 – É a primeira vez que faz uma visita guiada pedonal em Lisboa?

Sim ☐ Não ☐

P8 – Como soube desta visita?

Livro Guia ☐ Sites/Net ☐ Revista/Jornal ☐

Hotel ☐ outro:.....

P9- Residente ou/e trabalhador em Lisboa ☐ se sim passar para a P13

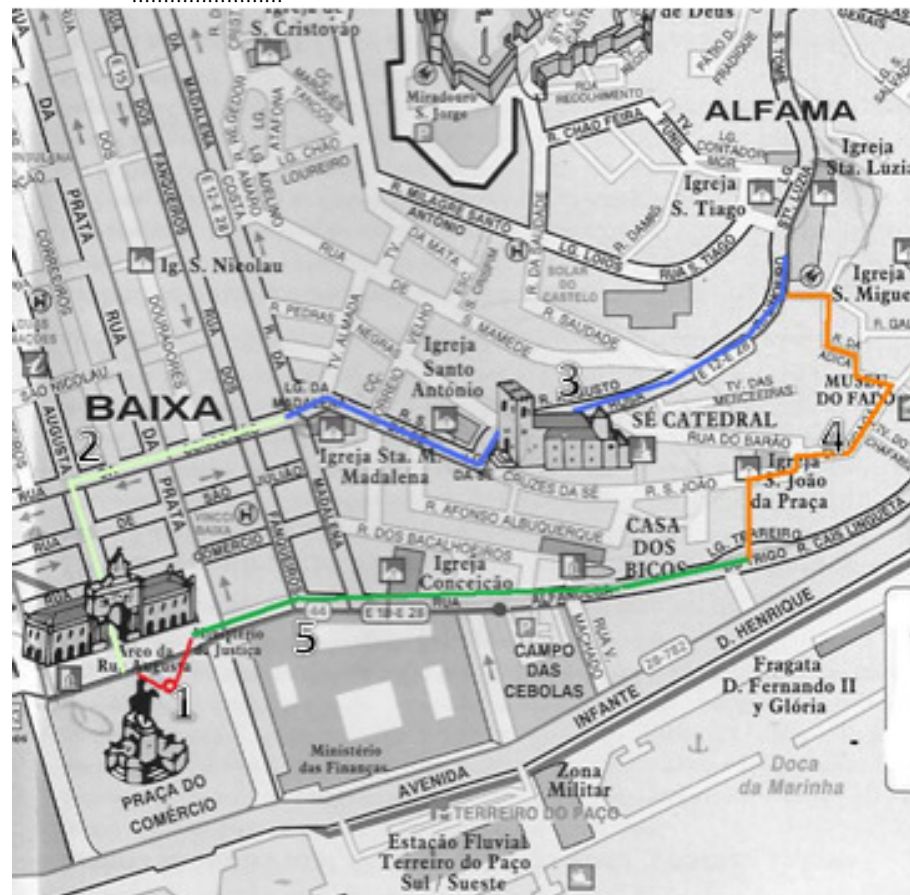
P10 – É a primeira vez em Lisboa? Sim ☐ Não ☐

P11 – Está de férias? Sim ☐ Não ☐

P12- Há quanto tempo está em Lisboa.....

P13 – Como descreveria a cidade a um amigo? (5 adjektivos)

.....
.....
.....
.....



II Pretende-se para cada uma das 5 zonas indicadas a marcação de uma tabela dos atributos percebidos da zona da cidade percorrida.

1-ausente 5-dominante		1-Praça do Comércio	2-Ruas da Baixa	3-Subida Sé - Portas do Sol	4-Descida N. Araujo-S. JoãoPraça-Arc. Jesus	5-T.doTrigo- Campo Cebolas-R.Alfandega
E.Nat. locais	Árvores, Esp. Verde	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
E. Nat.paisagem	Vistas, relevo, rio	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Manutenção	Limpeza	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Grafitis e vandalismo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Conservação	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Amplitude ou abertura espacial	Vistas	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Densidade do edificado	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Amplitude espacial	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Complexidade e riqueza visual	Ordem e coerência	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Legibilidade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Misterioso	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Complexo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Significado histórico	Genuinidade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Unicidade/raridade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Sonoridade	Sons mecânicos/trânsito	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Sons naturais	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Sons humanos	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Cheiro/olfacto	Bom	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Mau	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

1-baixo 5-alta

Status /prestígio da zona/ bem estar económico	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Tolerância percebida / diversidade social, cultural, económica, racial	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Segurança percebida	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Felicidade percebida	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Amigabilidade, simpatia percebida	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

1-nada 5-muito

Agradabilidade	Atraente	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Belo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Agradável	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Convindicativo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Excitação	Animado	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Estimulante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Interessante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Relaxamento	Calmanete	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Revigorante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

Questionnaire

Nº date.....

This questionnaire is part of an academic study on the atmosphere perceived and evaluated during a walking tour.

P1 – Nationality:

P2 – Living area dominant: urban ☐ rural ☐

P3 – Gender: F ☐ M ☐

P4 – Age:

P5 – Education: No education ☐ Elementary ☐

Secondary/Technical ☐ Higher education (university studies) ☐

P6 – Profession:

P7 – Is it your first time in a walking tour in Lisbon?

Yes ☐ No ☐

P8 – Who told you to come on this visit?

Book travelling guide ☐ Sites/Net ☐ Magazine /Journal ☐

Hotel ☐ another way:.....

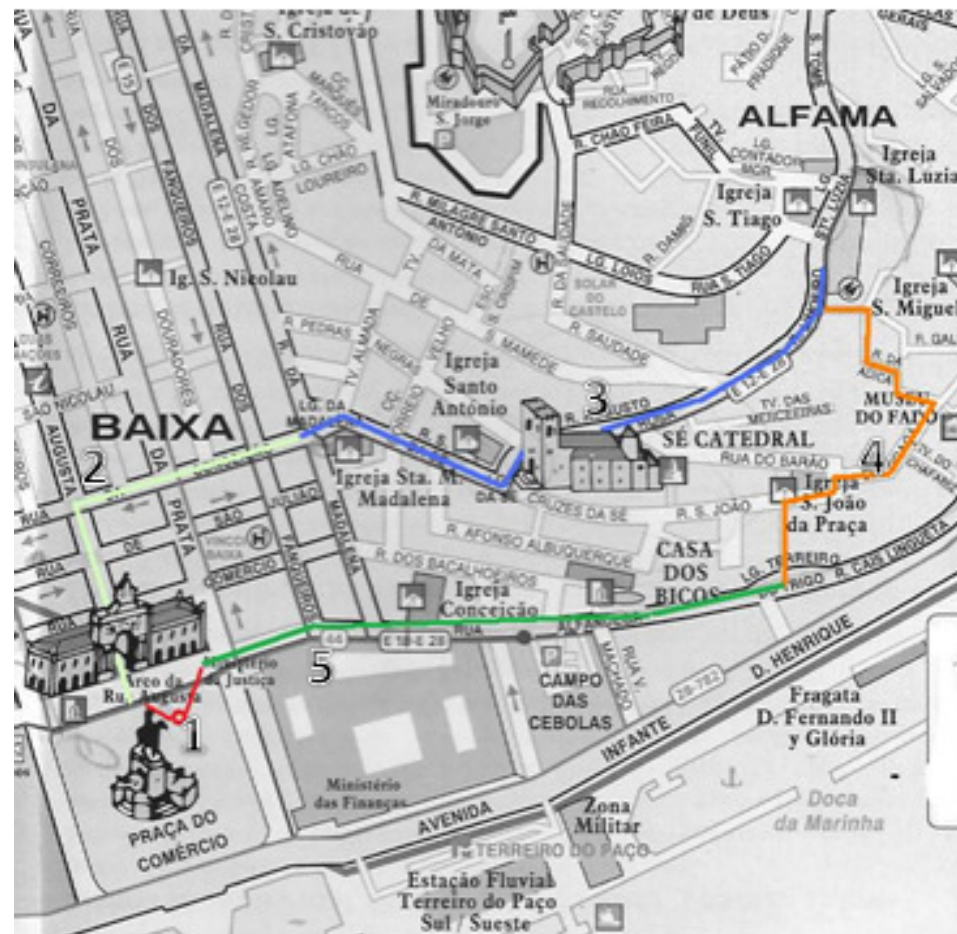
P9- Resident or/and worker in Lisbon☐ If yes skip to P13

P10 – Is it the first time you're in Lisbon? Yes ☐ No ☐

P11– Are you in holidays? Yes ☐ No ☐

P12– For how long have you been?days

P13– How would you describe this city to a friend (5 adjectives)



II We ask you now for each of the 5 indicated areas to circle the number that best fits your feeling about the scene.
(next page)

1-absent 5-dominant/prevailing feature		1-Praça do Comércio	2-Ruas da Baixa	3- St Madalena- Sé - Portas do Sol	4- N. Araujo-S. JoãoPraça - Arc. Jesus	5-T.doTrigo- Campo Cebolas-R.Alfandega
Naturalness	Trees, natural elements	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Vistas, relief , river	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Upkeep (civilities)	Cleanness	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Graffiti and vandalism	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Conservation	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Openness	Vistas	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Building Density	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Spaciousness	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Complexity	Order e coherence	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Legible	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Mystery	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Complex	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Historic significance	Authentic historic	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Unique /rare	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Soundscape	Mechanical sounds	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Natural sounds	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Human sounds	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Smell	Good	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Bad	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

1-low 5-high

Perceived Status / Prestige zone/ Economic well-being	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Tolerance/ social, economic, cultural diversity	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Safety	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Happiness	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Friendliness	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Territoriality/ locals space ownership behaviours	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

1- Not at all 5-Very

Pleasantness	Attractive/appealing	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Beautiful	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Pleasant	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Inviting	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Excitement	Lively	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Stimulating	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Interesting	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Relaxation	Calming	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Refreshing	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

Questionário

Nº data....

Este questionário faz parte dum estudo académico de avaliação da ambiência percebida pelo visitante durante o acto de caminhar

P1 – Nacionalidade:

P2 – Residência zona predominantemente: urbana ☐ rural ☐

P3 – Sexo: F ☐ M ☐

P4 – Idade:

P5 – Grau de escolaridade: S/estudos ☐ Básico (até 5º ano) ☐
Secundário ☐ Ensino Superior ☐

P6 – Ocupação profissional:

.....

...

P7 – É a primeira vez que faz uma visita guiada pedonal em Lisboa?

Sim ☐ Não ☐

P8 – Como soube desta visita?

Livro Guia ☐ Sites/Net ☐ Revista/Jornal ☐

Hotel ☐ outro:.....

P9- Residente ou/e trabalhador em Lisboa ☐ se sim passar para a P13

P10 – É a primeira vez em Lisboa? Sim ☐ Não ☐

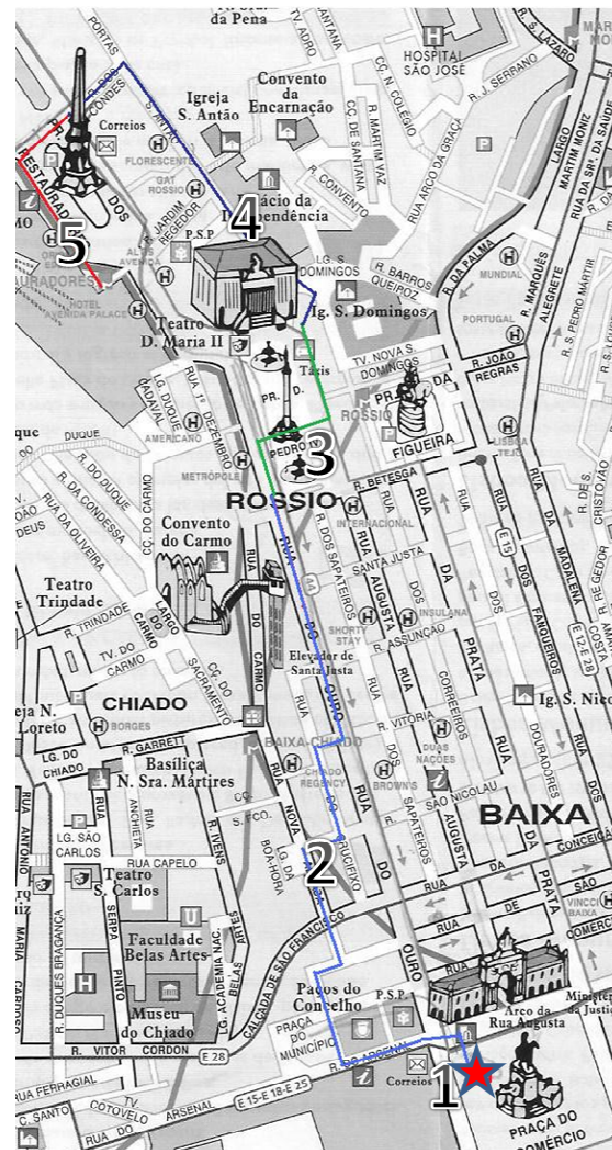
P11 – Está de férias? Sim ☐ Não ☐

P12- Há quanto tempo está em Lisboa.....

P13 – Como descreveria a cidade a um amigo? (5 adjetivos)

.....
.....
.....

II Pretende-se para cada uma das 5 zonas indicadas a marcação de uma tabela dos atributos percebidos da zona da cidade percorrida



1-ausente 5-dominante		1-Praça do Comércio	2- P. Município-...Rua do Ouro	3- Rossio	4- S. Domingos-Santo Antão	5-Pr. Restauradores Início da Av. Liberdade
E.Nat. locais	Árvores, Esp. Verde	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
E. Nat.paisagem	Vistas, relevo, rio	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Manutenção	Limpeza	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Grafitis e vandalismo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Conservação	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Amplitude ou abertura espacial	Vistas	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Densidade do edificado	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Amplitude espacial	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Complexidade e riqueza visual	Ordem e coerência	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Legibilidade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Misterioso	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Complexo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Significado histórico	Genuinidade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Unicidade/raridade	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Sonoridade	Sons mecânicos/trânsito	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Sons naturais	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Sons humanos	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Cheiro/olfacto	Bom	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Mau	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

1-baixo 5-alta

Status /prestígio da zona/ bem estar económico	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Tolerância percebida / diversidade social, cultural, económica, racial	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Segurança percebida	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Felicidade percebida	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Amigabilidade , simpatia percebida	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Territorialidade percebida/ controlo espacial/ apropriação do espaço	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

1-nada 5-muito

Agradabilidade	Atraente	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Belo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Agradável	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Convindicativo	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Excitação	Animado	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Estimulante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Interessante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Relaxamento	Calmante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Revigorante	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

Questionnaire

Nº date.....

This questionnaire is part of an academic study on the atmosphere perceived and evaluated during a walking tour.

P1 – Nationality:

P2 – Living area dominant: urban ☐ rural ☐

P3 – Gender: F ☐ M ☐

P4 – Age:

P5 – Education: No education ☐ Elementary ☐

Secondary/Technical ☐ Higher education (university studies) ☐

P6 – Profession:

P7 – Is it your first time walking tour in Lisbon?

Yes ☐ No ☐

P8 – Who told you to come on this visit?

Book travelling guide ☐ Sites/Net ☐ Magazine /Journal ☐

Hotel ☐ another way:.....

P9- Resident or/and worker in Lisbon ☐ If yes skip to P13

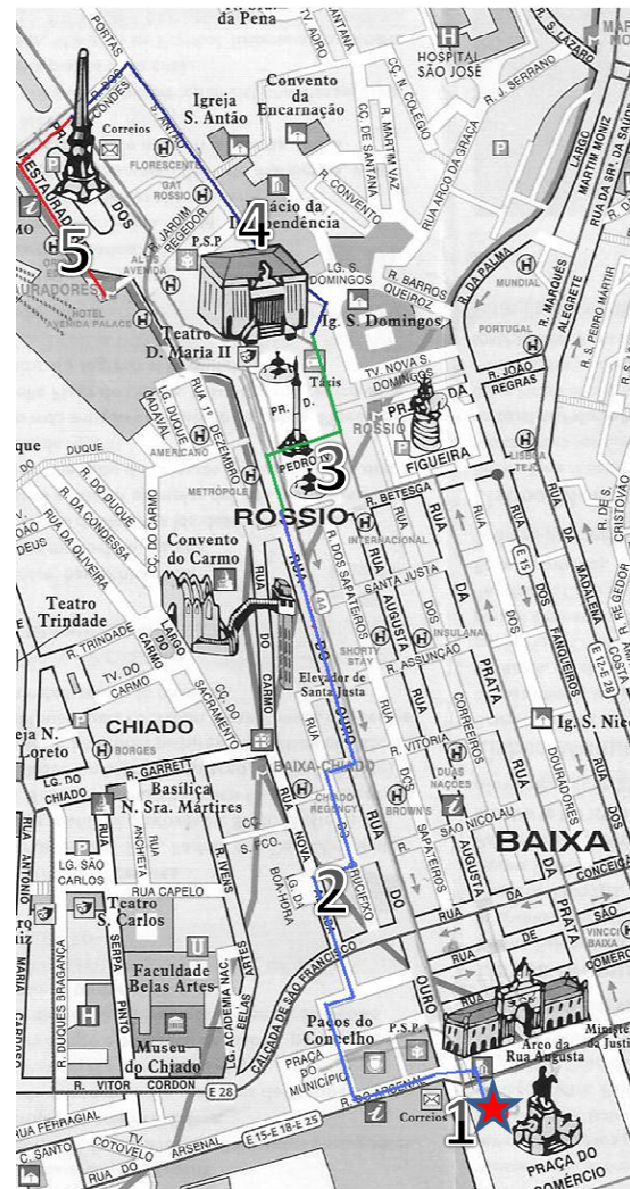
P10 – Is it the first time you're in Lisbon? Yes ☐ No ☐

P11– Are you in holidays? Yes ☐ No ☐

P12– For how long have you been?days

P13– How would you describe this city to a friend (5 adjectives)

.....



II We ask you now for each of the 5 indicated areas to circle the number that best fits your feeling about the scene . (next page)

1-absent 5-dominant/prevailing feature		1-Praça do Comércio	2- P. Município- ...Rua do Ouro	3- Rossio	4- S. Domingos- Santo Antão	5-Pr. dos Restauradores Início da Av. Liberdade
Naturalness	Trees, natural elements	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Vistas, relief , river	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Upkeep (civilities)	Cleanness	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Graffiti and vandalism	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Conservation	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Openness	Vistas	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Building Density	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Spaciousness	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Complexity	Order e coherence	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Legible	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Mystery	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Complex	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Historic significance	Authentic historic	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Unique /rare	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Soundscape	Mechanical sounds	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Natural sounds	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Human sounds	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Smell	Good	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Bad	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

1-low 5-high

Perceived Status / Prestige zone/ Economic well-being	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Tolerance/ social, economic, cultural diversity	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Safety	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Happiness	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Friendliness	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Perceived Territoriality/ locals space ownership behaviours	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

1- Not at all 5-Very

Pleasantness	Attractive/appealing	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Beautiful	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	pleasant	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Inviting	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Excitement	Lively	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Stimulating	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Interesting	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
Relaxation	Calming	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
	Refreshing	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5